FRANCISCO TAKMONY FERNANDES DANTAS

USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL: SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS POR PROFISSIONAIS DE SAÚDE E INDÍGENAS MAYURUNA/MATSÉS DO VALE DO JAVARI NO AMAZONAS

MANAUS
2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

F819uu Dantas, Francisco Takmony Fernandes
Uso prejudicial de álcool: : Significações produzidas por profissionais de saúde e indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javari no Amazonas / Francisco Takmony Fernandes Dantas. Manaus : [s.n], 2024. 243 f.: color.; 297 cm.

Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos – PPGSP Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.
Inclui bibliografia
Orientador: Gomes, Fábio Alves

1. Álcool. 2. Vale do Javari. 3. Mayuruna/Matsés. 4. População indígena. 5. Fronteira. I. Gomes, Fábio Alves (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Uso prejudicial de álcool:

FRANCISCO TAKMONY FERNANDES DANTAS

USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL: SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS POR PROFISSIONAIS DE SAÚDE E INDÍGENAS MAYURUNA/MATSÉS DO VALE DO JAVARI NO AMAZONAS

Dissertação apresentada à Universidade do Estado do Amazonas, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos para obtenção do título de Mestre.

Aprovado em 28 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

_____
Prof. Dr. Fábio Alves Gomes (Presidente)
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

_____
Profa. Dra. María Rossi Idárraga (Coorientadora)
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

_____
Prof. Dr. Valter Luciano Gonçalves Villar (Membro interno)
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

_____
Profa. Dra. Nilvania Mirelly Amorim de Barros (Membro externo)
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

DEDICATÓRIA

À minha filha recém-nascida Aylla Liz da Conceição Dantas, com amor.

À minha amada mãe Maria do Socorro Fernandes de Sá.

Ao meu amado pai Francisco Canindé Dantas Genuíno (*in memoriam*).

À minha amada tia Querubina Fernandes de Sá.

Ao meu amado tio casinha Antônio Francisco Moreira (*in memoriam*).

Ao meu amado padrasto Augusto César de Souza Lemos.

Aos povos indígenas do Vale do Javari.

Aos trabalhadores e trabalhadoras do Vale do Javari.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me fortalecer em todos os momentos.

Ao prof. Dr. Fábio Alves Gomes, pelas orientações, ensinamentos, confiança, companheirismo, generosidade e amizade. Meu apreço e gratidão. Obrigado por tudo!

Ao Programa de Estudos de Pós-Graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, pelos estudos, vivências e partilhas.

À Organização Geral dos Mayuruna – OGM, por acreditar e apoiar esta pesquisa.

Ao ex-coordenador, Jorge Duarte Marubo e ao atual coordenador do Distrito Sanitário Especial Indígena Vale do Javari, Adelson da Silva Saldanha, pela cooperação, flexibilização diante do incentivo e apoio no desenvolvimento desta pesquisa.

À família e aos (às) amigos (as) que sempre de forma afetuosa me incentivaram ao desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

Eu nunca perco. Ou eu ganho, ou aprendo!
(Nelson Mandela)

RESUMO

DANTAS, Francisco Takmony Fernandes., M.Sr. Universidade do Estado do Amazonas, abril de 2024. **Uso prejudicial de álcool: Significações produzidas por profissionais de saúde e indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javari no Amazonas**. Orientador: Fábio Alves Gomes.

Esta pesquisa está vinculada à linha 1: Sociedade, Estado, Cultura e Segurança Pública, do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, da Universidade do Estado do Amazonas. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar, envolvendo vários campos do conhecimento humano, como a antropologia, a psicologia e o serviço social, que foram postos em diálogo crítico, a partir de uma perspectiva de processo histórico-cultural. A presente pesquisa de dissertação objetivou investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna/Matsés na fronteira da Aldeia Lago Grande por meio do estudo das significações atribuídas a esse fenômeno, na Terra Indígena Vale do Javari, em Atalaia do Norte, Amazonas, visando a elaboração de ações intersetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi o método dedutivo. De abordagem qualitativa, os pressupostos teórico-metodológicos foram fundamentados no materialismo histórico-dialético e na psicologia sócio-histórica. Os sujeitos da pesquisa foram 10 (dez) participantes indígenas, sendo 04 (quatro) mulheres e 06 (seis) homens, abrangendo agricultores, donas de casa, estudantes, comunicadores e lideranças indígenas com idades variando de 22 (vinte e dois) a 52 (cinquenta e dois) anos. E também é composta de 11 (onze) profissionais de saúde, abrangendo cirurgião dentista, farmacêutico bioquímico, psicólogo, nutricionista, geólogo, técnico de enfermagem e agente de combate às endemias, com idades variando entre 25 (vinte e cinco) e 47 (quarenta e sete) anos. As práticas associadas e a forma de beber tradicionalmente dos Matsés aparecem em espaços sociais como o trabalho coletivo com objetivos comuns entre os indígenas empenhados em esforços recíprocos. Entretanto, o uso prejudicial do álcool na aldeia reflete em todo um coletivo, o que leva pessoas a desenvolver crises devido ao uso prejudicial de álcool gerando violências de todos os tipos entre os familiares indígenas e profissionais da saúde indígena. Destaca-se que a abordagem interdisciplinar e a compreensão das significações culturais são essenciais para a promoção da saúde e segurança pública nessa comunidade. Fica evidente a necessidade de fortalecer estratégias colaborativas entre profissionais de diferentes áreas, bem como de incluir os próprios indígenas como agentes ativos no processo de promoção da saúde. Portanto, reitera-se a carência de pesquisas na área de trabalho social. Por fim, esta pesquisa destaca a importância ao apresentar as perspectivas tanto dos indígenas quanto dos profissionais envolvidos sobre o uso prejudicial do álcool e destaca a complexidade da temática no Vale do Javari.

Palavras-chave: Álcool; Fronteira; Mayuruna/Matsés; População indígena; Vale do Javari.

ABSTRACT

DANTAS, Francisco Takmony Fernandes., M.Sr. University of the State of Amazonas, April 2024. **Harmful use of alcohol: Meanings produced by health professionals and Mayuruna/Matsés indigenous people from Vale do Javari in Amazonas**. Advisor: Fábio Alves Gomes.

This research is linked to line 1: Society, State, Culture and Public Security, of the Postgraduate Program in Public Security, Citizenship and Human Rights, at the State University of Amazonas. This is interdisciplinary research, involving various fields of human knowledge, such as anthropology, psychology and social work, which were put into critical dialogue, from a historical-cultural process perspective. This dissertation research aimed to investigate the psychosocial aspects of the harmful use of alcohol among the Mayuruna/Matsés indigenous people on the border of Aldeia Lago Grande through the study of the meanings attributed to this phenomenon, in the Vale do Javari Indigenous Land, in Atalaia do Norte, Amazonas, aiming to develop intersectoral actions to promote health and public safety in the region. The methodology used in this research was the deductive method. With a qualitative approach, the theoretical-methodological assumptions were based on historical-dialectic materialism and socio-historical psychology. The research subjects were 10 (ten) indigenous participants, 04 (four) women and 06 (six) men, including farmers, housewives, students, communicators and indigenous leaders with ages ranging from 22 (twenty-two) to 52 (fifty-two years. It is also made up of 11 (eleven) health professionals, including a dental surgeon, biochemical pharmacist, psychologist, nutritionist, geologist, nursing technician and endemic disease control agent, with ages ranging between 25 (twenty-five) and 47 (forty and seven) years. The associated practices and the traditional way of drinking of the Matsés appear in social spaces as collective work with common goals among indigenous people committed to reciprocal efforts. However, the harmful use of alcohol in the village affects the entire community, which leads people to develop crises due to the harmful use of alcohol, generating violence of all types among indigenous family members and indigenous health professionals. It is noteworthy that the interdisciplinary approach and understanding cultural meanings are essential for promoting public health and safety in this community. The need to strengthen collaborative strategies between professionals from different areas is evident, as well as to include indigenous people themselves as active agents in the health promotion process. Therefore, the lack of research in the area of social work is reiterated. Finally, this research highlights the importance of presenting the perspectives of both indigenous people and professionals involved on the harmful use of alcohol and highlights the complexity of the issue in Vale do Javari.

Keywords: Alcohol; Border; Mayuruna/Matsés; Indigenous population; Javari Valley.

RESUMEN

DANTAS, Francisco Takmony Fernandes., M.Sr. Universidad del Estado de Amazonas, abril de 2024. **Uso nocivo del alcohol: Significados producidos por profesionales de la salud e indígenas Mayuruna/Matsés del Vale do Javari en Amazonas**. Asesor: Fábio Alves Gomes.

Esta investigación está vinculada a la línea 1: Sociedad, Estado, Cultura y Seguridad Pública, del Programa de Posgrado en Seguridad Pública, Ciudadanía y Derechos Humanos, de la Universidad Estatal de Amazonas. Se trata de una investigación interdisciplinaria, que involucra diversos campos del conocimiento humano, como la antropología, la psicología y el trabajo social, los cuales fueron puestos en diálogo crítico, desde una perspectiva de proceso histórico-cultural. Esta investigación de tesis tuvo como objetivo investigar los aspectos psicosociales del uso nocivo del alcohol entre los indígenas Mayuruna/Matsés en el límite de Aldeia Lago Grande a través del estudio de los significados atribuidos a este fenómeno, en la Tierra Indígena Vale do Javari, en Atalaia. do Norte, Amazonas, con el objetivo de desarrollar acciones intersectoriales para promover la salud y la seguridad pública en la región. La metodología utilizada en esta investigación fue el método deductivo. Con un enfoque cualitativo, los presupuestos teórico-metodológicos se fundamentaron en el materialismo histórico-dialéctico y la psicología sociohistórica. Los sujetos de la investigación fueron 10 (diez) participantes indígenas, 04 (cuatro) mujeres y 06 (seis) hombres, entre agricultores, amas de casa, estudiantes, comunicadores y líderes indígenas con edades comprendidas entre los 22 (veintidós) y los 52 (cincuenta y dos años). años. También está integrado por 11 (once) profesionales de la salud, entre ellos cirujano dentista, farmacéutico bioquímico, psicólogo, nutricionista, geólogo, técnico de enfermería y agente de control de enfermedades endémicas, con edades comprendidas entre los 25 (veinticinco) y los 47 (cuarenta y cinco años). siete años. Las prácticas asociadas y la forma tradicional de beber de los Matsés aparecen en los espacios sociales como un trabajo colectivo con objetivos comunes entre pueblos indígenas comprometidos con esfuerzos recíprocos. Sin embargo, el uso nocivo del alcohol en el pueblo afecta a toda la comunidad, lo que lleva a que las personas desarrollen crisis por el uso nocivo del alcohol, generando violencia de todo tipo entre familiares indígenas y profesionales de la salud indígenas. Es de destacar que el enfoque interdisciplinario y la comprensión de los significados culturales son esenciales para promover la salud y la seguridad públicas en esta comunidad. Se evidencia la necesidad de fortalecer estrategias colaborativas entre profesionales de diferentes áreas, así como de incluir a los propios pueblos indígenas como agentes activos en el proceso de promoción de la salud. Por lo que se reitera la falta de investigaciones en el área del trabajo social. Finalmente, esta investigación destaca la importancia de presentar las perspectivas tanto de los indígenas como de los profesionales involucrados en el uso nocivo del alcohol y resalta la complejidad del tema en Vale do Javari.

Palabras clave: Alcohol; Borde; Mayuruna/Matsés; Población indígena; Valle de Javarí.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Reunião de acolhimento com lideranças indígenas da Aldeia Lago Grande.....29
Figura 02: Caracterização geográfica (mapa da região).....53
Figura 03: Aldeias de fronteira do Vale Do Javari.....56

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Delimitação dos termos palavras-chave na SciELO.....41
Tabela 02: Delimitação dos termos descritores na BDTD (TESES).....43
Tabela 03: Delimitação dos termos descritores na BDTD (DISSERTAÇÕES).....44

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Artigos pertinentes da SciELO.....41
Quadro 02: Teses e dissertações da BDTD com estudos pertinentes à pesquisa.....44
Quadro 03: Equipe da pesquisa.....63
Quadro 04: Núcleos de significações e indicadores: participantes indígenas.....64
Quadro 05: Núcleos de significações e indicadores: participantes profissionais de saúde.....65

LISTA SIGLAS E ABREVIATURAS

AIS	–	Agente Indígena de Saúde Indígena
AISAN	–	Agente Indígena de Saneamento
BDTD	–	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BPC	–	Benefício de Prestação Continuada
CAGE	–	Cut Down, Annoyed by Criticism, Guilty e Eye-opener
CASAI	–	Casa de Saúde Indígena
CIMI	–	Conselho Indigenista Missionário
CEP	–	Comitê de Ética em Pesquisa
CONDISI	–	Conselho Distrital de Saúde Indígena
CONEP	–	Conselho Nacional de Saúde em Pesquisa
CRAS	–	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	–	Centro Especializado de Assistência Social
CTI	–	Centro de Trabalho Indigenista
DIASI	–	Divisão de Atenção à Saúde Indígena
DSEI	–	Distrito Sanitário Especial Indígena
EMSI	–	Equipe Multidisciplinares de Saúde Indígena
EPE	–	Educação Permanente em Saúde
FUNAI	–	Fundação Nacional do Índio
HP	–	Horse Power/Cavalos de Potência
ISTS	–	Infecções Sexualmente Transmissíveis
KM	–	Quilômetro
LOAS	–	Lei Orgânica da Assistência Social
MEC	–	Missão Evangélica Caiuá
MS	–	Ministério da Saúde
OGM	–	Organização Geral dos Mayuruna
OSSA	–	Organização Serviço Social Acção
PAIF	–	Serviço de Atenção Integral à Família
PNASPI	–	Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas
SCIELO	–	Scientific Eletronic Library Online
SESAI	–	Secretaria Especial de Saúde Indígena

SNAS	–	Secretaria Nacional de Assistência Social
SUAS	–	Sistema Único de Assistência Social
TCC	–	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	–	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TI	–	Terra Indígena
UBSI	–	Unidade Básica de Saúde Indígena
UEA	–	Universidade do Estado do Amazonas
UNICEF	–	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIP	–	Universidade Paulista
UNIVAJA	–	União dos Povos Indígenas do Vale do Javari

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL	17
1	INTRODUÇÃO	24
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA	26
1.2	QUESTÕES NORTEADORAS	27
1.3	JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	27
1.4.	OBJETIVOS	30
1.4.1	Objetivo Geral	30
1.4.2	Objetivos Específicos	31
1.5	ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	31
2.	**USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL**	33
2.1	O USO DO ÁLCOOL NO MUNDO E NO BRASIL	33
2.2	O QUE É O ALCOOLISMO?	34
2.3	PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO COMPANHAMENTO DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE INDÍGENAS	36
2.4	PRODUTO TECNOLÓGICO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE COM ENFOQUE NA PREVENÇÃO DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE INDÍGENAS	37
3.	**REVISÃO DE LITERATURA**	40
3.1	ESTUDOS SOBRE ALCOOLIZAÇÃO ENTRE INDÍGENAS	45
4.	**PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA**	50
4.1	Método	50
4.1.1	**O método materialista histórico-dialético**	51
4.1.2	**A Psicologia Sócio-histórica**	52
4.2	O *LOCUS* DA PESQUISA	53
4.2.1	**Vale do Javari e os indígenas Mayuruna/Matsés**	53
4.3	A HISTÓRIA DA ALDEIA LAGO GRANDE CONTADA PELOS MATSÉS	57
4.4	CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	59
4.5	PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES	60
4.6	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES	63
4.7	OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES	64
5.	**ANÁLISE DE DADOS**	66
5.1	AS SUBSTÂNCIAS QUE ALTERAM OS SENTIDOS: FORMAS DE BEBER, DA "CAIÇUMA" AO "ÁLCOOL" E O CONTATO INTERÉTNICO: "COMERCIANTE TRAZ CACHAÇA PRA VENDER NAS ALDEIAS HÁ MUITO TEMPO"	66
5.2	SEGURANÇA PÚBLICA E ASSISTÊNCIA À SAÚDE NO VALE DO JAVARI ASSOCIADOS AOS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL: "ELE BATEU NA ESPOSA. AÍ VAI SE ENFORCAR, SE MATAR"	78
5.3	FORMAS DE BEBER DOS MATSÉS E A ASSOCIAÇÃO DE BEBIDAS NÃO TRADICIONAIS, UMA ANÁLISE DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE: "É O EXAGERO, ÀS FESTAS, ELAS VÃO CONTINUAR, A COMUNIDADE VAI CONTINUAR"	82

5.4 SEGURANÇA PÚBLICA, INFLUÊNCIA INTERÉTNICA E AS AÇÕES DE PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA EQUIPE DE SAÚDE: “VÊ O PONTO DE VISTA DA COMUNIDADE EM RELAÇÃO ÀS DROGAS E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE, AS OUTRAS INSTITUIÇÕES ESTAREM PRESENTES, CRIAR UM MATERIAL BASEADO NAQUILO QUE ELES FALAM, QUE O PROFISSIONAL RELATA”. 89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 98
REFERÊNCIAS 100
APÊNDICES 106
ANEXOS 207

APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL

Chamo-me Francisco Takmony Fernandes Dantas, nascido em 1992. O presente texto tem por objetivo apresentar minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional até chegar como discente do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Escola de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Amazonas – UEA/Turma 2022-1º.

Quanto à minha naturalidade, sou nascido em Cuité, na Paraíba. Sou o irmão mais novo de três filhos, todos do sexo masculino. A minha infância foi alternada com diversas mudanças entre cidades dos estados da Paraíba, Maranhão, Tocantins e Pará – já que a minha família – família de sorveteiros buscavam fontes de renda onde era mais oportuno para tentar garantir o mínimo para sobreviver. Percebe-se aqui uma realidade comum a diversas famílias nordestinas.

No ano de 2010, após complementar 18 anos, fui morar em Manaus/AM na busca de concluir o ensino médio e trabalhar. No ano de 2012 conclui o meu ensino médio e o objetivo seguinte no Amazonas foi cursar uma graduação. A escolha pela graduação em Serviço Social estava diretamente ligada ao meu interesse pelas ciências sociais, principalmente com temas relacionados aos direitos humanos, políticas públicas e sociais, com ênfase na transferência de renda, como por exemplo, o Programa Bolsa Família. No início de 2012 prestei vestibular na Universidade Paulista – UNIP Campos Manaus e assim adentrei para o curso de Serviço Social. Para Iamamoto (2013, p. 83) "o Serviço Social se gesta e desenvolve como profissão reconhecida na divisão social do trabalho, tendo por porta de fundo o desenvolvimento capitalista, industrial e a expansão urbana".

Durante o período de graduação, algumas disciplinas me despertaram alguns interesses relevantes em relação às demais, como direito constitucional, antropologia cultural do Brasil, Serviço Social, realidade regional, movimentos sociais contemporâneos, participação e controle social. Na análise de disciplinas como antropologia cultural do Brasil, participação social e controle social, surgia um interesse particular de atuar e pesquisar grupos populacionais tradicionais específicos, como quilombolas e indígenas. Contextualizando a realidade do Estado do Amazonas como um centro dos povos indígenas da Amazônia, notei a luta destes povos pela garantia dos seus direitos, organização e participação popular.

Comecei a acompanhar de maneira geral a causa indígena, porém de maneira discreta. O que mais chamava atenção na época era a questão do consumo de álcool dessas populações e as expressões de consumo na realidade dos povos indígenas em seu território ou adjacências.

Apesar de todos os esforços com mobilização na instituição de ensino para conhecer pessoalmente a realidade dos povos indígenas na cidade de Manaus, isso não foi possível durante o período da graduação, pois a coordenação do curso de Serviço Social não conseguiu anuência dos povos indígenas em tempo oportuno.

Em parceria com as lideranças comunitárias, enquanto representante discente, realizamos diversas ações durante o período do curso de Serviço Social em prol das famílias em vulnerabilidade do bairro da União, bairro localizado na zona centro-sul de Manaus, localizado nos limites com o bairro Parque 10. As ações eram organizadas pelos alunos das turmas de Serviço Social e coordenado pela coordenação do curso de Serviço Social, na ocasião coordenado pela assistente social Maria de Fátima Falcão.

Meu trabalho de intervenção de curso e o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foram realizados pelas experiências do campo de estágio na Fundação Dr. Thomas, com o tema de TCC: *A prevenção e controle do tabagismo para idosos institucionalizados: uma análise a partir do Serviço Social*, sob a orientação da Profª. Msc. Marilane de Oliveira Queiroz.

Atualmente possuo as seguintes especializações *latu senso*: Políticas Públicas e Seguridade Social (2016) e Dependência Química (2017) pela Faculdade do Norte do Paraná – Facnorte; Geriatria e Gerontologia (2021) e Gestão em Elaboração de Projetos Sociais (2021) realizadas na Faculdade Famart; além de Saúde Indígena (2022) e Docência no Ensino Superior (2022) realizadas na Faculdade Única.

Em 23 de maio de 2016 fui convidado a trabalhar no município de Atalaia do Norte, Amazonas – AM, fronteira com o Peru, uma região de difícil acesso que se localiza a sudoeste de Manaus, capital do Amazonas. Distante dessa cerca de 1.136 (mil cento e trinta e seis) km, o município de Atalaia do Norte, também conhecido na região como "Pérola do Javari" devido se localizar as margens do Rio Javari, concentra-se em boa parte da Terra Indígena – TI Vale do Javari. Consoante, o Centro de Trabalho Indigenista – CTI, a TI Vale do Javari (TI) se situa:

> A Terra Indígena Vale do Javari localiza-se nas proximidades da fronteira do Brasil com o Peru, no extremo oeste do estado do Amazonas, compreendendo parte dos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença e Jutaí. Totaliza uma área de 8.544.482 hectares de floresta equatorial densa, com rica biodiversidade e diversos rios navegáveis como Javari, Curuça, Ituí, Itacoaí e Quixito, além dos altos cursos dos rios Jutaí e Jandiatuba. Foi demarcada em 2000 e homologada em 2001 (CTI, 2011, p. 26).

O município de Atalaia Norte possui uma diversidade cultural de povos indígenas no Vale do Javari, como os matsés (Mayuruna), kanamary, matis, kulina, marubo e korubo e povos

isolados e de recente-contato. O convite foi para atuar na Prefeitura Municipal de Atalaia do Norte, lotado na Secretaria Municipal de Assistência Social. Portanto, a política de assistência social foi meu primeiro passo para atuar como profissional de Serviço Social. Como explica Carlos Simões (2014, p. 186):

> A Constituição institui a assistência social como política de Estado e, portanto, como direito social (art. 6.º da CF), sob o princípio da universalidade do acesso, com finalidade de inserir a população no sistema de bem-estar brasileiro. Tem por pressuposto o reconhecimento institucional da legitimidade das demandas de seus beneficiários e usuários, no contexto da assistência social. Define-se, assim, como política de proteção social, articulada com as demais políticas de garantia de direitos sociais. Institui-se como direito público subjetivo, visto que assegura em lei complementar, como direito do cidadão e dever do Estado (art. 1.º LOAS).

Em minha apresentação no município de Atalaia do Norte, fui encaminhado para o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, responsável pela porta de entrada do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, responsável pela proteção social básica. A primeira função foi de Assistente Social da Equipe Volante do CRAS, equipamento responsável pela oferta dos serviços de proteção social básica nas áreas de difícil acesso e isolada. A partir dessa atuação que tomei maior conhecimento sobre o Vale do Javari. Como minha atuação seria em regiões remotas do município, passei a conhecer o contexto intercultural da região com suas etnias indígenas, particularidades dos povos ribeirinhos e povos de fronteira. Dentre as principais atribuições como Assistente Social da Equipe Volante do CRAS, tive de:

> Realizar atividades que compõem o PAIF; Identificar famílias com demandas de segurança socioassistenciais, realizar o registro especifico das famílias em situação de extrema pobreza; Encaminhar à coordenação do CRAS, as demandas locais relativas ao SUAS, e de articulação intersetorial; Participar de reuniões periódicas do CRAS do planejamento e avaliação dos resultados; Inserir, no sistema de Condicionalidades (SICON), informações sobre interrupção da suspensão do benefício do Programa Bolsa Família, sempre que pertinente (Governo do Estado Do Rio Grande do Norte, 2020, n.p).

A organização do trabalho era pautada na política de assistência social por busca ativa, focada no trabalho social com famílias indígenas, ribeirinhas e também com frequência de atendimentos sociais às famílias estrangeiras, devido à proximidade do município de Atalaia do Norte com o Peru. Na ocasião, respondia como técnico de uma equipe volante com dois profissionais de nível técnico, um motorista fluvial e uma cozinheira. As atuações eram articuladas com as demais secretarias municipais, como assistência social (CRAS e CREAS[1]),

[1] Centro Especializado de Assistência Social.

saúde, educação e instituições como o Conselho Tutelar, Fundação Nacional do Índio – FUNAI e Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI.

Como a atuação da Equipe Volante é focada em famílias que residem em áreas de difícil acesso e isoladas, as ações dessa equipe se davam por meio de viagens fluviais que chegavam a durar o período mínimo de 20 dias e algumas se estendiam para 60 dias, dependendo da calha de rio em que a equipe ofertava os serviços. Para uma equipe permanecer em zona rural nesse longo período, destacamos a insalubridade (malária e animais peçonhentos) e periculosidade (piratas de rio e traficantes de droga) na região de fronteira do Vale do Javari. O alto custo dessas ações também é fator importante a se destacar, pois o consumo de combustível é uma das maiores despesas para executar ações nessa região.

As ofertas de serviços são focadas na proteção social básica da política de assistência social. Os serviços levados eram Serviços de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF, que trata do fortalecimento de vínculos. Também eram realizados atendimentos de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada – BPC, benefícios da previdência social e encaminhamentos à rede de proteção social.

Nos diagnósticos sociais, observávamos o uso prejudicial de álcool em comunidades indígenas e ribeirinhas, principalmente as localidades com proximidade à linha de fronteira com o Peru. O trabalho social com famílias indígenas era organizado em atendimentos individuais, grupos e coletivos. Nossa maior ferramenta para atrair as famílias eram as palestras e serviços sobre benefícios de transferência de renda como o Programa Bolsa Família[2], BPC[3] e benefícios previdenciários (aposentadorias, pensão por morte, salário maternidade, etc.). Após as palestras e orientações sociais, trabalhávamos temas como o uso prejudicial do álcool e do tabagismo. Expor temáticas de serviços antes de trabalhar temas como o uso prejudicial de álcool era importante para estabelecer um vínculo com a comunidade e assim dialogar sobre essa problemática.

No ano de 2017, assumi a gestão municipal do Cadastro Único e Programa Bolsa Família, atuando como gestor municipal desses equipamentos. No mesmo ano, elaboramos o Projeto Comerciante Legal, que visava a redução de retenção de cartões do Programa Bolsa Família em estabelecimentos comerciais ou por terceiros no município de Atalaia do Norte.

[2] Programa de transferência de renda que atendia famílias em situação de pobreza e extrema pobreza inscritas no Cadastro Único para programas sociais do governo federal.

[3] Benefício assistencial a pessoa com deficiência incapacitada ou idoso acima dos 65 anos que não tenha condições de prover sua própria subsistência ou por meio de sua família. Seu valor é de um salário mínimo e não paga o décimo terceiro salário. Simões, Carlos. Curso de direito em serviço social. 7.ed. – São Paulo. 2014. p. 352-355.

Como responsável do Cadastro Único, as atribuições eram coordenar a equipe do Cadastro Único, planejar, monitorar, avaliar ações de cadastramento e atualização cadastral, articulação intersetorial e tratar de denúncias de irregularidades.

Nos procedimentos de atualização cadastral, percebemos uma quantidade expressiva de beneficiários do Programa Bolsa Família sem a posse dos seus cartões. A maioria dos indígenas afirmava que os cartões estavam de posse do "patrão", como é conhecido popularmente o/a comerciante ou a pessoa que retém cartões. Programamos uma rotina nos processos de atualização cadastral e sempre solicitar a apresentação do cartão para monitorar possíveis cartões com terceiros. Muitas famílias deixam os cartões com terceiros devido ao alto custo logístico da região. No entanto, identificamos também famílias que tinham seus cartões entregues a estabelecimentos comerciais ou a terceiros, além de compras de produtos alimentícios, porém com despesas como bebidas alcoólicas.

Com o trabalho social com famílias indígenas e o Projeto Comerciante Legal, nosso município foi considerado inovador de boas práticas no trabalho social com famílias indígenas, e assim, participamos como palestrantes em eventos como 5.ª Oficina Regional sobre Grupos Populacionais e Específicos no Cadastro Único, Manaus/AM (2017), Encontro de Apoio Técnico nas áreas de Proteção Social Básica e Especial e Trabalho Social com Famílias Indígenas, Manaus/AM (2018), Encontro de Apoio Técnico da Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS): Serviços e Benefícios, Belém/PA (2019) por convite do Ministério da Cidadania e Ministério Público Federal.

A experiência pela política de assistência social foi do período de 23 de maio de 2016 a 31 de dezembro de 2020. Durante essa trajetória, respondi de maneira eventual pela coordenação do CRAS e como secretário interino, na ausência da secretária titular da pasta.

No início de 2021 realizei processo seletivo do convênio Missão Evangélica Caiuá (MEC)[4] Vale do Javari para ingresso como Assistente Social do Distrito Sanitário Especial Indígena Vale do Javari, Secretaria Especial de Saúde Indígena Vale do Javari, Ministério da Saúde, Governo Federal. Após as etapas consegui ficar na primeira posição, porém a vaga era para cadastro de reserva. Todavia, para minha felicidade surgiu a vaga e entrei para a saúde indígena em 15 de julho de 2021.

Após minha integração, fui lotado no Núcleo 02 – Planejamento, gestão do trabalho e educação permanente na Divisão de Atenção à Saúde Indígena – DIASI do Distrito Sanitário

[4] Instituição que realiza trabalho assistencial de saúde a povos indígenas através de convênio com a Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI e Ministério da Saúde – MS.

Especial Indígena Vale do Javari. Nessa nova etapa de minha vida, estou como ponto focal de educação permanente em saúde indígena e ponto focal com a Casa de Saúde Indígena – CASAI de Atalaia do Norte. Também destacamos descrições detalhadas do núcleo de atuação, conforme nota técnica n. º 18/2018, SESAI e Ministério da Saúde – MS:

> O Núcleo de Planejamento, Gestão do trabalho e Educação permanente se organiza em torno de três eixos. O primeiro é o planejamento das ações traças pelos Núcleos temáticos a serem executadas nos territórios pelas EMSI, isto, é, a articulação para a garantia dos serviços e insumos necessários ao desenvolvimento do trabalho. O segundo é organizado do processo de trabalho das EMSI com base no perfil epidemiológico e nas necessidades de saúde locais, por meio de coordenação de atividades, ações e procedimentos ofertados pelas EMSI, conforme a realidade local além da oferta de apoio técnico e pedagógico às equipes para ampliar e qualificar o cuidado integral às necessidades de saúde e aumentar a resolutividade no âmbito da atenção básica. O terceiro refere-se à orientação a intensificação da atuação integrada das equipes, o desenvolvimento de estratégias de atuação baseadas na situação de saúde do território, como projetos terapêuticos singulares para casos de maior vulnerabilidade, o apoio a ações visando ao protagonismo indígena nos processos de cuidado, e a priorização da preparação das equipes para atuação em contexto intercultural (Brasil, 2018, n.p).

Os principais desafios de atuação na política de saúde indígena são as ações de educação permanente em saúde indígena e práticas integrativas (troca de saberes) voltadas ao aperfeiçoamento da saúde indígena, contexto intercultural e processos organizativos do trabalho. Nos processos de aperfeiçoamento em saúde, trabalhamos o tema saúde mental com os Agentes Indígenas de Saúde – AIS e Agentes Indígenas de Saneamento – AISAN, no curso de atualização de AIS e AISAN, no ano de 2021, uma das temáticas abordadas foi o uso prejudicial do álcool. Na oportunidade foram capacitados 75 AIS e 15 AISAN, perfazendo um total de 90 profissionais. Esses profissionais estão divididos em mais de 60 aldeias pelo Vale do Javari.

Atualmente represento o Distrito Sanitário Especial Indígena Vale do Javari SESAI na Comissão Intersetorial do Selo UNICEF 2021-2024 do município de Atalaia do Norte. Também participo como membro especial da Organização Serviço Social Ação – OSSA de Angola, que tem o objetivo de tratar conteúdos inerentes à cidadania e direitos humanos.

Como profissional atuante no município de Atalaia do Norte, fronteira com o Peru, tive significativas experiências com os povos indígenas por meio de trabalhos pelas políticas de assistência social e saúde e com intenções de desenvolver cientificamente produtos para a região, inicialmente com encaminhamentos a prevenção ao uso prejudicial de álcool aos povos indígenas de fronteira. Considerando uma linha de pesquisa sobre sociedade, estado, cultura,

segurança e aspectos psicossociais das violências e segurança cidadã, olhei o mestrado profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Amazonas como meio para estimular e desenvolver, no campo científico, propostas que possibilitem estratégias focadas na cidadania e direitos humanos dos povos indígenas do Vale do Javari, visando a redução do uso prejudicial de álcool, além da redução de situações de risco pessoal e social dessas populações.

Desde a trajetória acadêmica à profissional, traçou-se o meu interesse pelo trabalho com os povos indígenas em relação ao uso prejudicial de álcool. As viagens profissionais possibilitaram observar sinistros (violência e perturbações) com povos ribeirinhos e indígenas em relação às várias temáticas que refletem na organização social desses grupos. Citamos particularmente a problemática de uso de álcool por indígenas na região de fronteira. A atuação do Serviço Social com povos tradicionais é bem-aceite pelas populações indígenas da TI Vale do Javari, não só em relação aos benefícios sociais, mas também como mecanismo de trabalho com pautas como prevenção ao uso de álcool e suicídio.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde – OMS estabelece o uso prejudicial de álcool como aquele com repercussões sociais e de saúde. Estima-se que 03 milhões de mortes por ano em todo o planeta derivam do uso prejudicial do álcool, correspondendo a 5,3% de todas as mortes. O uso prejudicial de álcool é um agente que causa para mais de 200 doenças e lesões. Para além dos agravos para a saúde, o uso prejudicial do álcool acarreta prejuízos sociais e econômicos relevantes para as pessoas que consomem e para a sociedade em geral (Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS, 2021). Nesse sentido, o uso prejudicial de álcool é um problema global com grandes desafios às políticas de saúde e social.

Diante dessa problemática, os povos indígenas apresentam vulnerabilidades relacionadas ao uso prejudicial de álcool. Dessa maneira, "quanto maior é o grau de contato com a sociedade nacional, maior é o risco de exposição ao alcoolismo. Etnias indígenas em nosso meio têm apontado que a mesma é maior do que aquela apresentada pela sociedade nacional envolvente" (Guimarães e Grubit, 2007, p. 47). Dessa forma, a vulnerabilidade dos indígenas em relação ao uso prejudicial do álcool é maior que aos não indígenas. Neste ponto, é importante discutir quais os significados do uso do álcool para essas populações.

Nesse contexto, a relação do uso prejudicial de álcool entre indígenas é um fenômeno que deve ser estudado no aspecto psicossocial[5] e sociocultural[6]. Assim, justifica-se diante de significados e representações, que o uso do álcool pode ser compreendido pelos indígenas Mayuruna/Matsés e profissionais de saúde atuantes nessa comunidade, nas interações sociais entre indivíduos, grupos e o envolvimento dos costumes e tradições.

A proposta de tema foi elaborada tendo em vista do interesse profissional e acadêmico do pesquisador pela região do Vale do Javari, como também pela solicitação de lideranças indígenas e movimento indígena da etnia Mayuruna/Matsés, requerendo trabalhos direcionados ao uso do álcool entre indígenas. A definição para pesquisar esta

[5]"Um número crescente de artigos define como psicossocial os "modos de ver o mundo" do sujeito/indivíduo/pessoa, assim como a produção "discursiva" e de "sentidos" nas interações sociais, interpessoais e nas instituições" (Paiva, 2013, p. 536).

[6]"A abordagem sociocultural enfatiza que a atividade humana é mediada e nela tem sido investigado o desenvolvimento humano dentro das práticas culturais dos grupos, que supõem o uso de diferentes formas de mediação" (Ribas, 2005, p. 130).

preposição se deu pela potencialidade de realizar estudos iniciais com a temática sobre uso de álcool entre indígenas da etnia Mayuruna/Matsés, residentes e domiciliados na Aldeia Lago Grande. De tal modo, não incluímos outras etnias e outras regiões do Vale do Javari. Mediante o exposto, pretende-se executar e produzir informações que possam subsidiar produtos tecnológicos, como projetos técnicos de Educação Permanente em Saúde[7], sobre o uso prejudicial do álcool entre indígenas, para atuação de profissionais no âmbito dos aspectos psicossociais e socioculturais, através das múltiplas políticas públicas, como a política de saúde indígena, saúde, assistência social, educação e segurança pública.

Diante do exposto, a pesquisa intitulada Uso prejudicial de álcool: significações produzidas por profissionais de saúde e indígenas Mayuruna/ Matsés do Vale do Javarí, no Amazonas, foi realizada na sede da cidade de Atalaia do Norte, Amazonas, na microrregião do Alto Solimões, área fronteiriça com Brasil e Peru, próximo à Colômbia, espaço conhecido como Tríplice Fronteira. Estima-se que o território do Vale do Javari tenha cerca de "8.544.482 hectares de floresta equatorial densa, com uma variedade de fauna, flora e bacias navegáveis como os rios Javari, Curuçá, Ituí, Itacoaí e Quixito" (Arisi, Cesarino e Francisco, 2011, p. 26).

Nesta região temos os indígenas da etnia Matsés que habitam a TI Vale do Javari no Brasil e também terras no lado do país vizinho, o Peru, além das etnias "Kanamary, Korubo, Kulina, Pano, Marubo, Matis, Mayuruna (Matses) e Tyohom Dyapá" (Univaja, 2020, p.10). A região do Vale do Javari é diversa e conforme observamos as etnias mencionadas anteriormente, cada povo se comporta conforme seus costumes e tradições. Compreender os significados psicossociais e socioculturais do uso prejudicial do álcool é fundamental para encaminhamentos. Nesse sentido, pretende-se produzir informações sobre os Mayuruna/Matsés.

Diante dessa realidade, ao discutir o uso de álcool apenas relacionando ao alcoolismo, não se avalia o contexto sociocultural de quem bebe. Portanto, "ao restringir as pesquisas à dimensão do alcoolismo-doença, deixa-se de investigar outros aspectos importantes relacionados ao uso de álcool" (Souza e Garnelo, 2007, p. 1640). Portanto,

[7] Portaria nº 198/GM/MS, de 13 de fevereiro de 2004 [Art. 1º, Parágrafo Único, I] identificar necessidades de formação e de desenvolvimento dos trabalhadores de saúde e construir estratégias e processos que qualifiquem a atenção e a gestão em saúde e fortaleçam o controle social no setor na perspectiva de produzir impacto positivo sobre a saúde individual e coletiva (Brasil, 2004).

os povos indígenas têm suas particularidades tradicionais e o uso de álcool é uma delas. Entender a relação interétnica é fundamental para um diagnóstico sobre o porquê se bebe.

Souza e Garnelo (2007, p. 1640, apud Menendez, 1982, p. 63) destacam a importância de entender o consumo de álcool entre indígenas e "aponta a necessidade de se investigar o papel do consumo de álcool em culturas específicas". Neste ínterim, uma investigação do consumo de álcool entre indígenas precisa considerar fatores tradicionais e culturais desses povos, bem como sua relação de contato com outras culturas. Portanto, existe a necessidade de entender o uso do álcool entre indígenas para além da relação do alcoolismo como doença.

Em síntese, a pesquisa consistiu em produzir informações por meio de entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão que foram gravadas e posteriormente transcritas. Por meio do levantamento de informações resultantes dos grupos de discussão e o caráter ético desta pesquisa, asseguramos o sigilo das informações produzidas e a garantia de preservação da identidade e da privacidade da instituição e dos sujeitos entrevistados.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A TI Vale do Javari situa-se nos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença e Jutaí. Estes são municípios do Estado do Amazonas, embora boa parte de sua extensão situe-se no município de Atalaia do Norte, aonde boa parte da extensão territorial faz fronteira com o Peru. Abaixo descreveremos brevemente o *locus* da pesquisa.

A Aldeia Lago Grande se localiza na sub-região do Médio Rio Javari – TI Vale do Javari. A população indígena faz parte da etnia Mayuruna/Matsés. Conforme apontam os próprios indígenas e profissionais de saúde, nessa comunidade o uso prejudicial de álcool é frequente. Enquanto profissional de saúde, também identifiquei *in loco* o uso prejudicial de álcool nessa comunidade.

A região é um ponto central de alerta para invasores devido à vasta biodiversidade para caça, pesca e extração de madeiras. Logo, a proximidade com o país vizinho e a presença frequente de invasores facilita o acesso ao álcool para a população indígena dessa localidade. As questões anteriormente evidenciadas descrevem o problema central do estudo. Com base no interesse do pesquisador pelo tema, por não existirem estudos científicos e dados oficiais sobre o consumo de álcool nesta comunidade, esta pesquisa poderá ajudar a caracterizar o problema e desenvolver propostas de possíveis

intervenções psicossociais. Desse modo, o pesquisador explorou pesquisas de autores que contribuíram para a compreensão e significados do uso de álcool por povos indígenas, tais como Souza, Schweickardt e Garnelo (2007); Souza e Garnelo (2006); Ghiggi e Langdon, (2014), dentre outros, que ajudaram a trazer uma compreensão mais profunda do objeto de análise.

1.2 QUESTÕES NORTEADORAS

Quais as práticas e formas associadas ao uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da Aldeia Indígena Lago Grande, TI Vale do Javari, no Amazonas? Quais as formas de beber estão associadas ao uso não prejudicial de álcool da cultura Mayuruna? Quais são as ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento ao uso prejudicial de álcool na população da Aldeia Indígena Lago Grande, no Vale do Javari, Amazonas? Que ações poderiam ser feitas? Que materiais poderiam ser utilizados?

1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

No serviço social, a segurança social e a saúde são campos de atuação do Assistente Social. No entanto, ainda existem poucos estudos alinhados ao Serviço Social, população indígena e uso prejudicial de álcool.

Conforme a Organização Mundial da Saúde – OMS (World Health Organization, 2014 apud Brasil, 2019), quase 6% do total de mortes no mundo em 2012 foram atribuídas total ou parcialmente ao consumo abusivo de álcool. No Brasil, estima-se que 5,6% da população preencha critérios para o uso prejudicial de álcool. Em relação à população indígena, o uso prejudicial de álcool tem sido considerado um fator de vulnerabilidade para a saúde dos diferentes povos e criado fatores como a desigualdade social, que pode contribuir como um agravante para esse cenário (Centro de Informações sobre Saúde e Álcool – CISA, 2022).

Esta demanda se encontra relativamente disseminada entre as comunidades indígenas e se correlaciona com diversos problemas de saúde e sociais, como violência doméstica e comunitária, falta de renda, desnutrição, tuberculose, infecções sexualmente transmissíveis – IST’s, etc. O tema de pesquisa foi escolhido para tratar do consumo de álcool da população indígena de fronteira do Vale do Javari, delimitado aos indígenas da

etnia Mayuruna/Matsés da Aldeia Lago Grande, como uma leitura e interpretação psicossocial do uso prejudicial do álcool. O trabalho realizado com a população indígena da região do Alto Rio Negro relacionado ao uso de álcool nos permite compreender que o uso do álcool no contexto indígena precisa romper barreiras de conceitos de saúde e de cultura, conforme destacam Souza e Garnelo (2006, p. 289),

> Esta perspectiva de trabalho que vemos como promissora, visa – além de superar as limitações associadas ao uso do conceito impreciso de "alcoolismo", através de uma maior clareza conceitual – apresentar estratégias para possíveis pesquisas de caráter quali-quantitativo que possam num futuro romper barreiras disciplinares, favorecendo um maior diálogo entre os campos do saber, que vemos como essencial para se abordar a questão do uso de álcool e em particular em populações culturalmente diferenciadas.

Diante do que discutimos anteriormente, a conceituação do uso de álcool entre indígenas precisa ser analisada com ênfase nos processos socioculturais, principalmente devido à diversidade de povos indígenas. Compreender os significados do uso do álcool entre os indígenas e pensar por quais motivos se bebe é o caminho para o desenvolvimento de propostas para subsidiar a atuação de equipes multiprofissionais e, por exemplo, romper barreiras no momento da conceituação quando se bebe de maneira prejudicial ou devido a fatores culturais.

Enquanto realizava trabalhos sociais entre o período de 2016 a 2020, principalmente pela política de assistência social do município de Atalaia do Norte, pude compreender estas realidades nas áreas isoladas e de difícil acesso em aldeias indígenas como Aldeia São Luís, do povo Kanamary e Aldeia Lago Grande, do povo Mayuruna/Matsés. Próximas ao Peru, apenas a margem do Rio Javari separa os dois países numa grande faixa territorial. Nesta região acompanhamos e ouvimos relatos de pessoas não indígenas adentrando o território indígena sem autorização e até mesmo em aldeias indígenas, como na Aldeia Lago Grande, sendo a localidade escolhida para a proposta de pesquisa. Como não há bases fixas de fiscalização de acesso à TI Vale do Javari, por meio da FUNAI, na margem do Rio Javari, acreditamos também que a grande extensão da TI dificulta a fiscalização do acesso ao território indígena pela proximidade com o país vizinho. Podemos citar a presença de brasileiros e estrangeiros de nacionalidade peruana e colombiano em trânsito na região. Muitas das vezes eram caçadores, pescadores e serradores de madeira, alguns até com armas, devido à atividade de caça. A população indígena dessa região consegue adquirir/comprar álcool com facilidade no Peru e há relatos que muitas das vezes os invasores da TI também estão de

posse de álcool. Também é essencial analisar a relação de álcool, cultura e a relação de contato com os não indígenas.

> Considerando a primeira dimensão buscamos apreender o significado cultural atribuído à utilização de bebidas alcoólicas, as motivações para beber, as situações de consumo e os circuitos de embebedamento, buscando analisar estes aspectos através de uma perspectiva que considere a organização social destes povos e sua história de contato com a sociedade nacional (Souza e Garnelo, 2006, p. 288).

A compreensão da cultura e a relação como o álcool se faz necessário para o desenvolvimento de pesquisas e a atuação de equipes multidisciplinares, já que o álcool tradicional é parte do dia a dia dos povos indígenas. Desse jeito, enquanto realizava Ação de Saúde Sexual e Coletiva com a Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena – EMSI, através do Distrito Sanitário Especial Indígena Vale do Javari, na Aldeia Lago Grande, no período de 04 a 14/10/2021, as lideranças indígenas como cacique, professores e Agentes Indígenas de Saúde – AIS e a Organização Geral dos Mayuruna – OGM solicitaram a providência de um trabalho voltado ao uso prejudicial de álcool, direcionada para os indígenas dessa aldeia. Daí se pensou no interesse científico pela delimitação do tema proposto para o mestrado profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos. Outrossim, informamos que a imagem da Figura 1, encontra-se embasada em conformidade com Art. 5, X , legislação Constitucional 1988[8]..

Figura 01: Reunião de acolhimento com lideranças indígenas da Aldeia Lago Grande

Fonte: Autoria própria, com base no assunto pesquisa (2021).

[8] A imagem encontra-se embasada para preservar a identidade dos participantes devido o registro ter sido feito antes da realização da pesquisa e em conformidade com Art. 5, X , legislação Constitucional 1988.

A figura 01 mostra o momento da reunião de acolhimento das lideranças indígenas da Aldeia Lago Grande aos profissionais da Equipe Multiprofissional de Saúde Indígena – EMSI que realizaram a Ação de Saúde Sexual e Coletiva. Sempre há um momento de explicação dos objetivos das ações que se pretende realizar. Também é solicitada anuência para a realização das ações, mesmo sendo comunicado previamente. Nesses momentos também é solicitado das lideranças um levantamento de quais problemáticas precisam ser trabalhadas na comunidade. Assim, foi solicitada intervenção para atuação na prevenção do uso prejudicial do álcool.

Desta feita, uma análise sociocultural e psicossocial se torna fundamental para compreensão dos fenômenos sociais sobe a ótica das tradições com o uso do álcool tradicional, originário de costumes e aspectos da etnia Mayuruna/Matsés. Compreender fatores de risco social e pessoal dessa comunidade em relação ao consumo de álcool poderá produzir produtos para aplicação de práticas de prevenção para execução por parte de equipes multidisciplinares, por meio de projetos técnicos de educação permanente para atuação em contexto indígena, sobre o uso prejudicial de álcool entre indígenas.

Espera-se que este estudo ofereça contribuições cientificas e socialmente relevantes para a população indígena do Vale do Javari. O estudo científico poderá subsidiar futuras políticas públicas nas áreas sociais, saúde e segurança pública e produtos técnicos (capacitações, cartilhas, notas técnicas, manuais e outros), visando garantir a prevenção dos aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre indígenas de fronteira. No campo social, esta é uma possibilidade de uma melhor qualidade de vida, com hábitos saudáveis e redução de danos.

1.4. OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Investigar as significações produzidas sobre o uso prejudicial de álcool por indígenas Mayuruna/Matsés na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intersetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.

1.4.2 Objetivos específicos

- Analisar e explicar as significações produzidas sobre o uso prejudicial de álcool por indígenas Mayuruna/Matsés;
- Analisar como a equipe multidisciplinar de saúde indígena corrobora e/ou pode corroborar para o monitoramento e enfrentamento do uso abusivo de álcool entre a população indígena;
- Elaboração de projeto técnico tecnológico em educação permanente para as equipes multidisciplinares para atuação no contexto indígena, com ênfase sobre o uso prejudicial de álcool.

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho está organizado da seguinte forma: 1. Introdução, 2. Uso Prejudicial de Álcool, 3. Revisão de Literatura, 4. Procedimentos Metodológicos, 5. Análise de dados, Considerações Finais, Referências, Apêndices e Anexos. A Introdução divide-se em cinco subseções: Problema de Pesquisa, Questões Norteadoras, Justificativa da Pesquisa, Objetivos Geral, Objetivos Específicos e Organização da dissertação.

O capítulo intitulado o Uso Prejudicial de Álcool subdivide-se em quatro subseções: Uso do álcool no mundo e no Brasil, O que é alcoolismo? Profissionais de saúde no acompanhamento do uso prejudicial de álcool entre indígenas, Produto tecnológico de educação permanente com enfoque na prevenção do uso de álcool entre indígenas. A Revisão de Literatura apresenta um panorama das pesquisas recentes sobre os conceitos de uso prejudicial de álcool entre indígenas. Abordará também pontos relevantes referentes aos conceitos de alcoolismo e alcoolização.

Os procedimentos metodológicos subdividem-se nas subseções: método, o *lócus* da pesquisa, Vale do Javari e os indígenas Mayuruna/Matsés, História da Aldeia Lago Grande, caracterização dos sujeitos da pesquisa, procedimentos de produção das informações, procedimentos de análise e interpretação das informações e os núcleos de significações.

O capítulo de análise de dados organiza-se em: As substâncias que alteram os sentidos: formas de beber, da “caiçuma” ao “álcool” e o contato interétnico. “Comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo”; *S*egurança pública e assistência à

saúde no vale do javari associados aos aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool: “Ele bateu na esposa. Aí vai se enforcar, se matar!”;Formas de beber dos Matsés e a associação de bebidas não tradicionais, uma análise dos profissionais de saúde: “é o exagero, às festas, elas vão continuar, a comunidade vai continuar ”; e Segurança pública, influência interétnica e as ações de prevenção e promoção da equipe de saúde: “ver o ponto de vista da comunidade em relação às drogas e os profissionais de saúde, as outras instituições estarem presentes, criar um material baseado naquilo que eles falam, que o profissional relata”.

Em seguida, apresentam-se as Considerações Finais, seguido das Referências. Nos Apêndices e Anexos constam os instrumentos elaborados pelo pesquisador, orientador e Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

2. USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL

Neste capítulo discutir remos aspectos do álcool de maneira global, nacional, no âmbito da atuação de profissionais de saúde e a proposta de produto tecnológico desta pesquisa.

2.1 O USO DO ÁLCOOL NO MUNDO E NO BRASIL

O consumo prejudicial de álcool é um dos fatores de causa de mortes evitáveis e tem cerca de 03 milhões de mortes anuais em todo o planeta, correspondendo 5,3% do total de mortes. O álcool também pode causar mais de 200 doenças e lesões (Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS, 2021). Nesse sentido, o uso prejudicial de álcool também pode motivar expressões sociais e econômicas para quem utiliza e para a população em geral. À vista disso, podemos compreender que o uso do álcool contribui para as desigualdades sociais e de saúde.

> Reconociendo que los hábitos, el contexto y el nivel general del consumo de alcohol influyen en la salud del conjunto de la población y que el consumo nocivo de alcohol se encuentra entre las principales causas de enfermedad, lesiones, violencia, especialmente violencia doméstica contra mujeres y niños, discapacidad, problemas sociales y muertes prematuras, está asociado a problemas de salud mental, repercute gravemente en el bienestar humano, pues afecta a las personas, las familias, las comunidades y la sociedad en su conjunto, y contribuye a las desigualdades sociales y sanitarias [...] (Organização Mundial de Saúde – OMS, 2010, p. 38).[9]

Por conseguinte, a OMS detalha que o uso prejudicial do álcool pode agravar doenças e a dinâmica social do indivíduo no seu ciclo social. Por exemplo, problemas como a violência contra as mulheres afetam as famílias, a comunidade e a sociedade em geral e contribuem para os agravos dos determinantes sociais e de saúde. Do mesmo modo, o II Levantamento Nacional de Álcool e Droga – LENAD aponta que o

[9] Reconhecendo que os hábitos, contexto e nível geral de consumo de álcool influenciam a saúde da população como um todo e que o consumo nocivo de álcool é entre as principais causas de doenças, lesões, violência, especialmente violência doméstica contra mulheres e crianças, deficiência, problemas sociais e mortes nascimentos prematuros, está associada a problemas de saúde mental, tem um impacto grave no bem-estar humano, uma vez que afeta indivíduos, famílias, comunidades e sociedade como um todo, e contribui para as desigualdades sociais e de saúde (Organização Mundial de Saúde – OMS, 2010, p. 38, tradução nossa).

desenvolvimento econômico do Brasil nos últimos 10 anos foi um dos mais superiores. Além disso, os brasileiros com maior renda per capita tendem a consumir mais álcool, o que impulsiona o Brasil na indústria do álcool (II Levantamento Nacional de Álcool e Droga – LENAD, 2012, p. 34).

No Brasil, o II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas comparou, "entre os levantamentos de 2001 e 2005, das nove drogas mais usadas entre os entrevistados das 108 cidades com mais de 200 mil habitantes do Brasil", que o álcool é a droga mais usada no Brasil, sendo no ano de 2001, "68,7%" e no ano de 2005, "74,6%" de consumo entre os brasileiros (Carlini, 2006, p. 305).

2.2 O QUE É O ALCOOLISMO?

De acordo com Maciel *et al*. (2012, p. 99) "o fenômeno do alcoolismo é considerado um dos maiores problemas de saúde pública no Brasil". O alcoolismo é considerado uma doença crônica e multifatorial. Assim, o consumo e a frequência do uso do álcool interferem na condição de saúde do indivíduo e fatores genéticos, psicossociais e ambientais. No entanto, não são estes fatores que definem o diagnóstico de dependência. O diagnóstico é definido pela 10ª edição da Classificação Internacional de Doenças – CID-10 da Organização Mundial da Saúde – OMS, que descreve alguns conjuntos de fatores comportamentais, cognitivos e fisiológicos, como, por exemplo, o uso repetido de álcool e a dificuldade de controlar o consumo (Centro de Informações sobre Saúde e Álcool – CISA, 2014).

Souza e Garnelo (2006) destacam que o conceito de alcoolismo é impreciso, pois é necessário romper a conceituação não apenas do ponto de vista da biomedicina, mas considerar as particularidades de populações tradicionais. Desse modo, para Langdon (2013 p. 37) "o significado de beber decorre, em parte, dos usos tradicionais das bebidas fermentadas do grupo em questão: quando e quanto foi ingerido e para que fins". Compreender os aspectos socioculturais com foco em quando e como se bebe é fundamental para reconhecer os significados e representações de cada povo tradicional.

Nesse ponto, denotar as substâncias psicoativas no contexto histórico é importante para entendermos o desenvolvimento e à sua relação com o social, econômico, político e cultural. No tempo contemporâneo, o consumo de álcool, por exemplo, vai se alterando e adaptando-se à realidade. Logo, "a utilização do ópio e de bebidas alcoólicas, por

exemplo, esteve associado a rituais festivos e religiosos presentes em diversas culturas" (Gomes, 2018, p. 2328). Para compreender a relação do ser humano com as substâncias psicoativas, é necessário apreender a historicidade desta relação nos âmbitos social, econômico, político e cultural em relação ao indivíduo, grupo e sociedade. Assim como a sociedade se transforma ao longo da história, as formas de consumir drogas também foram se modificando. Visto isso, a Política Nacional de Saúde dos Povos Indígenas – PNASPI destaca o alcoolismo como um problema na vida de parte da população indígena:

> Em algumas regiões, onde a população indígena tem um relacionamento mais estreito com a população regional, nota-se o aparecimento de novos problemas de saúde relacionados às mudanças introduzidas no seu modo de vida e, especialmente, na alimentação: a hipertensão arterial, o diabetes, o câncer, o alcoolismo, a depressão e o suicídio são problemas cada vez mais frequentes em diversas comunidades (Brasil, 2002, p. 10).

A PNASPI apresenta o alcoolismo como uma das principais doenças entre os indígenas brasileiros, havendo mais agravos nas comunidades indígenas que ficam nas adjacências de comunidades não tradicionais. Para Souza e Garnelo (2006, p. 1644), as populações indígenas têm os momentos adequados para o consumo de álcool tradicional, no entanto, "as mudanças trazidas pelo contato interétnico introduziram" outros tipos de bebidas alcoólicas, o que alterou a cultural do consumo de álcool nas aldeias indígenas e gerando problemas de saúde e agravos sociais. É preciso analisar o alcoolismo não apenas como doença, mas também em seus fatores tradicionais.

A PNASPI evidência a importância da articulação do conhecimento da biomedicina vinculada com os saberes tradicionais dos povos indígenas, como podemos analisar abaixo:

> A Política de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas também garante que para a melhoria no estado de saúde desses povos não deverá ocorrer uma substituição de seus sistemas tradicionais de saúde – baseados em uma concepção holística do indivíduo – pelo conhecimento e tecnologias da biomedicina ocidental; mas sim, de uma articulação entre esses saberes, valorizando a diversidade cultural e social dos índios e seu direito a ela (Melo *et al*., 2014, n.p).

Por isso, o respeito ao modo tradicional de como os indígenas tratam suas doenças e costumes devem ser entendidos principalmente por aqueles profissionais que ofertam serviços a esse público. A junção de conhecimento biomédico e tradicional viabiliza trocas de saberes do conhecimento ocidental e tradicional, o que possibilita uma intervenção mais adequada quando ela for necessária.

2.3 PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO ACOMPANHAMENTO DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE INDÍGENAS

O papel dos profissionais de saúde da saúde indígena é fundamental na atenção à saúde dos Povos Indígenas no incremento da Atenção Básica e Especializada a estas populações. Graças à Portaria Nº 1.317, de 03 de agosto de 2017, que aprova a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas toda uma leva de serviços e políticas voltados às populações indígenas tem sido implementada. Uma destas políticas está no Art. 2º inciso I que se trata da Equipe Multiprofissional de Saúde Indígena – EMSI, que "corresponde a um conjunto de profissionais responsáveis pela atenção básica à saúde indígena em uma área, sob gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS)" (Brasil, 2017, s/p).

A Equipe Multiprofissional de Saúde Indígena – EMSI organiza técnica e administrativamente a atenção à saúde de uma população indígena adscrita num Polo Base (Território) que são subdivisões territoriais do DSEI. Como nos explica Furtado *et al*. (2016, p. 72) "Cada DSEI organiza-se a partir de um conjunto de pólos-base e respectivas Equipes Multiprofissionais de Saúde Indígena (EMSI).

As EMSI são compostas, minimante, por médicos, enfermeiros, dentistas, técnicos de enfermagem e agentes indígenas de saúde e saneamento". Os locais situados em territórios indígenas de povos aldeados devem buscar proporcionar um ambiente inclusivo e acolhedor. Para Teixeira et al (2023, p. 01) "a formação profissional com a teoria do cuidado intercultural amplia a perspectiva de competência e sensibilidade cultural. Os povos originários devem receber atenção específica dos órgãos públicos". Nesse sentido, as ações devem levar em consideração a cultura e constumes da comunidade para o melhor desenvolvimento do trabalho.

Os profissionais de saúde são atores importantes no acompanhamento nas aldeias indígenas sobre o fenômeno do álcool. Ao trabalhar os aspectos do álcool, os profissionais de saúde precisam ter atenção em "dois aspectos característicos dessa população: por um lado, devem levar em conta que esses índios já possuem um contato interétnico acentuado e, por outro, devem tentar preservar a especificidade da sua cultura, com suas crenças, costumes e representações" (Maciel *et al*., 2012, p. 101). No que tange as compreensões do uso do álcool dos indígenas por meio da visão dos profissionais de saúde, destacamos:

> [...] as representações sociais do alcoolismo, por parte dos profissionais de saúde que trabalham nas comunidades indígenas, consistem nas suas compreensões e explicações feitas a partir de uma releitura significativa do mundo, com uma linguagem compartilhada com os outros membros do grupo social em que estão inseridos (Maciel *et al*., 2012, p. 102).

Nesta compreensão, os profissionais de saúde são atores importantes para a compreensão dos significados da dinâmica social entre os indígenas com o fenômeno do álcool. Maciel *et al*. (2012, p. 102) afirmam que entender a dinâmica social e gerar os dados pode "auxiliar os órgãos competentes na implantação de serviços de Atenção Básica à Saúde", assim como a proposta de produto a partir desta dissertação. Pretendemos elaborar projeto técnico tecnológico em educação permanente para as equipes multiprofissionais que atuam no contexto indígena, com ênfase sobre o uso prejudicial de álcool entre indígenas. Entretanto, é necessário entender o contato interétnico dos povos indígenas e a influência do álcool diante deste contato para pensar numa metodologia adequada para a elaboração do produto técnico desta pesquisa.

Nessa lógica, Assis (2001, p. 14) salienta que o ambiente social e cultural está ligado à "infância, ao crescimento, às condições de sobrevivência, à situação econômico-social, à religião, à espiritualidade e ao modo como o álcool é consumido naquela cultura". Esses ambientes ajudam a compreender o modo de beber, o que pode influenciar ou não o indivíduo ao consumir menos ou mais álcool. Uma forma de entender o ambiente sociocultural é trabalhar a comunicação verbal, como veremos a seguir.

Para Melo *et al*. (2014) a comunicação verbal se configura como forma privilegiada de captação e transformação da realidade, permitindo a apreensão do conteúdo simbólico e das formações discursivas nas práticas sociais. Nessa perspectiva, compreender a importância da atuação dos profissionais de saúde e como se dá o uso do álcool entre os indígenas é mecanismo estratégico para desenvolver produtos de intervenções que deem resultados positivos à população indígena e subsidiar a atuação de profissionais no campo da prevenção ao uso prejudicial de álcool.

2.4 PRODUTO TECNOLÓGICO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE COM ENFOQUE NA PREVENÇÃO DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE INDÍGENAS

Como atividade de proposta para produto tecnológico desta pesquisa, propõe-se a elaboração de projeto técnico tecnológico em educação permanente para as equipes multidisciplinares na atuação no contexto indígena, com ênfase sobre o uso prejudicial de álcool. Após análise, busca-se uma compreensão dos significados e identificação das

causas e consequências do uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira e como a equipe multidisciplinar de saúde indígena corrobora e/ou pode corroborar para o monitoramento e enfrentamento do uso abusivo de álcool entre a população indígena.

Destarte, a "EPS[10] é construída como instrumento para transformar o profissional de saúde em um profundo conhecedor da sua realidade local" (Miccas e Batista, 2014, p. 171). Isto posto, as atividades de EPS são mecanismos que potencializam os profissionais de saúde na sua atuação na base dos seus serviços. Essa é uma formação focada na realidade de atuação das equipes de saúde, considerando os aspectos socioculturais locais e psicossociais para uma intervenção adequada por parte das equipes.

À vista disso, "a intervenção a partir da perspectiva psicossocial implica à problematização e ao desenvolvimento de uma atuação sob a égide da práxis e da interdisciplinaridade" (Fonseca, 2019, n.p). O "campo das abordagens psicossociais que é uma área do conhecimento cujo objeto é a interseção de fenômenos psicológicos, sociais, biológicos e ambientais, formando um campo aplicado (Vasconcelos, 2008, p. 15). Trabalhar o problema como temática para o desenvolvimento de ações de educação permanente para possíveis soluções através da formação dos profissionais de saúde ou de outras políticas públicas, é um campo estratégico para atuar no campo psicossocial a partir do entendimento sociocultural. O modelo psicossocial contribui para a intervenção nas comunidades. De acordo com análise a Calegare e Mezzalira, (2021, p. 45):

> Em suma, a compreensão dos processos psicossociais se aplica a todos esses âmbitos de atuação profissional e muitos outros que não citamos. E o modelo de interatuação psicossocial pode servir de guia para agir junto aos comunitários nesses diferentes locais, sejam eles num nível grupal, institucional ou comunitário propriamente dito. Precisamos ter cada vez mais consciência e clareza de que atuamos guiados pelos saberes não apenas acadêmicos, mas principalmente por aqueles dos comunitários e, para tanto, é importante adotar uma postura diversidade e pluralidade epistemológica que respeitar o tempo comunitário e modos de vida alheios.

A EPS é uma forma para o agir profissional ser direcionado sobre determinada problemática, principalmente através do conhecimento construído com a comunidade, respeitando as características socioculturais de determinado grupo. Também destacamos que a educação permanente, independente da política pública, "precisa ser amplamente implementada e garantida para todos aqueles que integram a rede socioassistencial, pois

[10] Educação Permanente em Saúde.

a atuação de todos os profissionais interfere na realidade – para a sua manutenção ou para a transformação", e o resultado dessa ação reverberará com as mesmas características nestes agentes" (Fonseca, 2019, n.p).

O envolvimento dos atores profissionais e moradores das comunidades é um elo necessário para a produção de conhecimento e discussão das problemáticas levantadas como o uso prejudicial de álcool entre indígenas.

A Educação Permanente em Saúde é um instrumento de mudança no campo profissional e a formação técnica é um instrumento para mudar a realidade diante de determinada problemática (Ceccim, 2005). Este é um caminho para desenvolver potencialidades de intervenção para atuação dos profissionais de saúde.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão integrativa da literatura científica tem como objetivo explicitar o panorama das pesquisas científicas a partir dos objetivos desta pesquisa e dos critérios de inclusão e exclusão dos estudos com o intuito de eleger aqueles que possam contribuir para compreensão do objeto de pesquisa e as reflexões derivadas. Isto é, com o aprofundamento necessário sobre o fenômeno do uso prejudicial de álcool entre as populações indígenas.

No período de março a julho de 2022, desenvolveu-se uma revisão integrativa utilizando as seguintes palavras-chave: Alcoolização; Fronteira; Mayuruna/Matsés; População indígena; e Vale do Javari, na busca da literatura a respeito do tema proposto nas bases de dados da Scielo (Scientific Eletronic Library Online) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD.

Inicialmente averiguou-se pesquisas acerca dos temas: uso prejudicial de álcool entre indígenas brasileiros e não brasileiros, além de consultas às produções em língua portuguesa e também foram consultadas literaturas em língua inglesa e espanhola.

O recorte temporal, foi definido no período do ano de 2002 ao ano de 2022, haja vista que no critério de atualidade dos últimos 05 anos, poucas referências foram encontradas, principalmente em estudos realizados no Alto Rio Negro e na Terra Indígena Xapecó. Nesse sentido, ampliamos para pesquisas dos últimos 10 anos. Todavia, na análise das palavras-chave “alcoolização e populações indígenas”, articuladas ao “Vale do Javari”, não foi definido um recorte temporal devido à carência de pesquisas com essa temática.

Por conseguinte, a organização dos trabalhos a partir da procura *on-line* nas plataformas mencionadas anteriormente, deu-se a organização do estudo em 03 (três) partes: 1) foi realizado a análise dos títulos dos artigos, dissertações e/ou teses com palavras-chave pré-definidas; 2) realizou-se a leitura dos resumos com menção direta ao tema proposto; e 3) foram selecionados trabalhos com potencial de contribuir para o tema proposto.

Na observação dos resultados expostos foram organizadas a classificação das palavras-chave em 1) irrelevantes: assim foi considerado irrelevante quando não se apresentou um conceito em conformidade ao tema e objetivo da pesquisa; 2) não pertinentes: quando tinha ligação com o tema proposto, todavia não concordava com os

objetivos da pesquisa; e 3) pertinentes: no caso dos pertinentes foram considerados primeiramente o resumo com ligação aos objetivos do tema proposto.

Inicialmente a SciELO foi a base de dados utilizada por dispor de um banco de dados com biblioteca eletrônica contendo periódicos científicos brasileiros e internacionais. Ao selecionar o filtro ARTIGO, chegamos aos seguintes dados quantitativos apresentados na Tabela 01, vejamos:

Tabela 01: Delimitação dos termos palavras-chave na SciELO

Palavras-chave	**Irrelevantes***	**Não pertinentes****	**Pertinentes*****
Alcoolização	10	5	5
Populações indígenas	336	6	2
Vale do Javari	1	2	0
TOTAL: 282	347	13	7

Legenda: *Irrelevantes: sem ocorrência significativa **Não pertinentes: ocorrências que não dialogam com a pesquisa ***Pertinentes: ocorrências que dialogam com a pesquisa

Fonte: Elaborado por Carvalho, 2022, adaptada pelo autor, 2024.

Acerca das buscas da SciELO apresentamos artigos considerados pertinentes com particularidades significativos à pesquisa, conforme podemos observar no Quadro 01:

Quadro 01: Artigos pertinentes da SciELO

PALAVRAS-CHAVE/ PLATAFORMA	AUTORIA	ANO	TÍTULO	CONTRIBUIÇÕES PERTINENTES PARA O ESTUDO
Alcoolização	Maximiliano Loiola Ponte de Souza Júlio César Schweickardt Luíza Garnelo	2007	O processo de alcoolização em populações indígenas do Alto Rio Negro e as limitações do CAGE como instrumento de screening para dependência ao álcool.	Discute-se a temática do uso de álcool em grupos culturalmente diferenciados, estudando a atribuição de significados do beber e as respostas dadas ao CAGE pelos indígenas entrevistados.
	Maximiliano Loiola Ponte de Souza Luíza Garnelo	2007	Quando, como e o que se bebe: o processo de alcoolização entre populações indígenas do alto Rio Negro, Brasil.	A pesquisa analisa o processo de alcoolização em populações indígenas do Alto Rio Negro, Amazonas, Brasil. Baseando-se num enfoque compreensivo sobre o que se bebe, como se bebe e quando se bebe, a etnografia privilegia o estudo do contexto sócio-

				cultural e histórico no qual se dá o consumo de álcool e a interpretação nativa sobre a questão; discute as transformações históricas nas formas de beber e suas correlações com as permanências e mudanças da vida social.
	Priscilla Perez da Silva Pereira1 Ari Miguel Teixeira Ott	2012	O processo de alcoolização entre os Tenharim das aldeias do rio Marmelos, AM, Brasil.	O texto buscou analisar o processo de alcoolização nas aldeias do Marmelos utilizando o enfoque antropológico. Também tratou como os Tenharim bebem.
	Ari Ghiggi Junior Esther Jean Langdon	2014	Reflexões sobre estratégias de intervenção a partir do processo de alcoolização e das práticas de autoatenção entre os índios Kaingang, Santa Catarina, Brasil.	O artigo discute o contexto sociocultural relacionado ao uso de bebidas alcoólicas entre os índios Kaingang, na Terra Indígena Xapecó em Santa Catarina, Brasil. Tratando-se dos conceitos de processo de alcoolização e práticas de autoatenção com articulação de práticas intervencionistas em saúde junto a populações indígenas, com pressuposto de assistência à saúde especial.
	Ronaldo Santhiago Bonfim de Souza Júlia Costa de Oliveira Vânia Eloisa de Araújo Maycoln Leôni Martins Teodoro	2018	Instrumentos para a Avaliação do Uso de Álcool em Comunidades Indígenas – Revisão Sistemática	Trata-se da mensuração do consumo de álcool nas populações indígenas tem sido importante para entender suas razões e pensamentos sobre o uso de álcool, bem como as perdas resultantes.
Populações indígenas	Ana Paula Martins Mendes Jose-Oriol Romani Alfonso Esther Jean Langdon Marcia Grisotti	2020	Representações e práticas de cuidado dos profissionais da saúde indígena em relação ao uso de álcool	A pesquisa trata-se da análise do uso do álcool como um problema entre povos indígenas, assim as representações atribuídas por profissionais de saúde em relação ao uso do álcool entre indígenas e como estas influenciam nas práticas de cuidado.

Populações indígenas	Angel Martínez-Hernáez			
	Christiane Hoth de Olano	2021	"Everywhere there are distilled spirits": Alcohol Consumption and Alcoholism on the Chilean Frontier at the Turn of the Twentieth Century "Há bebidas espirituais destiladas em todos os lugares": consumo de álcool e alcoolismo na fronteira chilena no início do século XX (tradução nossa)	O estudo analisa a dinâmica e os efeitos do consumo de álcool e do alcoolismo na percepção da população mestiça e da indígena na fronteira chilena no início do século XX.

Fonte: Carvalho (2022), adaptada pelo autor, 2022.

Em levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, foram usadas as mesmas palavras-chave definidas na base SciELO. Os filtros utilizados foram TESE e DISSERTAÇÃO, chegando aos seguintes dados quantitativos apresentados nas Tabelas 02 e 03:

Tabela 02: Delimitação dos termos descritores na BDTD (TESES)

Palavras-chave	**Irrelevantes***	**Não pertinentes****	**Pertinentes*****
Alcoolização	0	2	2
Populações indígenas	267	2	1
Vale do Javari	4	4	0
TOTAL: 282	271	8	3

Legenda: *Irrelevantes: sem ocorrência significativa **Não pertinentes: ocorrências que não dialogam com a pesquisa ***Pertinentes: ocorrências que dialogam com a pesquisa

Fonte: Elaborado por Carvalho, 2022, adaptada pelo autor, 2022.

Tabela 03: Delimitação dos termos descritores na BDTD (DISSERTAÇÕES)

Palavras-chave	**Irrelevantes***	**Não pertinentes****	**Pertinentes*****
Alcoolização	4	5	4
Populações indígenas	491	0	1
Vale do Javari	8	3	0
TOTAL: 516	503	8	5

Legenda: *Irrelevantes: sem ocorrência significativa **Não pertinentes: ocorrências que não dialogam com a pesquisa ***Pertinentes: ocorrências que dialogam com a pesquisa

Fonte: Elaborado por Carvalho, 2022, adaptada pelo autor, 2022.

Quanto às buscas da BDTD apresentamos teses e dissertações pertinentes com particularidades significativas à pesquisa, apresentadas no Quadro 02:

Quadro 02: Teses e dissertações da BDTD com estudos pertinentes à pesquisa

TIPO DE TRABALHO	**AUTORIA**	**ANO**	**TÍTULO**	**CONTRIBUIÇÕES PERTINENTES PARA O ESTUDO**
Tese	Moab Duarte Acioli	2002	O processo de alcoolização entre os Pankararu	A tese evidencia o processo de significação social contraditória, a alcoolização dos Pankararu, com uma pesquisa interdisciplinar que junta a Epidemiologia e a Antropologia.
	Eduardo Carrara	2010	Metamorfose A'uwe (Xavante) O Álcool e o devir do sentimento coletivo	A tese procura demostrar o processo de alcoolização na etnia Xavante e analisar as relações individuais e coletivas em relação ao uso de álcool.
	Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco	2018	Padrões do consumo de substâncias psicoativas em comunidades indígenas da etnia Karipura do munícipio do Oiapoque-AP	A pesquisa trata da identificação de padrões do consumo de substâncias psicoativas na etnia Karipura, assim verificar a associação desses padrões com variáveis sociodemográficas.
	Ari Ghiggi Juniot	2010	Estudo Etnográfico sobre alcoolização entre os Índios Kaingang da Terra Indígena Xapecó: das Dimensões Construtivas à Pertubação	O texto visa compreender a alcoolização entre os índios Kaingang através de uma perspectiva antropológica.

Dissertação	Brasilina Morais Hermano	2013	Bebendo entre amigos: um estudo antropológico sobre uso de bebidas alcoólicas na Casa de Saúde Indígena de Roraima	A dissertação analisa o uso de bebidas alcoólicas pelos internos pacientes e acompanhantes indígenas na CASAI/RR. Assim, trata de conhecer os fatores que estão envolvidos no uso de bebidas alcoólicas e suas implicações na CASAI/RR.
	Elizene Miranda da Silva	2014	Processo de alcoolização em uma comunidade Yanomami de Roraima: o caso dos Yawaripë de Xikawa	O estudo analisa o contexto histórico dos Xikawa e a dinâmica sociocultural das relações interétnicas com o uso do álcool.
	Ronaldo Santhiago Bonfim de Souza	2016	Avaliação do uso de álcool no povo indígena Maxakali	A pesquisa analisa o uso de álcool em comunidades indígenas como um grave problema de saúde pública e a evidência de oferta de serviços para tratamento do uso prejudicial de álcool.
	Leandro Lucato Moretti	2017	Modos de beber em áreas indígenas no Mato Grosso do Sul: aproximações entre a psicologia social e perspectivas kaiowá e guarani	O texto analisa compreensão do uso das bebidas alcoólicas e os modos de beber dos kaiowá e guarani e faz a relação com problemas como a violência e as características interétnico.

Fonte: Elaborado por Carvalho, 2022, adaptada pelo autor, 2022.

No ponto seguinte, serão discutidos os trabalhos pertinentes encontrados na SciELO (artigos) e BDTD (tese e dissertação).

3.1 ESTUDOS SOBRE ALCOOLIZAÇÃO ENTRE INDÍGENAS

Com o objetivo de detalhar discussões e aprofundar o tema sobre os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre indígenas de fronteira no Vale do Javari, Amazonas, foram selecionadas pesquisas alusivas ao tema o qual subsidiou como bases teóricas para elaboração da presente pesquisa. Buscou-se dados em autores que discutem a alcoolização entre indígenas (Souza, Schweickardt e Garnelo, 2007; Souza e Garnelo, 2006; Pereira e Ott, 2012; Ghiggi e Langdon, 2014; Souza *et al.*, 2018).

O estudo de Pereira e Ott (2012), intitulado “O processo de alcoolização entre os Tenharim das aldeias do rio Marmelos, AM, Brasil”, apresenta os aspectos do processo de alcoolização entre os Tenharim. A pesquisa menciona pontos importantes de como os

Tenharim bebem, quando bebem e com quem bebem. Para os autores “a questão do alcoolismo em comunidades indígenas é uma problemática que pode ser encontrada em muitas aldeias, porém os estudos que registram esse fato ainda são escassos” (Pereira e Ott, 2012, p. 963). Além disso, a necessidade de evidências científicas em relação ao uso prejudicial de álcool entre povos indígenas brasileiros com costumes tradicionais diversos é um campo para propostas e formulações de políticas públicas para aperfeiçoar as ações de saúde e segurança pública. As autoras ressaltam que “a ingestão de álcool entre os indígenas sempre ocorre de maneira socializada – grupal – fato este que contribui para o reforço da alcoolização coletiva” (Pereira e Ott, 2012, p. 960). Na compreensão de que as festividades tradicionais entre indígenas são na maioria das vezes em formato comunitário, é possível notar o consumo de álcool de maneira compartilhada nessas ações coletivas, sendo o consumo mais evidente. Embora fora do período de festividades há o consumo de álcool no cotidiano entre os indígenas.

A pesquisa de Souza e Garnelo (2006), nos traz a discussão sobre a utilização do termo alcoolismo e a investigação do processo de alcoolização com a população indígena do Alto Rio Negro, região situada no Estado do Amazonas, visando compreender sobre o que se bebe, como se bebe e quando se bebe direcionado ao contexto sociocultural e histórico. Nesse sentido, o texto menciona críticas do conceito de alcoolismo:

> Um dos conceitos criticados é o de alcoolismo, sobretudo quando entendido como uma doença crônica, fatal, progressiva e com apresentação similar em qualquer contexto social. Ao restringir as pesquisas à dimensão do alcoolismo-doença, deixa-se de investigar outros aspectos importantes relacionados ao uso de álcool (Souza e Garnelo, 2006, p. 1640).

O termo alcoolismo na revisão de literatura é discutido em variadas áreas que estudam essa temática entre as populações indígenas do Brasil. Desse modo, os autores Ghiggi e Langdon (2014, p. 02, apud Souza e Garnelo, 2006) também destacam a imprecisão do uso do termo alcoolismo: “percebe-se que há falta de consenso em torno do que significa alcoolismo e como identifica-lo”. Ao empregar o termo alcoolismo se fazem necessários cuidados para sua caracterização, pois há diversos fatores sociais, culturais e interétnicos para serem considerados.

O artigo de Souza, Schweickardt e Garnelo (2007, p. 91, apud Langdon, 2001) descrevem que profissionais de saúde, inclusive de saúde indígena tem “dificuldade que se acentua, uma vez que a categoria ‘alcoolismo’ pode ser usada com propósitos diversos, inclusive como meio de discriminação e estigmatização social”. No caso das populações

indígenas a compreensão dos aspectos da utilização do uso de álcool precisa ser analisada e discutida considerando evidenciar a relação cultural e a influência interétnica. Por outro lado, Souza e Garnelo (2006, p. 1640, apud Menendez, 1982, p. 63) explicam o modelo do conceito de alcoolização:

> A ponta a necessidade de se investigar o papel do consumo de álcool em culturas específicas. Para isso, o autor propõe o conceito de alcoolização, que seria "...o conjunto de funções e consequências positivas e negativas que cumpre a ingesta de álcool para conjuntos sociais estratificados e não apenas, o estudo dos alcoólicos dependentes, nem os excessivos, nem os moderados, nem os abstêmios, mas sim o processo que inclui a todos e que evita considerar o problema em termos de saúde e/ou enfermidade mental.

A compreensão da diferença entre alcoolismo e alcoolização precisa ser discutido para um entendimento considerando fatores de saúde, sociais e culturais. Os autores Souza e Garnelo (2006, p. 1641) destacam a bebida tradicional caxiri[11] que é uma bebida consumida pelos indígenas do Alto Rio Negro e "a bebida costuma ser consumida durante a realização de trabalhos coletivos, nos quais os laços de solidariedade e obrigações mútuas são reforçados". Logo fica evidente a relação do consumo da bebida tradicional nas ações de grupos e/ou coletivas. Assim, há a relação cultural com relação ao consumo de bebidas tradicionalmente ingeridas por indígenas há séculos considerando os momentos específicos para o consumo da bebida.

> Os momentos mais comuns de uso de bebidas alcoólicas são as situações de consumo coletivo, tal como ocorre nas festas e na realização de trabalhos comunais; esses são os momentos reconhecidos como culturalmente adequados, segundo a visão nativa. Em tempos anteriores essas situações se restringiam aos contextos rituais específicos e espaçados, porém, as mudanças trazidas pelo contato interétnico introduziram, além dos dabucuri, outras situações festivas no calendário indígena (Souza e Garnelo, 2006, p. 1644).

Dessa forma, Souza e Garnelo (2006, p. 1641) apresentam o modo como é consumido o caxiri que "em tempos passados as festas duravam dias e, como atualmente, a festa termina quando a bebida se esgota". O caxiri é ingerido numa proporção que pode ser prejudicial, embora tradicionalmente consumido é passível de expressões sociais nas aldeias indígenas devido ao excesso por parte de alguns indígenas. Além disso, bebidas como cachaça fazem parte do uso prejudicial de álcool pelas populações indígenas.

[11] De acordo com Souza e Garnelo (2007, p. 1641, apud Buchillet, 1990, p. 05) "o cultivo da mandioca amarga; o consumo de caxiri (bebida alcoólica produzida a partir de mandioca); as festas de trocas (dabucuris) e os rituais de iniciação masculina com o uso de flautas sagradas".

Segundo Souza e Garnelo (2006, p. 1642) a relação interétnica “propiciou a introdução da cachaça que foi ativamente utilizada pelos colonizadores como meio de escravização. Além da cachaça, outras substâncias como o álcool de farmácia, desodorante e perfume passaram a ser ingeridos”. Por isso, a influência através do contato interétnico trouxe outras bebidas às populações indígenas. Percebe-se que na história a colocação do uso prejudicial de bebidas como um mecanismo de controle dos indígenas visa o interesse daqueles que exploram a biodiversidade. A vulnerabilidade dos povos indígenas com o uso prejudicial de álcool ainda é um fator social que precisa de atenção das instituições pela garantia de direitos nos variados âmbitos das políticas sociais e públicas como saúde, assistência social e segurança pública. A vulnerabilidade pode ser mais grave em regiões onde o estado não se faz presente.

Trazendo a discussão para nossa pesquisa, o Vale do Javari é uma TI com proximidade ao Peru em sua divisão territorial. Nesse sentido, existe contato com indígenas peruanos e contato interétnico com ribeirinhos, pescadores e caçadores de nacionalidade brasileira, peruana e até colombiana. Logo, essa aproximação interétnica pode influenciar diretamente no modo de beber.

O trabalho de Ghiggi e Langdon (2014, p. 02) teve como objetivo analisar o contexto sociocultural entre indígenas Kaiangang no processo de alcoolização. O texto expõe críticas na utilização do termo alcoolismo, como podemos analisar abaixo:

> Além disso, estudos mostram que o termo “alcoolismo” emergiu durante o Século XIX, no Brasil, por meio de um processo de “doentificação” de um costume popular para ascensão de padrões sociais, políticos e econômicos. Um processo em que o conhecimento biomédico consolidou um forte alicerce para a ordem higienista de difusão dos valores da classe burguesa. Muito mais que o diagnóstico de uma patologia, atualmente o “alcoolismo” tem servido de justificativa para a marginalidade e estigmatização de populações de forma acusativa.

A caracterização dos sujeitos que usam o álcool de maneira prejudicial está nas mazelas da sociedade como retrato histórico na aplicação do termo alcoolismo. A compreensão das expressões em volta do uso prejudicial de álcool precisa ser compreendida considerando fatores de saúde, sociais, culturais e interétnicos. O modo como se bebe pode ter papel diversificado em diferentes grupos indígenas devido às suas peculiaridades relacionadas ao consumo de álcool.

A pesquisa de Ghiggi e Langdon (2014, p. 02) também mostram os aspectos coletivos do uso de bebidas entre indígenas, onde “é necessário deslocar a temática do

campo físico/individual para o campo coletivo/social, no qual as práticas de beber são entendidas como um fenômeno construído por meio dos processos sociohistóricos". Tradicionalmente as populações indígenas consomem suas bebidas originárias em grupos e/ou coletivamente em festividades. A compreensão da relação do uso de álcool com práticas que envolvem os membros de determinada comunidade em que tenha ações festivas ou de trabalhos coletivos envolvem significados para a presença da alcoolização entre indígenas. Por isso, a compreensão dos fatores socioculturais de cada povo é necessária para os pesquisadores terem entendimento das práticas e significados no modo de beber entre indígenas. Atividades que mobilizam as comunidades como campeonatos esportivos são momentos onde o álcool tradicional e o não tradicional são ingeridos pelos grupos envolvidos nas atividades. Nesse contexto o álcool costuma ser todo consumido.

O estudo de Souza *et al.* (2018, p. 1598) apresentam "a visão adotada sobre o consumo de álcool que deve ser definida tendo em vista a população estudada e o contexto em que está inserida, orientando os procedimentos e os meios para avaliar o fenômeno (tradução nossa)". O texto traz um olhar sociocultural para pesquisadores que pretendem abordar a temática alcoolização ou alcoolismo entre populações indígenas. Destacamos que o olhar antropológico é fundamental para o plano de trabalho em cada povo que se pretende estudar.

As investigações do estudo de Ghiggi (2010) que trata da alcoolização entre os indígenas Kaingang, chama a tenção para a conceituação do termo alcoolismo, assim como nos estudos de Ghiggi e Langdon (2014) e de Souza e Garnelo (2006). Nesse sentido, a preocupação com a conceituação de alcoolismo também é tratada entre os indígenas:

> A revisão de alguns trabalhos antropológicos sobre a temática do uso de bebidas alcoólicas nos mostra que existem preocupações internas às próprias populações indígenas relativas a este fenômeno e seus desdobramentos. O que é importante notar aqui é que estas preocupações passam longe daquelas que embasam o conhecimento biomédico na fomentação de intervenções quanto ao alcoolismo (Ghiggi, 2010, p. 32).

Para tratar de alcoolismo entre indígenas é preciso um foco antropológico voltado a fatores socioculturais e históricos de cada povo. A imprecisão da utilização do termo alcoolismo irá desconsiderar costumes tradicionais sem analisar a ligação de grupos em ações que envolvam o consumo de bebidas. Segundo Ghiggi (2010, p. 36) "a antropologia irá propor uma visão holística do fenômeno do consumo da presença das bebias alcoólicas

na tentativa de superação das impossibilidades e limitações de análise criadas pelo modelo biomédico". Apoiados na análise que traga núcleos de significações na visão sociocultural é possível fazer uma análise psicossocial envolvendo aspectos dos indivíduos indígenas e pela compreensão de profissionais de saúde, de como eles percebem a subjetividade do uso do álcool na realidade, como dão sentido ao uso do álcool e como isso repercute na prática social e na organização social entre os indígenas.

A pesquisa de Hermano (2013, p. 39) destaca que o uso de bebidas alcoólicas sempre teve ligações sócio-históricas, "mas foi a partir do século XVIII que houve uma preocupação por parte de estudiosos em desvendar as causas, efeitos e consequência do uso do álcool na sociedade, entre elas a violência, a discórdia e a dor". O uso de álcool de forma prejudicial provoca expressões no âmbito coletivo, muitas das vezes com expressões de agressividade. É importante reconhecer as características do uso de bebidas de populações tradicionais para compreensão de fatores que possam ter ligações interétnicas ou não, mas que provocam situações de perigo devido ao excesso de álcool.

Esta revisão auxiliou a pesquisa na análise e orientações das informações. Foi importante para discussões iniciais das conceituações dos termos como "alcoolismo" e alcoolização" entre os indígenas e estudos significativos, principalmente os realizados no Alto Rio Negro e na Terra Indígena Xapecó. Porém, identificamos a insuficiência da produção científica sobre o tema: uso prejudicial de álcool entre indígenas do Vale do Javari. Esta pesquisa pretende responder e caracterizar o problema do uso do álcool entre os indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javari a partir da análise apoiada no sociocultural e psicossocial. Por fim, este é um espaço inicial para abrir um cenário de discussões e pesquisas científicas sobre o uso de álcool entre os indígenas desta região.

4. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

4.1 Método

O método de pesquisa utilizado foi o método materialista histórico-dialético. A abordagem da pesquisa utilizada foi a qualitativa.

4.1.1 O método materialista histórico-dialético

Nesta parte da pesquisa ressalta-se a importância de uma análise concreta e empírica da história focada nos indivíduos reais e em suas condições de vida como base para o entendimento das dinâmicas históricas sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético. Nesse sentido, Marx e Engels (2007, p. 24) destacam que,

> A premissa de que parte a ciência positiva da história são os indivíduos humanos reais, sua ação e condições reais de vida. Premissa à qual se chega por via empírica, dispensando filtragens filosofantes. A premissa de toda história humana é a existência de indivíduos humanos viventes. Neste fato concreto se funda o materialismo histórico.

O método histórico-dialético do materialismo, concebido por Karl Marx e Friedrich Engels, representa uma abordagem teórica e metodológica fundamental. Este método se destina a desvendar os processos de formação e desenvolvimento dos fenômenos sociais. Central para esta premissa, defende que a investigação deve compreender indivíduos humanos reais, considerando suas ações concretas e as circunstâncias históricas em que estão inseridos. Além disso, o materialismo histórico-dialético busca transcender a aparência dos fenômenos sociais, procurando compreender suas raízes histórico-sociais. Essa abordagem é crucial para afirmar a complexidade e as dinâmicas subjacentes aos fenômenos sociais, contribuindo para uma compreensão mais completa de determinado fenômeno e de suas transformações ao longo do tempo.

Para Novack (2006, p. 65), a "apresentação tão sistemática como a que Marx teria escrito não satisfaria aos formalistas. Sua sede de fórmulas, de expressões absolutas e finais não pode ser satisfeita pela dialética", sendo que essa crítica destaca a divergência entre abordagens mais estáticas e simplificadoras como as buscadas pelos formalistas e a abordagem dialética de Marx que reconhece a natureza dinâmica e contraditória das sociedades humanas. No campo da psicologia, Vigotsky (2007, p. 45) destaca:

> Na realidade, a psicologia nos ensina a cada instante que, embora dois tipos de atividades possam ter a mesma manifestação externa, a sua natureza pode diferir profundamente, seja quanto à sua origem ou à sua essência. Nesses casos são necessários meios especiais de análise científica para pôr a nu as diferenças internas escondidas pelas similaridades externas. A tarefa da análise é revelar essas relações. Nesse sentido, a análise científica real difere radicalmente da análise introspectiva subjetiva, que pela sua natureza não pode esperar ir além

> da pura descrição. O tipo de análise objetiva que defendemos procura mostrar a essência dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis.

Para o autor essa abordagem objetiva permite uma compreensão mais profunda e abrangente dos fenômenos psicológicos, possibilitando o desenvolvimento de teorias explicativas e a formulação de hipóteses testáveis para alcançar um entendimento mais completo e preciso dos comportamentos humanos.

4.1.2 A Psicologia Sócio-histórica

A Psicologia Sócio-histórica se baseia no marxismo e adota o materialismo histórico-dialético. Isso indica que essa abordagem está enraizada em uma visão crítica da sociedade e da história. Para Bock, Gonçalves e Furtado (2017, p. 17) “a Psicologia Sócio-histórica carrega consigo a possibilidade de crítica. Não apenas por uma intencionalidade de quem a produz, mas por seus fundamentos epistemológicos e teóricos. Fundamenta-se no marxismo e adota o materialismo histórico”. Ao adotar esses fundamentos, a Psicologia Sócio-histórica busca compreender o comportamento humano e os processos psicológicos como produtos das relações sociais e históricas, em vez de atribuí-los apenas a características individuais ou biológicas. Portanto, essa abordagem não apenas oferece uma compreensão mais profunda dos fenômenos psicológicos, mas também estimula a reflexão crítica sobre a sociedade e suas formas de organização. De acordo com Bock e Furtado (1999, p. 115),

> A Psicologia Sócio-Histórica entende que essas concepções liberais construíram uma ciência na qual o mundo psicológico foi completamente deslocado do campo social e material. Esse mundo psicológico passou, então, a ser definido de maneira abstrata, como algo que já estivesse dentro do homem, pronto para se desenvolver — semelhante à semente que germina. Esta visão liberal naturalizou o mundo psicológico, abolindo, da Psicologia, as reflexões sobre o mundo social.

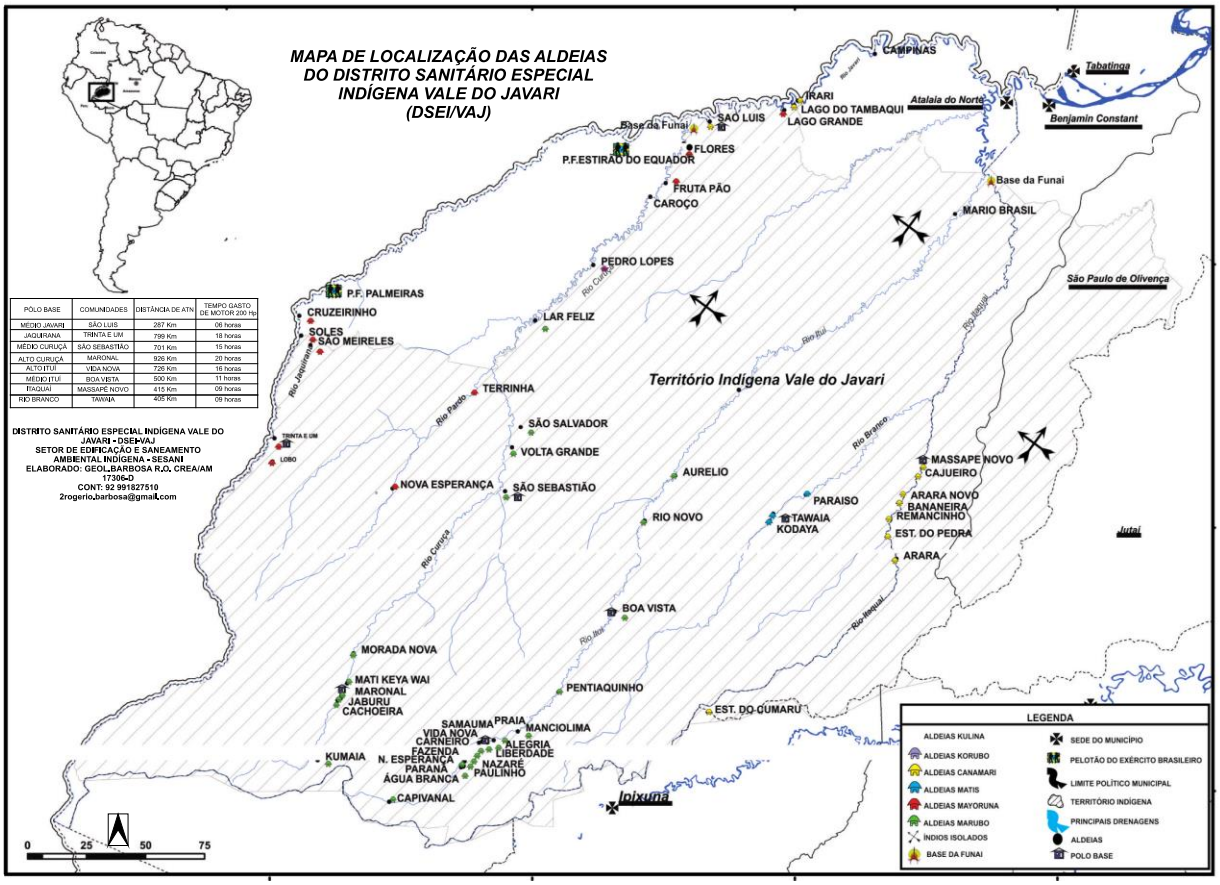
Os autores destacam que a Psicologia Sócio-Histórica, ao criticar e desafiar as concepções liberais da psicologia, reafirmam a necessidade de considerar as dimensões sociais e históricas na compreensão do comportamento humano.

4.2 O *LOCUS* DA PESQUISA

4.2.1 Vale do Javari e os indígenas Mayuruna/Matsés

Neste capítulo iremos apresentar algumas características da TI Vale do Javari e dos povos indígenas Mayuruna/Matsés que são participantes de nossa pesquisa. A TI Vale do Javari foi demarcada em 2000 e homologada em 2001. Seu território é fronteiriço entre Brasil e Peru. Situa-se nos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença e Jutaí, todos no estado do Amazonas. Sua extensão territorial tem uma área estimada de 8.544.482 hectares de floresta equatorial densa com uma variedade de fauna, flora e bacias navegáveis como os rios: Javari, Curuça, Ituí, Itacoaí e Quixito, além dos altos cursos dos rios Jutaí e Jandiatuba (Arisi, Cesarino e Francisco, 2011).

Figura 02: Caracterização geográfica (mapa da região)



Fonte: Plano de Trabalho Distrital do DSEI Vale do Javari, 2020.

A TI Vale do Javari é considerada vulnerável devido sua proximidade com o Peru na faixa de fronteira e com uma grande extensão territorial que aumenta a complexidade para ações de fiscalização por parte do estado. Podemos afirmar uma ausência do estado nessa região, o que facilita o acesso de invasores ao território indígena. Dessa maneira, há o aumento de conflitos na região devido a exploração da biodiversidade do território. Conforme analisa Reis (2012, p. 08):

> Historicamente os índios desta região vêm sofrendo impactos sucessivos em virtude dos ciclos econômicos empreendidos no Estado do Amazonas, do contato com a lógica de mercado e, sobretudo, com a forma que vem sendo explorados indiscriminadamente e desordenadamente os recursos naturais da região - notadamente os recursos madeireiros e pesqueiros pelos não indígenas. A prova disto está nas frequentes invasões às terras e comunidades indígenas devidamente demarcadas e homologadas o que vem ocasionando sucessivos embates e conflitos diretos e indiretos com não-índios provenientes do próprio território nacional, mas principalmente dos países da fronteira, a Colômbia e o Peru. Restando aos indígenas na medida das suas possibilidades a implementação de formas de manejo tradicionais e a denúncia corrente dos problemas ambientais em suas áreas.

Esse cenário de exploração indiscriminada dos recursos naturais por parte de invasores é alerta para os povos indígenas, principalmente em áreas de fronteira com grandes extensões territoriais.

O Vale do Javari, de acordo com a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA (2020, p.10), possui 07 (sete) povos indígenas que vivem na TI Vale do Javari, são eles: “Kanamary, Korubo, Kulina Pano, Marubo, Matis, Mayuruna (Matses) e Tyohom Dyapá. Além desses sete grupos existem também uma das maiores concentrações de povos que vivem em isolamento voluntário (índios isolados) no Brasil e, possivelmente no mundo”. Nesse sentido, é importante destacar que os Korubo e Tyohom Dyapá são indígenas de contato recente.

A diversidade dos povos indígenas no Vale do Javari é ampla e ainda é pouco conhecida, pois a TI Vale do Javari necessita de cuidados e proteção etnoambiental para garantir a proteção dos povos indígenas em recente contato e isolados. O Conselho Indigenista Missionário – CIMI é uma instituição que luta em prol dos direitos dos povos indígenas e assim podemos analisar os grupos de indígenas isolados no Vale do Javari:

> Outros grupos indígenas isolados no estado do Amazonas que merecem atenção especial são aqueles localizados na Terra Indígena do Vale do Javari. São ao todo 15 grupos isolados que historicamente mantém

> contatos esporádicos com os outros povos indígenas que habitam aquela terra indígena. Os povos indígenas do Javari enfrentam gravíssimos problemas de saúde, sobretudo em relação à hepatite, tuberculose e malária, com altos índices de mortalidade, devido a desassistência por parte do poder público. O risco de contágio por doenças dos grupos indígenas por isso é grande, agravada com as invasões de pescadores e caçadores, principalmente no verão (Conselho Indigenista Missionário, 2010, p. 131).

De acordo com a análise do CIMI, a TI Vale do Javari sofre agravos há anos com invasores que buscam realizar caça e pesca no território indígena. A movimentação de invasores é preocupante e a proteção aos povos indígenas, principalmente os povos indígenas de recente contato e isolados é alarmante. Durante as discussões veremos a denominação da palavra Mayuruna com algumas escritas como Matsés, Matses, Mayoruna e Maiuruna. De tal modo, apresentamos o significado da denominação Mayuruna, de acordo com Matos (2014, p. 09):

> A denominação "Mayoruna" tem sua origem nos documentos históricos produzidos a partir do século XVII por viajantes e colonizadores europeus, principalmente os missionários jesuítas das missões de Maynas, no Peru. O termo, de origem quéchua (mayu = rio; runa = gente) foi utilizado desde então para designar diversos povos que habitavam uma vasta área limitada a oeste pelo Huallaga, a norte pelo baixo Ucayali e alto Amazonas, a leste pelo rio Jandiatuba, e a sul alcançando as cabeceiras dos afluentes do rio Javari.

A denominação Mayuruna pode ser entendida por "rio de gente". É importante destacar que a denominação da formação da palavra foi dada por colonizadores. Os Mayuruna/Matsés residem na TI Vale do Javari. De acordo com Matos (2014, p. 08) "os Matses vivem na bacia do Javari, rio que em quase toda sua extensão constitui a fronteira Brasil-Peru".

A autora destaca que os Mayuruna/Matsés estão organizados tanto no Brasil como no Peru e que alguns residem em municípios próximos ao município de Atalaia do Norte, Amazonas, onde se situa boa parte da TI Vale do Javari como os municípios vizinhos de Tabatinga, fronteira com a Colômbia e Benjamin Constant, fronteira com o Peru, ambos municípios no Estado do Amazonas.

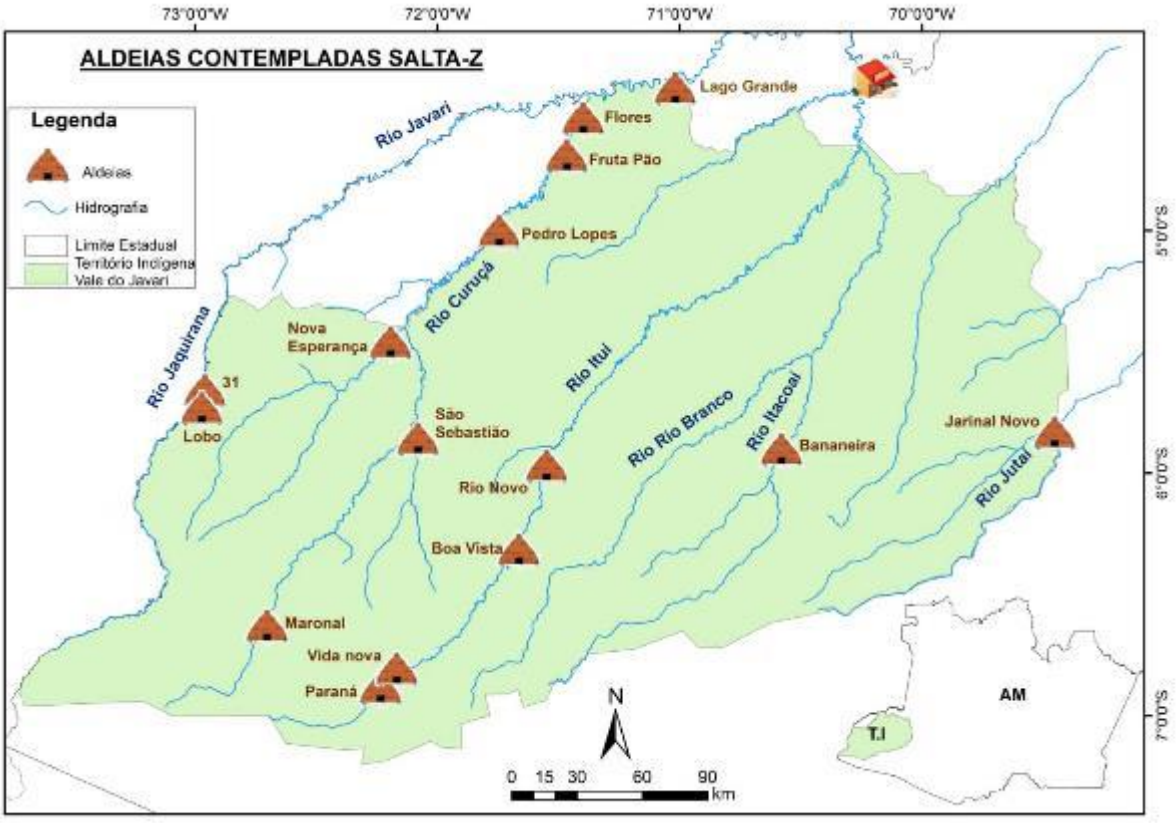
No Brasil os indígenas Mayuruna/Matsés residem nas calhas dos rios Jaquirana, Curuçá, Pardo e Javari. As principais aldeias são: Lobo, Trinta e Um, Soles e Cruzeirinhos, no rio Jaquirana. Já as aldeias Nova Esperança, Terrinha, Fruta-pão, Flores, Três José, localizam-se na calha dos rios Curuçá e Pardo. Os Mayuruna/Matsés falam a língua matsés, da família Pano, tanto no Brasil como no Peru. Algumas características

dos povos Mayuruna/Matsés foram se adequando no decorrer do tempo. Anteriormente os Matsés residiam em uma única maloca, mas atualmente cada família possui sua própria casa e usam remo, mas algumas já usam motor (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, 2012, p. 17).

Os Mayuruna/Matsés e os demais povos indígenas que residem no Vale do Javari têm grandes extensões de terra para o plantio de suas roças, e realizar atividades de caça e pesca, o que possibilita aos indígenas desenvolver meios de subsistência (Matos, 2014).

De acordo com Matos (2014, p. 08) "no Peru, a população Matsés é de 2.015 pessoas vivendo na Comunidade Nativa Matsés, em 14 aldeias nos rios Gálvez, Choba e Javari, além de 322 pessoas vivendo em vilas fora da Comunidade Nativa". A autora destaca a organização dos Matsés no Peru. Essa região faz fronteira com o Brasil destacando o município de Atalaia do Norte no lado brasileiro, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 03: Aldeias de fronteira do Vale Do Javari



Fonte**:** DSEI Vale do Javari, 2022.

Os Matsés, participantes de nossa pesquisa são residentes e domiciliados na Aldeia Lago Grande, comunidade que faz parte da TI Vale do Javari, situada à margem

do Rio Javari, fronteira entre Brasil e Peru, situado no município de Atalaia do Norte, Amazonas.

Quando se trata de “território” para os povos indígenas, inclusive os indígenas de fronteira, é importante uma análise além do termo da Geografia, pois se faz necessária uma dimensão da relação sociocultural para a definição desse conceito (Reis, 2012). Reis (2015, p. 33) destaca que a “territorialidade e uma identidade que não se restringe aos processos de territorialização empreendidos pelos Estados Nacionais estão sendo circunstancialmente acionadas diante da possibilidade de exploração petrolífera nos territórios indígenas”. Para os Matsés o território não se limita a fronteira entre Brasil e Peru, mas considerando a dinâmica sociocultural dessa população indígena.

O presente estudo foi realizado com a população indígena da etnia Mayuruna/Matsés, da Aldeia Lago Grande, sub-região do Médio Rio Javari, TI Vale do Javari, município de Atalaia do Norte, mesorregião do Alto Solimões, no Estado do Amazonas, região de fronteira com o Peru, com uma população estimada de 200 pessoas.

A distância do município de Atalaia do Norte até a aldeia tem a estimativa de 287 km, sendo que o acesso pode ser por embarcação de grande, médio e pequeno porte com duração de até 03 dias, dependendo do período de estiagem do rio e da embarcação. Em barco tipo balieira com motor 200HP a viagem é estimada entre 4h a 6h de viagem ou em helicóptero com estimativa de 35 minutos de voo direto.

Os critérios para escolha da população indígena da etnia Mayuruna/Matsés, foi a solicitação da própria comunidade enquanto realizava trabalho como assistente social da saúde indígena. A partir disso empreendeu-se esta iniciativa para realização de um trabalho científico relacionado à alcoolização que possa gerar produtos de promoção da saúde e segurança pública para essa população e região. A OGM e a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari – UNIVAJA acompanharam as etapas dos trabalhos em TI.

4.3 A HISTÓRIA DA ALDEIA LAGO GRANDE CONTADA PELOS MATSÉS

Nesta etapa da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o cacique e um líder indígena da comunidade afim de conhecer a história da comunidade sob o ponto de vista dos próprios Matsés. Os indígenas da Aldeia Lago Grande são oriundos da Aldeia Lameirão. Vejamos a fala do cacique G.M: “eu morava, eu cheguei a fazer na roça lá no Lameirão que a FUNAI que me deixou né? Que conflito com próprios meus parentes da Aldeia Lobo” (Entrevista, 2023). O cacique ainda destaca que:

> Em “Lameirão! Mas não tinha bebida de “alcolismo”, mas tinha nossa bebida própria “caiçuma”, só “caiçuma”, outro mingau de banana, mas não indígena branco, chegou nosso comunidade, chegou, é porque eles me falavam assim, aqui não é terra de vocês, aqui não é demarcação da terra de vocês é por isso perto, chegou na comunidade Lameirão entrou o não indígena branco e trouxe bebida, lá que começou pra tomar “alcolismo”, jovens, velho e o branco fazia dentro da comunidade Lameirão mesmo que festa, isso começava para tomar os jovens, mas até eu, ele também (Cacique) bebia, mas aconteceu lá no Lameirão, nós subimos Lago Grande, né? Mas no Lago Grande aconteceu de novo, né, e nós próprio comprou cachaça, algum comerciante traz nós comunidade, lá começou problema, problema. É, quando, pra ficar bêbado toma cachaça, meus parentes começa “reforcar” outros pra matar, né? As meninas para “reforcar”, mas também meu próprio pai mesmo que ficou bêbado ele mesmo enforcou porque ele queria dois mulheres, né? Meu próprio pai velho mesmo enforcou, isso aconteceu em meu comunidade, história, assim, sério mesmo em meu comunidade, assim surgiu a bebida “alcoolismo”, né? (Cacique G.M, Entrevista, 2023).

O cacique destaca que Lameirão não ficava dentro da Terra Indígena, como podemos analisar nesta fala: “não indígena branco veio para a comunidade, essa não é demarcação das terras indígenas e o branco nos expulsou, nós fomos pra Lago Grande!” (Cacique G.M, Entrevista, 2023). O líder indígena G.M.2 continua:

> Aí foi, inclusive foi o C. que tava no meio também, né? Aí vieram, termino de fazer limpeza de demarcação e voltou porque na verdade a gente morava na São Raimundo!” e também citou que “Isso. Aí, acho que foi em 1999, se não me engano. O Seu C. chegou lá falando que não era terra indígena, aí todo mundo saiu, inclusive quem chegou primeiro na aldeia Kanamari, no Irari, foi papai, né? (Líder G.M.2, Entrevista, 2023).

Para o líder indígena G.M.2, os Matsés do Lameirão (São Raimundo) não queriam morar no rio Curuçá devido sua distância. Então se organizaram para viver no rio Javari, na boca do Lago Grande, onde a comunidade chamava-se Aldeia Três José. “É muito longe, preferiu morar aqui no Javari mesmo. Aí o cacique Kanamari falou [...] fica lá no Lago Grande, cuida do lago, porque está entrando muito pescador” (Líder G.M.2, Entrevista, 2023). Após um período de 02 (dois) há 04 (quatro) anos decorrentes de alguns sinistros, os Matsés decidiram morar dentro do lago. A justificativa foi que:

> Aí chegamos lá diretamente lá fora, aí não tinha nenhuma pessoa que chegou de fora, quem era quem chegou foi do Fruta Pão, o J.G, só ele que chegou de fora. Aí fizeram abrir comunidade, ficou todo mundo lá, passou parece dois anos, quatro anos por aí assim, enchia muita água, porque na cheia é perigoso de cair criança, já caiu criança, “perdimos” criança, morreu dentro d’água afogado dessa situação a gente fomos pra

> dentro [...]. Pra dentro já. Aí abandoamos comunidade lá fora (Líder G.M.2, Entrevista, 2023).

Após o ingresso para construir uma nova comunidade dentro do lago definiram o nome da nova aldeia como Lago Grande. É o que nos conta o líder indígena: "aí quando entramos no lago colocamos Lago Grande" (Líder G.M.2, Entrevista, 2023). O cacique e o líder indígena destacam que próximo de sua aldeia está o Peru e nas proximidades há comunidades e comerciantes israelitas[12], bem como comunidades no Brasil da etnia Kanamari e que existe a presença de invasores nas imediações da Aldeia Lago Grande. Também foi informado que a população atual da aldeia é de 183 pessoas.

4.4 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos do Grupo de Discussão dos participantes indígenas compreendem 10 (dez) participantes indígenas, sendo 04 (quatro) mulheres indígenas e 06 (seis) homens, abrangendo agricultores, donas de casa, estudantes, comunicadores e lideranças indígenas. Foram selecionados de forma não probabilística e de oportunidade. Os participantes eram de ambos os sexos, todos com a identidade de gênero e cisgênero, com idades variando entre 22 (vinte e dois) e 52 (cinquenta e dois) anos, autodeclarados indígenas e com nível de escolaridade entre ensino fundamental incompleto, fundamental cursando, ensino médio incompleto e ensino médio cursando. Dentre os participantes, apenas 01 (um) do sexo masculino não tem família e filhos. Todos os demais participantes têm família e pelo menos 01(um) filho. Sobre a participação em denominação religiosa e igreja, 04 (quatro) informaram participar ativamente da denominação, sendo 02 (dois) homens e 02 (duas) mulheres. No entanto, 06 (seis) participantes informaram não frequentar nenhuma denominação religiosa, sendo estes 04 (quatro) homens e 02 (duas) mulheres.

Da mesma maneira, os sujeitos do Grupo de Discussão dos profissionais da saúde indígena compreendem 11 (onze) profissionais de saúde, abrangendo cirurgião dentista, farmacêutico bioquímico, psicólogo, nutricionista, geólogo, técnico de enfermagem e agente de combate às endemias. Todos foram selecionados de forma não probabilística e de oportunidade. Os participantes eram de ambos os sexos, todos com identidade de gênero e cisgênero, com idades variando entre 25 (vinte e cinco) e 47 (quarenta e sete)

[12] Membros da Associação Evangélica da Missão Israelita da Nova Aliança Universal do Peru.

anos, autodeclarados brancos, pretos, pardos e com nível de escolaridade entre ensino médio completo, nível técnico completo e nível superior completo. Em outros pontos, como o tempo de atuação na saúde, apresentam o tempo variado de 02 (dois) a 17 (dezessete) anos. Sobre as entradas na aldeia, afirmaram que as entradas eram de 01 (uma) a 10 (dez) e o tempo de permanência de 03 (três) dias até 120 (cento e vinte) dias.

Cabe destacar que o enfermeiro e o Agente Indígena De Saúde– AIS, não compareceram no momento da entrevista e no grupo de discussão. Todavia, informaram posteriormente que devido a urgências no trabalho não puderam comparecer. Já o médico, a equipe multidisciplinar de saúde indígena estava sem esse profissional em sua composição no momento das atividades.

4.5 PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Com base nos objetivos desta pesquisa, no dia 4 de agosto de 2023, das 8h às 9h, reunimos no turno matutino com os participantes profissionais de saúde para produção das informações. No 21 de novembro de 2023, das 14h às 17h, no turno vespertino, reunimos para produção das informações com os participantes indígenas. Na Rua Raimundo Gimaque do Nascimento, nº 770, Bairro Santa Luzia, Atalaia do Norte/AM, na sede do Distrito Sanitário Especial Indígena – Vale do Javari, foi realizada a entrevista semiestruturada para identificação socioidentitárias dos participantes. Em seguida foi realizado o grupo de discussão que contou com a participação voluntária dos mesmos, mediante assinatura do Termo de Consentimento e Esclarecido – TCLE e anuência das lideranças indígenas, associações e Distrito Sanitário Especial Indígena – Vale do Javari.

Os procedimentos para produção das informações da pesquisa foram: a) levantamento de literatura; b) pesquisa documental; c) entrevista semiestruturada; e d) grupo de discussão. O levantamento de literatura foi pertinente para avaliar de maneira crítica os trabalhos científicos já publicados inerentes a determinado tema. O processo de revisão de literatura possibilita ao pesquisador mais familiaridade com o tema escolhido com integração de estudos (Koller, 2014). A pesquisa documental considerou fontes variadas que ainda não foram tratadas analiticamente. Como salienta Gil (2002, p. 45), analisamos a compreensão desse instrumento:

> A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes/Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições

> dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

Durante a pesquisa documental foram explorados diversos tipos de fontes, incluindo revistas, jornais, relatórios e documentos oficiais. Essa investigação abrangeu ofícios, notas informativas, notas técnicas e cadernos de orientações técnicas da SESAI, FUNAI, OGM e UNIVAJA. O objetivo principal foi analisar estratégias voltadas para a prevenção do uso prejudicial de álcool com um enfoque específico na população indígena do Vale do Javari. Como resultado, a pesquisa contribuiu significativamente para a análise psicossocial dos fatores relacionados à alcoolização na Terra Indígena – TI Vale do Javari, visando propor produtos que possam subsidiar políticas públicas nas áreas da saúde, sociedade e segurança pública.

A entrevista semiestruturada é flexível com uma organização prévia da entrevista. As autoras Boni e Quaresma (2005, p. 75) explicam que a organização da entrevista semiestruturada:

> [...] combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha "fugido" ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

A entrevista semiestruturada, para o objetivo da pesquisa, foi de grande importância para a linguagem das perguntas. Contamos com a colaboração de tradutor experiente da língua pano da etnia Mayuruna/Matsés que atendeu aos indígenas que não falavam a língua portuguesa e prefiram responder as perguntas na língua nativa. Assim, as entrevistas semiestruturadas foram aplicadas para a identificação socioidentidária dos participantes indígenas e profissionais de saúde e também na contextualização da história da aldeia.

Segundo Meinerz, (2011, p. 486) "o grupo de discussão, referenciado na tradição da sociologia espanhola, consiste em uma importante prática qualitativa de análise social, na medida em que favorece uma profundidade e permite descobrir mecanismos sociais

ocultos ou latentes". Os discursos sociais são produzidos coletivamente no contexto da problematização do grupo. O grupo de discussão foi organizado com a participação da população indígena e profissionais de graduação, ensino médio e fundamental que atuam na saúde indígena para esclarecer de maneira qualitativa a compreensão e representações do grupo. Weller (2006, p. 249) ao argumentar sobre o grupo de discussão e o roteiro nos diz que:

> O tópico-guia de um grupo de discussão não é um roteiro a ser seguido à risca e tampouco é apresentado aos participantes para que não fiquem com a impressão de que se trata de um questionário com questões a serem respondidas com base em um esquema perguntas-respostas estruturado previamente.

Desse modo, o grupo de discussão entre a população indígena e profissionais de saúde possibilitou discussões sobre a visão sociocultural, psicossocial e de assistência à saúde. Com a anuência das lideranças indígenas, organizações da sociedade civil e instituições indigenistas foi garantida a autorização para adentrar à TI Vale do Javari. Conforme os objetivos da pesquisa, foram realizados 02 (dois) encontros com os grupos de discussão dos participantes indígenas e profissionais de saúde para desenvolvimento da produção das informações sobre a comunidade escolhida.

O momento inicial aconteceu com a organização em forma de uma roda de conversa, onde todos pudessem se ver e interagir. Em seguida, houve a dinâmica de apresentação do pesquisador com apresentação da proposta de pesquisa. O ambiente era seguro e a acústica adequada. Leu-se em seguida o TCLE que também foi traduzido para os participantes indígenas e em seguida foi aberto espaço para dúvidas e/ou esclarecimentos. Não houve questionamento referente à participação. De tal modo, iniciamos individualmente a identificação socioidentitária e logo depois o grupo de discussão. As etapas anteriormente descritas foram seguidas para os participantes indígenas e profissionais de saúde, porém para os indígenas houve traduções afim de melhorar a compreensão quanto as produções das informações na pesquisa.

As atividades de campo foram alteradas para a sede do município de Atalaia do Norte/AM devido a extrema seca que aumentou as despesas e custos na região do Alto Solimões, além das atribuições e competências inadiáveis do pesquisador em relação ao trabalho, o que levou a ausência no seu trabalho por um período superior a 02 (dois) dias, sendo que o previsto eram 10 (dez) dias de viagem considerando a ida, atividades de campo e a volta. A equipe de pesquisa foi composta por:

Quadro 03: Equipe da pesquisa

Nº	**Nome**	**Responsabilidade**
01	Mestrando Francisco Takmony Fernandes Dantas	Pesquisador responsável
02	Prof. Dr. Fábio Alves Gomes	Pesquisador orientador/relator
03	Cristina Comapa Rabelo	Pesquisadora auxiliar
04	Ezequiel Pisango Maiuruna	Presidente da OGM/tradutor indígena voluntário

Fonte: Autoria própria baseada no aporte teórico pesquisado (2023)

4.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

O procedimento para análise e interpretação de informações são os núcleos de significação. Nas palavras de Aguiar e Ozella (2006, p. 231) “os núcleos resultantes devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as suas determinações constitutivas”. A compreensão das representações e significados sociais e coletivos dos participantes contribuíram para o processo crítico de interpretação das informações.

As discussões da população indígena e profissionais de saúde estudados como objeto, possibilitaram desenvolver investigações dos sentidos significados produzidos a partir dos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, Nesse sentido, Gomes (2021, p. 73) destaca o processo de interpretação das informações:

> O procedimento de análise e interpretação das informações produzidas pela pesquisa propõe-se coerente com os pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético e da psicologia sócio-histórica. Para tanto, afirmamos a palavra com significado como unidade de análise, síntese histórico-social que determina a realidade e é por ela determinada, pois somente a objetivação dos processos interiores garante o acesso às formas específicas do comportamento superior em contraposição às formas subordinadas.

A análise das informações de forma crítica contribui para o processo de identificação dos sujeitos por meio de indivíduos e/ou grupos. Nesse sentido, Gomes (2021, p. 75) explica como deve ser organizado o material da pesquisa:

> Após a leitura do material analisado, empreende-se a nucleação e a nomeação dos núcleos de significação constituídos pela articulação dos indicadores em agrupamentos que expressem as mediações constitutivas do sujeito ou grupo. É o momento de enunciar a abstração possível depreendida do material empírico. Portanto, "o processo de construção dos núcleos de significação já é construtivo-interpretativo, pois é atravessado pela compreensão crítica do pesquisador em relação à realidade".

A compreensão do pesquisador desempenhou um papel crucial na formulação dos núcleos de significado, essenciais para captar a realidade local e desenvolver pré-indicadores e indicadores relevantes. Para analisar as informações, utilizamos os núcleos de significação. A construção desses núcleos envolveu leituras minuciosas das transcrições, identificando pontos-chave do grupo e selecionando as falas mais destacadas (pré-indicadores). Em seguida, houve uma articulação desses pré-indicadores com base em critérios estabelecidos (indicadores), resultando na formação dos núcleos de significação. Estes foram então relacionados entre si e com o contexto em que surgiram, além de serem contextualizados com a teoria subjacente. Ademais, a análise avançou para uma articulação entre os próprios núcleos (internúcleos), promovendo uma compreensão mais ampla e profunda do material estudado.

4.7 OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES

Quadro 04: Núcleos de significações e indicadores: participantes indígenas

Núcleos de identificação	Indicadores
As substâncias que alteram os sentidos: formas de beber, da "caiçuma" ao "álcool" e o contato interétnico. "Comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo."	**Os Matsés e sua relação com a "caiçuma" e o "alcoolismo":** "Quando eu tava novo, né? É no mato não tinha bebida assim "alcoolismo", tinha nossa própria bebida "caiçuma".
	Práticas associadas e a forma de beber tradicionalmente: "Essa "caiçuma" a gente bebe fazendo maloca, né? E que não tem bebida e comida, a gente faz o bebida para a roça, pescar na comunidade também".
	Segurança pública no território indígena e contato interétnico: "Como o comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo, boca do Lago Grande ali eles param e jovens vem pra comprar lá mesmo toma, né?"

Segurança pública e assistência à saúde no Vale do Javari associados aos aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool: "ele bateu na esposa. Aí vai se enforcar, se matar!"	**Uso prejudicial de álcool e suas expressões de violência:** "Ficar com raiva com as meninas com bebida alcoólica, ele bateu na esposa, a esposa foi falar mal dele, aí ele foi se "enfocar", ficou com raiva por causa da esposa dele. Aí vai se enforcar se matar!."
	Assistência à saúde na prevenção ao uso prejudicial de álcool: "É, como eu cacique e profissionais também trabalha nas aldeias se ele beber muita cachaça tem que chamar para orientar, que não podem beber muito tem que parar, profissionais também orientam, né?"

Fonte: Autoria própria baseada no aporte teórico pesquisado (2023)

Quadro 05: Núcleos de significações e indicadores: participantes profissionais de saúde

Núcleos de identificação	Indicadores
Formas de beber dos Matsés e a associação de bebidas não tradicionais, uma análise dos profissionais de saúde: "É o exagero, às festas, elas vão continuar, a comunidade vai continuar".	**Formas associadas dos Matsés e sua relação com o uso de substâncias tradicionais:** "Eles só vão trabalhar se levar a "caiçuma".
	Associação de bebidas não tradicionais no contexto indígena: "ali não falta cachaça, não falta corote[13]"
	Organização social, conflitos e intervenção religiosa: "desde a época que eu cheguei lá, a igreja, hoje foi fundada lá deu uma amenizada nesse negócio do álcool".
Segurança pública, influência interétnica e as ações de prevenção e promoção da equipe de saúde: "Vê o ponto de vista da comunidade em relação às drogas e os profissionais de saúde, as outras instituições estarem presentes, criar um material baseado naquilo que eles falam, que o profissional relata".	**Segurança pública, vulnerabilidade dos profissionais de saúde e indígenas na área de fronteira:** "A segurança também dos colegas de trabalho das meninas em relação a violência sexual. É consequência. Tanto as, as próprias indígenas, quantas colegas de trabalho. Ali não tem, porque todo mundo é vulnerável. Droga, álcool, assim, fazendo o que faz. E aí, tem que pontuar muito, muito a segurança".
	Ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento do uso prejudicial de álcool: "Deveria se fazer, tipo uma oficina com instituições indígenas dentro da comunidade. Vê o ponto de vista da comunidade em relação às drogas e os profissionais de saúde, as outras instituições estarem presentes, criar um material baseado naquilo que eles falam, que o profissional relata".

Fonte: Autoria própria baseada no aporte teórico pesquisado (2023)

[13] Bebida com alto teor alcoólico e custo considerado baixo.

5. ANÁLISE DE DADOS

5.1 AS SUBSTÂNCIAS QUE ALTERAM OS SENTIDOS: FORMAS DE BEBER, DA "CAIÇUMA" AO "ÁLCOOL" E O CONTATO INTERÉTNICO: "COMERCIANTE TRAZ CACHAÇA PRA VENDER NAS ALDEIAS HÁ MUITO TEMPO".

Entre os Matsés, as substâncias que alteram os sentidos são a caiçuma[14], veneno do sapo[15] e rapé[16].

A caiçuma é feita principalmente de macaxeira com cozimento estimado em 02 (dois) dias e preparado pelas mulheres. Segunda a participante_4_F: "só macaxeira mesmo, cozinha macaxeira faz caiçuma. São 02 (dois) dias" (Entrevista, 2023). A caiçuma também é feita de pupunha, como cita a participante_5_F: "tem mingau de pupunha igual do caiçuma" (Entrevista, 2023). Em análise ao grupo de discussão dos participantes indígenas fica evidente que a caiçuma é a principal bebida tradicional que altera os sentidos. O tempo e esforço dedicados à preparação da caiçuma também refletem a quantidade de trabalho investido nela, mesmo que não haja um planejamento específico para isso. Por outro lado, na produção de cachaça, não é necessário monitorar o tempo de preparo, o que pode ser uma diferença relevante a ser considerada.

No que se refere ao veneno do sapo e o rapé, o participante_9_M destacou que: "quando a gente toma "caiçuma", né a gente não tomar "rapé" ou "veneno do sapo", esse "veneno do sapo" é muito forte para tomar, separado a gente toma" (Entrevista, 2023). Portanto, os Matsés usam o veneno de sapo antes da caça e o rapé no cotidiano. Isso indica que em suas práticas tradicionais de uso de substâncias há cuidados específicos como evitar a mistura de substâncias diferentes e fortes.

---

[14]A caiçuma é uma bebida tradicionalmente consumida pelos Matsés, assim como por outros povos indígenas. Sua preparação inclui a fermentação de ingredientes como mandioca, banana e pupunha.

[15]O veneno do sapo é usado em práticas medicinais e rituais, e segundo os Matsés ajudam a tirar a preguiça e provoca alucinações.

[16] O rapé é o tabaco em pó que os Matsés cheiram em seu dia a dia e rituais, assim como fazem outros povos indígenas, de acordo com os Matsés.

O grupo demonstrou que as substâncias tradicionais que alteram os sentidos são predominantemente utilizadas pelos mais velhos, enquanto que os jovens são influenciados pela disponibilidade de bebidas não tradicionais. Isso indica a influência de comerciantes que utilizam balsas e canoas para vender bebidas como cachaça, corote e cerveja nos arredores e dentro da TI. Isso resulta em um comércio livre, sem fiscalização que viola inclusive os direitos territoriais dessa população. A seguir, apresenta-se recortes dos indicadores do grupo de discussão que apresentam significações aos participantes indígenas.

Recorte 1 – Indicador: Os Matsés e sua relação com a caiçuma e o alcoolismo: "Quando eu tava novo, né? É no mato não tinha bebida assim alcoolismo, tinha nossa própria bebida caiçuma". Vejamos as falas de alguns participantes desta pesquisa:

[Participante_1_M]: "**Quando eu tava novo, né? É no mato não tinha bebida assim "alcoolismo**", **tinha nossa própria bebida "caiçuma",** mingau de banana, mingau de milho, né? Existe agora os bebidas, o mingau de banana, o mingau de milho, né? **É, como eu sempre bebia o "caiçuma" junto com o meu pai**, né? Até agora, eu cheguei na comunidade Lameirão, é tinha bebida ainda nossa, própria bebida (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "Tem nossa bebida, existe, **hoje os jovens não tomam, remédio tradicional**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_1_M]: **"Não bebia! É, mas "caiçuma" bebia como vitamina com tem os brancos!"** (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_9_M]: "**Antes quando fazia roça, né? Os jovens se não tinha "caiçuma" de bebida, né? Eles não vai trabalhar na roça. Se tinha caiçuma eles vai trabalhar na roça, por isso que começou bebida**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

No grupo de discussão, destaca-se que antes do forte contato interétnico os Matsés consumiam a caiçuma com maior frequência, pois é uma sustância que altera os sentidos. Dessa maneira, falas como do participante_1_M destaca que "quando eu tava novo, né? É no mato não tinha bebida assim alcoolismo, tinha nossa própria bebida caiçuma" (Entrevista, 2023), isso sugere que o contato interétnico influenciou nas formas de beber dos Matsés. A noção de uma bebida própria pode ser comparada à ideia de algo feito sob medida, adaptado às práticas, dietas e necessidades específicas. Tanto à caiçuma feita de macaxeira e de pupunha, estes são alimentos ricos em nutrientes. Além disso, têm menor

teor de álcool e podem ser ajustadas conforme desejado, tornando-as mais suaves ou mais fortes, dependendo da preferência.

Em vista disso, nota-se na fala do participante_8_M que: “hoje os jovens não tomam, remédio tradicional” (Entrevista, 2023). Nesse caso, estão se referindo à caiçuma e que a caiçuma é como uma vitamina para os Matsés que dá disposição para caçar e trabalhar. Quando não tem a bebida tradicional os jovens não comparecem em atividades coletivas como o trabalho. Nos recortes 03 e 04 serão detalhadas as práticas associadas, a forma de beber tradicionalmente e a influência do contato interétnico. Nesse sentido, Souza e Garnelo (2006) corroboram para essa compreensão ao afirmarem que os trabalhos coletivos são fortalecidos com responsabilidades e objetivos comuns entre os indígenas. Bebidas tradicionais como o caxiri dos indígenas do Alto Rio Negro, assim como a “caiçuma” dos Matsés, como outras bebidas tradicionais, são muitas das vezes consumidas nas atividades coletivas.

Neste recorte, destaca-se que a caiçuma é utilizada na maioria das vezes pelos mais velhos e que os jovens estão vulnerais às bebidas não tradicionais. É importante ressaltar que as influências históricas e sociais moldam o comportamento tanto individual quanto coletivo, refletindo as características socioculturais das práticas e atividades relacionadas ao consumo da bebida tradicional.

Muitas vezes, essas práticas incentivam o desenvolvimento coletivo. Na fala do grupo, nota-se que esses momentos são preservados pelos mais velhos, mas pouco utilizados pelos mais jovens. Isso reflete uma mudança de geração, mediada pelas transformações histórico-sociais que se constituíram nas relações interétnicas, na qual os hábitos se transformam e surgem divisões em suas práticas.

Recorte 2 – Indicador: Os Matsés e sua relação com a caiçuma e o alcoolismo: “Quando eu tava novo, né? É no mato não tinha bebida assim alcoolismo, tinha nossa própria bebida caiçuma.

[Participante_1_M]: “**Lameirão começaram, entrou a bebida como alcoolismo, mas quando meus parentes bebia alcolismo,** álcool, né? **Acontecia muito problema, violência**, né? Isso eu pensei, como cacique. **Sentei com os professores lá Lago Grande, como a gente pode ajudar nossa comunidade, pode ajudar nossas pessoas, aldeia**, sentei junto com **Participante 6** com professores também **eu comecei fazer documento, vamos pedir outros parceiros para fazer orientar nós, né?** Como a gente vai parar para beber alcoolismo, por isso tá aqui papel importante, como eu cacique comecei pra, **pra pedir ajuda**, **porque eu não quero continuar entrar comunidade bebida, né?** Isso é, é, eu chamei as pessoas aqui do Lago Grande, né? **Eles quer aprender também, vou aprender com eles aqui também, nós**

todos, né? Eu comecei, já estão aqui papel, depois". Só isso ele falou o **Participante 6** vai complementar também!" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "Tem nossa bebida, existe, **hoje os jovens não tomam, remédio tradicional.** Para ficar muito forte pra acordar bem cedo assim, é, mas o hoje não gosta de beber, **costumam beber refrigerante alguma coisa assim não coisa dos indígenas**. Quem sabe são os mais velhos!" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "**Antes bebia assim. Hoje para jovem ficar bêbado!**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: "**Quando o pessoal inventa de comprar eles vão comprar, Né? Mas primeiro ficam bêbados com a caiçuma**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: "**Os que mais compram é os que ficam na cidade**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "**Corote, 51, 61 também**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_1_M]: "**falou e eu esqueci "quando nós ficamos no mato não tinha bebida, mas eu cheguei lá no Lameirão, começa alguns professor, como agente de saúde, as mulheres começaram a ganhar maternidade, bolsa família também. Lá começou entrou bebida"** (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "**Quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_1_M]: "**É na minha comunidade existe problema com bebida com álcool, foi quando beber, é os jovens, né? Meus jovens existe gosta de brincar com as mais pessoas como ele também gosta de brincar, mas existe essa violência, né? Quando toma bebida eles gostam de matar eles mesmo com a arma de fogo, enforcar, né? Pra eles mesmo. Isso aconteceu na minha comunidade. Como o comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo, boca do Lago Grande ali eles param e jovens vem pra comprar lá mesmo toma, né? Isso aí eu sempre orientei, não pode acontecer mais isso, vamos ouvir fala dos profissionais da saúde, né? Quando foi para nossa comunidade fizeram palestra que bebida causa doenças, né? Isso, sempre falo, falei orientei jovens, né? Não pode continuar, tem que parar né? Quais são futuro de nosso filho"** (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_9_M]: "**quando jovem ele bebia muito, no Lago Grande, eu parei um pouco, eu parei, idade dele chegou 52 anos, né? Mas também meu corpo causa algum problema eu não consigo trabalhar também na roça. As bebidas causam doença, né?** Eu orientei meu filho. Mas ele gosta de beber também gosta de sair para a festa também. Quando ele novo, bebia muito, mas agora parou. O filho dele gosta de beber, isso aconteceu na minha vida" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

Na análise da relação entre "ficar bêbado" e "problema com bebida", no sentido psicossocial, identificamos a presença de bebidas não tradicionais no ambiente da aldeia. Conforme indicado nas falas do grupo, na maioria das vezes são consumidas pelos jovens, e o seu uso é prejudicial, o que reflete em toda uma organização social da comunidade.

Anteriormente, o consumo de bebidas ocorria como parte de outras atividades como trabalhar ou celebrar, embora também pudesse resultar na alteração da consciência. Atualmente, observa-se uma mudança em que o consumo de bebidas com o objetivo específico de embriagar-se está se tornando mais comum. Portanto, "ficar bêbado" tornou-se o objetivo principal, enquanto antes, beber (e ficar bêbado) seria apenas um meio ou parte de um processo com outros objetivos. De acordo Hermano (2013), os efeitos e as consequências do uso prejudicial do álcool geram fatores como "violência", "discórdia" e a "dor". Em ambiente e culturas especificas, a introdução de bebidas alcoólicas possibilita o aumento de situações de vulnerabilidade e risco para a população indígena. Percebe-se, conforme relatos nos trabalhos dos grupos de discussões que estas situações já são constantes na realidade destas famílias.

Nesse sentido, o participante_1_M destaca que: "mas quando meus parentes bebia "alcolismo", álcool, né? Acontecia muito problema, violência, né?" (Entrevista, 2023). Desse modo, na exposição do grupo identificamos uma significação do uso prejudicial do álcool entre os Matsés que é atribuída à violência que acontece devido ao uso excessivo do álcool não tradicional.

Diante disso, quando o grupo falava em "violência", sempre em seguida ficava um silêncio entre os participantes e um desvio de olhar entre todos. Dessa forma, era retomado o tema de maneira leve e descontraída. Essa situação sugere que o tema da violência gera desconforto entre os participantes do grupo como indicado pelo silêncio que se segue após sua menção e pelos desvios de olhar. Provavelmente, a abordagem inicial desse assunto cria uma atmosfera de tensão ou constrangimento, levando os participantes a evitar o confronto direto com o tema. O retorno ao assunto de forma leve e descontraída pode indicar uma estratégia de alívio da tensão emocional, permitindo que o grupo continue a discussão de maneira mais confortável. Isso sugere uma sensibilidade em torno do assunto da violência com os participantes, buscando maneiras de abordá-lo de forma menos perturbadora.

Ressalta-se que o grupo reconheceu a influência da compra de bebidas alcoólicas por ter dinheiro proveniente do trabalho, por serem servidores na grande maioria da Prefeitura de Atalaia do Norte e do DSEI Vale do Javari, e/ou de benefícios sociais como o salário maternidade e do Programa Bolsa Família. Destaca-se a narrativa do participante_8_M: "quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade" (Entrevista, 2023).

Nota-se, uma contradição do ponto de vista coletivo, pois nem todos que trabalham e ganham benefícios compram bebidas alcoólicas. Todavia é uma informação relevante para tratar no recorte 04, de maneira especifica ligada à segurança pública e a influência do contato interétnico, o que nos faz questionar quem está atrás do dinheiro dos trabalhadores e beneficiários sociais indígenas referente à venda do álcool no Vale do Javari?

Recorte 3 – Indicador: Práticas associadas e a forma de beber tradicionalmente: "Essa caiçuma a gente bebe fazendo maloca, né? E que não tem bebida e comida, a gente faz a bebida para a roça, pescar na comunidade também".

[Participante_9_M]: "**Antes quando fazia roça, né? Os jovens se não tinha "caiçuma" de bebida, né? Eles não vai trabalhar na roça. Se tinha "caiçuma" eles vai trabalhar na roça, por isso que começou bebida**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_4_F]: "**Ela que faz "caiçuma" na aldeia e quando vão fazer a roça, os jovens vai pra beber, jovens não ficam bêbados assim, mas eles ficam normalentendeu?**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_5_F]: "**Essa "caiçuma" a gente bebe fazendo maloca, né? E que não tem bebida e comida, a gente faz o bebida para a roça, pescar na comunidade também**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_7_M]: "**Pra esses campeonatos, os caciques que liberam, que faz essas atividades!**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8-M]: "**Tem que fazer, quando vai tomar o "veneno de sapo" a gente prepara a "caiçuma", mingau de banana se tiver muito mingau a gente chama as pessoa para tomar dentro das malocas!**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "**Eu bebi pupunha de "caiçuma", né? Eu bebi uma panela, né? Pra sair para caçar muito longe, essa bebida é nossa é assim pupunha, né? É beber vai muito longe para voltar nossa casa.** E também tenho o meu sogro mais velho que ele toma o "veneno do sapo. Como eu moro na comunidade Nova Esperança como professor, como agente de saúde eles convidou outros parentes ficam perto da comunidade, né**? Por exemplo, os Marubo, eles, meu cacique, professores e fez muita caiçuma? Com o aniversário da comunidade, convidou outros parentes, fez assim na comunidade**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: "**Acho que é o que ele estava falando, né? O nosso também lá na comunidade, convidávamos os parentes Kanamari que não é muito longe é próximo! [...]** Era quando a gente fazia limpeza de comunidade, era mais rápido! [...] **Acho que uma partezinha, né? Porque agora a gente não é, sem bebida forte assim, "caiçuma" bebida forte eles não vão trabalhar entendeu? Quando tiver pouco assim pouco vai, resto vai o resto que não vão!**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_7_M]: "**Se não tiver a bebida! Os jovens não vai ajudar trabalhar na roça, se tiver bebida vai!**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: “**Quando o pessoal inventa de comprar eles vão comprar, Né? Mas primeiro ficam bêbados com a caiçuma**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_9_M]: “Quando a gente toma caiçuma, né a gente não tomar rapé ou “veneno do sapo”, esse “veneno do sapo” é muito forte para tomar, separado a gente toma” (Entrevista, 2023).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

As práticas associadas e a forma de beber tradicionalmente dos Matsés aparecem em espaços sociais como do trabalho coletivo com objetivos comuns entre os indígenas empenhados com esforços recíprocos.

O processo sócio-histórico demostra que o trabalho coletivo entre os povos indígenas e a bebida tradicional é uma das ferramentas para a cooperação na organização social dentro das comunidades. Segundo Ghiggi e Langdon (2014, p. 02) “o campo coletivo/social, no qual as práticas de beber são entendidas como um fenômeno construído por meio dos processos sócio-históricos”. As formas de beber tradicionalmente rementem às características socioculturais da organização dos povos indígenas.

O grupo de discussão deixa evidente que as atividades coletivas da comunidade estão vinculadas às formas de beber dos Matsés. A participante_5_F explica que: “caiçuma a gente bebe fazendo maloca, né? A gente faz o bebida para a roça, pescar na comunidade também” (Entrevista, 2023). Logo, o grupo deixa claro sobre um sistema de cooperação dentro da organização social dos Matsés. A maloca é um ambiente social que integra todos os indígenas que residem na aldeia e também nas atividades de pesca e caça é utilizada a caiçuma. A caiçuma, como anteriormente descrito pelos Matsés, é um tipo de vitamina que dá energia e disposição.

Nota-se que as bebidas tradicionais são consumidas entre os indígenas na execução de práticas de trabalhos coletivos como o trabalho na roça e caça. Os vínculos são fortalecidos com o esforço e o objetivo em conjunto (Souza e Garnelo, 2006).

O presente recorde do grupo também expõe a influência que a bebida tradicional tem nas atividades coletivas, como observa-se na fala do participante_7_M: “se não tiver a bebida! Os jovens não vai ajudar trabalhar na roça, se tiver bebida vai” (Entrevista, 2023). Desse modo, compreende que os mais velhos trabalham nas atividades coletivas

sem o estimulo da bebida tradicional. Com isso, os jovens só contribuem na linguagem do grupo quando se tem “caiçuma”.

Recorde 4 – Indicador: Segurança pública no território indígena e contato interétnico: “Como o comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo, boca do Lago Grande ali eles param e jovens vem pra comprar lá mesmo toma, né?”

[Participante_1_M]: “Também lá na minha comunidade tem perto **comerciante, como o israelita que vende lá, né, eles compram a cachaça, jogam, onde tem perto onde tem roça para vender bebida, álcool ou cerveja, por isso mesmo meus parentes bebem e traz pra comunidade,** assim aconteceu na comunidade” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: “**Quando o pessoal inventa de comprar eles vão comprar, Né? Mas primeiro ficam bêbados com a caiçuma**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: “**Os que mais compram é os que ficam na cidade**” (Entrevista, 2023, grifo nosso)

[Participante_8_M]: “**Corote, 51, 61 também!** [...] **Quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade! [...**] **Quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_9_M]: “**Alguns compram na cidade levam para as aldeias, se não tiver compram lá mesmo que leva dinheiro**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: “**Saúde deles, procuram tirar sangue deles!** (invasores) [...]**Aí é tudo (brasileiro e peruano)**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_3_F]: “Pescador!” (Entrevista, 2023).

[Participante_6_M]: “**Vão, vão. Porque é fronteira!**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_1_M]: “**que alguns entra na minha comunidade ali eles quer o “rapé” como eu cacique eu não deixo ensinar assim outras pessoas, também entra comerciantes levam muito cachaça, mas eu como cacique não deixo pra comunidade, eu expulsei, é porque não conhecido entra na minha comunidade eu não deixo pra entrar é porque outras pessoas não conheço levas as coisas também, as doenças, assim, eu não deixei para entrar, também o pescador eu não deixo entrar no lago**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_3_F] “Só deixa para atendimento” (Entrevista, 2023).

[Participante_8_M]: “**Comerciante entra na comunidade para vender, leva pão pra vender, açúcar, bolacha**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_1_M]: “**É na minha comunidade existe problema com bebida com álcool, foi quando beber, é os jovens, né? Meus jovens existe gosta de brincar com as mais pessoas**

como ele também gosta de brincar, mas existe essa violência, né? Quando toma bebida eles gostam de matar eles mesmo com a arma de fogo, enforcar, né? Pra eles mesmo. Isso aconteceu na minha comunidade. Como o comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo, boca do Lago Grande ali eles param e jovens vem pra comprar lá mesmo toma, né? Isso aí eu sempre orientei, não pode acontecer mais isso, vamos ouvir fala dos profissionais da saúde, né? Quando foi para nossa comunidade fizeram palestra que bebida causa doenças, né? Isso, sempre falo, falei orientei jovens, né? Não pode continuar, tem que parar né? Quais são futuro de nosso filho" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_4_F]: "Antes quando ela tava no Lago Grande até 13 anos as meninas bebiam álcool, mas aconteceu na minha comunidade, mas até agora existe na minha comunidade não bebe, parou um pouco, não sei porque, nossa comunidade existe nossa **igreja** lá, mas alguns jovens ainda tomam, mas gasolina eu não vi hoje bebendo, os álcool nas aldeias" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: "**Acho que é verdade porque antigamente em 2014 a gente perdemos um monte de menina de 15 anos porque tinha muita bebida nessa época quando bebia enforcava! [...]**Jovens meninas! [...] **Eu perdi até o meu tio também**! [...] Agora como existe na aldeia **igreja**, muito tipo de igreja tem muitas pessoas que gosta e num gosta, agora não está tendo muito esses problemas porque parou um pouco" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "**Que próprio professores mesmo bebia e se enforcou na comunidade dentro da comunidade!**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_6_M]: "Mas nunca aconteceu isso mais, com a **igreja** lá os caras pararam de beber!" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "Como eu jovem, antes, quando comecei cresci eu não gosto de bebida, tomar cerveja nela, mais bebida, mais. Como outros meus colegas, eles me ensinam, né? Vamos tomar pra beber. Eles levam na festa, lá, eu, eu, como eu aprender assim. **Mas outros caras me chamavam, mas eu não quis assim tomar assim, cerveja, álcool, né? Eu comecei pra beber, mas. Assim acostuma o jovem né?**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_2_M]: "**Meu irmão pode me orientar, né? O que eu posso beber agora, bebida alcoólica alguma coisa assim, se ele não obedecer eu posso enforcar e ficar triste. Nunca obedecia**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_1_M]: "Tem uma pessoa lá que gosta de beber cachaça, né**? É, como eu cacique e profissionais também trabalha nas aldeias se ele beber muita cachaça tem que chamar para orientar, que não podem beber muito tem que parar, profissionais também orientam, né?** Não pode ficar assim, a gente faz as orientações nas aldeias" [...] ela tá falando quem acostumou essa a beber álcool, continua a beber, mas alguns jovens não, não tá tomando a cachaça mais. É, o jovem está participando da nossa comunidade da igreja, né? Alguns mais jovens não tomam" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_9_M]: "Alguns **pescadores** entrando na Terra Indígena, ele sempre comunicando aqui, no base, na FUNAI, comunicando Terras Indígenas pescador eles vão fiscalizar, pra Polícia Federal**,** mas o Ibama tem quem fiscalizar também. Tem que fiscalizar o alcoolismo que acontece nas aldeias. **Tem que fiscalizar**. Isso é mais importante. Se é problema de entrar pescador nas aldeias, soldado para fiscalizar Terra Indígena isso tá acontecendo!" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

O uso prejudicial de álcool para os Matsés da Aldeia Lago Grande tem forte influência do contato interétnico. Conforme a socialização do grupo de discussão que destaca os comerciantes como os principais atores que facilitam o acesso ao álcool não tradicional nas proximidades da TI Vale do Javari, a fala do participante Participante_1_M nos diz que: "também lá na minha comunidade tem perto comerciante, como o israelita que vende lá, né, eles compram a cachaça, jogam, onde tem perto onde tem roça para vender bebida, álcool ou cerveja, por isso mesmo meus parentes bebem e traz pra comunidade, assim aconteceu na comunidade" (Entrevista, 2023). O participante_6_M também evidencia que: "quando o pessoal inventa de comprar eles vão comprar, Né? Mas primeiro ficam bêbados com a caiçuma. Os que mais compram é os que ficam na cidade" (Entrevista, 2023). Em vista disso, apresenta-se um novo elemento para analisar as significações produzidas pelo uso prejudicial do álcool. Há indígenas que ficam bêbados com a caiçuma e após isso partem para a compra de bebidas alcoólicas. A afirmativa que os indígenas que mais compram bebidas são os que permanecem mais tempo na cidade também é um forte indicador da influência nos modos de beber dos povos indígenas.

O participante_9_M destaca que: "Alguns compram na cidade e levam para as aldeias, se não tiver compram lá mesmo que leva dinheiro" (Entrevista, 2023). Nesse ponto, o grupo afirma ter livre comércio na aldeia, pois o "comerciante entra na comunidade para vender, leva pão pra vender, açúcar, bolacha" (Entrevista, 2023). Desse modo outros itens como o álcool são adquiridos facilmente na sede do município de Atalaia do Norte-AM, em comércios tipo balsa no rio Javari e comerciantes ambulantes que adentram à TI. Isso implica em uma zona de livre comércio, o que nos faz refletir sobre o que está em jogo na região? Na visão de Souza e Garnelo (2006), o contato interétnico possibilitou a inserção da cachaça que os colonizadores usaram ativamente como ferramenta de escravização. Porém, percebe-se, conforme o relato do grupo que esta prática ainda é frequentemente utiliza no caso dos indígenas Matsés.

O grupo também destaca que quem recebe alguma fonte de renda por trabalho ou benefício social é quem na maioria das vezes faz aquisição do álcool como corote, 51 e 61, como expõe o participante_8_M: "corote, 51, 61 também! Quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade! [...] Quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade" (Entrevista, 2023). Isso indica que o álcool está mais acessível para quem tem alguma fonte de renda mensal. Percebe-se, assim, uma relação

de cliente e comerciante, mesmo em uma das regiões de mais difícil acesso da Amazônia brasileira. Para Braga (2019, p. 66):

> Um fato importante [...] é sobre a associação do benefício com a compra de bebidas alcoólicas. Na pesquisa dessa autora, as indígenas não associavam o benefício com esse tipo de gasto. Elas mencionaram que os consumidores de bebidas alcoólicas são homens que trabalham na aldeia (plantação e pesca), os quais vendem seus produtos e gastam o dinheiro com bebidas alcoólicas e/ou drogas. Entre os Xerente, as mulheres consideravam importante o cartão ser em nome delas, pois muitos homens poderiam comprar bebidas no lugar de comida.

Tendo em mente esses pontos para os Xerente, o uso prejudicial de álcool está associado aos homens. As mulheres Xerente consideram pertinente que o cartão do benefício esteja sem suas titularidades, pois temem que muitos homens possam usar o dinheiro para comprar bebidas alcoólicas em vez de comida. Esta é uma preocupação sobre os potenciais riscos associados ao uso prejudicial de álcool, todavia, no relato do presente grupo de discussão associa-se o uso prejudicial do álcool com renda oriunda dos benefícios e trabalho. Isso pode nos indicar que homens Matsés, em parte, são agentes do uso do dinheiro do trabalho e/ou benefício para uso de álcool.

A igreja local da aldeia foi colocada pelo grupo como um importante regulador das expressões do uso prejudicial do álcool não tradicional. Em levantamento de informações, apurou-se que na Aldeia Lago Grande, desde 2002, até hoje (2024), existe um movimento religioso evangélico sem denominação de igreja. O participante_6_M, o senhor M. Mayuruna (pastor indígena), realiza os cultos na forma dos Matsés, com leitura da bíblia. Os membros evangélicos não impõem regras ou obrigações que interfiram à cultura, mas baseiam-se nos princípios bíblicos.

Não existe afiliação com nenhuma denominação religiosa ou missionários devido a problemas passados de interferência religiosa. Conforme o participante_1_M, as atividades da igreja não afetam a cultura, como por exemplo, proibindo os Matsés de terem mais de uma companheira, no uso de vestimentas tradicionais ou de consumir a caiçuma. No entanto, eles trabalham para orientar sobre o uso não tradicional do álcool e a violência. Uma minoria da população da comunidade participar das ações religiosas. Como nos relata o participante_6_M]:

> Acho que é verdade porque antigamente em 2014 a gente perdemos um monte de menina de 15 anos porque tinha muita bebida nessa época quando bebia enforcava. Jovens meninas. Eu perdi até o meu tio também. Agora como existe na aldeia **igreja**, muito tipo de igreja tem muitas pessoas que gosta e num gosta, agora não está tendo muito esses

> problemas porque parou um pouco. Mas nunca aconteceu isso mais, com a **igreja** lá os caras pararam de beber (Entrevista, 2023, grifo nosso).

A igreja pode nos indicar uma contradição da compreensão dos Matsés relacionada ao uso prejudicial do álcool. Parte do grupo afirma que a igreja ajudou na diminuição do uso do álcool e do suicídio tendo apoiadores ou não. Mas por outro lado existe o interesse das igrejas no processo de evangelização dos indígenas. Por outro lado, segundo Castelo-Branco (2021, p. 06):

> Estudo mostrou que a prática da religião é fator protetivo para a diminuição do consumo exagerado e apontou influência da igreja como medida redutora do consumo de bebidas alcóolicas, pois os praticantes adotaram a postura da "substituição da bebida alcoólica pela aceitação da palavra de Deus" e assumiram comportamentos em que a bebida não faz parte do cotidiano. Os indivíduos que passaram pela conversão religiosa deveriam seguir regras rígidas de conduta e, entre elas, está a proibição ao uso de bebidas alcoólicas.

Destaca-se na análise da autora que a igreja é uma agente que reduz o uso prejudicial de álcool. Além disso, a autora menciona que os convertidos à religião seguem regras rígidas de conduta, como a proibição do consumo de bebidas alcoólicas. Isso indica que a conversão religiosa pode alterar o comportamento do sujeito em relação ao uso do álcool. Todavia, Manzo (2023, p. 142-143) realiza entrevista com um Matsés sobre a introdução da religião:

> Aí, alguns tempos que vieram os próprios Matsés ao lado do Brasil e disseram que iam oferecer a palavra de deus, o próprio Matsés mesmo. No lado do Brasil, [...] se ofereceu para receber eles na aldeia e entender o que eles querem, que vão dizer, até nossos caciques não sabiam o tal de Jesus, de bíblia, começaram a pregar frente ao povo, dizendo que Jesus é bom. Mas quem ensinou eles? Eles falavam o nome do SIL, que disse que é bom, se você crê na palavra de deus a gente seria um espírito bom, falava muitas coisas porque vocês não sabem. Se você crê não pode bater na esposa, não pode brigar com as famílias, não pode envolver aqueles bebidas alcóolicas dos não indígena, não pode fumar tabaco e roubar, todas essas coisas eu entendi assim. Ficamos mais uma semana, e depois voltava, mais de 20 anos e começou a surgir dentro de nossa comunidade, como o rapaz que era meu primos mesmos, que foram no Peru e ficaram mais de um mês, saíram para estudar a palavra de deus (Gonçalo Mayuruna, entrevista realizada no dia 27 de agosto de 2022).

A autora apresenta um pouco da introdução do cristianismo entre povos indígenas Matsés e suas implicações culturais. O relato do entrevistado evidencia as práticas e comportamentos que a igreja influência na comunidade como a proibição de

comportamentos de violência doméstica, consumo de álcool, tabaco e roubo. Isso indica como a religião pode moldar valores e normas sociais dentro de uma comunidade. Com isso, a autora deixa claro a importância de abordagens sensíveis e respeitosas ao lidar com questões religiosas dentro das comunidades indígenas. O entrevistado não faz parte da Aldeia Lago Grande, mas apresenta um cenário da presença da religião para esse povo.

Parte do grupo destaca que a igreja contribui significativamente para a prevenção do uso prejudicial do álcool e as violências. É essencial questionar se essa abordagem realmente tem um impacto significativo. Como explicar, então, o consumo significativo de álcool em muitas aldeias evangélicas no Alto Solimões, por exemplo? E quais são as consequências disso? Ou seja, quais outras práticas são alteradas pelas igrejas?

5.2 SEGURANÇA PÚBLICA E ASSISTÊNCIA À SAÚDE NO VALE DO JAVARI ASSOCIADOS AOS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL: “ELE BATEU NA ESPOSA. AÍ VAI SE ENFORCAR, SE MATAR”

Para falar sobre uso prejudicial do álcool em populações culturalmente diferenciadas deve-se conhecer aspectos associados às delimitações do conceito impreciso de “alcoolismo” (Souza e Garnelo, 2006, p. 289). O álcool, utilizado de maneira prejudicial pode gerar expressões sociais de violências dentro das aldeias e entre os indígenas como agressões físicas, verbais e até mesmo o suicídio. A expressão do título deste tópico destaca que “ ele bateu na esposa. Aí vai se enforcar, se matar”. Esse trecho liga-se ao objetivo da nossa pesquisa em investigar às significações do uso prejudicial de acordo com apontamento do grupo de discussão. Destaca-se, no recorte abaixo, a análise das significações ligadas ao uso prejudicial do álcool e as expressões de violência.

Recorte 5 – Indicador: Uso prejudicial de álcool e suas expressões de violência: “Ficar com raiva com as meninas com bebida alcoólica, ele bateu na esposa, a esposa foi falar mal dele, aí ele foi se enfocar, ficou com raiva por causa da esposa dele. Aí vai se enforcar se matar”.

[Participante_6_M]: "**Acho que é verdade porque antigamente em 2014 a gente perdemos um monte de menina de 15 anos porque tinha muita bebida nessa época quando bebia enforcava! [...]**Jovens meninas! [...] **Eu perdi até o meu tio também**! [...] Agora como existe na aldeia **igreja**, muito tipo de igreja tem muitas pessoas que gosta e num gosta, agora não está tendo muito esses problemas porque parou um pouco" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "**Que próprio professores mesmo bebia e se enforcou na comunidade dentro da comunidade!**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).
[Participante_2_M]: "**Ficar com raiva com as meninas com bebida alcoólica, ele bateu na esposa, a esposa foi falar mal dele, aí ele foi se "enfocar", ficou com raiva por causa da esposa dele. Aí vai se enforcar se matar**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).
[Participante_6_M]: "Nós "perdimos" dois menino em 2015 por **causa de namorado**, o namorado bebia e **começava a discutir**, chegava em casa, a mãe também começou a discutir aí!" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_5_F]: "Tá falando antes eu bebia muito, bebia muito pouco, meus marido bebe, mas nunca aconteceu briga**. Quando eu tava na comunidade meu marido bebia escondido, mas agora parou já.** Nunca beber assim alcoolismo" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

O grupo de discussão dos indígenas Matsés destaca o suicídio de adolescentes. No ano de 2014 e 2015, este foi um dos principais fatores prejudiciais vinculados ao uso do álcool. Todavia o grupo expressa que a chegada da igreja foi benéfica para a redução desses agravos.

Por outro lado, o grupo destaca que as principais causas das expressões de violência estão ligadas a relacionamentos amorosos como podemos observae na fala do participante_2_M: "Ficar com raiva com as meninas com bebida alcoólica, ele bateu na esposa, a esposa foi falar mal dele, aí ele foi se enfoca", ficou com raiva por causa da esposa dele. Aí vai se enforcar se matar!" (Entrevista, 2023). A participante_6_M comenta que "nós perdemos dois menino em 2015 por **causa de namorado**, o namorado bebia e começava a discutir, chegava em casa, a mãe também começou a discutir aí!" (Entrevista, 2023, grifo nosso). Nesse sentido, evidencia-se a violência contra a mulher por meio de agressões físicas e verbais. Os agressores com os sentidos alterados por causa do uso prejudicial do álcool tentam o suicídio. (grifo nosso).

No entanto, voltamos a discutir o contato interétnico que de acordo com o grupo facilita claramente o acesso ao álcool. De outro lado, a igreja é vista por alguns participantes como um mecanismo de controle das expressões de violência oriundas do uso prejudicial do álcool e/ou de outros fatores. Na compreensão de Guimarães e Grubits (2007, p. 48):

> [...] o alcoolismo alcança proporções epidêmicas e está relacionado diretamente à problemática da violência em geral, violência seguida de morte, suicídios, acidentes. Acrescente-se que as tentativas e o suicídio propriamente dito, podem ser entendidos como atos que expressam a gravidade do conjunto dos problemas vividos pela população indígena, o que neste caso é entendido como um indicador agregado da tensão social e da impotência pessoal e social para com a solução dos problemas que permeiam todos os níveis de vida da população.

Em resumo, as autoras destacam a relação entre alcoolismo e problemas sociais. A incidência do uso prejudicial do álcool está conectada a vários problemas sociais, incluindo a violência, morte, suicídios. Isso indica que o consumo de álcool pode contribuir para o aumento da incidência desses problemas dentro das comunidades indígenas. Além disso, neste caso, também está ligada a violências externas à comunidade, aos invasores (das diferentes economias) e em relações tensas ou diretamente de ameaça e violência com as comunidades.

Recorde 6 – Indicador: Assistência à saúde na prevenção ao uso prejudicial de álcool: "É, como eu cacique e profissionais também trabalha nas aldeias se ele beber muita cachaça tem que chamar para orientar, que não podem beber muito tem que parar, profissionais também orientam, né?"

[Participante_1_M]: "tem uma pessoa lá que gosta de beber cachaça, né**? É, como eu cacique e profissionais também trabalha nas aldeias se ele beber muita cachaça tem que chamar para orientar, que não podem beber muito tem que parar, profissionais também orientam, né?** Não pode ficar assim, a gente faz as orientações nas aldeias" [...] ela tá falando quem acostumou essa a beber álcool, continua a beber, mas alguns jovens não, não tá tomando a cachaça mais. É, o jovem está participando da nossa comunidade da igreja, né? Alguns mais jovens não tomam" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_8_M]: "O psicóloga, né? Para ir para a comunidade para asa aldeias juntos com **profissionais**, professores, cacique para chamar pra fazer **palestras, né?** Acho melhor assim, pra psicóloga tem experiência para orientar as pessoas. Não pode ficar assim. Acontecer. Porque a comunidade lá acontece suicídio lá, enforcar. Mas tem que ir palestras para as aldeias. Jovens, não pode acontecer as meninas, né? As meninas novas. Te que parar assim. Tem que orientar. Eu acho!" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_5_F]: "Porque existe **equipe da SESAI** também, como saúde indígena. Saúde indígena é saúde indígena, né? Mas é para fazer alguma coisa de lá" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Participante_2_M]: "Esse bebida alcoólica, né? Que nem o **Participante 8** falou se a gente pode beber entre nós colega, briga, aí **os profissionais ficam preocupados**, o AISAN, os profissionais falam pode acontecer isso, um dia a gente pode escutar, no dia que a gente pode beber acontece" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

Neste recorte, o grupo destaca a importância da equipe de saúde no processo de educação em saúde. O grupo aponta palestras como a principal atividade a ser desenvolvida pela saúde e reconhecem que os próprios profissionais de saúde ficam preocupados com o uso prejudicial do álcool e os problemas que podem ocorrer na comunidade. O grupo coloca como forma de reivindicação a necessidade da presença do profissional de psicologia incluído na equipe de saúde que atua na aldeia. Com isso, o participante_8_M frisa que:

> O psicóloga, né? Para ir para a comunidade para asa aldeias juntos com **profissionais**, professores, cacique para chamar pra fazer **palestras, né?** Acho melhor assim, pra psicóloga tem experiência para orientar as pessoas. Não pode ficar assim. Acontecer. Porque a comunidade lá acontece suicídio lá, enforcar. Mas tem que ir palestras para as aldeias. Jovens, não pode acontecer as meninas, né? As meninas novas. Te que parar assim. Tem que orientar. Eu acho! (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Do mesmo modo, para o grupo o psicólogo é fundamental nas ações educativas de prevenção ao uso prejudicial do álcool. Ficou evidente a insatisfação do grupo com a pouca periodicidade do profissional atuando na aldeia. Isso se dá pelo fato de existe apenas um profissional de psicologia do DSEI Vale do Javari para todo o território, o que inviabiliza a permanência desse profissional em uma única equipe.

Para Mangueira *et al*. (2005, p. 161) "a literatura pesquisada ressalta a necessidade de políticas públicas direcionadas a populações vulneráveis, tais como mulheres, adolescentes e indígenas", enquanto que as mulheres e indígenas ainda são tratados de forma pontual por tais políticas quando se trará do uso prejudicial de álcool. Os autores ressaltam a importância de políticas públicas direcionadas a populações vulneráveis como a população indígena com abordagens específicas e direcionadas, reconhecendo as necessidades e desafios de cada povo.

Nos próximos capítulos, passaremos a analisar as significações do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Matsés produzidos por meio do grupo de discussão com os profissionais de saúde.

5.3 FORMAS DE BEBER DOS MATSÉS E A ASSOCIAÇÃO DE BEBIDAS NÃO TRADICIONAIS, UMA ANÁLISE DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE: "É O EXAGERO, ÀS FESTAS, ELAS VÃO CONTINUAR, A COMUNIDADE VAI CONTINUAR".

Os profissionais das Equipes Multidisciplinares de Saúde Indígena são atores fundamentais na assistência à saúde e na prevenção do uso prejudicial do álcool, assim como nas demais comunidades. Neste momento, iremos analisar as significações do uso prejudicial do álcool com significações sob o ponto de vista dos profissionais de saúde.

Recorde 7 – Indicador: Formas associadas dos Matsés e sua relação com o uso de substâncias tradicionais: "Eles só vão trabalhar se levar a "caiçuma".

[Profissional_1]: "No Lago! No Lago, Lago toda**, toda coisa que eles vão fazer, tipo, vão capinar vão a roça**, onde eles faz 3 dia antes "**caiçuma**". Eles só vão trabalhar se levar a "**caiçuma**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_6]: "Aham, ainda coloco a **Cachaça** dentro" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_1]: "Junto com a **bebida tradicional**! Misturam! **Geralmente, esses momentos que eles vão fazer algum tipo de trabalho! [...]** Aham, eles avisam antes. **Não, a gente vai limpar a roça**, **de fulano de tal. Então a gente vai cair na comunidade ao redor da escola, aí só vão se tiver a caiçuma** As **festas** deles também" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_4]: "**Os torneios que eles fazem de futebol**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_5]: "É como o Profissional 1 falou, né, Profissional 4? Não sei se tô enganada, na época que a gente trabalhava lá, não tinha tanta "caiçuma", era cachaça no suco, entendeu? Né? Profissional 4? Era difícil ter a "caiçuma". [...]Eles não tinha esse costume de ter a "**caiçuma", era mais cachaça**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_6]: "Pelo que eu vi lá, teve uma vez que, acho que foi a mulherada que fizeram para dar para os homens que iam Trabalhar, mas não tinha, é, não era fermentada. Mas só que aí depois, na tarde, quando foi na tarde, o AIS mesmo falou que já tinha levado a que era fermentada. Tipo assim. **Quando foi o dia do índio**, né? Que eu tava lá, eles fizeram e deram até com as criancinhas, mas não era é" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: **"**Já reúne as outras aldeias ali em torno, né? Aí a gente percebe o que, Takmony. **Que tipo a questão da tradição da cultura está se perdendo?** Na verdade, **já tá só por um fio, né? Porque tu tem uma tradição bonita. Tu tem uma tradição linda ali que tu já não está dando valor. A comunidade não tá dando valor e aí tu já pega dessa tradição, está comemorando, mas aí tu já estende para uma coisa que é prejudicial. Né? Então esse tipo de coisa que se tem que resgatar na comunidade, né, que já vem sofrendo há muito tempo"** (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_1]: "Mais é rapé! Mas só que eles usam o rapé diariamente, não, não misturam com negócio de álcool não" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_4]: "E poucas pessoas faz, utilizam o rapé" (Entrevista, 2023).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

O grupo de discussão dos profissionais destaca que “toda coisa que eles vão fazer, tipo, vão capinar vão a roça, onde eles faz 03 dia antes caiçuma” (Entrevista, 2023). Eles só vão trabalhar se levar a caiçuma. Essa significação vai ao encontro da fala do grupo de discussão dos participantes indígenas. A participante_5_F explica: “caiçuma a gente bebe fazendo maloca, né? A gente faz o bebida para a roça, pescar na comunidade também” (Entrevista, 2023). Dessa forma, os vínculos são fortalecidos em prol de um objetivo comum à comunidade.

Os profissionais têm um entendimento da influência da caiçuma nas atividades coletivas da comunidade, incluindo o trabalho conjunto na construção ou reparo de uma maloca e eventos como festas e torneios de futebol. Todavia, apesar de os indígenas afirmarem que não misturam caiçuma e cachaça, os profissionais de saúde observam que eles frequentemente as utilizam de forma combinada.

Recorte 8 – Indicador: Associação de bebidas não tradicionais no contexto indígena: “Ali não falta cachaça, não falta corote”.

[Profissional_6]: “Aham, ainda coloco a **Cachaça** dentro” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_1]: “**Cachaça**, álcool (álcool etílico) o que tiver eles põe dentro para ficar mais forte! Principalmente ali o Lago, por ser muito próximo ali, da, daquelas Balsas ali, **M.**, perto ali do Irari dos brancos, **ali não falta cachaça, não falta corote**. E é bem perto aí pra eles não faltam acesso para eles é livre” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_6]: “**E da vez que eu tava lá até essa M. Ela vai até o Lago Grande pega os pessoal para trabalhar para ela, aí trabalha em recompensa ela dar a bebida**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_1]: “**E lá também nesta minha permanência aí, eu nem sabia que um parente vendia bebida lá (na Aldeia Lago Grande)**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_4]: “Quando o enfermeiro chegou lá, eles não... incompreensível... não mexiam no álcool, mas como não mexem no **álcool**? **Claro que tem cerveja no outro lado vão estar bebendo álcool aí!**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_2]: “Porque tem a **bebida fáci**l, e a **bebida fácil, não vão mexer**!” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_10]: “Mas eles têm a capacidade de **pedir o álcool**, por exemplo, nós da equipe odontológica que anda com concentração de álcool, né? [...]Caixa, né? Eles pedem da gente, né? A. A vez que eu fui lá, eles pediram, né? Eu tava no, atendimento na escola e eles, na frente da escola tem um banco, um banco comprido, não sei se esse banco ainda existe, né? Eu não sei se é debaixo do pé de mangueira, se é de um Jambeiro. Né? Ali, uma concentração deles estarem lá, né? Eles pedem, claro, a gente infelizmente não dar, têm uns que ficam chateados, mas e mais eles pedem!” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_3]: “O que vem a ser a consequência do álcool? **É o exagero, às festas, elas vão continuar, a comunidade vai continuar é tão problemático que alguns teóricos já pontuam como questão social**. Além da saúde. Vamos focar também que daqui eu também eu vou pegar muita coisa, né, pra gente colocar em prática o trabalho” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_5]: “Teve uma, teve uma cena que eu, eu e o Profissional 4 tava, a gente ia para a visita no Tambaqui, mas aí já não é do Lago, mas é também, eles aprenderam, aprenderam quando tem praia. Eles leva a uma, uma, como é? Uma sombrinha ou então fazer a lona**,** uma caixa de som. E beber, né? Profissional 4, uma vez a gente passou, estava igual aqui a frente de Atalaia, um som no talo, tomando cerveja. E as criancinhas brincando com a garrafa de a latinha de cerveja, brincando com água, meu Deus do céu, vai morrer um afogado aí! Pegaram gelo com pescador, tá pra ti! E já!” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

Associação de bebidas não tradicionais no contexto indígena, segundo o grupo está vinculada à influência interétnica que é forte nas proximidades da Aldeia Lago Grande. O grupo, com muita preocupação e angustia, relatou a forte presença de cachaça, corote, cerveja e até mesmo o consumo álcool etílico.

O grupo destaca que o acesso ao álcool: “é bem perto aí pra eles não faltam acesso para eles é livre” (Entrevista, 2023). Os comerciantes no rio Javari tem seus estabelecimentos ao lado do Peru sob balsas que são os principais meios de adquirir álcool. A profissional_6 destaca que: “e da vez que eu tava lá até essa M. Ela vai até o Lago Grande pega os pessoal para trabalhar para ela, aí trabalha em recompensa ela dar a bebida” (Entrevista, 2023). Nesta fala, todos os profissionais ficaram inquietos e concordavam através de aceno positivo com a cabeça e com as mãos, percebe-se o receio dos profissionais quanto a essa relação da exploração da mão de obra dos indígenas que são recompensados ou pagos com álcool.

Visto esse cenário, é importante descrevemos que essa balsa em particular fica a poucos minutos da aldeia, mas fica no lado do Peru no rio Javari. O acesso desses comerciantes à aldeia é livre, pois não há a presença efetiva do Estado Brasileiro controlando o acesso de pessoas não indígenas à TI. Dessa maneira, Souza e Garnelo (2006, p. 1643) destacam:

> A precocidade no início do consumo de bebidas alcoólicas é atribuída pelos informantes da pesquisa ao incremento da movimentação de comerciantes não-indígenas nas últimas décadas, mas a pesquisa mostrou que isto é apenas uma parte do problema, já que os “brancos” não são mais os únicos fornecedores de bebida. O aumento da navegação dos próprios indígenas e uma crescente relação com o meio urbano, ampliaram a possibilidade de compra em São Gabriel da Cachoeira. Diversos motivos propiciam a ida para a cidade, tais como receber aposentadoria ou salário, comprar mantimentos e visitar

> parentes ou filhos que lá estudam, potencializando um acesso cotidiano à bebida.

Os autores destacam o aumento do consumo precoce de bebidas alcoólicas entre os indígenas, atribuindo-o não apenas à presença de comerciantes não-indígenas, mas também ao aumento da navegação dos próprios indígenas e sua crescente relação com o meio urbano, dessa forma. O recrutamento de indígenas para atividades de interesse dos comerciantes é um dos fatores que levam o uso prejudicial de álcool. "Esse recrutamento, realizado por comerciante não-indígena foi feito de modo individualizado, sem a menor interferência do capitão da comunidade. A cachaça foi o estímulo para o recrutamento e a forma de pagamento do trabalho" (Souza e Garnelo, 2006, p. 1645). Destaca-se a preocupação dos autores relacionada ao uso prejudicial do álcool, a exploração da força de trabalho dos indígenas e a falta de controle em algumas aldeias por parte das lideranças indígenas.

Portanto, as informações produzidas neste indicador pelo grupo de discussão dos profissionais demostram a vulnerabilidade dos indígenas de fronteira entre Brasil e Peru através da exploração dos comerciantes que vendem as bebidas alcoólicas e também trocam pela força de trabalho na roça. Em uma região tão desafiadora, pensamos que a solução precisa ser através das relações exteriores dos países vizinhos com presença efetiva. Outro ponto é: quem são esses comerciantes? E o que, além da exploração da força de trabalho e do incentivo ao uso do álcool eles querem e exploram na TI Vale do Javari? O que está por trás de todo esse cenário?

Recorte 9 – Indicador: Organização social, conflitos e intervenção religiosa: "Desde a época que eu cheguei lá, a igreja, hoje foi fundada lá e deu uma amenizada nesse negócio do álcool".

[Profissional_10]: "Eu tive uma experiência, eu entrei com o Dr. Otávio, já faz um tempo, Dr. Otávio trabalhava aqui no DSEI, nós fomos fazer aquele inquérito, triagem para fazer manejo clínico. Quando chegamos na comunidade, **um dia anterior tinha tido uma festa**, né! Só que como você percebeu, a aldeia se divide em duas, tem a parte onde ficam a área dos profissionais mais a farmácia e a outra parte que tava a comunidade, quando nós chegamos a técnica era a "B", aí ela relatou uma situação pro Dr. Otávio, aí a gente parou tudo e foi ver essa paciente. **Eles tinha, tava em uma festa, o rapaz jovem, um casal jovem, eai ele ficou com ciúme da esposa, e ele mordeu e arrancou o lóbulo tudo da orelha, né, e cuspiu fora, aí ela, era nessa festa sem ser de trabalho, nem nada, foi uma festa da comunidade, eai o médico foi atender, não teve como suturar a orelha, ela tinha levado, e a moça tinha levado com um paninho cobrindo, não teve o que se fazer mais, né! Eai ele, e no outro dia parecia que não tinha acontecido nada, né!** É uma situação assim que achei bem interessante, e ela estava com ele ainda, a moça, mas estava tipo querendo se esconder, né, então, aí o médico conversou,

perguntou o que tinha acontecido, aí ela falou que tinha sido por causa de ciúmes, né! Ele ficou transtornado que a maioria fica transtornado pelo menos pelo relato dela, né! Eai, nessa, nesse caso não era o álcool em se era o **"corote",** né, que eles tinham comprado e feito uma **festa**, então aí se conversou com a **liderança** indígena, né? O que a gente observou muito, foi a falta da **liderança** indígena na comunidade. É uma situação, assim, que por várias vezes a **liderança** que eu digo assim, o pulso que o líder tem, falta a questão do pulso é por várias vezes que eu entrei na comunidade tinha essa questão, né? Porque quando tu tem um líder na comunidade, tem aquela questão do respeito pelo cacique. E não foi o que a gente observava e várias entradas que eu dei. Né? Então eu acho que a partir do momento que tu tem uma comunidade que ela não está bem estruturada. Acontece esse tipo de coisa, porque é uma comunidade pequena, né? É uma comunidade tranquila, assim não acontece muito a morbidade. Né? Fora o que já o que já vem ocorrendo, o que a gente ouve, muitos profissionais da questão de Pescador assim, outra coisa muito interessante. Nossa, como tem aquele é os cabeludo, né? Profissional 5, que frequenta lá e meio que quando tu tá fazendo atendimento. A, ao cacique pede para te atender aquele pessoal ali, né? Como se fosse uma obrigação" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: "É, aí, já é um acordo dele com a liderança e interfere muito, às vezes no nosso atendimento. Essa questão de outra **religião**. Eu não sei se você tem observado isso aí tem a questão do **álcool**, tem a questão de outras religiões também. E aí cria um conflito, ali a gente observa, né? É esse!" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_3]: "Eu gostaria muito de contribuir, vamos trazer a população que nós estamos discutindo**. É falando sobre as festas**. Consequências, vamos colocar os indígenas que usam psicotrópicos em relação ao uso do álcool, a medicação, os colegas presentes sabe que é muito prejudicial e vem consequências físicas, emocionais, psicológicas, que devem ser também nesse, nessa pontuação das lideranças existe também. Uma geração de conflito muito grandes. **As lideranças já estão idosas a as novas gerações já não tem aquela** [...] O **respeito**, a própria cultura ao próprio povo. Então, vamos discutir também essa, porque se está aqui, também poderá sair. **É resoluções que a gente não vai é confrontar e quem sabe podemos até colocar para trabalhar, né?** O que vem a ser a consequência do álcool? **É o exagero, às festas, elas vão continuar, a comunidade vai continuar é tão problemático que alguns teóricos já pontuam como questão social**. Além da saúde. Vamos focar também que daqui eu também eu vou pegar muita coisa, né, pra gente colocar em prática o trabalho" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: Só para complementar a Profissional 3. Isso quer, falou. É bem preocupante mesmo, porque tá aqui a Profissional 5, vários profissionais que já entraram lá, essa questão da **saúde mental com uso de álcool ou outras drogas**, já prejudicou muitos profissionais de saúde em relação à segurança. Entendeu, não é mesmo? Profissional 5? Porque tem paciente naquela região. É que, pelo menos pelo relato da mãe, que algumas vezes vem na farmácia, que bebia, que subia em árvore, que não deixava de tomar um medicamento ou que deixava de tomar o medicamento, e, eaí" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_4]: "Só, eu cheguei lá, **desde a época que eu cheguei lá, a igreja, hoje foi fundada lá deu uma amenizada nesse negócio do álcool.** Mas quando eu cheguei lá, teve até um, uma, teve até um colaborador, o V., **presencie um suicídio do senhor lá, sabe? O senhor N. Nessa noite? Teve uma festa deles lá, né? E aí ele. Ele não bebia. Sabe? E aí o filho dele bebeu lá e só escutava os gritos lá (sequelalêlâ), aí quando foi umas 5 horas da manhã. Encontraram o velho enforcado sentado dentro da canoa, né? Acho que enforcado não se enforca sentado, né? E aí quando a gente foi lá para meu corpo. Eles já tinham subido ele!! E a gente chegou ver pelo menos aqui na, nessa parte da cabeça dele. A gente acha, né? Que foi o próprio filho que matou o pai**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: "É, associando ao álcool, aí quer dizer que a **segurança do profissional**, porque muitas vezes no Lago Grande, não ficava enfermeiro, era só o técnico de enfermagem,

né? Agora [...] E o microscopista, né? Então, por muito tempo, aí o profissional acaba que não se sente seguro em fazer assistência naquele momento da crise do paciente, do **indígena**, né? Então isso que a Profissional 3 falou, é muito importante mesmo agora deu uma acalmada, mas antes a gente sofria muito com isso, entendeu" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: "Assim, Takmony, é que a gente já ouviu alguns relatos bem antes agora não ouço tanto, que, na verdade ali como é área de fronteira, não é só o álcool !!! [...] Então ali é uma porta de entrada para muitas coisas, né? Então, assim, certeza, certeza, o profissional não tem não, viu? Mas a acredito si, né, **que tem outras drogas mais pesadas ali na comunidade, né?** Precisa fazer um trabalho ali, né? E porque é uma comunidade pequena, e também não era para ter tantos agravos" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_1]: "É, tipo assim oh, realmente, no, na coisa já já, já foi comprovado que realmente tem ele mesmo, falou entre eles, quem usa e quem não usa" (Entrevista, 2023, grifo nosso),

[Profissional_9]: "Porque como a gente entra assim? Que é uma comunidade pequena tu não passa mais de 10 dias. **Como eu te falei, então vai fazendo uns outros trabalhos sem ser relacionada ao álcool e outras drogas, mas acaba que observo algumas coisas. E tu ouve algumas coisas mais certeza, ver**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_5]: "A gente tinha uma regra que como tu era mais antigo lá, quando ele estava bebendo a gente não pra passar pra lá! [...] **Devido às agressões que já tinham acontecido, então quando estavam bebendo, que a gente ouviu o som, a gente não ultrapassava ali, a não ser que eles viesse chamar a gente para alguma casa de urgente. Tanto é que uma vez eu acho que foi eu e o Profissional 4 que a gente foi lá, o parente tava bêbado. Fez um auê na aldeia dizendo que o, escorpião, tinha picado ele. E aí o que faz com bêbado?**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_3]: "**Existe muitas influências e um histórico muito grande, então as influências vem direcionadas não fica somente, puramente a caiçuma, a caiçuma azeda também é cultural deles, só que eles não tem mais limites**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: **"**Já reúne as outras aldeias ali em torno, né? Aí a gente percebe o que, Takmony. **Que tipo a questão da tradição da cultura está se perdendo?** Na verdade, **já tá só por um fio, né? Porque tu tem uma tradição bonita. Tu tem uma tradição linda ali que tu já não está dando valor. A comunidade não tá dando valor e aí tu já pega dessa tradição, está comemorando, mas aí tu já estende para uma coisa que é prejudicial. Né? Então esse tipo de coisa que se tem que resgatar na comunidade, né, que já vem sofrendo há muito tempo!**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_5]: **"A gente vê uma mudança, muito. Quando é inaugurou a igreja, não é? Deu uma parada assim. Não tanto, mas deu uma amenizada e aí a gente depois acho que logo quando a gente veio. Vim de lá, eu tava parando um pouco mais na igreja. Aí a igreja tava chamando os jovens, metade da comunidade para igreja. Mas tinha o povo que bebia. Sempre tinha.** O pastor, acabou a igreja mais porque o pastor foi pra roça, namorou com crente lá, e a mulher deu uma pisa na crente, deu uma pisa no marido. Aí é tipo assim, perdeu a moral da igreja. Aí as vezes o marido bêbado da mulher pegava e batia no marido" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_4]: "Já puxou arma para matar o pai dele. Já puxou a arma pra matar o cachorro" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_1]: “Na canoa. Aí a canoa só girando no meio do rio e eles brigando, rodando e **brigando** aí teve que ir um pegar eles porque se não eles iriam brigar até lá no meio do rio mesmo, já pensou? Hem! (risos)” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

O grupo dos profissionais atribuem à igreja a redução de situações problemáticas como de violência, relacionado o uso prejudicial de álcool, assim como o grupo dos participantes indígenas. O profissional_4 destaca que: “desde a época que eu cheguei lá, a igreja, hoje foi fundada lá deu uma amenizada nesse negócio do álcool” (Entrevista, 2023). Afala do profissional vai ao encontro da fala dos participantes do grupo de discussão dos participantes indígenas. Como percebe-se a participante_4_F afirma que: “antes quando ela tava no Lago Grande até 13 anos as meninas bebiam álcool, mas aconteceu na minha comunidade, mas até agora existe na minha comunidade não bebe, parou um pouco, não sei porque, nossa comunidade existe nossa **igreja** lá, mas alguns jovens ainda tomam” (Entrevista, 2023). A participante_6_M enfatiza:

> Acho que é verdade porque antigamente em 2014 a gente perdemos um monte de menina de 15 anos porque tinha muita bebida nessa época quando bebia enforcava! Jovens meninas! Eu perdi até o meu tio também! Agora como existe na aldeia **igreja**, muito tipo de igreja tem muitas pessoas que gosta e num gosta, agora não está tendo muito esses problemas porque parou um pouco (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Os grupos de profissionais e indígenas significam a igreja como uma mediação importante na redução do uso prejudicial de álcool. Isso pode nos indicar que do ponto de vista da materialização de problemas oriundos do uso prejudicial de álcool, a igreja é vista por ambos os grupos como pacificadora. No entanto, a presença da religião não é vista de maneira ampliada em como a presença da igreja pode influenciar nas práticas tradicionais dessa população. Ressalta-se que o grupo de discussão dos profissionais relatara a influência da religião no atendimento de saúde dos Matsés, o que gera conflitos entre os profissionais e os indígenas, um exemplo prático é a recusa de vacinas.

O presente grupo demostrou com olhares assustados de angustia entre os profissionais a preocupação com a segurança do profissional que de acordo com a profissional_9: “Aí o profissional acaba que não se sente seguro em fazer assistência naquele momento da crise do paciente, do indígena, né? Então isso que a Profissional 3 falou, é muito importante mesmo agora deu uma acalmada, mas antes a gente sofria muito com isso, entendeu” (Entrevista, 2023). Os profissionais sentem-se inseguros para intervir no momento de uma crise associada ao uso prejudicial de álcool. Assim, nos chama a

atenção a fala do profissional_10 que descreve: “o que a gente observou muito foi a falta da liderança indígena na comunidade” (Entrevista, 2023). As lideranças indígenas são o apoio chave para os profissionais de saúde. Eles ajudam a mobilizar e a conscientizar dentro da aldeia. Com isso, o grupo traz um ponto interessante quando a profissional_3 destaca que:

> As lideranças já estão idosas a as novas gerações já não tem aquela [...] O respeito, a própria cultura ao próprio povo. Então, vamos discutir também essa, porque se está aqui, também poderá sair. É resoluções que a gente não vai é confrontar e quem sabe podemos até colocar para trabalhar, né? [...] O que vem a ser a consequência do álcool? É o exagero, às festas, elas vão continuar, a comunidade vai continuar é tão problemático que alguns teóricos já pontuam como questão social. Além da saúde. Vamos focar também que daqui eu também eu vou pegar muita coisa, né, pra gente colocar em prática o trabalho” (Entrevista, 2023).

Portanto, ambos os grupos concordam que os mais jovens estão se distanciando da própria cultura.

5.4 SEGURANÇA PÚBLICA, INFLUÊNCIA INTERÉTNICA E AS AÇÕES DE PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA EQUIPE DE SAÚDE: “VÊ O PONTO DE VISTA DA COMUNIDADE EM RELAÇÃO ÀS DROGAS E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE, AS OUTRAS INSTITUIÇÕES ESTAREM PRESENTES, CRIAR UM MATERIAL BASEADO NAQUILO QUE ELES FALAM, QUE O PROFISSIONAL RELATA”.

O uso prejudicial de álcool entre os indígenas Matsés, assim como nas demais etnias, criam espaços de insegurança nos profissionais de saúde que atuam no dia a dia dando assistência à saúde. Na Aldeia Lago Grande não é diferente. Este último tópico destaca aspectos da segurança pública, influência interétnica e ações que as equipes de saúde podem corroborar para a prevenção do uso prejudicial de álcool.

Recorde 10 – Indicador: Segurança pública, vulnerabilidade dos profissionais de saúde e indígenas na área de fronteira: “A segurança também dos colegas de trabalho das meninas em relação a violência sexual. É consequência. Tanto as, as próprias indígenas, quantas colegas de trabalho. Ali não tem, porque todo mundo é vulnerável. Droga, álcool, assim, fazendo o que faz. E aí, tem que pontuar muito, muito a segurança”.

[Profissional_3]: “Então já essa influência do histórico lá das Fronteiras é muito forte. É o corote, é a droga, é a maconha. É também o tráfico também, que recentemente foi acionado que levaram uma moça de lá. Esse também é você consequência” (Entrevista, 2023).

[Profissional_1]: “É porque assim também em relação a esse negócio do **tráfico** lá no Lago, né? Aconteceu uma situação lá com o cacique, o cacique teve que descer escoltado pela federal, porque ele estava sendo ameaçado pelo, pelos traficantes colombiano, né? O “fulano”! Aí, tipo, porque ele andava com o pessoal da Funai, denunciando eles, né? Aí eles, como método de intimidação, mandaram uns colombiano e lá ver, tirar foto da casa dele e tal. Aí ele teve que que ligar para o pessoal da Funai, da federal. Aí foram pegar ele, escoltado! Aconteceu que ainda ficou, até parece que foi umas 3 semanas sem fazer visita porque aa o DSEI não deixou a gente mais fazer visita devido esse risco, né? Que poderia acontecer alguma coisa. Aí ele “fulano” está aqui até hoje. **Porque também por causa do tráfico, da ilegalização da madeira que ficam tirando**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_4]: “E eles usam os índios pra, como saldados do tráfico lá também, né? Para colocar a roça, né? Pra colher a cocaína, eles usam também os índios” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_3]: “**A segurança também dos colegas de trabalho das meninas em relação a violência sexual. É consequência. Tanto as, as próprias indígenas, quantas colegas de trabalho. Ali não tem, porque todo mundo é vulnerável. Droga, álcool, assim, fazendo o que faz. E aí, tem que pontuar muito, muito a segurança**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_5]: “**Eu penso primeiro em relação a FUNAI. Porque a gente trabalha com saúde, mas acaba que, se não tiver uma fiscalização naquela área, os profissionais não podem atuar adequadamente até para não correr risco de vida, né? Ee envolver CONDISI, a FUNAI, a UNIVAJA as instituições, né? Porque fala-se muito na saúde indígena. Mas a saúde indígena, não é a saúde física, tem que ter a saúde cultural, mental, né? Eu vejo por esse lado, então, se não tiver um apoio dessas instituições, se não tiver uma liderança que quer que esteja empenhada no bem da comunidade, só à SESAI não vai conseguir resolver**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_2]: “**Eu acho que as instituições federais que abrange os indígenas Na verdade, todos têm que se envolver. Porque é uma situação tá ótima a situação perigosa, né? Tanto pra pro os indígenas como pro pro os próprios, é profissionais, né, que estão ali!**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_3]: “A falta de segurança está pesando” (Entrevista, 2023).

[Profissional_2]: “Sim. **A falta de segurança**. Isso mesmo. Daqui a pouco ninguém vai querer ir por certas situações. O cacique já foi ameaçado. Dá mais os profissionais, né? Então, ou seja, o cacique foi ameaçado praticamente dentro da casa dele. O habitar dele, aonde. O que que acontece aí teve que sair de lá. Por causa dessas situações, então eu creio que as instituições federais, né? Poderiam se mover? Para ver essa situação, enquanto dá” (Entrevista, 2023).

[Profissional_3]: A SESAI tá na atenção primária já se sai da atenção primária por várias situações as instituições, a FUNAI, as instituições aqui de Atalaia do Norte, as **escola**s são parcerias, a parceria com as escolas são muito boas quando a gente vai fazer uma ação na escola os professores estão prontos. Então incluir, talvez uma ação no próprio é o trabalho profissional lá da escola. Porque a gente pega uma pessoa de 30 a 40 anos, ela vai estar aqui sentada ouvindo, mas tu teve uma criança de 4,5, 8 anos, ela vai ser influenciada. É como se fosse aquele Cdzinho, bem virgem, o que tu coloca naquele Cdzinho ele vai, né? Se constituindo, constitui sua personalidade. E aí ele vai ter muitos caminhos” (Entrevista, 2023).

[Profissional_1]: “Porque em relação a isso aí também, lá no, no Lago é área indígena, né? Se não pode entrar, não pode entrar, né? Aí todo mundo entra ali dentro, todo mundo, todo mundo, e eles deixam” (Entrevista, 2023)

[Profissional_9]: “E aí vem as outras doenças relacionadas a epigastralgia (dor de estômago), mas eu acho que essa questão em relação à **saúde mental**, é a mais grave. Entendeu? Porque tu percebe aqui que os profissionais relatam muitas coisas, não é? E a Profissional 5 não quis citar, mas a Profissional 5 sofreu muito lá no Lago Grande em relação querer a abusar, né? [...] **Pois é, então assim, o que a gente percebe! A Profissional 6, ela teve a possibilidade de entrar com o enfermeiro, né? A Profissional 5 foi no momento que o enfermeiro saiu para outra comunidade, né? É, é perigoso deixar uma profissional mulher sozinho ali, né? Entendeu? Então, e muitas vezes o distrito meio que. E não acolheu o profissional, que tem profissional, se sente assim, relata pra gente, né? Então essa questão da sensibilização, do apoio emocional ao profissional de saúde, porque o indígena vai falar muita coisa que a gente tá falando, do nosso ponto de vista, ele vai falar o ponto de vista dele em relação ao profissional de saúde, né? Aí vocês vão criar. Mas aqui a gente está para expor nosso ponto de vista. Então, em relação à saúde do profissional, é mediante essas situações é muito grave. Saúde do trabalhador, né? Então você vê que tem muitas, muitos fatores que a gente só sabe de relatos de colegas que estão lá, que passam muito tempo lá, então tem que se avaliar isso. A saúde do trabalhador, saúde sexual, a saúde mental, a saúde física, emocional, né? Então, ali é uma comunidade doente, se tu for parar para pensar**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_5]: “Ei, Profissional 9, assim, eu nunca fiquei só, porque toda vez que, eu trabalhei com o Profissional 4, né, Profissional 4? A única vez que eu não entrei com o Profissional 4 foi quando e eu entrei com um parente, eu trabalhei uma, entrei com outro profissional indígena e nessa segunda vez que eu entrei com outro indígena que aconteceu isso porque os meninos, eles não deixavam a gente só. Então, aí o cacique da outra aldeia pediu para enfermeiro dormi lá, coisas que também não eram de costumes. E o outro me deixou só, bastou uma vez pra mim ficar só. Entendeu isso? Fora outras coisas que a gente eu nunca relatei, mas o Profissional 4 **já viveu comigo lá quando eu colocava o papel, para mim tampar**” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: “As brechas!” (Entrevista, 2023).

[Profissional_5]: “As brechas. Eles iam lá cortavam a faca o pau” (Entrevista, 2023).

[Profissional_4]: “Tirava!” (Entrevista, 2023).

[Profissional_5]: “**Tirava. E quando eu fui reclamar para o cacique, aonde é menino brincando! O que eu fiz coloque uma cortina aí tá beleza, sabe o que ele fazia? O carinha? Ele entrava debaixo da casa para mim olhar, né, Profissional 4? O Profissional 4 e o “G” viram ele vindo com as costas, toda melada de de barro, e a gente chamava atenção, é nada deixa pra lá, entendeu? É, aí, quero chorar depois. [...]** É, que dava mais raiva ainda é os nossos próprios colegas de trabalho dizer que estava mentindo. Entendeu?” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: “Foram vários colegas e não foi também só no Lago Grande. Então, **a partir do momento que chega e tu num abraço ao colega em relação a essas questões sensíveis é muito complicado, né**? É porque as pessoas fazem de conta que não enxergam as coisas e o problema tá ali. E é de muito tempo e ninguém resolve, ninguém. Ninguém consegue ter uma atitude para resolver a questão da saúde do trabalhador, porque quem é que vai? A Profissional 5 saiu de área por causa disso. Foi ou não foi? [...] **Essa questão da liderança é muito importante porque se tu não tem liderança da tua comunidade, tu não consegue proteger nenhum profissional. Aí o profissional vai trabalhar como fragilizado, com medo, não**

consegue desenvolver ação direito. Né? Então assim, eu admiro muito o profissional da área da saúde indígena" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_3]: "**A falta de segurança dos próprios profissionais**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_2] "**Fez de demitirem, mas infelizmente não é. A gente sabe todo todo nós sabemos aqui que é onde tem o uso de álcool. Né? A segurança é é precária, entendeu?**" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_11]: "**Eu só queria falar alguma coisa em relação a isso também é mais voltado pra SESANI, né? Quando a gente entrou, eu, "J", a gente viu a situação da casinha, né, da farmácia, que era bem precária. E que eu eu sei que. É, eu não sei como é que era em relação à equipe anterior, né? Os trabalhos que eram desenvolvidos, planejamentos enfim, mas eu lembro que quando a gente passou até a médica, a "P", ela sempre pediu muito, porque ela, ela se sentia muito insegura dentro da da farmácia, né, que era uma casinha de palha, bem precário, bem mesmo, e tinha muita brecha, era praticamente como ela falava, chovia mais dentro do que fora, eu acho que isso contribui também muito para insegurança, né?** E aí a gente, eu acho que isso acaba também afetando, né? Porque quando vem bêbado você consegue trancar uma porta decente. **Se eu não pode ter segurança,** que uma parede vai ti, vai ti, ti ajudar, né? E aí eu lembro que eu não consegui entender como que ele ainda estava de pé. E eu e eu lembro que quando a gente foi a primeira coisa que eu olhei pro "J", quando eu voltei, eu falei e já tinha pedido, né? **Da comunidade e a gente tentou é dar um jeito de arrumar ali o Lago Grande, né?** Agora que eu acho que tá um pouquinho melhorzinho em relação a isso, óbvio, não é o ideal, né? Ainda. Mas eu acho que isso também dá uma sensação pouquinho mais de segurança se você tem uma casa mais segura, um lugar mais confortável, eu acho que isso não só no Lago Grande, mas em outras comunidades, assim que acontecem esse tipo de coisa. É, é, eu acho que a própria estrutura ela dá um conforto ou não profissional pra Ele, que às vezes parece que não tem ligação, né? Mas eu acho que uma estrutura, algo que que faça o profissional se sentir mais seguro. De trabalhar, de se proteger, de ter um lugar para se trocar e tudo mais. Que evite esses olhares. E também. Em relação à parte de ação, eu penso em fazer é estratégias, né? A gente quer sempre para estratégia, só que. Como foi reforçado, é institucional, com várias organizações. A gente sabe que é uma área de Fronteira. Isso vai até leva para, sei lá, exército alguma coisa assim, porque é uma sensível que eu sei que não adianta você só intervir lá dentro da comunidade, sendo que ao redor também existe e toda a Fronteira a gente vê que é esse a esse trânsito. Eu vi do caderninho da M. vários nomes de indígenas e contas absurdas de que é o envolvem um ciclo vicioso que a gente sabe que existe nos comerciantes. Porque eles gostam de ter controle, né? Porque ele sabe que tem o benefício que ele sabe que eles têm. Então eles acabam indo crescendo com isso e tornando os próprios indígenas, meio que um trabalho análogo à escravidão, porque é uma parte lá de que eles nunca vão conseguir lidar, acaba viciando os indígenas, porque isso acaba gerando renda para ela, né? Ela sabe. Vários outros comerciantes sabem que alguns momentos que eles têm dinheiro, eles distribuindo álcool tornando isso vicioso. Então, planos de intervenção com várias instituições, a melhor forma possível, obviamente, porque é tudo muito sensível, porque quando a gente relata coisas bem a parte cultural lá não é cultural, então tudo isso é muito sensível até pra gente conseguir intervir dentro da cultura. Até com até que ponto é cultura que é o "**caiçuma**" e até que ponto não é cultura? Quando eles já colocam para azedar ou quando eles colocam o álcool dentro, então todas essas causas, tem que ser desde níveis mais baixos. Vamos colocar, assim como somos nossa própria equipe de saúde. Até chama a Marinha, chama o Exército ee parar, né? E ser o quanto antes, né? Não só sensibilizar, mas ser imediato para não só fica reclamando, e não, ninguém fazia nada!" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

O grupo de discussão dos profissionais sempre demonstrava grande angústia ao discutir a vulnerabilidade em relação à segurança pública tanto dos próprios profissionais quanto dos indígenas. Essa preocupação inclui violências não apenas dentro da comunidade. A profissional_3 destaca: “então já essa influência do histórico lá das Fronteiras é muito forte. É o corote, é a droga, é a maconha. É também o tráfico também” (Entrevista, 2023). O grupo destaca na fala do profissional_4 que: “eles usam os índios como saldados do tráfico lá também, né? Para colocar a roça, né? Pra colher a cocaína, eles usam também os índios” (Entrevista, 2023). Isso pode indicar que o álcool tem o seu uso estimulado por não indígenas brasileiros, peruanos e colombianos como formar de pagamento da força de trabalho dos indígenas em roças, por exemplo.

A segurança dos profissionais foi uma das pautas mais citada entre os profissionais. De acordo com a profissional_3: “a segurança dos colegas de trabalho, das meninas em relação a violência sexual. É consequência. Tanto as, as próprias indígenas, quantas colegas de trabalho. Ali não tem, porque todo mundo é vulnerável. Droga, álcool, assim, fazendo o que faz. E aí, tem que pontuar muito, muito a segurança” (Entrevista, 2023). Em uma das regiões mais remotas da Amazônia brasileira, o grupo deixa claro que a vulnerabilidade é de todos.

O uso prejudicial do álcool encadeia diversos problemas sociais dentro da TI, principalmente, as aldeias mais próximas do rio Javari que fazem fronteira com o Peru, onde não há presença efetiva do Estado brasileiro. Portanto, isso pode impactar na saúde mental de todos na aldeia, tanto profissionais quanto indígenas.

O acesso à TI Vale do Javari é um dos pontos que o grupo sempre apresentava com indignação. Expressões como “porque em relação a isso aí também, lá no, no Lago é área indígena, né? Se não pode entrar, não pode entrar, né? Aí todo mundo entra ali dentro, todo mundo, todo mundo, e eles deixam” (Entrevista, 2023). Nesse aspecto, entende-se que a falta de fiscalização efetiva de instituições como a FUNAI permite o livre comércio dentro da TI e nas adjacências. O álcool pode ser adquirido facilmente pelos indígenas na zona de fronteira por meio da compra com dinheiro e/ou trabalhando para terceiros.

Outro ponto, é que o uso prejudicial do álcool na aldeia reflete todo um coletivo. Nesse sentido, o grupo destaca que pessoas com crises devido ao uso prejudicial de álcool causam violências de todos os tipos entre os familiares indígenas e profissionais da saúde indígena. O grupo mostrou preocupação com a segurança, principalmente das mulheres indígenas e profissionais. Compreende-se que são as que mais sofrem com essas

expressões de violência. Outro ponto que chama a atenção é o fato de que a própria infraestrutura de alojamento onde a equipe fica pode deixar as profissionais de saúde mais vulneráveis. Como citado no indicador acima, indígenas alcoolizados olhavam as profissionais mulheres nas brechas e quando as brechas eram tampadas pelas profissionais, em seguida eram tiradas com faca ou pau.

As profissionais mulheres indígenas relataram ter passado por essa situação. Elas ficaram bastante emocionadas, com choros e misturas de raiva e indignação. O grupo apresentou-se acolhedor no momento do desabafo. Com isso, o uso prejudicial de álcool mexe diretamente com a saúde mental dos profissionais, assim como de toda comunidade. A compreensão do que é exagero é fundamental para melhorar a prevenção do uso do álcool e as condições de trabalho desses profissionais. A prestação de serviços das políticas de saúde indígena é criticada por Costa (2024, p. 18):

> A má prestação das políticas de saúde indígena e todo o conjunto de violências historicamente sofridas pelos povos indígenas, que comprometem sua autodeterminação, seu livre desenvolvimento e suas perspectivas de futuro, repercutem no aumento endêmico do consumo de drogas e álcool dentro das comunidades indígenas e nos índices de suicídio. Como consequência, há o crescimento de disputas internas e violência doméstica, gerando desarticulação das organizações sociais e políticas internas e impactos sensíveis na sua capacidade de gestão dos seus próprios conflitos sem que necessitem recorrer aos órgãos do Estado e se submeter, assim, a processos de criminalização que não respeitam suas diferenças étnicas.

A autora destaca o aumento do uso prejudicial de drogas e álcool. Esse aumento pode contribuir para problemas sociais como violência doméstica e de saúde, incluindo suicídio. Costa (2024, p. 118) também argumenta sobre a segurança pública:

> Sob essa perspectiva, a temática da proteção territorial precisa ser enfrentada não apenas com vistas à defesa de riquezas naturais ou minerais ou à garantia da soberania nacional, mas compreendendo como a atuação dos órgãos de segurança pública nos territórios pode ser melhor desempenhada para proteger, também, valores e interesses coletivos próprios de cada povo indígena. Assim, não necessariamente proteger melhor povos e territórios indígenas significará mais polícia, podendo implicar, sim, uma maior presença do Estado na segurança de outros direitos.

A autora destaca a importância de compreender, proteger os valores e interesses coletivos específicos de cada povo indígena. Isso indica reconhecer que necessidade da presença dos órgãos de segurança pública nos territórios indígenas não deve ser apenas

para garantir a segurança física ou deter invasões territoriais, mas proteger os direitos culturais, sociais e econômicos das comunidades indígenas.

Recorte 11 – Indicador: Ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento ao uso prejudicial de álcool: “Deveria se fazer, tipo uma oficina com instituições indígenas dentro da comunidade. Vê o ponto de vista da comunidade em relação às drogas e os profissionais de saúde. As outras instituições devem estar presentes, criar um material baseado naquilo que eles falam, que o profissional relata”.

[Profissional_3]: “As nossas, as nossas técnicas, os nossos trabalhos aí, prática lá sem confrontar com eles, com as lideranças que tem aquela mente antiga, geração antiga, tem aquele. É base forte, outros não. Com os jovens também, o uso do álcool, corote” (Entrevista, 2023).

[Profissional_1]: “**Palestras**, conscientização, porque é o que é o que a gente pode fazer, né? A gente não vai chegar lá para ele, a gente está dando, aqui fazendo a palestra e tal, dando conselhos, falando pra eles o uso prejudicial, né? Mas aí de tarde ele já vai estar tomando, entendeu? Aí a gente não pode meio que obrigar eles” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_3] “O instrumento técnico pode ser elaborado pra seguir, é, só pedindo licença para pontuar o que a Profissional 5 falou, **é consequentemente dependendo do estado emocional do profissional isso é tendência ao pós-traumático aí vem outras consequências e tudo isso base das consequências realmente do álcool**. Porque são vários fatores, tendo também um instrumento elaborado pelas instituições e ser seguido. Talvez em conjunto de discussão vai outros instrumentos também que possam ser benéficos para o trabalho sair. Temos o instrumento técnico que é elaborado, é utilizado, os colegas trabalham o matriacimaneto (abordagem de trabalho em equipe na área da saúde que visa integrar diferentes profissionais), a gente pontua, eles são instruídos**. É em discussão a não intervir, somente, não tem o que fazer e ficar com o monitoramento, precisar deles eles vão e a instrumento do, da ficha de edificação ela é pontuada pela ela tem que ser muito elaborada**, porque é muito superficial” (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: “**É, esse, esse problema, essa problemática já é de muito tempo, né? É, eu acho que. Deveria se fazer, tipo uma oficina com instituições indígenas dentro da comunidade. Vê o ponto de vista da comunidade em relação às drogas e os profissionais de saúde, as outras instituições estarem presentes, criar um material baseado naquilo que eles falam, que o profissional relata. O ponto de vista do profissional e da comunidade, fazendo as 2 línguas na língua materna e na nossa, né? Tipo, é porque seu indígena. Não, não. Eu. No momento, é o que a gente percebe é que eu não trabalho diretamente com o isso, só relatos dos profissionais. Não tenho trabalho, não tenho uma abordagem. O que tem é ações? É de palestras.** Fragilizada porque a gente percebe. **E o que a gente observa é que tipo, onde tu vê que uma comunidade tem uma liderança fragilizada! Tu não consegue desenvolver um bom trabalho, percebe?** Se tu tem uma etnia mayoruna na calha do médio javari. Que é a área de Fronteira. Tu percebe que a calha do Jaquirana também é a área de Fronteira? Agora tu compara a liderança do Jaquirana com a liderança do médio javari. Por que o médio javari tem tanta fragilidade e o Jaquirana não tem? E olha que o Jaquirana é uma área grande? E tem, tem Angamos, tem, tem indígena mayoruna que tá frequentando ali direto, mas do, lá

tem as fragilidades, mas é uma comunidade de quase 1800 indígenas aqui tu tem uma comunidade quanto, Profissional 5? Nessa área toda?" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_2]: "Envolver diretamente os indígenas, principalmente aqueles que causam aa desordem. Porque como a Profissional 9 falou é, e bem visível que o Jaquirana que pelo menos na aldeia Lobo não entra bebida, porque o cacique não deixa" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

[Profissional_9]: "E aí vem as outras doenças relacionadas a epigastralgia, mas eu acho que essa questão em relação à **saúde mental**, é a mais grave. Entendeu? Porque tu percebe aqui que os profissionais relatam muitas coisas, não é? E a Profissional 5 não quis citar, mas a Profissional 5 sofreu muito lá no Lago Grande em relação querer a abusar, né?" (Entrevista, 2023, grifo nosso).

Fonte: Dados da entrevista, objeto desse estudo, 2023.

Este capítulo está diretamente ligado à proposta desta pesquisa de elaborar um produto técnico/tecnológico com base científica a partir dos resultados da pesquisa.

As ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena são peça fundamental no enfrentamento do uso prejudicial de álcool. Os grupos dos profissionais de saúde e indígenas, ambos concordam que o fortalecimento das ações educativas é primordial para o desenvolvido da prevenção, mas com equipes qualificadas para essa atuação.

A significação do uso prejudicial de álcool mostrou, principalmente para os profissionais de saúde, que a violência é um dos gargalos enfrentados e que as equipes precisam ser especializadas de maneira permanente sobre abordagens referente ao tema. Isso possibilitará uma atuação adequada para a prevenção, promoção e tratamento dos indígenas que necessitem dessa assistência. O grupo apontou fortemente que para a prevenção do uso prejudicial do álcool é necessário trabalho conjunto, em rede, e que as qualificações devem ser ampliadas para outras instituições e políticas públicas. Para De Oliveira *et al*. (2012, p. 90), é preciso pensar na qualificação da força de trabalho com os seguintes aspectos:

> Para isso, é indispensável uma definição da política de recursos humanos para a saúde indígena e capacitação/qualificação de profissionais sobre os povos indígenas em relação à sua organização social, política, cultural e, principalmente, no que diz respeito a sua concepção sobre saúde e doença.

O autor destaca a importância de uma abordagem especializada na política de recursos humanos para a saúde indígena e que essa política deve incluir capacitação e qualificação dos profissionais de saúde para compreenderem, não apenas as questões técnicas, mas também as dimensões culturais, sociais e políticas das comunidades

indígenas. Essa estratégia é crucial para garantir que os serviços de saúde oferecidos às populações indígenas sejam culturalmente apropriados. Os profissionais ressaltam a necessidade de uma melhor compreensão e pesquisa sobre o uso prejudicial de álcool entre populações indígenas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões norteadoras e dos objetivos traçados neste estudo sobre o uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna/Matsés na região da Aldeia Lago Grande, Terra Indígena Vale do Javari, Amazonas, é possível concluir que a abordagem interdisciplinar e a compreensão das significações culturais são essenciais para a promoção da saúde e segurança pública nessa comunidade.

Ao analisarmos as práticas e formas associadas ao uso prejudicial de álcool e as formas de beber associadas ao uso não prejudicial na cultura Matsés, compreendemos que as intervenções devem ser sensíveis às especificidades culturais e sociais da comunidade. As práticas associadas e a forma de beber tradicionalmente dos Matsés aparecem em espaços sociais como do trabalho coletivo com objetivos comuns entre os indígenas empenhados com esforços recíprocos.

Outro ponto é que o uso prejudicial do álcool na aldeia reflete todo um coletivo. Nesse sentido, destaca-se que pessoas com crises devido ao uso prejudicial de álcool causam violências de todos os tipos entre os familiares indígenas e profissionais da saúde indígena. Além disso, ao investigar as ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento do uso prejudicial de álcool, fica evidente a necessidade de fortalecer estratégias colaborativas entre profissionais de diferentes áreas, bem como de incluir os próprios indígenas como agentes ativos no processo de promoção da saúde.

A preocupação manifestada pelos indígenas mais velhos em relação aos jovens reflete não apenas uma mudança na preferência de bebida, mas também uma alteração mais ampla no estilo de vida, influenciado pela educação, tecnologia e exposição a diferentes ambientes. Observa-se uma transição dos jovens para novas formas de interação social e de consumo de álcool, afastando-se das práticas tradicionais como a caiçuma e buscando objetivos diferentes ao beber.

Anteriormente, beber estava intrinsicamente ligado a outras atividades como trabalho e celebração, enquanto que agora há uma tendência crescente de buscar pela embriaguez. Essa mudança de paradigma no consumo de álcool tem implicações significativas, não apenas para a saúde individual, mas também para a dinâmica social e as relações comunitárias. A associação entre o uso prejudicial de álcool e problemas como

violência, abuso e insegurança, tanto dentro como fora da comunidade, destacam a necessidade urgente de abordar essas questões de forma colaborativa.

A associação entre violência e consumo de álcool na aldeia ocorre em diversos contextos: 1) Dentro da comunidade e famílias há brigas e conflitos; 2) Em relação aos indivíduos ao redor, ocorrem relações tensas ou violentas envolvendo o fornecimento de álcool e drogas, seja por venda, entrega ou oferta. Isso inclui indivíduos de diferentes áreas, como invasores; 3) Também há incidência de tráfico e outras formas de violência, incluindo violência sexual com risco para indígenas e profissionais de saúde; 4) O uso de álcool está relacionado à insegurança, tanto dos indígenas quanto dos profissionais de saúde; 5) Os profissionais de saúde enfatizam a importância de uma liderança forte na comunidade, o que pode estar relacionado às pressões e violências presentes no ambiente; e 6) É crucial aprofundar a reflexão sobre a relação entre álcool e suicídio. Em alguns contextos, o álcool está frequentemente presente, mas nem sempre é identificado como a causa direta.

Para alcançar esses objetivos é crucial a elaboração de projetos técnicos e tecnológicos em educação permanente, direcionados às equipes multidisciplinares, visando capacitá-las para atuação no contexto indígena com foco específico no uso prejudicial de álcool. Esses projetos devem incluir materiais educativos culturalmente adequados e estratégias de comunicação que respeitem e valorizem a cultura e as tradições indígenas.

A abordagem interdisciplinar no trabalho com povos indígenas é crucial, especialmente dada a falta de pesquisas na área de trabalho social. Esta pesquisa destaca essa importância ao apresentar as perspectivas tanto dos indígenas quanto dos profissionais envolvidos sobre o uso prejudicial do álcool e destacar a complexidade da temática no Vale do Javari.

Portanto, os resultados desta pesquisa e os objetivos delineados oferecem uma sólida base para a implementação de iniciativas interdisciplinares destinadas a promover a saúde e a segurança pública na comunidade indígena Matsés, localizada na região da Aldeia Lago Grande, Vale do Javari, Amazonas. Essas ações devem ser fundamentadas na compreensão das significações culturais associadas ao consumo de álcool, bem como na colaboração efetiva entre profissionais de saúde, líderes comunitários e membros da comunidade indígena, visando alcançar resultados positivos e sustentáveis a longo prazo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, p. 222-245, 2006.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de Metodologia Cientifica** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295p.

ARISI, Barbara; CESARINO, Pedro; FRANCISCO, Deise. **Saúde na Terra Indígena Vale do Javari: diagnóstico médico-antropológico: subsídios e recomendações para a política de assistência**. São Paulo: CTI (Centro de Trabalho Indigenista), ISA (instituto Socioambiental), 2011.

ARAÚJO, Rosemary Negreiros de. **Os territórios, os modos de vida e as cosmologias dos indígenas Akwẽ-Xerente, e os impactos da UHE de Lajeado.** 2016. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/21514 . Acesso em: 25 fev. 2023.

ASSIS, Lenita de Paula Souza. **Da cachaça a libertação: mudanças nos hábitos de beber do povo Dâw no Alto Rio Negro**. São Gabriel da Cachoeira, 2001.

BOCK, A. B., FURTADO, M, L. T. **Psicologia**. São Paulo: EDUC, 1999. 492.

BOCK, Ana Mercês Bahia, GONÇALVES; Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** / Ana Mercês Bahia Bock, Maria da Graça Marchina Gonçalves, Odair Furtado (orgs.). - 3. ed. - São Paulo : Cortez, 2017.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRAGA, Cássia Araújo Moraes. **Políticas públicas e povos indígenas: uma análise do impacto do Programa Bolsa Família entre os Akwẽ-Xerente**. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/11612/1133 . Acesso em: 7 jul. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: http://www.senado.gov.br. Acesso em: 13 dez. 2022.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas**. – 2 ed. - Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2002.

BRASIL. **Nota técnica n. º 17/2018**. – Divisão de Atenção à Saúde Indígena/ Coordenação de Gestão Promoção da Saúde Indígena/ Divisão de Saúde Indígena/Secretaria Especial de Saúde Indígena/Ministério da Saúde. Brasil.

BRASIL. Portaria nº 198/GM/MS, de 13 de fevereiro de 2004. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/MatrizesConsolidacao/comum/13150.html. Acesso em: 25 mar. 2023.

CALEGARE, Marcelo. MEZZALIRA, Adinete Sousa da Costa **Processos psicossociais II**: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política. Alexa Cultural: São Paulo / Edua: Manaus, 2021.

CARLINI, E. A. supervisão. II Levantamento Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país, 2005. **Brasília: CEBRID/UNIFESP/SENAD**, 2006.

CASTELO-BRANCO, Fernanda Matos Fernandes VARGAS, Divane de. Binge drinking e fatores associados em indígenas da etnia Karipuna. **SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 17, n. ja/mar. 2021, p. 7-16, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.167996. Acesso em: 31 mar. 2024.

CARVALHO, R. C. D. de, & AMBROSETTI, N. B. O Perfil do Coordenador Pedagógico da Academia Militar das Agulhas Negras. **Revista Agulhas Negras**, 5(6), 113-134. Disponível em: http://www.ebrevistas.eb.mil.br/aman/article/view/8220. Acesso em: 25 mar.2023.

CECCIM, Ricardo Burg. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 9, p. 161-168, 2005.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA. **Saúde na Terra Indígena Vale do Javari. Diagnóstico médico-antropológico: subsídios e recomendações para uma política de assistência**. Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Instituto Socioambiental (ISA). 2011.

CENTRO DE INFORMAÇÕES SOBRE SAÚDE E ÁLCOOL. **Por que os indígenas estão bebendo mais?** Disponível em: https://cisa.org.br/sua-saude/informativos/artigo/item/348-por-que-os-indigenas-estao-bebendo-mais#:~:text=Consumo%20de%20%C3%A1lcool%20nos%20dias%20atuais&text=Essa%20nova%20forma%20de%20consumo,o%20advento%20das%20bebidas%20industrializadas. Acesso em: 25 mar. 2023.

CENTRO de Informações sobre Saúde e Álcool. **O que é alcoolismo?** 2014. Disponível em: https://cisa.org.br/sua-saude/informativos/artigo/item/61-o-que-e-alcoolismo. Acesso em: 07 abr. 2023.

COSTA, Natália Albuquerque Dino de Castro. **Segurar o céu, a terra e os direitos: o que falta para uma política de segurança pública para e com os povos indígenas no Brasil**. 2023. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Brasília, Faculdade de Direito, Programa de Pós-Graduação em Direito, 2023. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/47330. Acesso em: 17 fev. 2024.

CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Coletânea de Leis. /Conselho Regional de Serviço Social: 15.ª Região Amazonas/Roraima.** ª edição. – Manaus: Editora Valer, 2013.

DE OLIVEIRA, Rita de Cassia Cordeiro et al. Situação de vida, saúde e doença da população indígena Potiguara. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 16, n. 1, 2012.

FONSECA, Rozana. **Psicologia no SUAS. Abordagem psicossocial e a práxis na Assistência Social**. Disponível em: https://psicologianosuas.com/2019/07/07/abordagem-psicossocial-e-a-praxis-na-assistencia-social/. Acesso em: 28 mar. 2023.

GHIGGI Junior, Ari. **Estudo etnográfico sobre alcoolização entre os índios Kaingang da Terra Indígena Xapecó: das dimensões construtivas à perturbação.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94269>. Acesso em: 25 mar. 2023.

_____., LANGDON, Esther Jean. **Reflections on intervention strategies with respect to the process of alcoholization and self-care practices among Kaingang indigenous people in Santa Catarina State, Brazi**l. **Cadernos de Saúde Pública** [online]., v. 30, n. 6, pp. 1250-12582014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-311X00108613. Acesso: 19 Julho 2023.

GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GOMES, Fábio Alves. **A dimensão subjetiva da relação escola-família: um estudo das significações produzidas por docentes sobre a função social da** São Paulo, 2021.

GOMES, Thaísa Borges; VECCHIA, Marcelo Dalla. Estratégias de redução de danos no uso prejudicial de álcool e outras drogas: revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2327-2338, 2018.

GOVERNO DO ESTADO RIO GRANDE DO NORTE. **Cartilha Equipe Volante do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)**. Governo do Estado do Rio Grande do Norte. 2020. – Natal/RN.

GUIMARÃES, Liliana AM; GRUBITS, Sonia. Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 45-51, 2007.

HERMANO, Brasilina Morais. **Bebendo entre amigos: um estudo antropológico sobre uso de bebidas alcoólicas na casa de apoio à saúde indígena de Roraima**. / Brasiliana Morais Hermano. – Recife: O autor, 2013.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Relações sociais no Brasil: esboço de uma intepretação histórico-metodológica**/Marilda Iamamoto, Raul de Carvalho. – ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

II LENAD - Levantamento Nacional de Álcool e Drogas. São Paulo: UNIFESP, 2012. Disponível em: http://inpad.org.br/wp-content/ uploads/2014/03/Lenad-II-Relat%C3%B3rio.pdf. Acesso em: 04 abr. 2023.

KOLLER, Sílvia H.; DE PAULA COUTO, Maria Clara P.; VON HOHENDORFF, Jean. **Manual de produção científica**. Penso Editora, 2014.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LANGDON, E.J. O Abuso de Álcool entre os Povos Indígenas no Brasil: uma avaliação comparativa. In: SOUZA, M.L.P., comp. Processos de alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, pp. 27-46. Saúde dos povos Indígenas collection.

MATOS, Beatriz de Almeida. **A Vista dos Espíritos: ritual, história e transformação entre os Matses da Amazônia brasileira** / Beatriz de Almeida Matos. --- 2014. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS. Rio de Janeiro, 2014.

MACIEL, Silvana Carneiro; OLIVEIRA, Rita de Cássia Cordeiro; MELO, Juliana Rízia Félix de. Alcoolismo em indígenas potiguara: representações sociais dos profissionais de saúde. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, p. 98-111, 2012.

MANGUEIRA, Suzana de Oliveira et al. Promoção da saúde e políticas públicas do álcool no Brasil: revisão integrativa da literatura. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, p. 157-168, 2005.

MANZO, Cristina Alejandra Larraín, **1988- Caleidoscópio missionário: alianças, interesses e conflitos entre a atuação de agências missionárias evangélicas e os povos indígenas do Vale do Javari/AM** / Cristina Alejandra Larraín Manzo. – Campinas, SP: [s.n], 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATOS, Beatriz de Almeida. **A Vista dos Espíritos: ritual, história e transformação entre os Matses da Amazônia brasileira**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Rio de Janeiro, Museu Nacional, PPGAS. Rio de Janeiro, 2014.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação & Realidade**, v. 36, n. 2, 2011.

MELO, J. R. F.; MACIEL, Silvana Carneiro; NEVES, Flávia Silva. Representação social sobre o uso do álcool na população indígena potiguara: um estudo com profissionais de saúde do sexo feminino. **Anais do II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais:**

Culturas, Leituras e Representações. Disponível em: <http://itaporanga. net/genero/gt4/18. pdf>. 2014. Acesso em: 14 jan. 2014.

MICCAS, Fernanda Luppino; BATISTA, Sylvia Helena Souza da Silva. Educação permanente em saúde: metassíntese. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, p. 170-185, 2014.

MISSIONÁRIO, Conselho Indigenista. **Violência contra os povos indígenas no Brasil: dados de 2010**. 2010.

NOVACK, G. Introdução à lógica marxista. São Paulo: Editora Sundermann, 2006.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Álcool**. 2021. Disponível em: https://www.paho.org/pt/topicos/alcool. Acesso em: 04 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a Saúde no Mundo 2001 - Saúde Mental Nova Concepção, Nova Esperança**. OMS, Genebra, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE/OMS. **Estrategia mundial para reducir el uso nocivo del alcohol**. Genebra: OMS, 40, 2010.

PAIVA, Vera Silvia Facciolla. Psicologia na saúde: sociopsicológica ou psicossocial? Inovações do campo no contexto da resposta brasileira à AIDS. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 531-549, 2013.

PEREIRA, Priscilla Perez da Silva e OTT, Ari Miguel Teixeira. **O processo de alcoolização entre os Tenharim das aldeias do rio Marmelos, AM, Brasil**. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação** [online], v. 16, n. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000055>. Acesso em: 19 jul. 2024

REIS, Rodrigo Oliveira Braga. **A territorialidade Matsés e os conflitos na fronteira Brasil-Peru**. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

REIS, Rodrigo Oliveira Braga. **Entre fissões e fusões-a dinâmica social matsés e os processos de territorialização na fronteira Brasil-Peru**. Revista Ambivalências, v. 3, n. 5, p. 28-60, 2015.

RIBAS, Adriana Ferreira Paes; MOURA, Maria Lucia Seidl de. Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 129-138, 2006.

SIMÕES, Carlos. **Curso de direito em serviço social.** 7.ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de, SCHWEICKARDT, Júlio César e GARNELO, Luíza. O processo de alcoolização em populações indígenas do Alto Rio Negro e as limitações do CAGE como instrumento de screening para dependência ao álcool. **Archives of Clinical Psychiatry** (São Paulo) [online]. v. 34, n. 2, p. 90-96. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-60832007000200005. Acesso: 19 jul. 2023.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de; GARNELO, Luíza. Desconstruindo o alcoolismo: notas a partir da construção do objeto de pesquisa no contexto indígena. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 9, p. 279-292, 2006.

SOUZA, Ronaldo Santhiago Bonfim de; OLIVEIRA, Júlia Costa de; ARAUJO, Vânia Eloisa de e TEODORO, Maycoln Leôni Martins. Instruments for the evaluation of alcohol use in indigenous communities - a systematic review. **Temas psicol**. [online]. 2018, v.26, n.3 p. 1589-1603. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 19 jul. 2023.

SOUZA, M.L.P., comp. **Processos de alcoolização Indígena no Brasil: perspectivas plurais [online]**., 2013, p.249. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575415818>. Acesso em: 25 mar.2023.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de e GARNELO, Luiza. **Quando, como e o que se bebe: o processo de alcoolização entre populações indígenas do alto Rio Negro, Brasil**. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2007, v. 23, n. 72007 [Acessado 19 Julho 2022], p.1640-1648. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000700015>. Acesso: 19 jul. 2023.

SOUZA, Ronaldo Santhiago Bonfim de et al. **Instruments for the Evaluation of Alcohol Use in Indigenous Communitie**s. **A Systematic Review. Trends in Psychology** [online]., v. 26, n. 3, p. 1589-1603.: Disponível: <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-16En>. Acesso: 19 jul. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Nënaid dedenda quequin chiaid nec DST/Aids e hepatites virais: Mayoruna (Matsés). **Falando sobre prevenção às DST/Aids e hepatites virais: Mayoruna (Matsés)**. – Brasília: UNESCO, 2012.

UNIÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO VALE DO JAVARI. **Diretrizes prioritárias de gestão territorial e ambiental da Terra Indígena Vale do Javari**. Atalaia do Norte - AM, outubro de 2020

VASCONCELOS, E M. **Abordagens Psicossociais História, teoria e Trabalho no Campo**. São Paulo: Editora Hucitec, 2008

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 241-260, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – PÚBLICO INDÍGENA

Pesquisa: Sociedade, Estado, Cultura e Segurança Pública do Programa.
Pesquisador: Francisco Takmony Fernandes Dantas, Assistente Social da Saúde Indígena.
Orientador: Prof. Dr. Fábio Alves Gomes.
Título do Projeto: Uso prejudicial de álcool: significações produzidas por profissionais de saúde e indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javari no Amazonas.
Objetivo da pesquisa: Investigar as significações produzidas sobre o uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna/Matsés, na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intersetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.
Questões norteadoras:

- Quais as práticas e formas associadas ao uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da Aldeia Indígena Lago Grande, TI Vale do Javari, no Amazonas?
- Quais as formas de beber estão associadas ao uso não prejudicial de álcool da cultura Mayuruna?
- Quais são as ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento do uso prejudicial de álcool entre a população indígena da Aldeia Indígena Lago Grande, no Vale do Javari - Amazonas?
- Quais ações poderiam ser feitas? Quais materiais poderiam ser úteis?

Roteiro:

1. Qual sua idade?
2. Qual sua escolaridade?
3. Qual sua profissão?
4. Qual sua ocupação?
5. Exerce algum papel social na comunidade?
6. Qual a história da Aldeia Lago Grande? Há quanto tempo existe? Como se formou? De onde vêm as pessoas? Quem são os vizinhos? Quais as relações com eles? Existe contato interétnico? Como se dá? **(Aplicar esta perguntar apenas ao cacique e/ou líder indicado pela comunidade).**
7. Qual a relação dos Mayuruna com a bebida?
8. Quais as bebidas tradicionais dos Mayuruna?
9. Quais as formas de beber tradicionalmente dos Mayuruna?
10. Há alguma preparação para beber?
11. Como os Mayuruna bebem?
12. Com quem bebe?
13. Bebe de maneira individual ou em grupo?
14. Em que lugares?
15. O que mudou no modo de beber dos Mayuruna?
16. Existem outros tipos de substâncias utilizadas pelos Mayuruna, como o rapé e o veneno de sapo? Esta substância está relacionada ao uso de álcool?

17. Sobre a relação do contato interétnico, as pessoas bebem com você?
18. De qual forma isso acontece?
19. Eles deixam alguma bebida?
20. Quais bebidas?
21. O uso de álcool é um problema para a comunidade?
22. Quais problemas acontecem? (Violência? Tristeza? Outros?)
23. O que vocês entendem sobre o uso prejudicial de álcool?
24. Quando começou a perceber o aumento prejudicial do uso de álcool na Aldeia Lago Grande?
25. Quais fatores favorecem esses fatores?
26. O que você pensa sobre o uso de bebidas alcoólicas na comunidade?
27. O que seus familiares dizem sobre o uso de bebidas na comunidade?
28. Como é a vida na família com situação de uso prejudicial de álcool?
29. Eles ficam preocupados? **(Sentem dor de cabeça, dor no estomago, ansiedade)**
30. Você conhece as ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento do uso prejudicial de álcool entre a população indígena da Aldeia Indígena Lago Grande, no Vale do Javari - Amazonas?
31. Quais ações poderiam ser feitas? Quais materiais poderiam ser úteis?
32. A partir de tudo do que foi comentando há algo que desejam comentar?

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – PÚBLICO PROFISSIONAL DE SAÚDE INDÍGENA

Pesquisa: Sociedade, Estado, Cultura e Segurança Pública do Programa.
Pesquisador: Francisco Takmony Fernandes Dantas, Assistente Social da Saúde Indígena.
Orientador: Prof. Dr. Fábio Alves Gomes.
Título do Projeto: Uso prejudicial de álcool: significações produzidas por profissionais de saúde e indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javari no Amazonas.
Objetivo da pesquisa: Investigar as significações produzidas sobre o uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna/Matsés, na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intersetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.
Questões norteadoras:

- Quais as práticas e formas associadas ao uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da Aldeia Indígena Lago Grande, TI Vale do Javari, no Amazonas?
- Quais as formas de beber estão associadas ao uso não prejudicial de álcool da cultura Mayuruna?
- Quais são as ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento do uso prejudicial de álcool entre a população indígena da Aldeia Indígena Lago Grande, no Vale do Javari - Amazonas?
- Quais ações poderiam ser feitas? Quais materiais poderiam ser úteis?

Roteiro:

1. Qual sua idade?
2. Identidade de gênero?

- **Cisgênero –** Identidade de gênero corresponde a que foi atribuída no nascimento. Ao olhar-se no espelho, um indivíduo vê um homem e ao fechar os olhos ainda se sente como um homem. Então, pode-se dizer que o seu sexo é masculino e que o seu gênero é cisgênero.
- **Transgênero –** Identidade de gênero oposta ao sexo biológico. Uma pessoa que cresceu sentindo que a sua aparência e corpo não o representavam e, independente de suas atitudes e fisionomia, se identifica com o sexo oposto ao que nasceu é considerada transgênero.
- **Não binário –** Identidade de gênero não estabelecida. Indivíduos que não se identificam nem com o sexo masculino, nem com o sexo feminino, ou que se identificam com ambos ao mesmo tempo e não se limitam a uma definição específica

3. Raça/etnia?

( ) Branco ( ) Preto ( ) Amarelo ( ) Pardo ( ) Indígena, qual? _____

4. Qual sua escolaridade?
5. Qual sua profissão?
6. Qual sua ocupação?
7. Quanto tempo atua na saúde indígena?
8. Quanto tempo de atuação na aldeia Lago Grande? (Quantas entradas na Aldeia Lago Grande?)
9. Qual o tempo em média de permanência da equipe de saúde?
10. Você tem conhecimento de alguma bebida tradicional?

11. Você conhece quais as práticas e formas associadas ao uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da Aldeia Indígena Lago Grande, TI Vale do Javari, no Amazonas?
12. Você conhece quais as formas de beber estão associadas ao uso não prejudicial de álcool da cultura Mayuruna?
13. Quais são as ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento do uso prejudicial de álcool entre a população indígena da Aldeia Indígena Lago Grande, no Vale do Javari - Amazonas?
14. Quais ações poderiam ser feitas? Quais materiais poderiam ser úteis?
15. Conhece outros tipos de substâncias utilizadas pelos Matsés, como o rapé e o veneno de sapo? Esta substância está relacionada ao uso de álcool?
16. O uso de álcool é um problema para a comunidade? Quais problemas acontecem?
17. Você já presenciou a relação do contato interétnico na Aldeia Lago Grande, as pessoas bebem com os Matsés?
18. Eles deixam alguma bebida? Quais bebidas?
19. Quando começou a perceber o aumento do uso prejudicial do álcool na comunidade?
20. Quais doenças estão relacionadas ao uso prejudicial de álcool na Aldeia Lago Grande?
21. A partir de tudo do que foi comentando há algo que desejam comentar?

APÊNDICE C – ROTEIRO DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Pesquisa: Sociedade, Estado, Cultura e Segurança Pública do Programa.

Pesquisador: Francisco Takmony Fernandes Dantas, Assistente Social da Saúde Indígena.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Alves Gomes.

Título do Projeto: Uso prejudicial de álcool: significações produzidas por indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javarí no Amazonas

Objetivo da pesquisa: Investigar as significações produzidas sobre o uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna/Matsés, na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intersetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.

Questões norteadoras:

- Quais as práticas e formas associadas ao uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da Aldeia Indígena Lago Grande, TI Vale do Javari, no Amazonas?
- Quais as formas de beber estão associadas ao uso não prejudicial de álcool da cultura Mayuruna?
- Quais são as ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento do uso prejudicial de álcool entre a população indígena da Aldeia Indígena Lago Grande, no Vale do Javari - Amazonas?
- Quais ações poderiam ser feitas? Quais materiais poderiam ser úteis?

Tipo	**Perguntas**	**Orientações (o que quero saber?)**
Questões para aquecimento	1. Como se dá o uso de álcool em festas tradicionais?	Investigar a relação das bebidas tradicionais nas festividades
	2. Como se chama a bebida considerada álcool tradicional? Como ela é produzido?	Conhecer o preparo do álcool tradicional
Questões centrais	3. Como se dá e quais as consequências do uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da aldeia indígena Lago Grande, Terra Indígena (TI) Vale do Javari, no Amazonas?	Analisar possíveis respostas para as questões norteadoras

	4. Como a equipe multidisciplinar de saúde indígena corroborar e/ou pode corroborar para o monitoramento e enfrentamento do uso abusivo de álcool entre a população indígena da aldeia Lago Grande, no Vale do Javari - Amazonas?	Analisar possíveis respostas para as questões norteadoras
Questão de encerramento	5. Para encerramento da discussão: como os senhores pensam que é possível reduzir o uso prejudicial de álcool na aldeia Lago Grande?	Identificar as sugestões da população indígena e dos profissionais para subsidiar estratégias para políticas públicas

APÊNDICE D – OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES: PARTICIPANTES INDÍGENAS

Indicadores	Pré-Indicadores
Os Matsés e sua relação com a "caiçuma" e o "alcoolismo": [...] "Quando eu tava novo, né? É no mato não tinha bebida assim "alcoolismo", tinha nossa própria bebida "caiçuma" [...]"	[Participante_1] "**Quando eu tava novo, né? É no mato não tinha bebida assim "alcoolismo**", **tinha nossa própria bebida "caiçuma",** mingau de banana, mingau de milho, né? Existe agora os bebidas, o mingau de banana, o mingau de milho, né? **É, como eu sempre bebia o "caiçuma" junto com o meu pai**, né? Até agora, eu cheguei na comunidade Lameirão, é tinha bebida ainda nossa, própria bebida, mas ficou um ano lá, e quando entrou (bebida alcoólica) ", ele morava lá, como é? [...] **Lameirão começaram, entrou a bebida como "alcoolismo",** "alcolismo", **mas quando meus parentes bebia "alcolismo",** álcool, né? **Acontecia muito problema, violência**, né? Isso eu pensei, como cacique, **Sentei com os professores lá Lago Grande, como a gente pode ajudar nossa comunidade, pode ajudar nossas pessoas, aldeia**, sentei junto com **Participante 6** com professores também **eu comecei fazer documento, vamos pedir outros parceiros para fazer orientar nós, né?** Como a gente vai parar para beber "alcoolismo", por isso tá aqui papel importante, como eu cacique comecei pra, **pra pedir ajuda**, **porque eu não quero continuar entrar comunidade bebida, né?** Isso é, é, eu chamei as pessoas aqui do Lago Grande, né? **Eles quer aprender também, vou aprender com eles aqui também, nós todos, né?** Eu comecei, já estão aqui papel, depois". Só isso ele falou o **Participante 6** vai complementar também! [...] [Participante_8] Tem nossa bebida, existe, **hoje os jovens não tomam, remédio tradicional [...]** Para ficar muito forte pra acordar bem cedo assim, é, mas o hoje não gosta de beber, **costumam beber refrigerante alguma coisa assim não coisa dos indígenas**. Quem sabe são os mais velhos! [Participante_1] **"Não bebia! É, mas "caiçuma" bebia como vitamina com tem os brancos!"** [Participante_8] **Antes bebia assim. Hoje para jovem ficar bêbado!** [Participante_9] **"Antes quando fazia roça, né? Os jovens se não tinha "caiçuma" de bebida, né? Eles não vai trabalhar na roça. Se tinha "caiçuma" eles vai trabalhar na roça, por isso que começou bebida"** [...]. [Participante_6] **Quando o pessoal inventa de comprar eles vão comprar, Né? Mas primeiro ficam bêbados com a "caiçuma"!** [Participante_6] **Os que mais compram é os que ficam na cidade!** [Participante_8] **Corote, 51, 61 também!** [Participante_1]..."**falou e eu esqueci "quando nós ficamos no mato não tinha bebida, mas eu cheguei lá no Lameirão, começa alguns professor, como agente de saúde, as mulheres começaram a ganhar maternidade, bolsa família também. Lá começou entrou bebida!"** [Participante_8] **Quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade!**

	[Participante_1] "**É na minha comunidade existe problema com bebida com álcool, foi quando beber, é os jovens, né? Meus jovens existe gosta de brincar com as mais pessoas como ele também gosta de brincar, mas existe essa violência, né? Quando toma bebida eles gostam de matar eles mesmo com a arma de fogo, enforcar, né? Pra eles mesmo. Isso aconteceu na minha comunidade. Como o comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo, boca do Lago Grande ali eles param e jovens vem pra comprar lá mesmo toma, né? Isso aí eu sempre orientei, não pode acontecer mais isso, vamos ouvir fala dos profissionais da saúde, né? Quando foi para nossa comunidade fizeram palestra que bebida causa doenças, né? Isso, sempre falo, falei orientei jovens, né? Não pode continuar, tem que parar né? Quais são futuro de nosso filho".** [Participante_9]..."**quando jovem ele bebia muito, no Lago Grande, eu parei um pouco, eu parei, idade dele chegou 52 anos, né? Mas também meu corpo causa algum problema eu não consigo trabalhar também na roça. As bebidas causam doença, né?** Eu orientei meu filho. Mas ele gosta de beber também gosta de sair para a festa também. Quando ele novo, bebia muito, mas agora parou. O filho dele gosta de beber, isso aconteceu na minha vida".
Práticas associadas e a forma de beber tradicionalmente: "Essa "caiçuma" a gente bebe fazendo maloca, né? E que não tem bebida e comida, a gente faz o bebida para a roça, pescar na comunidade também."	[Participante_7] **Tem bebida também, o, veneno de sapo!** [Participante_1] "É, tão tá falando né? Que tem nossas bebidas, "patoá" também abacaxi que nós gosta de comer e batata pra comer nós, batata doce e se tiver frutinha nossa comunidade também, **é também, existe vários tipos de comidas e bebidas também!**" [Participante_5]...**"tem mingau de pupunha igual do "caiçuma",** [Participante_9] **"Antes quando fazia roça, né? Os jovens se não tinha "caiçuma" de bebida, né? Eles não vai trabalhar na roça. Se tinha "caiçuma" eles vai trabalhar na roça, por isso que começou bebida"** [...]. [Participante_4] **"Ela que faz "caiçuma" na aldeia e quando vão fazer a roça, os jovens vai pra beber, jovens não ficam bêbados assim, mas eles ficam normal", entendeu?** [Participante_5] **"Essa "caiçuma" a gente bebe fazendo maloca, né? E que não tem bebida e comida, a gente faz o bebida para a roça, pescar na comunidade também."** [Participante_7] **Pra esses campeonatos, os caciques que liberam, que faz essas atividades!** [Participante_8] **Tem que fazer, quando vai tomar o "veneno de sapo" a gente prepara a "caiçuma", mingau de banana se tiver muito mingau a gente chama as pessoa para tomar dentro das malocas!** [Participante_8] **"eu bebi pupunha de "caiçuma", né? Eu bebi uma panela, né? Pra sair para caçar muito longe, essa bebida é nossa é assim pupunha, né? É beber vai muito longe para voltar nossa casa.** E também tenho o meu sogro mais velho que ele toma o "veneno do sapo" [...] Como eu moro na comunidade Nova Esperança como professor, como agente de saúde eles

	convidou outros parentes ficam perto da comunidade, né**? Por exemplo, os Marubo, eles, meu cacique, professores e fez muita "caiçuma"? Com o aniversário da comunidade, convidou outros parentes, fez assim na comunidade.** [Participante_6] **Acho que é o que ele estava falando, né? O nosso também lá na comunidade, convidávamos os parentes Kanamari que não é muito longe é próximo! [...]** Era quando a gente fazia limpeza de comunidade, era mais rápido! [...] **Acho que uma partezinha, né? Porque agora a gente não é, sem bebida forte assim, "caiçuma" bebida forte eles não vão trabalhar entendeu? Quando tiver pouco assim pouco vai, resto vai o resto que não vão!.** [Participante_7] **Se não tiver a bebida! Os jovens não vai ajudar trabalhar na roça, se tiver bebida vai!** [Participante_6] **Quando o pessoal inventa de comprar eles vão comprar, Né? Mas primeiro ficam bêbados com a "caiçuma"!** [Participante_9] "Quando a gente toma "caiçuma", né a gente não tomar "rapé" ou "veneno do sapo", esse "veneno do sapo" é muito forte para tomar, separado a gente toma! [Participante_9] Eu né? **Eu trabalhei como agente de saúde nas aldeias eu bebia muito, mas como eu tô trabalhando aqui na cidade eu parei um pouco, porque eu tenho meu filho**, tenho que comprar as coisas, roupa, comida, as coisas lá em casa. Assim, eu parei um pouco, mas alguns meus amigos não indígena convidam pra tomar, não é muito assim, parar 12 horas. Eu parei assim, quando estava na comunidade antes bebia muito na cidade com meus colegas, mas parei assim.
Segurança pública no território indígena e contato interétnico: "Como o comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo, boca do Lago Grande ali eles param e jovens vem pra comprar lá mesmo toma, né?"	[Participante_1] "Também lá na minha comunidade tem perto **comerciante, como o israelita que vende lá, né, eles compram a cachaça, jogam, onde tem perto onde tem roça para vender bebida, álcool ou cerveja, por isso mesmo meus parentes bebem e traz pra comunidade,** assim aconteceu na comunidade". [Participante_8] Tem nossa bebida, existe, **hoje os jovens não tomam, remédio tradicional [...]** Para ficar muito forte pra acordar bem cedo assim, é, mas o hoje não gosta de beber, **costumam beber refrigerante alguma coisa assim não coisa dos indígenas**. Quem sabe são os mais velhos! [Participante_6] **Quando o pessoal inventa de comprar eles vão comprar, Né? Mas primeiro ficam bêbados com a "caiçuma"!** [Participante_6] **Os que mais compram é os que ficam na cidade!** [Participante_8] **Corote, 51, 61 também!** [...] **Quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade! [...**] **Quem trabalha assim, eles ganha benefício, compra bebida leva a comunidade, assim surgiu bebida na comunidade!** [Participante_9] **Alguns compram na cidade levam para as aldeias, se não tiver compram lá mesmo que leva dinheiro!** [Participante_6] **Saúde deles, procuram tirar sangue deles!** (invasores) [...]**Aí é tudo (brasileiro e peruano)!**

	[Participante_3] Pescador! [Participante_6] **Vão, vão. Porque é fronteira!** [Participante_1]...**"que alguns entra na minha comunidade ali eles quer o "rapé" como eu cacique eu não deixo ensinar assim outras pessoas, também entra comerciantes levam muito cachaça, mas eu como cacique não deixo pra comunidade, eu expulsei, é porque não conhecido entra na minha comunidade eu não deixo pra entrar é porque outras pessoas não conheço levas as coisas também, as doenças, assim, eu não deixei para entrar, também o pescador eu não deixo entrar no lago.** [Participante_3] Só deixa para atendimento! [Participante_8] **Comerciante entra na comunidade para vender, leva pão pra vender, açúcar, bolacha.** [Participante_1] "**É na minha comunidade existe problema com bebida com álcool, foi quando beber, é os jovens, né? Meus jovens existe gosta de brincar com as mais pessoas como ele também gosta de brincar, mas existe essa violência, né? Quando toma bebida eles gostam de matar eles mesmo com a arma de fogo, enforcar, né? Pra eles mesmo. Isso aconteceu na minha comunidade. Como o comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo, boca do Lago Grande ali eles param e jovens vem pra comprar lá mesmo toma, né? Isso aí eu sempre orientei, não pode acontecer mais isso, vamos ouvir fala dos profissionais da saúde, né? Quando foi para nossa comunidade fizeram palestra que bebida causa doenças, né? Isso, sempre falo, falei orientei jovens, né? Não pode continuar, tem que parar né? Quais são futuro de nosso filho".** [Participante_4] "Antes quando ela tava no Lago Grande até 13 anos as meninas bebiam álcool, mas aconteceu na minha comunidade, mas até agora existe na minha comunidade não bebe, parou um pouco, não sei porque, nossa comunidade existe nossa **igreja** lá, mas alguns jovens ainda tomam, mas gasolina eu não vi hoje bebendo, os álcool nas aldeias". [Participante_6] **Acho que é verdade porque antigamente em 2014 a gente perdemos um monte de menina de 15 anos porque tinha muita bebida nessa época quando bebia enforcava! [...]**Jovens meninas! [...] **Eu perdi até o meu tio também**! [...] Agora como existe na aldeia **igreja**, muito tipo de igreja tem muitas pessoas que gosta e num gosta, agora não está tendo muito esses problemas porque parou um pouco! [Participante_8]...**Que próprio professores mesmo bebia e se enforcou na comunidade dentro da comunidade!** [Participante_6] Mas nunca aconteceu isso mais, com a **igreja** lá os caras pararam de beber! [Participante_8] Como eu jovem, antes, quando comecei cresci eu não gosto de bebida, tomar cerveja nela, mais bebida, mais. Como outros meus colegas, eles me ensinam, né? Vamos tomar pra beber. Eles levam na festa, lá, eu, eu, como eu aprender assim. **Mas outros caras me chamavam, mas eu não quis assim tomar**

	assim, cerveja, álcool, né? Eu comecei pra beber, mas. Assim acostuma o jovem né? [Participante_2] **Meu irmão pode me orientar, né? O que eu posso beber agora, bebida alcoólica alguma coisa assim, se ele não obedecer eu posso enforcar e ficar triste. Nunca obedecia!** [Participante_1]..."tem uma pessoa lá que gosta de beber cachaça, né**? É, como eu cacique e profissionais também trabalha nas aldeias se ele beber muita cachaça tem que chamar para orientar, que não podem beber muito tem que parar, profissionais também orientam, né?** Não pode ficar assim, a gente faz as orientações nas aldeias" [...] ela tá falando quem acostumou essa a beber álcool, continua a beber, mas alguns jovens não, não tá tomando a cachaça mais. É, o jovem está participando da nossa comunidade da igreja, né? Alguns mais jovens não tomam". [Participante_9]..."alguns **pescadores** entrando na Terra Indígena, ele sempre comunicando aqui, no base, na FUNAI, comunicando Terras Indígenas pescador eles vão fiscalizar, pra Polícia Federal**,** mas o Ibama tem quem fiscalizar também. Tem que fiscalizar o alcoolismo que acontece nas aldeias. **Tem que fiscalizar**. Isso é mais importante. Se é problema de entrar pescador nas aldeias, soldado para fiscalizar Terra Indígena isso tá acontecendo!
Uso prejudicial de álcool e suas expressões de violência: "Ficar com raiva com as meninas com bebida alcoólica, ele bateu na esposa, a esposa foi falar mal dele, aí ele foi se "enfocar", ficou com raiva por causa da esposa dele. Aí vai se enforcar se matar!"	[Participante_6] **Acho que é verdade porque antigamente em 2014 a gente perdemos um monte de menina de 15 anos porque tinha muita bebida nessa época quando bebia enforcava! [...]**Jovens meninas! [...] **Eu perdi até o meu tio também**! [...] Agora como existe na aldeia **igreja**, muito tipo de igreja tem muitas pessoas que gosta e num gosta, agora não está tendo muito esses problemas porque parou um pouco! [Participante_8]...**Que próprio professores mesmo bebia e se enforcou na comunidade dentro da comunidade!** [Participante_2]...**Ficar com raiva com as meninas com bebida alcoólica, ele bateu na esposa, a esposa foi falar mal dele, aí ele foi se "enfocar", ficou com raiva por causa da esposa dele. Aí vai se enforcar se matar!** [Participante_6] Nós "perdimos" dois menino em 2015 por **causa de namorado**, o namorado bebia e **começava a discutir**, chegava em casa, a mãe também começou a discutir aí! [Participante_5]..."tá falando antes eu bebia muito, bebia muito pouco, meus marido bebe, mas nunca aconteceu briga**. Quando eu tava na comunidade meu marido bebia escondido, mas agora parou já.** Nunca beber assim alcoolismo.
Assistência à saúde na prevenção ao uso prejudicial de álcool: "É, como eu cacique e profissionais também trabalha nas aldeias se ele beber muita cachaça tem que chamar para orientar, que não podem beber muito tem que parar, profissionais também orientam, né?"	[Participante_1]..."tem uma pessoa lá que gosta de beber cachaça, né**? É, como eu cacique e profissionais também trabalha nas aldeias se ele beber muita cachaça tem que chamar para orientar, que não podem beber muito tem que parar, profissionais também orientam, né?** Não pode ficar assim, a gente faz as orientações nas aldeias" [...] ela tá falando quem acostumou essa a beber álcool, continua a beber, mas alguns jovens não, não tá tomando a cachaça mais. É, o jovem está participando da nossa comunidade da igreja, né? Alguns mais jovens não tomam". [Participante_8] O psicóloga, né? Para ir para a comunidade para asa aldeias juntos com **profissionais**, professores, cacique para chamar pra fazer **palestras,**

	né? Acho melhor assim, pra psicóloga tem experiência para orientar as pessoas. Não pode ficar assim. Acontecer. Porque a comunidade lá acontece suicídio lá, enforcar. Mas tem que ir palestras para as aldeias. Jovens, não pode acontecer as meninas, né? As meninas novas. Te que parar assim. Tem que orientar. Eu acho! [Participante_5]...Porque existe **equipe da SESAI** também, como saúde indígena. Saúde indígena é saúde indígena, né? Mas é para fazer alguma coisa de lá. [Participante_2] Esse bebida alcoólica, né? Que nem o **Participante 8** falou se a gente pode beber entre nós colega, briga, aí **os profissionais ficam preocupados**, o AISAN, os profissionais falam pode acontecer isso, um dia a gente pode escutar, no dia que a gente pode beber acontece.

Fonte: Dantas, 2024.

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO DO GRUPO: PARTICIPANTES INDÍGENAS

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO: PARTICIPANTES INDÍGENAS
Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então assim, gente. Boa tarde a todos. É, sou o Francisco Takmony, vocês me conhecem, né? Eaí, eu quero falar para vocês que é um momento muito importante para a gente estar aqui discutindo. E eu quero fala para vocês que está aqui agora não é o Takmony da SESAI, é o Takmony da UEA, tá? o estudante, o pesquisador, eaí, em 2021 foi realizado uma viagem da SESAI lá pata a Aldeia Lago Grande, eaí com isso o que que aconteceu o **Participante 1**, o **Participante 6,** o I.M., o nosso querido falecido professor, né? o **Participante 1?** Eles deram uma ideia assim: "Takmony, eu quero que você faça alguma coisa sobre o álcool, lembra, né? **Participante 1?** Foi rápido ali. Eaí apareceu o mestrado em Segurança Pública, Cidadania, Direitos Humanos. Eaí o que eu fiz, eu, pensei nessa proposta para vocês, por isso aqui só está participando indígenas da Aldeia Lago Grande. Eu quero dizer para vocês que a gente já fez um encontro na UEA de Tabatinga, né? O **Participante 1** foi, o **Participante 6,** a gente foi para UEA Tabatinga e isso foi a qualificação do mestrado e a próxima etapa era esse momento com vocês. Aí o que acontece o tema que estamos trabalhando é o "**Uso prejudicial de álcool: significações produzidas por indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javari no Amazonas"**. Aí o local da pesquisa é a Aldeia Lago Grande. O que se pretende? A gente tem algumas perguntas relacionadas ao uso do álcool, aí só vocês Matsés vão saber dizer. Aí por isso tem que ser os Matsés da Aldeia Lago Grande, aí vocês vão dizer é dessa maneira, dessa forma, conforme as perguntas que eu for fazendo. Aí é importante que todo mundo fale. Aí como a gente está na sala aqui, fala perto do celular, falar um pouco mais alto, que for falar na língua o tradutor irá ajudar, né? Na Tradução. Mas ante disso precisamos preencher os termos autorizando a participação de vocês, tá? Na pesquisa não vai ser falado o nome de ninguém, porque para não expor a pessoa, nada disso, aí vocês podem falar o que vocês quiserem. Aí o que que acontece, aqui tá dizendo que todos os direitos do sigilo de vocês vai ser preservado, tá? Então toda questão de apoio relacionado a pesquisa vai ter apoio da instituições e dos pesquisadores, por isso tem que assinar os termos, como falei anteriormente individualmente com cada um. Aí lá quando for publicado não vai dizer que fulano disse isso. Só o **Participante 1** vamos contar a história da aldeia, olha a Aldeia Lago Grande vieram de tal lugar, o fundador foi fulano, foi ciclano, nesse sentido, certo? Aí a gente queria agora preencher, a Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa) vai nos ajudar a preencher, antes da gente começar precisamos preencher esse termo, são 5 folhas com duas vias, quem não assinar irá usar o dedinho, certo? Aí depois a gente vai fazer uma pequena identificação socioidentitária de cada um, perguntando qual é a idade, né? Qual a escolaridade, qual a profissão? Se exerce algum papel social na aldeia. Tem alguma Dúvida? **Tradutor:** **Momento de tradução para a língua Matsés.** **Pesquisador responsável (Francisco Takmony):** Aí outra coisa, esta pesquisa terá resultados para a comunidade! Igual já falei com os **Participante 1 e 6** antes. Quando a gente pegar, porque a gente já trabalhou com os profissionais de saúde, agora é com vocês, então a gente vai juntar todas as informações, a produção de informações vai ter uma dissertação, vai ser entregue para o cacique

da aldeia e para a associação. Ea gente vai pensar em produtos que é justamente para colaborar com a prevenção do uso prejudicial de álcool. Entendeu? Porque o uso prejudicial do álcool gera violência, agravos de doenças isso tudo. Aí vamos ter produto, depois que eu for analisar tudo que vocês falaram nós vamos propor algum produto para vocês, incialmente o que a gente tá pensando, em capacitações com a participação dos moradores, mas só que vai envolver polícia federal, DSEI, UNIAVAJA, né? Prefeitura, as instituições de segurança pública, essa é a nossa intenção.

Participante 8: Essa capacitação vai ser quando?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Não. Depois que a gente acabar esse momento. Eu vou escrever tudo que foi falado e vou analisar tudo, com essas análises eu vou propor de como vai ser a capacitação, aí a gente vai defender a dissertação, a gente vai convidar vocês para ir na UEA também. Aí depois disso a gente vai mandar para a SESAI, a gente vai acertar com a SESAI quando que seria, mas a gente vai propor e entregar, oh, a gente construiu, um exemplo, essa capacitação com os Matsés de Lago Grande. Compreendido? Alguma questão? Alguma pergunta?

Tradutor: Momento de tradução para a língua Matsés.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Certo?

GD: Concordam com os participantes balançando a cabeça.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mais uma vez eu agradeço em nome do cacique e as lideranças. Aí o que a gente vai fazer, eu e a Cristina a gente vai pegar a assinatura de vocês ou a impressão para o termo de autorização, aí depois eu e ela vamos fazer as perguntas da identificação socioidentitária, tá? Aí depois vamos fazer as perguntas para o grupo, ok? Aí o tradutor vai fazer a tradução!

Tradutor: Momento de tradução para a língua Matsés.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Certo? Então vamos começar os preenchimentos dos termos de autorização.

Retomando o GD.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sim, vamos começar agora o grupo de discussão, já foi explicado o termo, os TCLEs já foram assinados e agora a gente vai começar. A primeira questão que gostaríamos de saber de vocês é um seguinte: qual é a relação dos Mayuruna com a bebida tradicional de vocês? Qual é a relação com a bebida? Vocês tem alguma relação com a bebida? Podem ficar à vontade em falar!

Tradutor: Momento de tradução para a língua Matsés.

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Tradutor: Tração: "Meu nome é Participante 1 sou cacique do Lago Grande. **Quando eu tava novo, né? É no mato não tinha bebida assim "alcoolismo**", **tinha nossa própria bebida "caiçuma",** mingau de banana, mingau de milho, né? Existe agora os bebidas, o mingau de banana, o mingau de milho, né? **É, como eu sempre bebia o "caiçuma" junto com o meu pai**, né? Até

agora, eu cheguei na comunidade Lameirão, é tinha bebida ainda nossa, própria bebida, mas ficou um ano lá, e quando entrou (bebida alcoólica) ", ele morava lá, como é?...

Participante 1: Lameirão!

Tradutor: "Lameirão começaram, entrou a bebida como "alcoolismo", "alcolismo", **mas quando meus parentes bebia "alcolismo",** álcool, né? **Acontecia muito problema, violência**, né? Isso eu pensei, como cacique, **Sentei com os professores lá Lago Grande, como a gente pode ajudar nossa comunidade, pode ajudar nossas pessoas, aldeia**, sentei junto com **Participante 6** com professores também **eu comecei fazer documento, vamos pedir outros parceiros para fazer orientar nós, né?** Como a gente vai parar para beber "alcoolismo", por isso tá aqui papel importante, como eu cacique comecei pra, **pra pedir ajuda**, **porque eu não quero continuar entrar comunidade bebida, né?** Isso é, é, eu chamei as pessoas aqui do Lago Grande, né? **Eles quer aprender também, vou aprender com eles aqui também, nós todos, né?** Eu comecei, já estão aqui papel, depois". Só isso ele falou o **Participante 6** vai complementar também!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): É vocês podem complementar! **Participante 6** e **Participante 9.**

Tradutor: O que faltar eu traduzir!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): vocês também, tá! Aí para ajudar!

Participante 1:

Tradutor: "Também lá na minha comunidade tem perto **comerciante, como o israelita que vende lá, né, eles compram a cachaça, jogam, onde tem perto onde tem roça para vender bebida, álcool ou cerveja, por isso mesmo meus parentes bebem e traz pra comunidade,** assim aconteceu na comunidade".

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas aqui, tem alguma relação do álcool com vocês Mayuruna que vocês possam estar contribuindo? Oh, eu vou fazer outra pergunta, quais são as bebidas tradicionais do povo Mayuruna? Oh, tem a "caiçuma", né?

GD: sim!!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Certo? Existe outra bebida tradicional?

Participante 8: Existe!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Existe? Quais são essas bebidas?

Participante 8: Tem nossa bebida, existe, **hoje os jovens não tomam, remédio tradicional...**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Remédio tradicional!

Participante 8: Para ficar muito forte pra acordar bem cedo assim, é, mas o hoje não gosta de beber, **costumam beber refrigerante alguma coisa assim não coisa dos indígenas**. Quem sabe são os mais velhos!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Os mais velhos! Mas qual é o nome dessa bebida?

Participante 8: "Bëdshëte" qui deixa muito forte assim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Entendi!

Participante 7: Tem bebida também, o, veneno de sapo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Veneno de sapo também é dos Mayuruna?

Participante 2: Nós toma também!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Também vocês tomam?

Participante 4 e Participante 10: Acenam com a cabeça afirmando que sim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Entendi! Vocês querem complementar? **Participante 9**?

Tradutor: Momento de tradução para a língua Matsés.

Participante 6: Acho que tudo que podia falar ele falou!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Porque assim, vocês podem estar complementando!

Tradutor: Momento de tradução para a língua Matsés.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): A ideia é o que é que vocês complementem o outro, porque se a gente não conseguir fazer isso, a gente vai ter que fazer outro grupo. Aí por isso vocês tem que conversar, pode. Vocês aqui são todo mundo é conhecido. Podem falar mesmo!

Tradutor: **Momento de tradução para a língua Matsés.**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Oh, um exemplo. Quais são as bebidas tradicionais que vocês conhecem? dos Matsés?

Tradutor: **Momento de tradução para a língua Matsés.**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quais são as bebidas tradicionais que vocês conhecem?

Tradutor: **Momento de tradução para a língua Matsés.**

Participante 1: **Falando na língua Matsés.**

Participante 7: **Falando na língua Matsés.**

Participante 3: **Falando na língua Matsés.**

Participante 1: **Falando na língua Matsés.**

Tradutor: "É, tão tá falando né? Que tem nossas bebidas, "patoá" também abacaxi que nós gosta de comer e batata pra comer nós, batata doce e se tiver frutinha nossa comunidade também, é também, **existe vários tipos de comidas e bebidas também!**"

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas as bebidas assim parecidas com a "caiçuma" que tem algum efeito alcóolico é só a "caiçuma" e o "veneno de sapo"?

Participante 5: **Falando na língua Matsés.**

Participante 9: **Falando na língua Matsés.**

Tradutor: A **Participante 5** disse que **“tem mingau de pupunha igual do “caiçuma”,**

Tradutor: O **Participante 9** disse do “mingau de pupunha”.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ele tem um teor alcóolico também?

Participante 4: Falando na língua Matsés.

Tradutor: A **Participante 4** disse do “mingau de pupunha”.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Por que os Matsés bebem? Qual o momento de beber?

Tradutor: Momento de tradução para a língua Matsés.

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Participante 8: Falando na língua Matsés.

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Tradutor: ““caiçuma” antes não bebia!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Antes não bebia “caiçuma”?

Tradutor: “Não bebia! É, mas “caiçuma” bebia como vitamina com tem os brancos!”

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Como uma vitamina?

Tradutor: Vitamina né! Nós, a vó dele falava assim isso aqui é vitamina nossa!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas não era para ficar alcoolizado, era só?

Participante 8: Antes bebia assim. Hoje para jovem ficar bêbado!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Entendi. Para ficar bêbado! Alguém mais para falar do de quando se bebe? Um exemplo. Quando vão para a roça? Quando tem campeonato de futebol? Quando vai pescar? Vocês consomem a “caiçuma” ou o “veneno” do sapo”? Quais são os momentos que vocês usam “caiçuma” ou o “veneno” do sapo”?

Participante 9: Falando na língua Matsés.

Tradutor: O **Participante 9** “está falando lá no São Raimunda, São Raimundo, eu bebi!”.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): O **Participante 9?**

Tradutor: O **Participante 9**. **“Antes quando fazia roça, né? Os jovens se não tinha “caiçuma” de bebida, né? Eles não vai trabalhar na roça. Se tinha “caiçuma” eles vai trabalhar na roça, por isso que começou bebida”, isso que Participante 9 tá falando!**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Isso em Lago Grande?

Tradutor: Não São Raimundo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Que é a antiga comunidade dele?

Tradutor: Sim, antiga!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Alguém mais? Para falar?

Participante 4: Falando na língua Matsés.

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 4: Falando na língua Matsés.

Tradutor: "Ela que faz "caiçuma" na aldeia e quando vão fazer a roça, os jovens vai pra beber, jovens não ficam bêbados assim, mas eles ficam normal", entendeu? .

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Na aldeia normal?

Tradutor: Sim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ela prepara?

Tradutor: Sim, ela prepara!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ela poderia falar como ela faz, prepara?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 4: Falando na língua Matsés.

Tradutor: Só macaxeira mesmo, cozinha macaxeira faz "caiçuma"!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí a macaxeira normal, cozinha?

Tradutor: Sim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ela azeda?

Tradutor: Sim!

Participante 4: Falando na língua Matsés.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quantos dias para fazer?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 4: Falando na língua Matsés.

Tradutor: "São 02 (dois) dias!"

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): 02 (dois) dias! Quando os Matsés vão beber, para ir a roça, né que vocês já falaram para trabalhar. Existe alguma preparação, um exemplo não posso comer algum tipo de comida ou fazer algo?

Participante 8: Normal!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Normal? Não tem nenhuma preparação?

Tradutor: **Falando na língua Matsés.**

GD: Respondem com não movimentando a cabeça!

Tradutor: Não!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Além do trabalho tem outro momento que os Matsés bebem? Para além do trabalho? A bebida tradicional? O "veneno de sapo" ou a "caiçuma"?

Tradutor: **Falando na língua Matsés.**

Participante 8: Tem!

Participante 5: **Falando na língua Matsés.**

Tradutor: **"Essa "caiçuma" a gente bebe fazendo maloca, né? E que não tem bebida e comida, a gente faz o bebida para a roça, pescar na comunidade também."**

Auxiliar de pesquisa (Cristina Comapa): As festas culturais de vocês?

Tradutor: **Falando na língua Matsés.**

GD: Sim, bebe!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): No campeonato de futebol, bebe "caiçuma"?

Participante 7: **Pra esses campeonatos, os caciques que liberam, que faz essas atividades!**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então nas práticas esportivas tem "caiçuma"!

Auxiliar de pesquisa (Cristina Comapa): A parte cultural, festa cultural também!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): As festas culturais também! Tem algum outro momento? Não tem outro momento? Que usam "veneno de sapo" e a "caiçuma"?

Participante 2: Esse "veneno de sapo", porque a gente mesmo marca um dia, entendeu?

Auxiliar de pesquisa (Cristina Comapa): Todo mundo?

Participante 8: Todo mundo!

Participante 6: Todo mundo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Tem alguma preparação para tomar o "veneno de sapo"?

Participante 8: Tem!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Qual é a preparação? Podem falar!

Participante 8: Tem que fazer, quando vai tomar o "veneno de sapo" a gente prepara a "caiçuma", mingau de banana se tiver muito mingau a gente chama as pessoa para tomar dentro das malocas!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Dentro das malocas mesmo?

Participante 6: Se não tinha maloca a gente toma fora mesmo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Vocês podem complementar!

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Participante 3: Falando na língua Matsés.

Participante 8: Falando na língua Matsés.

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Tradutor: O **Participante 1**...

Participante 6: Falando na língua Matsés.

Tradutor: O **Participante 1** **"eu bebi pupunha de "caiçuma", né? Eu bebi uma panela, né? Pra sair para caçar muito longe, essa bebida é nossa é assim pupunha, né? É beber vai muito longe para voltar nossa casa.** E também tenho o meu sogro mais velho que ele toma o "veneno do sapo", mas quando chegar em nossa comunidade, vou fazer filmagem, vídeo, né? Para mostrar para você (**Pesquisador responsável**), né? Isso é nossa bebida, tem nossa bebida isso aí, como tem papel hoje, como eu falei, eu comecei ajuntar com o professor vamos fazer assim, estamos aqui com o papel, nosso que aconteceu com nossa comunidade!"

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Alguém mais quer complementar?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Fiquei com dúvida, a "caiçuma" é feita da macaxeira ou da pupunha?

Participante 8: Da macaxeira!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): A pupunha é outra bebida?

Participante 3: Falando na língua Matsés.

Tradutor: Sim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas tem o teor alcóolico também?

Participante 8: Tem!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Tem álcool tradicional também? Azeda também?

Participante 6: Azeda!

Participante 8: Sim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): E pelo que percebi vocês bebem coletivamente a bebida tradicional! Sempre é coletivo!!! Tem mais alguém? Opa, vocês Matsés em relação a bebida vocês bebem com outros povos também? Com outras pessoas? A "caiçuma"?

Participante 8: Como eu moro na comunidade Nova Esperança como professor, como agente de saúde eles convidou outros parentes ficam perto da comunidade, né**? Por exemplo, os Marubo, eles, meu cacique, professores e fez muita "caiçuma"? Com o aniversário da comunidade, convidou outros parentes, fez assim na comunidade.**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas alguma coisa **Participante 9**?

Participante 6: Acho que é o que ele estava falando, né? O nosso também lá na comunidade, convidávamos os parentes Kanamari que não é muito longe é próximo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Só, só parente mesmo? Tinha branco, não?

Participante 6: Não! Era quando a gente fazia limpeza de comunidade, era mais rápido!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Para o trabalho!

Participante 6: Anham!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí só reforçar novamente. O que que mudou em relação a bebida tradicional? O **Participante 1** disse que bebia para trabalhar, mas agora bebem para ficar bêbado, mudou alguma coisa? Além disso?

Participante 6: Acho que uma partezinha, né? Porque agora a gente não é, sem bebida forte assim, "caiçuma" bebida forte eles não vão trabalhar entendeu? Quando tiver pouco assim pouco vai, resto vai o resto que não vão!.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí vão trabalhar?

Participante 7: Se não tiver a bebida! Os jovens não vai ajudar trabalhar na roça, se tiver bebida vai!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quais são as bebidas?

Participante 6: "caiçuma"!

Participante 8: É "caiçuma"!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Bebidas alcoólicas?

Participante 6: Quando o pessoal inventa de comprar eles vão comprar, Né? Mas primeiro ficam bêbados com a "caiçuma"!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Com a "caiçuma", mas chegam a misturar?

Participante 6: Chega!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Quase as bebidas que mais compram? O que eles compram lá?

Participante 6: Os que mais compram é os que ficam na cidade!

Participante 8: Corote, 51, 61 também!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): É mais aqueles que não é cerveja?

Participante 6: Isso!

Participante 1: **Falando na língua Matsés.**

Tradutor: O **Participante 1** **falou e eu esqueci "quando nós ficamos no mato não tinha bebida, mas eu cheguei lá no Lameirão, começa alguns professor, como agente de saúde, as mulheres começaram a ganhar maternidade, bolsa família também. Lá começou entrou bebida!"**

Participante 3: Através do dinheiro da bolsa.

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Compra mais aqui na cidade ou lá?

Participante 9: **Alguns compram na cidade levam para as aldeias, se não tiver compram lá mesmo que leva dinheiro!**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Compram lá né?

Participante 8: Anham!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Vocês usam rapé também? Ou não?

Participante 9: Usa!

Participante 6: Usam!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): O "veneno do sapo" e o "rapé" vocês usam enquanto usam a "caiçuma" também?

Participante 6: Não!

Participante 4: Não!

Participante 3: É separado!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): É separado não mistura?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 9: Falando na língua Matsés.

Tradutor: "Quando a gente toma "caiçuma", né a gente não tomar "rapé" ou "veneno do sapo", esse "veneno do sapo" é muito forte para tomar, separado a gente toma!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Assim pela experiência de vocês quando alguém toma cachaça, essa pessoa usa "rapé"?

Participante 8: Usa!

Participante 9: Alguns usam!

Participante 3: É!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Certo! É sobre pessoas que não são indígenas, existe a visita dessas pessoas na aldeia? Lá em Lago Grande?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Participante 5: Falando na língua Matsés.

Participante 2: Falando na língua Matsés.

Tradutor: Existe!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): O que essas pessoas vão fazer na aldeia? O que elas procuram?

Tradutor: **Falando na língua Matsés.**

Participante 6: **Saúde deles, procuram tirar sangue deles!**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Malária?

Participante 6: Aparece mais assim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): São o quê? Brasileiros?

Participante 6: **Aí é tudo (brasileiro e peruano)!**

Participante 3: Pescador!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Os peruanos também vão pra lá?

Participante 6: **Vão, vão. Porque é fronteira!**

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Perto!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então eles vão exclusivamente só por causa do serviço de saúde ou tem uma outra relação de conhecer vocês?

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Fazer amizades?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Jogar futebol por exemplo? Esses visitantes, eles, eles bebem com vocês? Eles deixam bebidas? Eles levam bebidas?

Participante 6: De vez enquanto levavam!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): **Participante 9** e **Participante 5**? Quais são as bebidas que eles levam?

Participante 1: **Falando na língua Matsés.**

Tradutor: O **Participante 9** **está falando "que alguns entra na minha comunidade ali eles quer o "rapé" como eu cacique eu não deixo ensinar assim outras pessoas, também entra comerciantes levam muito cachaça, mas eu como cacique não deixo pra comunidade, eu expulsei, é porque não conhecido entra na minha comunidade eu não deixo pra entrar é porque outras pessoas não conheço levas as coisas também, as doenças, assim, eu não deixei para entrar, também o pescador eu não deixo entrar no lago.**

Participante 3: Só deixa para atendimento!

Participante 8: Eles procuram atendimento da saúde, né?!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum! **Participante 2**, **Participante 4** e **Participante 5?**

Tradutor: **Falando na língua Matsés.**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Vocês tem algo a complementar? Sobre essas pessoas que não são indígenas que frequentam a aldeia? Eles oferecem bebida, por exemplo, para trocar por macaxeira? Exemplo, banana? Chega a acontecer isso?

Tradutor: **Falando na língua Matsés.**

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): E com vocês mais jovens, eles falam com vocês para trocar alguma coisa ou oferece a bebida para vocês?

Participante 2: Oferece só vendendo pão!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Como?

Participante 2: Vendendo pão!!!

Participante 8: Comerciante!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas bebida não?

Participante 8: Comerciante entra na comunidade para vender, leva pão pra vender, açúcar, bolacha.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas o álcool vocês não?

Participante 8: Não!

Participante 3: Cachaça.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sobre o uso de álcool na comunidade, o álcool relacionado a cachaça, né? Essas bebidas mais fortes que não é a bebida tradicional, é um problema na comunidade? O uso do álcool?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Tradutor: "**É na minha comunidade existe problema com bebida com álcool, foi quando beber, é os jovens, né? Meus jovens existe gosta de brincar com as mais pessoas como ele também gosta de brincar, mas existe essa violência, né? Quando toma bebida eles gostam de matar eles mesmo com a arma de fogo, enforcar, né? Pra eles mesmo. Isso aconteceu na minha comunidade. Como o comerciante traz cachaça pra vender nas aldeias há muito tempo, boca do Lago Grande ali eles param e jovens vem pra comprar lá mesmo toma, né? Isso aí eu sempre orientei, não pode acontecer mais isso, vamos ouvir fala dos profissionais da saúde, né? Quando foi para nossa comunidade fizeram palestra que bebida causa doenças, né? Isso,**

sempre falo, falei orientei jovens, né? Não pode continuar, tem que parar né? Quais são futuro de nosso filho". Isso que o Participante 1 orientou!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Agora a gente precisa que o restante também fale para a gente ter resultados!

Participante 4: Falando na língua Matsés.

Tradutor: "Antes quando ela tava no Lago Grande até 13 anos as meninas bebiam álcool, mas aconteceu na minha comunidade, mas até agora existe na minha comunidade não bebe, parou um pouco, não sei porque, nossa comunidade existe nossa **igreja** lá, mas alguns jovens ainda tomam, mas gasolina eu não vi hoje bebendo, os álcool nas aldeias".

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Alguém quer complementar? **Participante 9**? **Participante 2**? **Participante 6**? **Participante 5**?

Participante 6: Acho que é verdade porque antigamente em 2014 a gente perdemos um monte de menina de 15 anos porque tinha muita bebida nessa época quando bebia enforcava!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Era mais os jovens?

Participante 6: Jovens meninas!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Assim os mais velhos nem tanto?

Participante 6: Eu perdi até o meu tio também!

Participante 3: Falando na língua Matsés.

Participante 6: "Perdimos" um bucado de pessoa também se não me engano em 2014!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): 2014?

Participante 6: Agora como existe na aldeia **igreja**, muito tipo de igreja tem muitas pessoas que gosta e num gosta, agora não está tendo muito esses problemas porque parou um pouco!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Depois que entrou a igreja lá comunidade?

Participante 6: Isso!

Participante 8: Francisco, é Francisco? Que próprio professores mesmo bebia e se enforcou na comunidade dentro da comunidade!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Teve outro caso assim que foi um problema a bebida para ter morte lá dentro, enforcar? Bater em alguém?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Violência, tristeza?

Participante 3: Falando na língua Matsés.

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Você já presenciou violência através da bebida? Pode contar!

Participante 2: Ficar com raiva com as meninas com bebida alcoólica, ele bateu na esposa, a esposa foi falar mal dele, aí ele foi se "enfocar", ficou com raiva por causa da esposa dele. Aí vai se enforcar se matar!

Cristina Comapa (auxiliar de pesquisa): Um dos problemas pra ti que mais teve dentro da aldeia foi essas brigas por conta do álcool?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): As brigas e os suicídios! O **Participante 6** falou que era as meninas, mas os meninos também eles se enforcavam?

Participante 6: Nós "perdimos" dois menino em 2015 por causa de namorado, o namorado bebia e **começava a discutir**, chegava em casa, a mãe também começou a discutir aí!

Participante 10: Brigava com ele, né?

Participante 6: Unhum!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então o problema em relação ao álcool na comunidade vocês perceberam em 2014, é isso?

Participante 6: Foi 2014 e 2015!

Participante 5: 2014!

Participante 6: Mas nunca aconteceu isso mais, com a **igreja** lá os caras pararam de beber!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): A igreja ajuda, é isso?

Participante 6: Ajuda!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): E, assim. Pode falar!

Participante 8: Como eu jovem, antes, quando comecei cresci eu não gosto de bebida, tomar cerveja nela, mais bebida, mais. Como outros meus colegas, eles me ensinam, né? Vamos tomar pra beber. Eles levam na festa, lá, eu, eu, como eu aprender assim. **Mas outros caras me chamavam, mas eu não quis assim tomar assim, cerveja, álcool, né? Eu comecei pra beber, mas. Assim acostuma o jovem né?**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quando vocês olham assim que bebem assim exagerado, o que vocês sentem?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 2: Meu irmão pode me orientar, né? O que eu posso beber agora, bebida alcoólica alguma coisa assim, se ele não obedecer eu posso enforcar e ficar triste. Nunca obedecia!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Em 2014 e 2015, teve parente que se enforcou? Era parente próximo de vocês? As vezes tem as brigas, o que vocês sentem quando viam isso?

Participante 6: Triste assim, não comia a gente ficava!

Participante 7: Triste!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ficava pensando?

Participante 6: Pensava!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí, assim a gente já está encerrando porque vocês foram falando e complementando. Agora gostaria de saber de vocês o que poderia ser feito para prevenir o uso do álcool na comunidade? Pela equipe de saúde? Por vocês indígenas de Lago Grande. O que poderia ser feito? Na visão de vocês o que pode ser feito com a ajuda as instituições e de vocês para melhorar? Quais materiais poderiam ser usados?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Participante 4: Falando na língua Matsés.

Participante 1: Falando na língua Matsés.

Tradutor: O **Participante 1** "tem uma pessoa lá que gosta de beber cachaça, né**? É, como eu cacique e profissionais também trabalha nas aldeias se ele beber muita cachaça tem que chamar para orientar, que não podem beber muito tem que parar, profissionais também orientam, né?** Não pode ficar assim, a gente faz as orientações nas aldeias". "A **Participante 1** ela tá falando quem acostumou essa a beber álcool, continua a beber, mas alguns jovens não, não tá

tomando a cachaça mais. É, o jovem está participando da nossa comunidade da igreja, né? Alguns mais jovens não tomam".

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Participante 10? **Participante 9**? **Participante 2**? **Participante 5**? Vocês tem algo a mais para complementar?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): O que pode por vocês indígenas de Lago Grande com a saúde, por exemplo, para prevenir o uso do álcool? O uso prejudicial do álcool.

Participante 8: O psicóloga, né? Para ir para a comunidade para asa aldeias juntos com **profissionais**, professores, cacique para chamar pra fazer **palestras, né?** Acho melhor assim, pra psicóloga tem experiência para orientar as pessoas. Não pode ficar assim. Acontecer. Porque a comunidade lá acontece suicídio lá, enforcar. Mas tem que ir palestras para as aldeias. Jovens, não pode acontecer as meninas, né? As meninas novas. Te que parar assim. Tem que orientar. Eu acho!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Participante 5?

Participante 5: Falando na língua Matsés.

Tradutor: "Ela tá falando isso não é pior, né? Porque existe **equipe da SESAI** também, como saúde indígena. Saúde indígena é saúde indígena, né? Mas é para fazer alguma coisa de lá.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Oh, uma situação que vou colocar, vocês falaram que existe comercio próximos, certo? Que é fácil comprar álcool lá? Existe alguma fiscalização de quem entra na Terra Indígena? Existe alguma fiscalização? Por parte da FUNAI e Polícia Federal?

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Vocês acham que isso é um problema para o uso prejudicial de álcool? **Participante 9**?

Participante 9: Falando na língua Matsés.

Participante 10: Falando na língua Matsés.

Participante 9: Falando na língua Matsés.

Tradutor: O **Participante 9** "está falando que alguns **pescador**es entrando na Terra Indígena, ele sempre comunicando aqui, no base, na FUNAI, comunicando Terras Indígenas pescador eles vão fiscalizar, pra Polícia Federal**,** mas o Ibama tem quem fiscalizar também. Tem que fiscalizar o alcoolismo que acontece nas aldeias. **Tem que fiscalizar**. Isso é mais importante. Se é problema de entrar pescador nas aldeias, soldado para fiscalizar Terra Indígena isso tá acontecendo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então assim, a gente conseguiu responder todos os nossos itens que serão analisados. Agora gostaria de saber de cada um de vocês se tem algo que vocês gostariam de falar? Em relação ao uso do álcool. Então, esse momento agora antes da gente encerrar se tem algo que vocês gostariam de falar, que vocês acham importante!

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 9: Falando na língua Matsés.

Tradutor: O **Participante 9** "**tá falando quando jovem ele bebia muito, no Lago Grande, eu parei um pouco, eu parei, idade dele chegou 52 anos, né? Mas também meu corpo causa algum problema eu não consigo trabalhar também na roça. As bebidas causam doença, né?** Eu orientei meu filho. Mas ele gosta de beber também gosta de sair para a festa também. Quando ele novo, bebia muito, mas agora parou. O filho dele gosta de beber, isso aconteceu na minha vida".

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Obrigado pela contribuição **Participante 9. Participante 6**? **Participante 2? Participante 3? Participante 5? Participante 1?** Esse espaço é para vocês falarem o que vocês quiserem!!!

Participante 8: Eu né? **Eu trabalhei como agente de saúde nas aldeias eu bebia muito, mas como eu tô trabalhando aqui na cidade eu parei um pouco, porque eu tenho meu filho**, tenho que comprar as coisas, roupa, comida, as coisas lá em casa. Assim, eu parei um pouco, mas alguns meus amigos não indígena convidam pra tomar, não é muito assim, parar 12 horas. Eu parei assim, quando estava na comunidade antes bebia muito na cidade com meus colegas, mas parei assim.

Participante 2: Esse bebida alcoólica, né? Que nem o **Participante 8** falou se a gente pode beber entre nós colega, briga, aí **os profissionais ficam preocupados**, o AISAN, os profissionais falam pode acontecer isso, um dia a gente pode escutar, no dia que a gente pode beber acontece.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Queria ouvir as mulheres antes de encerrar!

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 5: Falando na língua Matsés.

Tradutor: Falando na língua Matsés.

Participante 5: Falando na língua Matsés.

Tradutor: A **Participante 5** "tá falando antes eu bebia muito, bebia muito pouco, meus marido bebe, mas nunca aconteceu briga**. Quando eu tava na comunidade meu marido bebia escondido, mas agora parou já.** Nunca beber assim alcoolismo.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então, alguém mais vai querer contribuir ou posso encerrar?

Tradutor: Falando na língua Matsés. Pode encerrar!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então assim, quero agradecer primeiramente a Cris que também é mestranda do Programa de Saúde Coletiva da FIOCRUZ. Ela também estará fazendo um trabalho parecido. Agradeço também o coordenador do DSEI Vale do Javari, Adelson da Silva Saldanha (Kora Kanamari) o enfermeiro Leonardo Mello que nos ajudou com o espaço no DSEI e o apoio logístico e eu agradeço cada um de vocês, a gente agradece também a OGM.

APÊNDICE F – OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÕES: PARTICIPANTES PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Indicadores	Pré-Indicadores
Formas associadas dos Matsés e sua relação com o uso de substâncias tradicionais: "[...] Eles só vão trabalhar se levar a "caiçuma".	[Profissional_1] No Lago! No Lago, Lago toda**, toda coisa que eles vão fazer, tipo, vão capinar vão a roça**, onde eles faz 3 dia antes "**caiçuma**". Eles só vão trabalhar se levar a "**caiçuma**". [Profissional_6] Aham, ainda coloco a **Cachaça** dentro! [Profissional_1] Junto com a **bebida tradicional**! Misturam! [...] **Geralmente, esses momentos que eles vão fazer algum tipo de trabalho! [...]** Aham, eles avisam antes. **Não, a gente vai limpar a roça**, **de fulano de tal. Então a gente vai cair na comunidade ao redor da escola, aí só vão se tiver a "caiçuma"**! [...] As **festas** deles também! [...]. [Profissional_4] **Os torneios que eles fazem de futebol**! [Profissional_5] É como o Profissional 1 falou, né, Profissional 4? Não sei se tô enganada, na época que a gente trabalhava lá, não tinha tanta "caiçuma", era cachaça no suco, entendeu? Né? Profissional 4? Era difícil ter a "caiçuma". [...]Eles não tinha esse costume de ter a "**caiçuma", era mais cachaça**! [Profissional_6] Pelo que eu vi lá, teve uma vez que, acho que foi a mulherada que fizeram para dar para os homens que iam Trabalhar, mas não tinha, é, não era fermentada. Mas só que aí depois, na tarde, quando foi na tarde, o AIS mesmo falou que já tinha levado a que era fermentada. [...] Tipo assim. **Quando foi o dia do índio**, né? Que eu tava lá, eles fizeram e deram até com as criancinhas, mas não era é... [Profissional_9] Já reúne as outras aldeias ali em torno, né? Aí a gente percebe o que, Takmony. **Que tipo a questão da tradição da cultura está se perdendo?** Na verdade, **já tá só por um fio, né? [...] Porque tu tem uma tradição bonita. Tu tem uma tradição linda ali que tu já não está dando valor. A comunidade não tá dando valor e aí tu já pega dessa tradição, está comemorando, mas aí tu já estende**

	para uma coisa que é prejudicial. Né? Então esse tipo de coisa que se tem que resgatar na comunidade, né, que já vem sofrendo há muito tempo! [Profissional_1] Mais é rapé! Mas só que eles usam o rapé diariamente, não, não misturam com negócio de álcool não... [Profissional_4] E poucas pessoas faz, utilizam o rapé!
Associação de bebidas não tradicionais no contexto indígena: "[...] ali não falta cachaça, não falta corote [...]."	[Profissional_6] Aham, ainda coloco a **Cachaça** dentro! [Profissional_1] **Cachaça**, álcool (álcool etílico) o que tiver eles põe dentro para ficar mais forte! **[...]** Principalmente ali o Lago, por ser muito próximo ali, da, daquelas Balsas ali, **M.**, perto ali do Irari dos brancos, **ali não falta cachaça, não falta corote**. E é bem perto aí pra eles não faltam acesso para eles é livre. [Profissional_6] **E da vez que eu tava lá até essa M. Ela vai até o Lago Grande pega os pessoal para trabalhar para ela, aí trabalha em recompensa ela dar a bebida.** [Profissional_1] **E lá também nesta minha permanência aí, eu nem sabia que um parente vendia bebida lá (na Aldeia Lago Grande).** [Profissional_4] Quando o enfermeiro chegou lá, eles não... incompreensível... não mexiam no álcool, mas como não mexem no **álcool**? **Claro que tem cerveja no outro lado vão estar bebendo álcool aí!!!** [Profissional_2] Porque tem a **bebida fáci**l, e a **bebida fácil, não vão mexer**!!! [Profissional_10] Mas eles tem a capacidade de **pedir o álcool**, por exemplo, nós da equipe odontológica que anda com concentração de álcool, né? [...]Caixa, né? Eles pedem da gente, né? A. A vez que eu fui lá, eles pediram, né? Eu tava no, atendimento na escola e eles, na frente da escola tem um banco, um banco comprido, não sei se esse

	banco ainda existe, né? Eu não sei se é debaixo do pé de mangueira, se é de um Jambeiro. Né? Ali, uma concentração deles estarem lá, né? Eles pedem, claro, a gente infelizmente não dar, têm uns que ficam chateados, mas e mais eles pedem! [Profissional_3] O que vem a ser a consequência do álcool? **É o exagero, às festas, elas vão continuar, a comunidade vai continuar é tão problemático que alguns teóricos já pontuam como questão social**. Além da saúde. Vamos focar também que daqui eu também eu vou pegar muita coisa, né, pra gente colocar em prática o trabalho. [Profissional_5] Teve uma, teve uma cena que eu, eu e o Profissional 4 tava**,** a gente ia para a visita no Tambaqui, mas aí já não é do Lago, mas é também, eles aprenderam, aprenderam quando tem praia. Eles leva a uma, uma, como é? Uma sombrinha ou então fazer a lona**,** uma caixa de som. E beber, né? Profissional 4, uma vez a gente passou, estava igual aqui a frente de Atalaia, um som no talo, tomando cerveja. E as criancinhas brincando com a garrafa de a latinha de cerveja, brincando com água, meu Deus do céu, vai morrer um afogado aí! [...] Pegaram gelo com pescador, tá pra ti! E já!
Organização social, conflitos e intervenção religiosa: "[...] desde a época que eu cheguei lá, a igreja, hoje foi fundada lá deu uma amenizada nesse negócio do álcool [...]."	[Profissional_10] Eu tive uma experiência, eu entrei com o Dr. Otávio, já faz um tempo, Dr. Otávio trabalhava aqui no DSEI, nós fomos fazer aquele inquérito, triagem para fazer manejo clínico. Quando chegamos na comunidade, **um dia anterior tinha tido uma festa**, né! Só que como você percebeu, a aldeia se divide em duas, tem a parte onde ficam a área dos profissionais mais a farmácia e a outra parte que tava a comunidade, quando nós chegamos a técnica era a "B", aí ela relatou uma situação pro Dr. Otávio, aí a gente parou tudo e foi ver essa paciente. **Eles tinha, tava em uma festa, o rapaz jovem, um casal jovem, eai ele ficou com ciúme da esposa, e ele mordeu e arrancou o lóbulo tudo da orelha, né, e cuspiu fora, aí ela, era nessa festa sem ser de trabalho, nem nada, foi uma festa da comunidade, eai o médico foi atender, não teve como suturar a orelha, ela tinha levado, e a moça tinha levado com um paninho cobrindo, não teve o que se fazer mais, né! Eai ele, e no outro dia parecia que não tinha acontecido nada, né!** É uma situação assim que achei bem interessante, e ela estava com ele ainda, a moça, mas estava tipo querendo se esconder, né, então, aí o médico conversou, perguntou o que tinha acontecido, aí ela falou que tinha sido por causa de ciúmes, né! Ele ficou transtornado que a maioria fica transtornado pelo menos pelo relato dela, né! Eai, nessa, nesse caso não era o álcool em se era o **"corote",** né, que eles tinham comprado e feito uma **festa**, então aí se conversou com a **liderança** indígena, né? O que a gente observou muito, foi a falta da **liderança** indígena na

	comunidade. É uma situação, assim, que por várias vezes a **liderança** que eu digo assim, o pulso que o líder tem, falta a questão do pulso é por várias vezes que eu entrei na comunidade tinha essa questão, né? Porque quando tu tem um líder na comunidade, tem aquela questão do respeito pelo cacique. E não foi o que a gente observava e várias entradas que eu dei. Né? Então eu acho que a partir do momento que tu tem uma comunidade que ela não está bem estruturada. Acontece esse tipo de coisa, porque é uma comunidade pequena, né? É uma comunidade tranquila, assim não acontece muito a morbidade. Né? Fora o que já o que já vem ocorrendo, o que a gente ouve, muitos profissionais da questão de Pescador assim, outra coisa muito interessante. Nossa, como tem aquele é os cabeludo, né? Profissional 5, que frequenta lá e meio que quando tu tá fazendo atendimento. A, ao cacique pede para te atender aquele pessoal ali, né? Como se fosse uma obrigação. [Profissional_9] É, aí, já é uma acordo dele com a liderança e interfere muito, às vezes no nosso atendimento. Essa questão de outra **religião**. Eu não sei se você tem observado isso aí tem a questão do **álcool**, tem a questão de outras religiões também. E aí cria um conflito, ali a gente observa, né? É esse! [Profissional_3] Eu gostaria muito de contribuir, vamos trazer a população que nós estamos discutindo**. É falando sobre as festas**. Consequências, vamos colocar os indígenas que usam psicotrópicos em relação ao uso do álcool, a medicação, os colegas presentes sabe que é muito prejudicial e vem consequências físicas, emocionais, psicológicas, que devem ser também nesse, nessa pontuação das lideranças existe também. Uma geração de conflito muito grandes. [...] **As lideranças já estão idosas a as novas gerações já não tem aquela** [...] O **respeito**, a própria cultura ao próprio povo. Então, vamos discutir também essa, porque se está aqui, também poderá sair. **É resoluções que a gente não vai é confrontar e quem sabe podemos até colocar para trabalhar, né? [...]** O que vem a ser a consequência do álcool? **É o exagero, às festas, elas vão continuar, a comunidade vai continuar é tão problemático que alguns teóricos já pontuam como questão social**. Além da saúde. Vamos focar também que daqui eu também eu vou pegar muita coisa, né, pra gente colocar em prática o trabalho. [Profissional_9] Só para complementar a Profissional 3. Isso quer, falou. É bem preocupante mesmo, porque tá aqui a Profissional 5, vários profissionais que já entraram lá, essa questão da **saúde mental**

	com uso de álcool ou outras drogas, já prejudicou muitos profissionais de saúde em relação à segurança. Entendeu, não é mesmo? Profissional 5? Porque tem paciente naquela região. É que, pelo menos pelo relato da mãe, que algumas vezes vem na farmácia, que bebia, que subia em árvore, que não deixava de tomar um medicamento ou que deixava de tomar o medicamento, e, eaí... [Profissional_4] Só, eu cheguei lá, **desde a época que eu cheguei lá, a igreja, hoje foi fundada lá deu uma amenizada nesse negócio do álcool.** Mas quando eu cheguei lá, teve até um, uma, teve até um colaborador, o V., **presencie um suicídio do senhor lá, sabe? O senhor N. Nessa noite? Teve uma festa deles lá, né? E aí ele. Ele não bebia. Sabe? E aí o filho dele bebeu lá e só escutava os gritos lá (sequelalêlâ), aí quando foi umas 5 horas da manhã. Encontraram o velho enforcado sentado dentro da canoa, né? Acho que enforcado não se enforca sentado, né? E aí quando a gente foi lá para meu corpo. Eles já tinham subido ele!! E a gente chegou ver pelo menos aqui na, nessa parte da cabeça dele. A gente acha, né? Que foi o próprio filho que matou o pai.** [Profissional_9] É, associando ao álcool, aí quer dizer que a **segurança do profissional**, porque muitas vezes no Lago Grande, não ficava enfermeiro, era só o técnico de enfermagem, né? Agora [...] E o microscopista, né? Então, por muito tempo, aí o profissional acaba que não se sente seguro em fazer assistência naquele momento da crise do paciente, do **indígena**, né? Então isso que a Profissional 3 falou, é muito importante mesmo agora deu uma acalmada, mas antes a gente sofria muito com isso, entendeu [Profissional_9] Assim, Takmony, é que a gente já ouviu alguns relatos bem antes agora não ouço tanto, que, na verdade ali como é área de fronteira, não é só o álcool. [...] Então ali é uma porta de entrada para muitas coisas, né? Então, assim, certeza, certeza, o profissional não tem não, viu? Mas a acredito si, né, **que tem outras drogas mais pesadas ali na comunidade, né?** Precisa fazer um trabalho ali, né? E porque é uma comunidade pequena, e também não era para ter tantos agravos. [Profissional_1] É, tipo assim oh, realmente, no, no coisa já já, já foi comprovado que realmente tem ele mesmo, falou entre eles, quem usa e quem não usa.

	[Profissional_9] Porque como a gente entra assim? Que é uma comunidade pequena tu não passa mais de 10 dias. **Como eu te falei, então vai fazendo uns outros trabalhos sem ser relacionada ao álcool e outras drogas, mas acaba que observo algumas coisas. E tu ouve algumas coisas mais certeza, ver.** [Profissional_5] A gente tinha uma regra que como tu era mais antigo lá, quando ele estava bebendo a gente não pra passar pra lá! [...] **Devido às agressões que já tinham acontecido, então quando estavam bebendo, que a gente ouviu o som, a gente não ultrapassava ali, a não ser que eles viesse chamar a gente para alguma casa de urgente. Tanto é que uma vez eu acho que foi eu e o Profissional 4 que a gente foi lá, o parente tava bêbado. Fez um auê na aldeia dizendo que o, escorpião, tinha picado ele. E aí o que faz com bêbado?** [Profissional_3] **Existe muitas influências e um histórico muito grande, então as influências vem direcionadas não fica somente, puramente a "caiçuma", a "caiçuma"azeda também é cultural deles, só que eles não tem mais limites.** [Profissional_9] Já reúne as outras aldeias ali em torno, né? Aí a gente percebe o que, Takmony. **Que tipo a questão da tradição da cultura está se perdendo?** Na verdade, **já tá só por um fio, né? [...] Porque tu tem uma tradição bonita. Tu tem uma tradição linda ali que tu já não está dando valor. A comunidade não tá dando valor e aí tu já pega dessa tradição, está comemorando, mas aí tu já estende para uma coisa que é prejudicial. Né? Então esse tipo de coisa que se tem que resgatar na comunidade, né, que já vem sofrendo há muito tempo!** [Profissional_5] **A gente vê uma mudança, muito. Quando é inaugurou a igreja, não é? Deu uma parada assim. Não tanto, mas deu uma amenizada e aí a gente depois acho que logo quando a gente veio. Vim de lá, eu tava parando um pouco mais na igreja. Aí a igreja tava chamando os jovens, metade da comunidade para igreja. Mas tinha o povo que bebia. Sempre tinha. [...]** O pastor, acabou a igreja mais porque o pastor foi pra roça, namorou com crente lá, e a mulher deu uma pisa na crente, deu uma pisa no marido.

	Aí é tipo assim, perdeu a moral da igreja. Aí as vezes o marido bêbado da mulher pegava e batia no marido [...]. [Profissional_4] Já puxou arma para matar o pai dele. Já puxou a arma pra matar o cachorro! [Profissional_1] Na canoa. Aí a canoa só girando no meio do rio e eles brigando, rodando e **brigando** aí teve que ir um pegar eles porque se não eles iriam brigar até lá no meio do rio mesmo, já pensou? Hem! (risos).
Segurança pública, vulnerabilidade dos profissionais de saúde e indígenas na área de fronteira: "A segurança também dos colegas de trabalho das meninas em relação a violência sexual. É consequência. Tanto as, as próprias indígenas, quantas colegas de trabalho. Ali não tem, porque todo mundo é vulnerável. Droga, álcool, assim, fazendo o que faz. E aí, tem que pontuar muito, muito a segurança".	[Profissional_3] Então já essa influência do histórico lá das Fronteiras é muito forte. É o corote, é a droga, é a maconha. É também o tráfico também, que recentemente foi acionado que levaram uma moça de lá. Esse também é você consequência. [Profissional_1] É porque assim também em relação a esse negócio do **tráfico** lá no Lago, né? Aconteceu uma situação lá com o cacique, o cacique teve que descer escoltado pela federal, porque ele estava sendo ameaçado pelo, pelos traficantes colombiano, né? O "fulano"! [...] Aí, tipo, porque ele andava com o pessoal da Funai, denunciando eles, né? Aí eles, como método de intimidação, mandaram uns colombiano e lá ver, tirar foto da casa dele e tal. Aí ele teve que que ligar para o pessoal da Funai, da federal. Aí foram pegar ele, escoltado! Aconteceu que ainda ficou, até parece que foi umas 3 semanas sem fazer visita porque aa o DSEI não deixou a gente mais fazer visita devido esse risco, né? Que poderia acontecer alguma coisa. Aí ele "fulano" está aqui até hoje. **Porque também por causa do tráfico, da ilegalização da madeira que ficam tirando.** [Profissional_4] E eles usam os índios pra, como saldados do tráfico lá também, né? Para colocar a roça, né? Pra colher a cocaína, eles usam também os índios. [Profissional_3] **A segurança também dos colegas de trabalho das meninas em relação a violência sexual. É consequência. Tanto as, as próprias indígenas, quantas colegas de trabalho. Ali não tem, porque todo mundo é vulnerável. Droga, álcool, assim, fazendo o que faz. E aí, tem que pontuar muito, muito a segurança**.

	[Profissional_5] **Eu penso primeiro em relação a FUNAI. Porque a gente trabalha com saúde, mas acaba que, se não tiver uma fiscalização naquela área, os profissionais não podem atuar adequadamente até para não correr risco de vida, né? Ee envolver CONDISI, a FUNAI, a UNIVAJA as instituições, né? Porque fala-se muito na saúde indígena. Mas a saúde indígena, não é a saúde física, tem que ter a saúde cultural, mental, né? Eu vejo por esse lado, então, se não tiver um apoio dessas instituições, se não tiver uma liderança que quer que esteja empenhada no bem da comunidade, só à SESAI não vai conseguir resolver.** [Profissional_2] **Eu acho que as instituições federais que abrange os indígenas Na verdade, todos têm que se envolver. Porque é uma situação tá ótima a situação perigosa, né? Tanto pra pro os indígenas como pro pro os próprios, é profissionais, né, que estão ali!** [Profissional_3] A falta de segurança está pesando! [Profissional_2] Sim. **A falta de segurança**. Isso mesmo. Daqui a pouco ninguém vai querer ir por certas situações. O cacique já foi ameaçado. Dá mais os profissionais, né? Então, ou seja, o cacique foi ameaçado praticamente dentro da casa dele. O habitar dele, aonde. O que que acontece aí teve que sair de lá. Por causa dessas situações, então eu creio que as instituições federais, né? Poderiam se mover? Para ver essa situação, enquanto dá. [Profissional_3] A SESAI tá na atenção primária já se sai da atenção primária por várias situações as instituições, a FUNAI, as instituições aqui de Atalaia do Norte, as **escola**s são parcerias, a parceria com as escolas são muito boas quando a gente vai fazer uma ação na escola os professores estão prontos. Então incluir, talvez uma ação no próprio é o trabalho profissional lá da escola. Porque a gente pega uma pessoa de 30 a 40 anos, ela vai estar aqui sentada ouvindo, mas tu teve uma criança de 4,5, 8 anos, ela vai ser influenciada. É como se fosse aquele Cdzinho, bem virgem, o que tu coloca naquele Cdzinho ele vai, né? Se constituindo, constitui sua personalidade. E aí ele vai ter muitos caminhos!

	[Profissional_1] Porque em relação a isso aí também, lá no, no Lago é área indígena, né? Se não pode entrar, não pode entrar, né? Aí todo mundo entra ali dentro, todo mundo, todo mundo, e eles deixam. [Profissional_9] E aí vem as outras doenças relacionadas a epigastralgia, mas eu acho que essa questão em relação à **saúde mental**, é a mais grave. Entendeu? Porque tu percebe aqui que os profissionais relatam muitas coisas, não é? E a Profissional 5 não quis citar, mas a Profissional 5 sofreu muito lá no Lago Grande em relação querer a abusar, né? [...] **Pois é, então assim, o que a gente percebe! A Profissional 6, ela teve a possibilidade de entrar com o enfermeiro, né? A Profissional 5 foi no momento que o enfermeiro saiu para outra comunidade, né? É, é perigoso deixar uma profissional mulher sozinho ali, né? Entendeu? Então, e muitas vezes o distrito meio que. E não acolheu o profissional, que tem profissional, se sente assim, relata pra gente, né? Então essa questão da sensibilização, do apoio emocional ao profissional de saúde, porque o indígena vai falar muita coisa que a gente tá falando, do nosso ponto de vista, ele vai falar o ponto de vista dele em relação ao profissional de saúde, né? Aí vocês vão criar. Mas aqui a gente está para expor nosso ponto de vista. Então, em relação à saúde do profissional, é mediante essas situações é muito grave. Saúde do trabalhador, né? Então você vê que tem muitas, muitos fatores que a gente só sabe de relatos de colegas que estão lá, que passam muito tempo lá, então tem que se avaliar isso. A saúde do trabalhador, saúde sexual, a saúde mental, a saúde física, emocional, né? Então, ali é uma comunidade doente, se tu for parar para pensar**! [Profissional_5] Ei, Profissional 9, assim, eu nunca fiquei só, porque toda vez que, eu trabalhei com o Profissional 4, né, Profissional 4? A única vez que eu não entrei com o Profissional 4 foi quando e eu entrei com um parente, eu trabalhei uma, entrei com outro profissional indígena e nessa segunda vez que eu entrei com outro indígena que aconteceu isso porque os meninos, eles não deixavam a gente só. Então, aí o cacique da outra aldeia pediu para enfermeiro dormi lá, coisas que também não eram de costumes. E o outro me deixou só, bastou uma vez pra mim ficar só. Entendeu isso? Fora outras coisas que a gente eu nunca relatei, mas o Profissional 4 **já viveu comigo lá quando eu colocava o papel, para mim tampar as...** [Profissional_9] As brechas!!!

	[Profissional_5] As brechas**.** Eles iam lá cortavam a faca o pau... [Profissional_4] Tirava! [Profissional_5] **Tirava. E quando eu fui reclamar para o cacique, aonde é menino brincando! O que eu fiz coloque uma cortina aí tá beleza, sabe o que ele fazia? O carinha? Ele entrava debaixo da casa para mim olhar, né, Profissional 4? O Profissional 4 e o "G" viram ele vindo com as costas, toda melada de de barro, e a gente chamava atenção, é nada deixa pra lá, entendeu? É, aí, quero chorar depois. [...]** É, que dava mais raiva ainda é os nossos próprios colegas de trabalho dizer que estava mentindo. Entendeu? [Profissional_9] Foram vários colegas e não foi também só no Lago Grande. Então, **a partir do momento que chega e tu num abraço ao colega em relação a essas questões sensíveis é muito complicado, né**? É porque as pessoas fazem de conta que não enxergam as coisas e o problema tá ali. E é de muito tempo e ninguém resolve, ninguém. Ninguém consegue ter uma atitude para resolver a questão da saúde do trabalhador, porque quem é que vai? A Profissional 5 saiu de área por causa disso. Foi ou não foi? [...] **Essa questão da liderança é muito importante porque se tu não tem liderança da tua comunidade, tu não consegue proteger nenhum profissional. Aí o profissional vai trabalhar como fragilizado, com medo, não consegue desenvolver ação direito. Né? Então assim, eu admiro muito o profissional da área da saúde indígena.** [Profissional_3] **A falta de segurança dos próprios profissionais.** [Profissional_2] **Fez de demitirem, mas infelizmente não é. A gente sabe todo todo nós sabemos aqui que é onde tem o uso de álcool. Né? A segurança é é precária, entendeu?** [Profissional_11] **Eu só queria falar alguma coisa em relação a isso também é mais voltado pra SESANI, né? Quando a gente entrou, eu, "J", a gente viu a situação da casinha, né, da farmácia, que era bem precária. E que eu eu sei que. É, eu não sei como é que era em relação à equipe anterior, né? Os trabalhos que eram**

	desenvolvidos, planejamentos enfim, mas eu lembro que quando a gente passou até a médica, a "P", ela sempre pediu muito, porque ela, ela se sentia muito insegura dentro da da farmácia, né, que era uma casinha de palha, bem precário, bem mesmo, e tinha muita brecha, era praticamente como ela falava, chovia mais dentro do que fora, eu acho que isso contribui também muito para insegurança, né? [...]E aí a gente, eu acho que isso acaba também afetando, né? Porque quando vem bêbado você consegue trancar uma porta decente. **Se eu não pode ter segurança,** que uma parede vai ti, vai ti, ti ajudar, né? E aí eu lembro que eu não consegui entender como que ele ainda estava de pé. E eu e eu lembro que quando a gente foi a primeira coisa que eu olhei pro "J", quando eu voltei, eu falei e já tinha pedido, né? **Da comunidade e a gente tentou é dar um jeito de arrumar ali o Lago Grande, né?** Agora que eu acho que tá um pouquinho melhorzinho em relação a isso, óbvio, não é o ideal, né? Ainda. Mas eu acho que isso também dá uma sensação pouquinho mais de segurança se você tem uma casa mais segura, um lugar mais confortável, eu acho que isso não só no Lago Grande, mas em outras comunidades, assim que acontecem esse tipo de coisa. É, é, eu acho que a própria estrutura ela dá um conforto ou não profissional pra Ele, que às vezes parece que não tem ligação, né? Mas eu acho que uma estrutura, algo que que faça o profissional se sentir mais seguro. De trabalhar, de se proteger, de ter um lugar para se trocar e tudo mais. Que evite esses olhares. E também. Em relação à parte de ação, eu penso em fazer é estratégias, né? A gente quer sempre para estratégia, só que. Como foi reforçado, é institucional, com várias organizações. A gente sabe que é uma área de Fronteira. Isso vai até leva para, sei lá, exército alguma coisa assim, porque é uma sensível que eu sei que não adianta você só intervir lá dentro da comunidade, sendo que ao redor também existe e toda a Fronteira a gente vê que é esse a esse trânsito. Eu vi do caderninho da M. vários nomes de indígenas e contas absurdas de que é o envolvem um ciclo vicioso que a gente sabe que existe nos comerciantes. Porque eles gostam de ter controle, né? Porque ele sabe que tem o benefício que ele sabe que eles têm. Então eles acabam indo crescendo com isso e tornando os próprios indígenas, meio que um trabalho análogo à escravidão, porque é uma parte lá de que eles nunca vão conseguir lidar, acaba viciando os indígenas, porque isso acaba gerando renda para ela, né? Ela sabe. Vários outros comerciantes sabe que alguns momentos que eles têm dinheiro, eles distribuindo álcool tornando isso vicioso. Então, planos de intervenção com várias instituições, a melhor forma possível, obviamente, porque é tudo muito sensível, porque quando a gente relata coisas bem a parte cultural lá não é cultural, então tudo isso é muito sensível até pra gente conseguir intervir dentro da cultura. Até com até que ponto é cultura que é o "**caiçuma**" e até que ponto não é

	cultura? Quando eles já colocam para azedar ou quando eles colocam o álcool dentro, então todas essas causas, tem que ser desde níveis mais baixos. Vamos colocar, assim como somos nossa própria equipe de saúde. Até chama a Marinha, chama o Exército ee parar, né? E ser o quanto antes, né? Não só sensibilizar, mas ser imediato para não só fica reclamando, e não, ninguém fazia nada!
Ações da equipe multidisciplinar de saúde indígena no enfrentamento do uso prejudicial de álcool: "Deveria se fazer, tipo uma oficina com instituições indígenas dentro da comunidade. Vê o ponto de vista da comunidade em relação às drogas e os profissionais de saúde, as outras instituições estarem presentes, criar um material baseado naquilo que eles falam, que o profissional relata".	[Profissional_3] As nossas, as nossas técnicas, os nossos trabalhos aí, prática lá sem confrontar com eles, com as lideranças que tem aquela mente antiga, geração antiga, tem aquele. É base forte, outros não. Com os jovens também, o uso do álcool, corote, da... [Profissional_1] **Palestras**, conscientização, porque é o que é o que a gente pode fazer, né? A gente não vai chegar lá para ele, a gente está dando, aqui fazendo a palestra e tal, dando conselhos, falando pra eles o uso prejudicial, né? Mas aí de tarde ele já vai estar tomando, entendeu? Aí a gente não pode meio que obrigar eles! [Profissional_3] O instrumento técnico pode ser elaborado pra seguir, é, só pedindo licença para pontuar o que a Profissional 5 falou, **é consequentemente dependendo do estado emocional do profissional isso é tendência ao pós-traumático aí vem outras consequências e tudo isso base das consequências realmente do álcool**. Porque são vários fatores, tendo também um instrumento elaborado pelas instituições e ser seguido. Talvez em conjunto de discussão vai outros instrumentos também que possam ser benéficos para o trabalho sair. [...]Temos o instrumento técnico que é elaborado, é utilizado, os colegas trabalham o matriacimaneto, a gente pontua, eles são instruídos**. É em discussão a não intervir, somente, não tem o que fazer e ficar com o monitoramento, precisar deles eles vão e a instrumento do, da ficha de edificação ela é pontuada pela ela tem que ser muito elaborada**, porque é muito superficial. [Profissional_9] **É, esse, esse problema, essa problemática já é de muito tempo, né? É, eu acho que. Deveria se fazer, tipo uma oficina com instituições indígenas dentro da comunidade. Vê o ponto de vista da comunidade em relação às drogas e os profissionais de saúde, as outras instituições estarem presentes, criar um material baseado naquilo que eles falam, que o profissional relata. O ponto de vista do profissional e da comunidade, fazendo as 2 línguas na língua materna e na nossa, né? Tipo, é porque seu indígena. Não, não. Eu. No momento, é o que a gente percebe é que eu não trabalho diretamente com o isso, só relatos dos profissionais. Não tenho trabalho, não tenho uma**

	abordagem. O que tem é ações? É de palestras [...] Fragilizada porque a gente percebe. [...] **E o que a gente observa é que tipo, onde tu vê que uma comunidade tem uma liderança fragilizada! Tu não consegue desenvolver um bom trabalho, percebe?** Se tu tem uma etnia mayoruna na calha do médio javari. Que é a área de Fronteira. Tu percebe que a calha do Jaquirana também é a área de Fronteira? Agora tu compara a liderança do Jaquirana com a liderança do médio javari. Por que o médio javari tem tanta fragilidade e o Jaquirana não tem? E olha que o Jaquirana é uma área grande? E tem, tem Angamos, tem, tem indígena mayoruna que tá frequentando ali direto, mas do, lá tem as fragilidades, mas é uma comunidade de quase 1800 indígenas aqui tu tem uma comunidade quanto, Profissional 5? Nessa área toda? [Profissional_2] Envolver diretamente os indígenas, principalmente aqueles que causam aa desordem. Porque como a Profissional 9 falou é é, e bem visível que o Jaquirana que pelo menos na aldeia Lobo não entra bebida, porque o cacique não deixa. [Profissional_9] E aí vem as outras doenças relacionadas a epigastralgia, mas eu acho que essa questão em relação à **saúde mental**, é a mais grave. Entendeu? Porque tu percebe aqui que os profissionais relatam muitas coisas, não é? E a Profissional 5 não quis citar, mas a Profissional 5 sofreu muito lá no Lago Grande em relação querer a abusar, né?

APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO DO GRUPO: PARTICIPANTES PROFISSIONAIS DE SAÚDE

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO: PARTICIPANTES PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Bom dia a todos! O nosso encontro durará em média de 30 a 45 minutos. Este momento está sendo gravado, eu vou explicar para vocês brevemente a questão Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o que é a pesquisa, não irei ocupar muito tempo de vocês!!! Então a pesquisa, ela tem o tema "**Uso prejudicial de álcool: significações produzidas por indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javari no Amazonas"**. Então, eu sou pesquisador responsável, né? Tenho essa Felicidade de ser colega de trabalho de vocês e desde já eu agradeço, essa, vocês serem voluntários para contribuir nessa pesquisa. Que ela vai refletir para o Amazonas, para o Vale do Javari e, principalmente, para a gente, a tendência é que seja feito um produto para melhorar para os profissionais de saúde. A gente vai ter um outro momento da pesquisa que vai ser com os indígenas, tá, então assim, não vai ser confrontado o que vocês falaram com o que eles vão falar? Não, não é nada disso. A gente vai analisar. Significados, né? De tudo que vocês vão falar e para eles também? A gente vai ver atenção sociocultural e psicossocial do uso do álcool com eles, para a gente entender e pensar em um produto, nota técnica, ação de educação permanente. "Não tá funcionando, travou" (o computador)**,** então a dissertação ela trata sobre o uso prejudicial de álcool dos indígenas. A gente tem algumas palavras-chave: Alcoolização, Fronteira, Mayuruna/Matsés; População indígena e Vale do Javari, são algumas palavras norteadoras da pesquisa, o que a pesquisa pretende? Investigar as significações produzidas sobre o uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna/Matsés, na Aldeia Lago Grande, aí a gente faz menção a fronteira porque a gente sabe que tem essa relação, e o propósito é elaboração de ações intersetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região**.** Porque aí o mestrado ele é em Segurança Pública, Cidadania, Direitos Humanos e ele é um mestrado interdisciplinar. Então ele envolve todas as áreas. E aí houve a qualificação de mestrado já, né? Eu fui qualificado dia 26, agora de junho, é uma etapa importante da pesquisa e de maneira inédita no programa que eu participo, as lideranças participaram, eles foram, a gente conseguiu com o professor para fazer na UEA. E essa pesquisa foi um pedido da comunidade, em uma das viagens, que a gente fez, aí teve um momento que eles, eles falaram, queria alguma coisa, aí eu usei essa propositura para criar um projeto de pesquisa e conseguir entrar no mestrado.

Profissional 9: Naquela entrada que a gente fez?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Isso, naquela entrada que a gente fez em uma das conversas, eles falaram dessa situação. E aí a gente fez o processo seletivo do mestrado da UEA. Aí a gente, a gente está fazendo bastante divulgação, a gente já participou da rádio nacional para falar da pesquisa que essa matéria que a gente fez nessa rádio, ela é divulgada no Brasil todo, né? A partir da rádio nacional de Brasília. E aí! O projeto ele foi aprovado pelo conselho nacional

de ética e pesquisa. É todo projeto de pesquisa com poucos indígenas. Ele é analisado pelo conselho nacional de ética em pesquisa do Ministério da saúde. E aí levou 10 meses para ser aprovado.

Profissional 9: É muito longo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): É muito longo**!** Então, assim, esses termos, esses, esses documentos que vocês assinaram aí foi tudo aprovado. Foi conferido a questão da ética. E aí esses termos aqui que a gente chama de TLCE, a gente ter um modelo para os indígenas e um para profissionais de saúde, o que que está dizendo? Aí é que o direito de vocês vai ser garantido ao sigilo**.** Não vai ser revelada a fonte, só se vocês quiserem, né? Aí vocês vão fazer por escrito, mas a nossa intenção não é essa. Então, o que que**,** a gente quer? É só fala de vocês. A experiência de vocês, tá é isso. Neste momento**,** o Profissional 4 chega na sala do Grupo de Discussão após 4:13 do início da atividade.

Profissional 4: "Opa".

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Pode entrar, pode ficar à vontade! E a pesquisa? Ela. Ela tem alguns instrumentos. A gente já fez um levantamento de literatura, pesquisa documental e aí agora a gente tá observação, participante, a entrevista estruturada, que foram aquelas perguntas. Alguns responderam no WhatsApp e outros preenchendo aqui. E o grupo de discussão, que é o que a gente vai fazer agora, aí assim vocês podem falar a experiência que vocês tiveram lá, tá? Pode falar da maneira que for mais simples, mais precisa possível, certo? É um grupo de discussão. O Profissional 2 pode colocar uma situação aí o colega complementa tá? É essa a ideia? É de produzir essas informações, escutar o que que vocês têm.

Profissional 2: Debate!

Pesquisador responsável (Takmony): Isso é basicamente, é isso. Então, aqui eu vou, eu vou desligar (Datashow), pode desligar Cris, para a gente fechar uhu, era só mesmo para vocês terem uma noção do panorama da pesquisa, pode se sentar aqui Profissional 4? Na..., aí depois...

Profissional 9: Qual é Profissional 4? Não quer ficar perto de mim? Não?

Profissional 4: Não, mana (risos)!!!

Profissional 1: Diz que essa cadeira não dar nele! (risos)

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então assim, gente, eu quero agradecer a vocês mais uma vez pela participação da pesquisa**.** É, vocês estão contribuindo muito com a ciência. A gente sabe que a região do Vale do Javari, ela é muito tímida e questões de pesquisa e vocês podem estar contribuindo. E é importante vocês pensarem na fala de vocês. O que realmente é importante que pode mudar a realidade lá no futuro? Porque através disso, dessa pesquisa a gente pode apresentar ao Ministério da Saúde, para à SESAI pontos essenciais, porque a gente vai avaliar o psicossocial em relação aos indígenas e o sociocultural. Então, assim, primeiramente, eu queria saber de vocês, o que vocês é, tem conhecimento de alguma bebida tradicional dos Matsés? Principalmente pensando em Lago grande. Vocês têm conhecimento de alguma bebida tradicional?

Profissional 1: Só a "**caiçuma**" mesmo!!!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): A "caiçuma"?

Profissional 9: No Lago Grande!

Profissional 2: No Lago!

Profissional 1: No Lago! No Lago, Lago toda, **toda coisa que eles vão fazer, tipo, vão capinar vão a roça**, onde eles faz 3 dia antes "**caiçuma**". Eles só vão trabalhar se levar a "**caiçuma**".

Profissional 6: Aham, ainda coloco a **Cachaça** dentro!

Profissional 1: **Cachaça**, álcool (álcool etílico) o que tiver eles põe dentro para ficar mais forte!

Profissional 9: Mas aí...

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Junto com a bebida tradicional?

Profissional 1: Junto com a **bebida tradicional**! Misturam!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Misturam! Há, interessante aí a outra pergunta é o seguinte, vocês conhecem as práticas associadas ao uso judicial de álcool pelos indígenas? Aí

tu (Profissional 1) deu um exemplo aí que eles misturam, certo? Aí um exemplo, em qual momento que eles abusam do álcool? Na comunidade?

Profissional 1: **Geralmente, esses momentos que eles vão fazer algum tipo de trabalho!**

Profissional 6: É!!!

Profissional 1: **Eles reúne a comunidade**!!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Trabalho em grupo?

Profissional 1: Aham, eles avisam antes. **Não, a gente vai limpar a roça**, **de fulano de tal. Então a gente vai cair na comunidade ao redor da escola, aí só vão se tiver a "caiçuma**"!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Eaa **cachaça**, por exemplo, também?

Profissional 1: É misturado!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Eles ficam bêbados, assim?

Profissional 6: Ficam mesmo!

Profissional 10: Ficam!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Não, porque é importante a gente deixar esses pontos, é perguntas óbvias, mas e a gente precisa destacar!

Profissional 2: É verdade!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Tem mais algum momento? Que, que percebem esse uso, além do trabalho coletivo?

Profissional 1: As **festas** deles também!

Profissional 4: Os torneios que eles fazem de futebol!

Profissional 6: É!

Profissional 1: Principalmente ali o Lago, por ser muito próximo ali, da, daquelas Balsas ali,

M., perto ali do Irari dos brancos, **ali não falta cachaça, não falta corote**. E é bem perto aí pra eles não faltam acesso para eles é livre.

Profissional 6: E da vez que eu tava lá até essa M. Ela vai até o Lago Grande pega os pessoal para trabalhar para ela, aí trabalha em recompensa ela dar a bebida.

Profissional 1: E lá também nesta minha permanência aí, eu nem sabia que um parente vendia bebida lá (na Aldeia Lago Grande).

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sim!!!

Profissional 1: E ele vendia, aí eu vim saber já quando eu vim embora. Entendeu?

Profissional 6: E é um funcionário!!!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quais são essas bebidas? Assim?

Profissional 1: Corote, geralmente bebem corote.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Corote?

Profissional 1: Corote!

Profissional 6: **Cerveja**!

Profissional 1: **Cachaça**!

Profissional 4: Risos!!!

Profissional 1: Skarloff, geralmente essas bebida forte!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Entendi!

Profissional 4: Quando o enfermeiro chegou lá, eles não... incompreensível... não mexiam no álcool, mas como não mexem no **álcool**? **Claro que tem cerveja no outro lado vão estar bebendo álcool aí!!!**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Uhum!!!

Profissional 4: **E eles no álcool não mexem**, não sei na permanência de vocês, né?

Profissional 6: Aham!!! Na nossa também não mexia!!!

Profissional 5: Não!!!

Profissional 1: Não mexia, não!!!

Profissional 1: **Mas ele está falando essa questão aí! Porque tem a bebida fácil!!!**

Profissional 5: É!

Profissional 2: Porque tem a **bebida fáci**l, e a **bebida fácil, não vão mexer**!!!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Porque dar um trabalho para produzir? Né?

Profissional 2: Sim!

Profissional 10: Mas eles tem a capacidade de **pedir o álcool**, por exemplo, nós da equipe odontológica que anda com concentração de álcool, né?

Profissional 2: Caixa!!!

Profissional 10: Caixa, né? Eles pedem da gente, né? A. A vez que eu fui lá, eles pediram, né? Eu tava no, atendimento na escola e eles, na frente da escola tem um banco, um banco comprido, não sei se esse banco ainda existe, né? Eu não sei se é debaixo do pé de mangueira, se é de um Jambeiro. Né? Ali, uma concentração deles estarem lá, né? Eles pedem, claro, a gente infelizmente não dar, têm uns que ficam chateados, mas e mais eles pedem!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Vocês sabem de qual maneira que eles utilizam esse álcool?

Profissional 10: Como eles utilizam?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Como eles fazem?

Profissional 10: É puro mesmo! Misturam na garrafa!!!

Profissional 11: Nescau!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mistura com suco?

Profissional 5: Nescau!

Profissional 10: Tomam puro, já vi eles tomando puro também!

Profissional 1: Mas geralmente é puro.

Profissional 10: Puro, do jeito quem vem abre e manda para dentro!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Interessante!

Profissional 2: (áudio incompressível).

Profissional 9: Eu tive uma experiência, eu entrei com o Dr. Otávio, já faz um tempo, Dr. Otávio trabalhava aqui no DSEI, nós fomos fazer aquele inquérito, triagem para fazer manejo clínico. Quando chegamos na comunidade, **um dia anterior tinha tido uma festa**, né! Só que como você percebeu, a aldeia se divide em duas, tem a parte onde ficam a área dos profissionais mais a farmácia e a outra parte que tava a comunidade, quando nós chegamos a técnica era a "B", aí ela relatou uma situação pro Dr. Otávio, aí a gente parou tudo e foi ver essa paciente. **Eles tinha, tava em uma festa, o rapaz jovem, um casal jovem, eai ele ficou com ciúme da esposa, e ele mordeu e arrancou o lóbulo tudo da orelha, né, e cuspiu fora, aí ela, era nessa festa sem ser de trabalho, nem nada, foi uma festa da comunidade, eai o médico foi atender, não teve como suturar a orelha, ela tinha levado, e a moça tinha levado com um paninho cobrindo, não teve o que se fazer mais, né! Eai ele, e no outro dia parecia que não tinha acontecido nada, né!** É uma situação assim que achei bem interessante, e ela estava com ele ainda, a moça, mas estava tipo querendo se esconder, né, então, aí o médico conversou, perguntou o que tinha acontecido, aí ela falou que tinha sido por causa de ciúmes, né! Ele ficou transtornado que a maioria fica transtornado pelo menos pelo relato dela, né! Eai, nessa, nesse caso não era o álcool em se era o **"corote",** né, que eles tinham comprado e feito uma **festa**, então aí se conversou com a **liderança** indígena, né? O que a gente observou muito, foi a falta da **liderança** indígena na comunidade. É uma situação, assim, que por várias vezes a **liderança** que eu digo assim, o pulso que o líder tem, falta a questão do pulso é por várias vezes que eu entrei na comunidade tinha essa questão, né? Porque quando tu tem um líder na comunidade, tem aquela questão do respeito pelo cacique. E não foi o que a gente observava e várias entradas que eu dei. Né? Então eu acho que a partir do momento que tu tem uma comunidade que ela não está bem estruturada. Acontece esse tipo de coisa, porque é uma comunidade pequena, né? É uma comunidade tranquila, assim não acontece muito a morbidade. Né? Fora o que já o que já vem ocorrendo, o que a gente ouve, muitos profissionais da questão de Pescador assim, outra coisa muito interessante. Nossa, como tem aquele é os cabeludo, né? Profissional 5, que frequenta lá e meio que quando tu tá fazendo atendimento. A, ao cacique pede para te atender aquele pessoal ali, né? Como se fosse uma obrigação.

Profissional 2: Mas é em troca!!!

Profissional 9: É, aí, já é uma acordo dele com a liderança e interfere muito, às vezes no nosso atendimento. Essa questão de outra **religião**. Eu não sei se você tem observado isso aí tem a questão

do **álcool**, tem a questão de outras religiões também. E aí cria um conflito, ali a gente observa, né? É esse!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Alguém mais queria? Queria complementar nessa.

Profissional 3: Eu gostaria muito de contribuir, vamos trazer a população que nós estamos discutindo**. É falando sobre as festas**. Consequências, vamos colocar os indígenas que usam psicotrópicos em relação ao uso do álcool, a medicação, os colegas presentes sabe que é muito prejudicial e vem consequências físicas, emocionais, psicológicas, que devem ser também nesse, nessa pontuação das lideranças existe também. Uma geração de conflito muito grandes.

Profissional 5: Sabe disso!

Profissional 3: **As lideranças já estão idosas a as novas gerações já não tem aquela**...

Profissional 2: **Respeito**!

Profissional 3: O **respeito**, a própria cultura ao próprio povo. Então, vamos discutir também essa, porque se está aqui, também poderá sair. **É resoluções que a gente não vai é confrontar e quem sabe podemos até colocar para trabalhar, né?**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sim!

Profissional 3: As nossas, as nossas técnicas, os nossos trabalhos aí, prática lá sem confrontar com eles, com as lideranças que tem aquela mente antiga, geração antiga, tem aquele. É base forte, outros não. Com os jovens também, o uso do álcool, corote, da...

Profissional 9: **Cerveja**!

Profissional 3: O que vem a ser a consequência do álcool? **É o exagero, às festas, elas vão continuar, a comunidade vai continuar é tão problemático que alguns teóricos já pontuam como questão social**. Além da saúde. Vamos focar também que daqui eu também eu vou pegar muita coisa, né, pra gente colocar em prática o trabalho.

Profissional 9: Só para complementar a Profissional 3. Isso quer, falou. É bem preocupante mesmo, porque tá aqui a Profissional 5, vários profissionais que já entraram lá, essa questão da **saúde mental com uso de álcool ou outras drogas**, já prejudicou muitos profissionais de saúde em relação à segurança. Entendeu, não é mesmo? Profissional 5? Porque tem paciente naquela região. É que, pelo menos pelo relato da mãe, que algumas vezes vem na farmácia, que bebia, que subia em árvore, que não deixava de tomar um medicamento ou que deixava de tomar o medicamento, e, eaí...

Profissional 2: Associando ao álcool.

Profissional 9: É, associando ao álcool, aí quer dizer que a **segurança do profissional**, porque muitas vezes no Lago Grande, não ficava enfermeiro, era só o técnico de enfermagem, né? Agora..

Profissional 5: E o microscopista.

Profissional 9: E o microscopista, né? Então, por muito tempo, aí o profissional acaba que não se sente seguro em fazer assistência naquele momento da crise do paciente, do **indígena**, né? Então isso que a Profissional 3 falou, é muito importante mesmo agora deu uma acalmada, mas antes a gente sofria muito com isso, entendeu?

Profissional 4: Só, eu cheguei lá, **desde a época que eu cheguei lá, a igreja, hoje foi fundada lá deu uma amenizada nesse negócio do álcool.** Mas quando eu cheguei lá, teve até um, uma, teve até um colaborador, o V., **presencie um suicídio do senhor lá, sabe? O senhor N. Nessa noite? Teve uma festa deles lá, né? E aí ele. Ele não bebia. Sabe? E aí o filho dele bebeu lá e só escutava os gritos lá (sequelalêlâ), aí quando foi umas 5 horas da manhã. Encontraram o velho enforcado sentado dentro da canoa, né? Acho que enforcado não se enforca sentado, né? E aí quando a gente foi lá para meu corpo. Eles já tinham subido ele!! E a gente chegou ver pelo menos aqui na, nessa parte da cabeça dele. A gente acha, né? Que foi o próprio filho que matou o pai.**

Profissional 9: Matou o pai!!!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum!

Profissional 4: Aí a comunidade, é, é, ela simplesmente, ela.

Profissional 9: Abafou o caso.

Profissional 4: É, comentou isso aí, fez com que o velho tivesse se enforcado!

Profissional 2: Entendeu-se que o velho se enforcou, na verdade!!!

Profissional 9: Assim, Takmony, é que a gente já ouviu alguns relatos bem antes agora não ouço tanto, que, na verdade ali como é área de fronteira, não é só o álcool.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sim. Unhum!!!

Profissional 9: Então ali é uma porta de entrada para muitas coisas, né? Então, assim, certeza, certeza, o profissional não tem não, viu? Mas a acredito si, né, **que tem outras drogas mais pesadas ali na comunidade, né?** Precisa fazer um trabalho ali, né? E porque é uma comunidade pequena, e também não era para ter tantos agravos.

Profissional 1: É, tipo assim oh, realmente, no, no coisa já já, já foi comprovado que realmente tem ele mesmo, falou entre eles, quem usa e quem não usa.

Profissional 9: Eu passo pouco tempo!

Profissional 6: Eles mesmo relatam!

Profissional 1: Principalmente o, a, a maconha e o pó lá!

Profissional 2: Cloridrato!

Profissional 1: Aquelas balsas lá, que que vem pra eles mesmo, entendeu?

Profissional 4: Aqueles dois igarapés que tem lá, né? É, e, são, que não saia nada daqui, gente, pelo amor de Deus, tivemos um assassinato lá, o satanás lá!

Profissional 4: Eu tava lá!

Profissional 5: O satanás da balsa!

Profissional 4: Foi morto o cara!

Profissional 2: Mataram ele?

Profissional 4: Mataram!

Profissional 6: Mataram!

Profissional 1: O empregado dele, matou ele!

Profissional 4: Então lá tá muito, o negócio lá é muito!

Profissional 9: Muito pesado!

Profissional 1: Pesado lá!

Profissional 9: Assim, foi só uma percepção, uma percepção que eu tive!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sim! Sim!

Profissional 9: Porque como a gente entra assim? Que é uma comunidade pequena tu não passa mais de 10 dias. **Como eu te falei, então vai fazendo uns outros trabalhos sem ser relacionada ao álcool e outras drogas, mas acaba que observo algumas coisas. E tu ouve algumas coisas mais certeza, ver.**

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sim!

Profissional 9: Eu nunca tinha visto, mas imaginava-se!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí, assim, é importante, porque assim, Vocês estão trazendo vários elementos, mas tem coisas que não vai ser citado na pesquisa, tá? Você pode ficar tranquilo, e, e após a transcrição vai ser apresentado para vocês. Aí vocês vão falar, não? Tira isso.

Profissional 9: Tá!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Porque vocês vão se identificar? Eu. Eu acho que foi o que eu falei isso aqui então não tira isso. Coloca isso nesse sentido, tá aí, vocês podem ficar bem à vontade, mesmo que que essa intenção.

Profissional 4: Não sai daqui pra nada!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony: Não!

Grupo: Risos!!!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí uma coisa que eu fiquei curioso é o seguinte, é, vocês lembram em qual momento, em qual ano, que essa **igreja**? Chegou na comunidade?

Profissional 5: Ei**,** Profissional 4, foi o quê? Em 2021?

Profissional 4: Acho que 2019!

Profissional 5: 20, não? Mas, a.

Profissional 2: Foi Antes ou depois da pandemia?

Profissional 5: Mas a igreja está abandonada!

Profissional 4: Foi antes da pandemia!

Profissional 2: Antes da pandemia.

Profissional 5: Ei, Profissional 4, a igreja está abandonada, já tá com 2, 3 anos que a **igreja** está abandonada!

Profissional 1: Já, eu cheguei lá não tinha nenhuma igreja não!

Profissional 6: Já tá abandonada?

Profissional 5: Já, tá abandonada!

Profissional 9: Tão, 2018?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quem era o responsável pela igreja?

Profissional 9: Tipo 2018? Quando ela começou a funcionar lá?

Profissional 5: Acho que foi 2019, 2020, por aí, Profissional 4?

Profissional 9: Porque 20 já foi pandemia, gente!

Profissional 5: Pois é.

Profissional 9: Foi na pandemia!

Profissional 5: Mas na pandemia já tinha, que os meninos até iam, o T. e o G. pro culto.

Profissional 9: Tá. Tu que é mais antiga lá, quando que entrou a igreja lá?

Profissional 5: Não, o Profissional 4 é mais antigo!

Profissional 9: Quando que entrou a igreja lá, o Profissional 4?

Profissional 4: Acho que 2018!

Profissional 5: A gente estava juntos quando inaugurou!

Profissional 10: Quando eu fui, ainda tinha, 2019 eu entrei pra lá!

Profissional 5: É porquê!

Profissional 9: Então 2018?

Profissional 5: É como o Profissional 1 falou, né, Profissional 4? Não sei se tô enganada, na época que a gente trabalhava lá, não tinha tanta "caiçuma", era cachaça no suco, entendeu? Né? Profissional 4? Era difícil ter a "caiçuma" .

Profissional 9: Quantos anos tu trabalhou lá?

Profissional 5: Eles não tinha esse costume de ter a "**caiçuma", era mais cachaça**!

Profissional 9: Ó, quantos anos tu trabalhou lá?

Profissional 5: Acho que 3,4, né? Profissional 4?

Profissional 9: Direto, né? Direto, direto?

Profissional 5: A gente tinha uma regra que como tu era mais antigo lá, quando ele estava bebendo a gente não pra passar pra lá!

Profissional 9: Pro outro lado!

Profissional 5: Devido às agressões que já tinham acontecido, então quando estavam bebendo, que a gente ouviu o som, a gente não ultrapassava ali, a não ser que eles viesse chamar a gente para alguma casa de urgente. Tanto é que uma vez eu acho que foi eu e o Profissional 4 que a gente foi lá, o parente tava bêbado. Fez um auê na aldeia dizendo que o, escorpião, tinha picado ele. E aí o que faz com bêbado?

Profissional 9: Tu atravessou?

Profissional 5: A gente atravessou, foi contigo que eu fui, Profissional 4?

Profissional 4: Foi, e, e lá, Profissional 5.

Profissional 5: E era mentira.

Profissional 4: Anham. É contada às pessoas que bebem lá!

Profissional 5: É!

Profissional 4: A gente sabe as pessoas que causam isso lá. É o P., o M.

Profissional 5: O X.

Profissional 1: O M1.

Profissional 4: O próprio, X. também**!**

Profissional 5: Seu A.

Profissional 2: Hoje o que é, ohhh, oh cacique também?

Profissional 4: Não ele é evangélico**.**

Profissional 5: Mas hoje ele não.

Profissional 6: Não bebe, não!

Profissional 1: Ele bebe, mas não é tanto igual aos outros!

Profissional 2: É. Em 2016 cheguei lá, ele tava mamado.

Profissional 4: Mas é difícil!

Profissional 2: É!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum!

Profissional 4: Mas ele é sem vergonho, ele que faz, os, us, trocas dos produtos do Lago lá.

Profissional 6: É!

Profissional 2: É ele que faz a?

Profissional 5: Ele que arranja doença lá!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Muito bom, gente!

Profissional 2: Quem não bebe mais é o mais fuleiro.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Agora deixa eu fazer uma pergunta para vocês, vocês percebem? O uso do algo tradicional não prejudicial em algum momento vocês conseguem enxergar isso? A comunidade existe?

Profissional 9: Não!

Profissional 2: Não!

Profissional 9: Pelo tempo que eu fiquei assim. Que é pouco, né? Em relação aos que ficam de permanência? Não.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): E você, Profissional 4, que fica mais tempo?

Profissional 9: Se eles usam só a "caiçuma", só pra cultura, cultural, sem o álcool!!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Isso, só a "caiçuma"!

Profissional 4: Mas cultura, mas a "caiçuma"é cultural?

Profissional 9: É!

Profissional 2: É, deles é!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): É a bebida tradicional deles!

Profissional 9: É, sem outras!

Profissional 2: Tu acha que a "caiçuma"é prejudicial?

Profissional 2: É, sim! Porque ela dar bêbada!

Profissional 6: Só se for aquelas que eles fazem ser...

Profissional 2: Fermentada, né?

Profissional 6: É, sem ser essa daí, porque essa que é fermentada eles ficam bêbados, né, Profissional 4?

Profissional 1: Ficam!

Profissional 4: Ficam!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ah, então, tem o momento que eles bebem tradicionalmente, mas não prejudicial, não ficam. Em quais momentos assim?

Profissional 6: Eles dão até pra as crianças, também!

Profissional 7: Pra **crianças**, as crianças ficam assim!

Profissional 9: Mas quais são os momentos?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quais são os momentos que isso acontece?

Profissional 6: Pelo que eu vi lá, teve uma vez que, acho que foi a mulherada que fizeram para dar para os homens que iam Trabalhar, mas não tinha, é, não era fermentada. Mas só que aí depois, na tarde, quando foi na tarde, o AIS mesmo falou que já tinha levado a que era fermentada.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ah, certo!

Profissional 4: A perigosa!

Profissional 9: Mas tem alguma festinha, uma festa ou uma reunião entre a comunidade? Aqueles usam sem tá fermentado?

Profissional 6: Tipo assim. **Quando foi o dia do índio**, né? Que eu tava lá, eles fizeram e deram até com as criancinhas, mas não era é...

Profissional 2: Fermentada!

Profissional 6: Fermentada!

Profissional 9: Numa comemoração.

Profissional 6: Na comemoração!

Profissional 3: Aí sim, pode-se dizer que culturalmente que tão usando...

Profissional 9: Sim!

Profissional 6: Mas aí logo à tarde já beberam a fermentada.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): A consequência vai pro...

Profissional 6: Vai!

Profissional 9: Eu queria fazer uma pergunta pra ti!

Profissional 3: Existe muitas influências e um histórico muito grande, então as influências vem direcionadas não fica somente, puramente a "caiçuma", a "caiçuma"azeda também é cultural deles, só que eles não tem mais limites...

Profissional 9: Não tem!

Profissional 6: É!

Profissional 3: Quem tem algo na mente no porque diz aí seu limite não se responsabiliza por si.

Profissional 9: Sim!

Profissional 3: Então já essa influência do histórico lá das Fronteiras é muito forte. É o corote, é a droga, é a maconha. É também o tráfico também, que recentemente foi acionado que levaram uma moça de lá. Esse também é você consequência.

Profissional 9: Quanto tempo tu passou lá na comunidade? Na tua última permanência?

Profissional 6: Acho que foi 96 dias!

Profissional 9: Nesses 96 dias, quantas vezes a "caiçuma" foi utilizada culturalmente na tua percepção? E quantas vezes foi fora da cultura?

Profissional 6: Várias vezes!

Profissional 9: Várias, tipo quantas, quantas vezes?

Profissional 6: Eu acho que quase todo fim de semana porque as outras aldeia vão pra lá no sábado.

Profissional 9: Pois é!

Profissional 6: Aí vai aldeia Tambaqui, e, como é o nome?

Profissional 2: Irari.

Profissional 4: Irari.

Profissional 9: Já reúne as outras aldeias ali em torno, né? Aí a gente percebe o que, Takmony. **Que tipo a questão da tradição da cultura está se perdendo?** Na verdade, **já tá só por um fio, né?**

Profissional 5: Não tem é mais nada.

Profissional 9: Porque tu tem uma tradição bonita. Tu tem uma tradição linda ali que tu já não está dando valor. A comunidade não tá dando valor e aí tu já pega dessa tradição, está comemorando, mas aí tu já estende para uma coisa que é prejudicial. Né? Então esse tipo de coisa que se tem que resgatar na comunidade, né, que já vem sofrendo há muito tempo!

Profissional 5: É o Profissional 1 quer falar alguma coisa também, do "fulano"!

Profissional 1: É porque assim também em relação a esse negócio do **tráfico** lá no Lago, né? Aconteceu uma situação lá com o cacique, o cacique teve que descer escoltado pela federal, porque ele estava sendo ameaçado pelo, pelos traficantes colombiano, né? O "fulano"!

Profissional 5: O "fulano" que denunciou!

Profissional 1: Aí, tipo, porque ele andava com o pessoal da Funai, denunciando eles, né? Aí eles, como método de intimidação, mandaram uns colombiano e lá ver, tirar foto da casa dele e tal. Aí ele teve que que ligar para o pessoal da Funai, da federal. Aí foram pegar ele, escoltado!

Aconteceu que ainda ficou, até parece que foi umas 3 semanas sem fazer visita porque aa o DSEI não deixou a gente mais fazer visita devido esse risco, né? Que poderia acontecer alguma coisa. Aí ele "fulano" está aqui até hoje. **Porque também por causa do tráfico, da ilegalização da madeira que ficam tirando.**

Profissional 5: Fora os irmãos deles também que iam comprar droga lá!

Profissional 4: E eles usam os índios pra, como saldados do tráfico lá também, né? Para colocar a roça, né? Pra colher a cocaína, eles usam também os índios.

Profissional 1: Eles entram pra aquele igarapezinho!

Profissional 4: Unhum!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Isso no Peru, né?

Profissional 4: Peru, anham!

Profissional 1: É o nome lá?

Profissional 4: É o, é o "recreio" e o....

Profissional 1: Esse tal de "recreio"!

Profissional 6:Tem tem até o "B", "P", não sei nem o nome dele!

Profissional 4: O "B"...

Profissional 1: O "B" é usuário"

Profissional 4: É usuário!

Profissional 6: Ele vive lá, né? Ele vive lá, foi até a vez que deram uma "terçadada" que tava na minha permanência lá, deram a "terçadada" nele, ele foi até removido!

Profissional 1: Aham!

Profissional 6: Que ele tinha roubado droga, eu acho!

Profissional 1: Na verdade, ali o índice maior de droga, de usuário está em "Irari", o Lago eu tava lá, mas não cheguei a saber e nem ver alguém, algum usuário lá!

Profissional 6: É, no Lago Grande é mesmo!

Profissional 1: É tanto que oo Lago não gosta tanto do "Irari", que o "Irari" vai para lá, porque sabe quando eles vão, eles vão. Eles já tem usado drogas vão pra lá brincar de bola, mas geralmente querem brigar com o pessoal de lá. Aí, eles não gostam tanto deles por esse motivo. Por causa desse negócio de droga.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então!

Profissional 2: É uma coisa leva a outra!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): É!

Profissional 3: As consequências!

Profissional 2: A consequência aí vai!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Tem mais algum ponto?

Profissional 3: **A segurança também dos colegas de trabalho das meninas em relação a violência sexual. É consequência. Tanto as, as próprias indígenas, quantas colegas de trabalho. Ali não tem, porque todo mundo é vulnerável. Droga, álcool, assim, fazendo o que faz. E aí, tem que pontuar muito, muito a segurança**.

Profissional 9: Sim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): E um dos nossos objetivos é isso a promoção da saúde e a segurança pública também. É um dos aspectos, né? Que o mestrado pretende alcançar, aí uma pergunta para a equipe multidisciplinar, quais são as ações que a equipe multidisciplinar de saúde de indígena, ela, ela realiza no enfrentamento do uso de prejudicial de álcool? Na aldeia? Quais são as ações?

Profissional 1: **Palestras**, conscientização, porque é o que é o que a gente pode fazer, né? A gente não vai chegar lá para ele, a gente está dando, aqui fazendo a palestra e tal, dando conselhos, falando pra eles o uso prejudicial, né? Mas aí de tarde ele já vai estar tomando, entendeu? Aí a gente não pode meio que obrigar eles!

Profissional 6: É!

Profissional 1: O trabalho que a gente pode fazer é conscientizar eles!

Profissional 2: Ainda mais dentro da comunidade!

Profissional 1: As palestras!

Profissional 5: **A gente vê uma mudança, muito. Quando é inaugurou a igreja, não é? Deu uma parada assim. Não tanto, mas deu uma amenizada e aí a gente depois acho que logo quando a gente veio. Vim de lá, eu tava parando um pouco mais na igreja. Aí a igreja tava chamando os jovens, metade da comunidade para igreja. Mas tinha o povo que bebia. Sempre tinha.**

Profissional 4: Mas, o pastor se envolveu...

Profissional 5: O pastor, acabou a igreja mais porque o pastor foi pra roça, namorou com crente lá, e a mulher deu uma pisa na crente, deu uma pisa no marido. Aí é tipo assim, perdeu a moral da igreja. Aí as vezes o marido bêbado da mulher pegava e batia no marido, no velhinho, o Seu "A", ela batia pouco nele quando ele chegava bêbado na casa dela, e assim era, coisas que a gente sabia, mas a gente não presenciava, evitava, como uma vez ooo o "LC", né, Profissional 4? Atirou dentro da casa dele lá né? Bêbado! E de lá do outro lado dava para ouvir o tiro e não íamos atravessar, a gente ouvia "ah, fulano brigou com fulano bêbado não sei o quê", às vezes teve umas vezes que eles atravessaram bêbados para o outro lado. Aí quando foi quando chamou a atenção, quando já ultrapassaram de beber pro outro lado, a gente morava. Eles bebiam lá! E a gente pedia para não beber, pra beber no outro lado!

Profissional 2: A segurança aí já fica vulnerável, né?

Profissional 5: É!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Bastante!

Profissional 5: Tanto é que eu fui vítima!

GD: Silêncio do grupo!!! (o olhar dos participantes foi de solidariedade a Participante 5)

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Deixa eu ver. Eu me perdi, aqui! Quais ações poderiam ser feitas no enfrentamento do do uso prejudicial de álcool, o que vocês pensam assim?

Profissional 5: **Eu penso primeiro em relação a FUNAI. Porque a gente trabalha com saúde, mas acaba que, se não tiver uma fiscalização naquela área, os profissionais não podem atuar adequadamente até para não correr risco de vida, né? Ee envolver CONDISI, a FUNAI, a UNIVAJA as instituições, né? Porque fala-se muito na saúde indígena. Mas a saúde indígena, não é a saúde física, tem que ter a saúde cultural, mental, né? Eu vejo por esse lado, então, se não tiver um apoio dessas instituições, se não tiver uma liderança que quer que esteja empenhada no bem da comunidade, só à SESAI não vai conseguir resolver.**

Profissional 1: Um pulso mais firme!

Profissional 2: **Eu acho que as instituições federais que abrange os indígenas Na verdade, todos têm que se envolver. Porque é uma situação tá ótima a situação perigosa, né? Tanto pra pro os indígenas como pro pro os próprios, é profissionais, né, que estão ali!**

Profissional 3: A falta de segurança está pesando!

Profissional 2: Sim. **A falta de segurança**. Isso mesmo. Daqui a pouco ninguém vai querer ir por certas situações. O cacique já foi ameaçado. Dá mais os profissionais, né? Então, ou seja, o cacique foi ameaçado praticamente dentro da casa dele. O habitar dele, aonde. O que que acontece aí teve que sair de lá. Por causa dessas situações, então eu creio que as instituições federais, né? Poderiam se mover? Para ver essa situação, enquanto dá.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum!

Profissional 2: Porque tem daqui a pouco já começa complicar.

Profissional 4: Ei, Profissional 2, tem aquela situação também e a Profissional 5 é ciente disso, do rapaz que tem problema que estende as coisas lá!

Profissional 5: "M"!

Profissional 2: “M”!

Profissional 4: Que usa é a o para utilizar do **álcool da droga**, também, né? É um risco!

Profissional 5: E ele usa medicamento controlado!

Profissional 2: Ele usa psicotrópico.

Profissional 4: Já puxou arma para matar o pai dele. Já puxou a arma pra matar o cachorro!

Profissional 2: Bom dia! (entra alguém (auxiliar administrativo do DSEI na sala))

Profissional 4: **Imagina se nós chegar lá e o cabra desse tá armado. Uma vez nós passamos dois finais de semana por causa disso! Ele matou um cachorro tava bebendo o sangue da cabeça do cachorro, toro o cachorro, a cabeça, então é difícil!**

Profissional 2: Pra você ver a **segurança!**

Profissional 3: Que é muito difícil trazer um paciente nesse estado pra colocar na CASAI trazer a falta de segurança pra eles então tem que se um trabalho abordado continuamente.

Profissional 2: Ser mais isso.

Profissional 3: A SESAI tá na atenção primária já se sai da atenção primária por várias situações as instituições, a FUNAI, as instituições aqui de Atalaia do Norte, as **escola**s são parcerias, a parceria com as escolas são muito boas quando a gente vai fazer uma ação na escola os professores estão prontos. Então incluir, talvez uma ação no próprio é o trabalho profissional lá da escola. Porque a gente pega uma pessoa de 30 a 40 anos, ela vai estar aqui sentada ouvindo, mas tu teve uma criança de 4,5, 8 anos, ela vai ser influenciada. É como se fosse aquele Cdzinho, bem virgem, o que tu coloca naquele Cdzinho ele vai, né? Se constituindo, constitui sua personalidade. E aí ele vai ter muitos caminhos!

Profissional 5: Muita das vezes os professores são próprios da família, eles vão tocar nesse assunto!

Profissional 3: Não, a parte...

Profissional 5: Tanto é que às vezes eles falam pra gente um, mas o médico não fala.

Profissional 3: **A parte, não tem que sair de lá porque também são orientados. Eles têm suas capacitações. A parte tem que sair daí da da orientações deles dos orientadores base deles aqui na base e coloca curricular, influencia, eles são bem acessíveis é só é uma proposta que foi colocada para eles e a gente vai resgatar.**

Profissional 5: Teve uma, teve uma cena que eu, eu e o Profissional 4 tava**,** a gente ia para a visita no Tambaqui, mas aí já não é do Lago, mas é também, eles aprenderam, aprenderam quando tem praia. Eles leva a uma, uma, como é? Uma sombrinha ou então fazer a lona**,** uma caixa de som. E beber, né? Profissional 4, uma vez a gente passou, estava igual aqui a frente de Atalaia, um som no talo, tomando cerveja. E as criancinhas brincando com a garrafa de a latinha de cerveja, brincando com água, meu Deus do céu, vai morrer um afogado aí!

Profissional 2: Tava gelado?

Profissional 5: Tava. Pegaram gelo com pescador, tá pra ti! E já!

Profissional 1: Aconteceu uma malária, hem!?

Profissional 5: Gut, gut!

Profissional 1: Só que a gente não presenciou, mas contaram pra gente na visita, do pessoal do Irari, diz que o "M" sem ser o "fulano"...

Profissional 5: O "M" senhor?

Profissional 1: Ele e o "B" tinham ido para a **M.** com motor, né? Aí por lá tinha bebido, bebido, bebido, aí voltaram bebo aí por lá ficaram os dois brigando no...

Profissional 5: Na canoa?

Profissional 1: Na canoa. Aí a canoa só girando no meio do rio e eles **brigando**, rodando e brigando aí teve que ir um pegar eles porque se não eles iriam brigar até lá no meio do rio mesmo, já pensou? Hem! (risos).

Profissional 5: A gente já teve vara, vários, vários relatos, né? De um dos relatos que marcou muito foi daquela vez que o Profissional 4 sonhou, né, Profissional 4?

Profissional 4: Unhum!

Profissional 5: O Profissional 4 sonhou que a gente ficou meio preocupado com o "M" do Tambaqui, né? Eles estavam bebendo direto. E nesse dia, ele tinha que ele aprontou lá que ele ia matar o pai lá, os pais. E a gente ia para a visita.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum!

Profissional 5: A gente tava com medo, eu, ele e o "G", aí o Profissional 4 de manhã, falou assim, eu sonhei, Profissional 5 a primeiro que pegava uma terçada era tua. E aí tu era a primeira a morrer, aí o segundo, o "G". E aí na hora que eu ia pegando a minha terçada, eu me acordei **e** para a gente ir pra visita. O medo!!! Eu não queria ir, não. Vocês vão ir, e eles fazendo eu ir.

Profissional 4: A condição do...

Profissional 5: Anham! Porque se um dia antes tinha acontecido essas briga lá!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Interessante!

Profissional 5: E lá o lago, lago Irari, não é aqui na beira do Rio, né? Tem que andar um caminho. Só que agora eles a limparam, que tá bem limpo, mas não era um caminho aqui por cima. E tanto, é "G" ia na frente, eu ia no meio, e o Profissional 4 atrás, e a gente tinha essa conversa, a gente nunca ficar de costa para o outro, sempre um proteger o outro. Só que nesse dia, quando a gente foi, ele tinha descido já, quando eles aprontam aí vem para Atalaia**.** Ai, quando se não eles voltam e assim eles ficam aprontam lá. Como professor, me contou um relato dele lá que ele tava, estava comendo na casa da irmã, aí eles ouviram "bang" aí espingarda**,** olharam o "M" com espingarda pra ele. A sorte foi que bateu o cartucho.

Profissional 4: E eles tem acesso a todo tipo de arma.

Profissional 5: E ele iria matar a mãe dele, o professor e a irmã, mas já se deixou.

Profissional 4: Espingarda, terçado.

Profissional 5: Bebido!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí só para complementar, vocês falam das instituições, é, é. Existe, quais materiais que poderia ser usados assim? Pra ajudar a equipe multidisciplinar de saúde? Em relação ao uso prejudicial de álcool. Quais materiais que vocês pensam que?

Profissional 3: O instrumento técnico pode ser elaborado pra seguir, é, só pedindo licença para pontuar o que a Profissional 5 falou, **é consequentemente dependendo do estado emocional do profissional isso é tendência ao pós-traumático aí vem outras consequências e tudo isso base das consequências realmente do álcool**. Porque são vários fatores, tendo também um instrumento elaborado pelas instituições e ser seguido. Talvez em conjunto de discussão vai outros instrumentos também que possam ser benéficos para o trabalho sair.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Atualmente, tem algum instrumento específico para o acompanhamento? Do uso prejudicial de álcool?

Profissional 2: Dentro da aldeia?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): As equipes utilizam?

Profissional 2: Não!

Profissional 3: Nós temos a, o...

Profissional 6: Temos a ficha!

Profissional 3: Temos o instrumento técnico que é elaborado, é utilizado, os colegas trabalham o matriacimaneto, a gente pontua, eles são instruídos. **É em discussão a não intervir, somente, não tem o que fazer e ficar com o monitoramento, precisar deles eles vão e a instrumento do, da ficha de edificação ela é pontuada pela ela tem que ser muito elaborada,** porque é muito superficial.

Profissional 9: Eu penso assim!

Profissional 3: Pode trazer também para discussão.

Profissional 9: **É, esse, esse problema, essa problemática já é de muito tempo, né? É, eu acho que. Deveria se fazer, tipo uma oficina com instituições indígenas dentro da comunidade. Vê o ponto de vista da comunidade em relação às drogas e os profissionais de saúde, as outras instituições estarem presentes, criar um material baseado naquilo que eles falam, que o profissional relata. O ponto de vista do profissional e da comunidade, fazendo as 2 línguas na língua materna e na nossa, né? Tipo, é porque seu indígena. Não, não. Eu. No momento, é o que a gente percebe é que eu não trabalho diretamente com o isso, só relatos dos profissionais. Não tenho trabalho, não tenho uma abordagem. O que tem é ações? É de palestras...**

Profissional 3: Esporádica!!!

Profissional 1: Conscientização!

Profissional 9: Esporádica, né? Então, se você coloca o indígena para pensar. No que ele está fazendo com a comunidade no que ele tá influenciando a juventude a fazer e o ponto de vista da saúde das instituições? Tu consegue fazer uma abordagem ampla? Tu fazendo uma abordagem ampla, tu vai ter um produto, esse produto a gente pode trabalhar em cima dele, né? Pra ver é se a se consegue sensibilizar a comunidade. Em relação ao mal que ela está fazendo**.** Pros, pros os indígenas que moram ali naquela região, né? Porque além de ela não ter proteção a comunidade, além de ela estar com a liderança sensibilizar, é como que eu posso dizer, a liderança, tá?

Profissional 3: Fragilizada?

Profissional 9: Fragilizada porque a gente percebe. Eu já trabalho nesse distrito há 16 anos e eu gosto de falar isso. **E o que a gente observa é que tipo, onde tu vê que uma comunidade tem uma liderança fragilizada! Tu não consegue desenvolver um bom trabalho, percebe?** Se tu

tem uma etnia mayoruna na calha do médio javari. Que é a área de Fronteira. Tu percebe que a calha do Jaquirana também é a área de Fronteira? Agora tu compara a liderança do Jaquirana com a liderança do médio javari. Por que o médio javari tem tanta fragilidade e o Jaquirana não tem? E olha que o Jaquirana é uma área grande? E tem, tem Angamos, tem, tem indígena mayoruna que tá frequentando ali direto, mas do, lá tem as fragilidades, mas é uma comunidade de quase 1800 indígenas aqui tu tem uma comunidade quanto, Profissional 5? Nessa área toda?

Profissional 5: Era 180 na época!

Profissional 1: Isso, é por aí!

Profissional 5: Né!

Profissional 9: Tu não tem 200 pessoas que era um local que era para se trabalhar, tipo, tranquilo. Entendeu? Começando com a liderança, vendo as instituições, aí a gente consegue passar de um trabalho só à SESAI não consegue, não.

Profissional 2: Envolver diretamente os indígenas, principalmente aqueles que causam aa desordem. Porque como a Profissional 9 falou é é, e bem visível que o Jaquirana que pelo menos na aldeia Lobo não entra bebida, porque o cacique não deixa.

Profissional 1: Porque em relação a isso aí também, lá no, no Lago é área indígena, né? Se não pode entrar, não pode entrar, né? Aí todo mundo entra ali dentro, todo mundo, todo mundo, e eles deixam.

Profissional 2: Hãm!

Profissional 1: **Só que aí tem uma conversa com a liderança de lá, ó, tu vai entrar, mas vai ter que me dar isso...**

Profissional 2: É a troca!

Profissional 1: Tem que dá gasolina!

Profissional 2: É a mão de duas vezes!

Profissional 9: Mas na outra comunidade tem troca também!

Profissional 1: É um trânsito ali.

Profissional 2: Não, mas é mão de duas vezes, aquela situação hoje...

Profissional 5: A balierona, que a gente se assustava pensando ser da SESAI.

Profissional 2: Hoje ele se beneficia devido essa situação, né? Porque tem. Como é que estou falando? Tem índio que já acostumou com isso e outra é principalmente esses que causa a ordem lá, entendeu? Ele se beneficia dessa situação, então ele se acha liderança e o cara, entra a hora que quer, me dá isso aqui, entendeu? E aí, o que acontece aí? Ele achou facilitar nisso. Acho bom, né? E aí acontece isso. O cara entra a hora que quer faz o que quer. Em troca da o que ele quer. Infelizmente, acontece essa situação, é aí que tem que tem, aí que tem que entrar, É a as instituições, justamente para envolver os indígenas. É principalmente esses aí para conscientizar ele para tentar abrir os olhos, né?

Profissional 1: Um projeto, né?

Profissional 2: Sim, pra que isso possa resolver.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí, assim, só pra contribuir. É justamente isso que é dissertação quer, quer fazer como produto!!!

Profissional 2: Sim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Por isso que a gente tá escutando vocês, né? E depois a gente vai escutar eles aí, ó, só que a gente vai fazer uma análise, né! De tudo o que foi falado pra pensar em soluções aí assim a gente tem basicamente, 2 perguntas e meia, pra pra a gente finalizar, que a gente já passou um pouquinho do tempo. É a pergunta pra vocês é o seguinte, se existe outras substâncias tradicionais como o **rapé**, veneno do sapo, e se elas estão vinculadas ao uso do álcool, ao uso prejudicial do álcool? Se vocês já perceberam alguma relação dessas substâncias?

Profissional 1: Acho que não!

Profissional 5: É difícil eles usarem até o veneno do sapo também!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum!

Profissional 5: Na época que eu estava lá.

Profissional 1: Mais é rapé! Mas só que eles usam o rapé diariamente, não, não misturam com negócio de álcool não...

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Não tá vinculado ao álcool?

Profissional 1: Acho que não!

Profissional 2: Tudo tradição!

Profissional 5: Também acho que não!

Profissional 4: No Lago Grande é tudo que se envolve a cultura eles traz e citam!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Interessante!

Profissional 1: Ô senhor!

Profissional 4: Até porque eu acho que cada etnia tem uma cultura!

Profissional 1: Se o Seu "A", "A" morrer e o filho dele morrer, ninguém ali mais faz **rapé**, é só eles dois ali faz mesmo.

Profissional 5: Quem fazia era a vovozinha!

Profissional 4: E poucas pessoas faz, utilizam o rapé!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): O rapé, né?

Profissional 4: Porque em cada etnia que eu, eu , acho que todas as etnias do Vale do Javari, cada etnia tem o seu, seu, sua bebida, ô, como é que diz? Ô Kanamari é a "caiçuma", né? Eles usam a "caiçuma", já o Matsés é o rapé, né? O Korubo o "tati", agora o tem, u, esse jovens usam tudo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Entendi. Aí, tem mais alguma coisa? Nesse sentido?

Profissional 1: Ôh!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Vou, quais são as doenças? Assim que vocês percebem, que vocês acompanham que está vinculado ao uso de álcool? Na aldeia? Tem alguma doença específica assim? Que!

Profissional 5: Dor no estômago!

Profissional 6: É, dor no estômago!

Profissional 2: Epigástria, no caso.

Profissional 5: É, tanto é que os que mais bebem é os que mais reclamam, né?

Profissional 2: Quando ô, ô, tem um do Lago que toda vez que ele bebe no outro dia cedo ele tá lá no posto epigástria, dor no estômago, toda vez, o "P" e o "M3".

Profissional 4: Unhum!

Profissional 5: É os dois mesmo!

Profissional 1: Toda vez!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí para encerrar a pergunta que eu faço, na verdade , eu deixo aberto assim, se vocês tem algum comentário que vocês queiram acrescentar do que foi discutido!

Profissional 9: Quando tu fala do álcool...

Profissional 2: Ei, Takmony!!!

Profissional 9: Em relação as outras doenças tu quis dizer o quê?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Não, se, se esse uso prejudicial do álcool ele está provocando outras doenças outros agravos de saúde dentro da comunidade.

Profissional 9: Porque tipo, nessa entrada que eu te falei, a questão da violência física é uma doença, a questão de IST`s, porquê e tu não tem consciência do que tu tá fazendo? Né? Desencadeia tanto é que lá nós temos. Casos...

Profissional 2: Unhum!

Profissional 9: Né?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sim!

Profissional 9: E aí vem as outras doenças relacionadas a epigastralgia, mas eu acho que essa questão em relação à **saúde mental**, é a mais grave. Entendeu? Porque tu percebe aqui que os profissionais relatam muitas coisas, não é? E a Profissional 5 não quis citar, mas a Profissional 5 sofreu muito lá no Lago Grande em relação querer a abusar, né?

(a participante fala com os olhos com sinais de lágrimas e voz tremula)

Profissional 5: Em relação a bebida!

Profissional 9: Hãm?

Profissional 5: Foi um moleque bebido!

Profissional 9: Pois é, então assim, o que a gente percebe! A Profissional 6, ela teve a possibilidade de entrar com o enfermeiro, né? A Profissional 5 foi no momento que o enfermeiro saiu para outra comunidade, né? É, é perigoso deixar uma profissional mulher sozinho ali, né? Entendeu? Então, e muitas vezes o distrito meio que. E não acolheu o profissional, que tem profissional, se sente assim, relata pra gente, né? Então essa questão da sensibilização, do apoio emocional ao profissional de saúde, porque o indígena vai falar muita coisa que a gente tá falando, do nosso ponto de vista, ele vai falar o ponto de vista dele em relação ao profissional de saúde, né? Aí vocês vão criar. Mas aqui a gente está para expor nosso ponto de vista. Então, em relação à saúde do profissional, é mediante essas situações é muito grave. Saúde do trabalhador, né? Então você vê que tem muitas, muitos fatores que a gente só sabe de relatos de colegas que estão lá, que passam muito tempo lá, então tem que se avaliar isso. A saúde do trabalhador, saúde sexual, a saúde mental, a saúde física, emocional, né? Então, ali é uma comunidade doente, se tu for parar para pensar!

Profissional 5: Ei, Profissional 9, assim, eu nunca fiquei só, porque toda vez que, eu trabalhei com o Profissional 4, né, Profissional 4? A única vez que eu não entrei com o Profissional 4 foi quando e eu entrei com um parente, eu trabalhei uma, entrei com outro profissional indígena e nessa segunda vez que eu entrei com outro indígena que aconteceu isso porque os meninos, eles não deixavam a gente só. Então, aí o cacique da outra aldeia pediu para enfermeiro dormi lá, coisas que também não eram de costumes. E o outro me deixou só, bastou uma vez pra mim ficar só. Entendeu isso? Fora outras coisas que a gente eu nunca relatei, mas o Profissional **4 já viveu comigo lá quando eu colocava o papel, para mim tampar as...**

Profissional 9: As brechas!!!

Profissional 5: As brechas**.** Eles iam lá cortavam a faca o pau...

Profissional 4: Tirava!

Profissional 5: Tirava. E quando eu fui reclamar para o cacique, aonde é menino brincando! O que eu fiz coloque uma cortina aí tá beleza, sabe o que ele fazia? O carinha? Ele entrava debaixo da casa para mim olhar, né, Profissional 4? O Profissional 4 e o "G" viram ele vindo

com as costas, toda melada de de barro, e a gente chamava atenção, é nada deixa pra lá, entendeu? É, aí, quero chorar depois. ***(a participante ficou bem emocionada ao lembrar as agressões)***

Profissional 1: Complicado!

Profissional 5: É, que dava mais raiva ainda é os nossos próprios colegas de trabalho dizer que estava mentindo. Entendeu?

Profissional 9: Deixa eu falar um pouquinho pela Profissional 5, então...

Profissional 5: Então, pera aí, rapidinho!

Profissional 9: Quanto tu ouve esse tipo de relato e que não é só uma vez? É muito complicado, porque, porque ajudar e tu não consegue? Tu não sabe como.

Profissional 5: Fez eu chorar!

Profissional 9: Entendeu? E não foi só a Profissional 5. *(a participante fala chorando)*

Profissional 5: Hum! Foram várias colegas!

Profissional 2: Foi!

Profissional 9: Foram vários colegas e não foi também só no Lago Grande. Então, **a partir do momento que chega e tu num abraço ao colega em relação a essas questões sensíveis é muito complicado, né?** É porque as pessoas fazem de conta que não enxergam as coisas e o problema tá ali. E é de muito tempo e ninguém resolve, ninguém. Ninguém consegue ter uma atitude para resolver a questão da saúde do trabalhador, porque quem é que vai? A Profissional 5 saiu de área por causa disso. Foi ou não foi?

Profissional 5: E tu sabe quantos dias demoraram para me tirar da aldeia? 18 dias.

Profissional 9: Depois do acontecido!?

Profissional 5: Porque meu marido desceu e me pegou!

Profissional 9: Entendeu? Então quer dizer que nós também estamos? Estamos com problema, né?

Profissional 4: Estava na cara que que iria acontecer isso com a Profissional 5. A gente, uu via...

Profissional 5: Eu ia tomar banho!

Profissional 4: A turminha dela lá fechando brecha se prevenindo, né? Pra e falando, "gente, tem gente me olhando, gente pode acontecer isso" e os pessoal nem, se fosse um caso de ter matado ela pra depois verem, né? Só que tem coisas que, né?

Profissional 4: O "G" presenciou um indígena se masturbando no lado da casa, né? Profissional 4?

Profissional 9: Então, quando a gente fala de eu, eu pego muito nesse pé, Tak (Takmony) que na questão da sensibilização, da sensibilidade, fragilidade da liderança, porque com mayoruna no Flores já aconteceu com colegas que já saíram daqui, mas o Seu "AF" que é o cacique, um senhor, um senhor idoso (tom alto de voz) foi lá defendeu o profissional, entendeu? **Essa questão da liderança é muito importante porque se tu não tem liderança da tua comunidade, tu não consegue proteger nenhum profissional. Aí o profissional vai trabalhar como fragilizado, com medo, não consegue desenvolver ação direito. Né? Então assim, eu admiro muito o profissional da área da saúde indígena.**

Profissional 5: O cacique falou que era cultura!

Profissional 9: Enfermeiros e técnicos tem todo o meu respeito, todos eles, porque a gente, o que a gente já ouviu? Que coordenação ouviu e não fez nada e a gente tenta abraçar o colega e dizer, não, tá tudo bem, mas vamos tentar melhorar, vamos tentar é se sentir seguro de outras formas. Eu sei que o assunto nem é esse, né? Mas acaba que eu acho que tá, tá interligado!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Sim!

Profissional 2: É!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Estar!

Profissional 3: O estado emocional!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): É justamente esses caminhos.

Profissional 10: É segurança, no segurança!

Profissional 2: É segurança!

Profissional 3: A falta de segurança dos próprios profissionais.

Profissional 2: Isso aí não é um e nem dois relatos que a gente, assim lá na "setor"!

Profissional 9: É o cantinho da psicologia.

Profissional 2: É, aí gente ouve muito relato dos profissionais, né? Assim é e a gente às vezes a gente fica indignado pela situação, quando poder fazer nada. Eoo, assim, a gente já presenciou, né? Os nossos próprios que eu digo que eu posso te falar os superiores, chefe, né? Às vezes acha que é, é uma brincadeira profissional, bem.

Profissional 5: Mentira, né?

Profissional 2: Fez de demitirem, mas infelizmente não é. A gente sabe todo todo nós sabemos aqui que é onde tem o uso de álcool. Né? A segurança é é precária, entendeu? E já acontece isso. A gente deveria ter um olhar especial para, principalmente nós, profissionais que passam de 90 a cento e poucos dias em área, né, é susceptível, Aaa todas as coisas. E infelizmente, profissional de área às vezes não é o rito como se deve ser. E aí a gente, querendo ou não, é penalizado, né? Pelas situações, principalmente psicologicamente, né, cara, vem, já veja pensando. É tipo, tu pensar, é, é tipo oo tu voltar novamente para aquele local, tá? É doloroso,

o cara não desenvolve o trabalho que é para ser desenvolvido. É o psicológico vai para o barro, né!

Profissional 11: Eu só queria falar alguma coisa em relação a isso também é mais voltado pra SESANI, né? Quando a gente entrou, eu, "J", a gente viu a situação da casinha, né, da farmácia, que era bem precária. E que eu eu sei que. É, eu não sei como é que era em relação à equipe anterior, né? Os trabalhos que eram desenvolvidos, planejamentos enfim, mas eu lembro que quando a gente passou até a médica, a "P", ela sempre pediu muito, porque ela, ela se sentia muito insegura dentro da da farmácia, né, que era uma casinha de palha, bem precário, bem mesmo, e tinha muita brecha, era praticamente como ela falava, chovia mais dentro do que fora, eu acho que isso contribui também muito para insegurança, né?

Profissional 5: Sabe quem fez aquela casa?

Profissional 11: Quem?

Profissional 5: Foram os dois profissionais que moravam lá!

Profissional 11: Jesus!

Profissional 5: E a gente, né, Profissional 4? Eu, o "G" e o Profissional 4 fizemos aquela puxada do banheiro lá atrás, a gente pagou o professor, o os pessoal da prefeitura que tinham indo fazer e aquele cagador o banheiro foi a gente que pagou para construir pra a gente ter um pouco de conforto do que a gente já teve.

Profissional 11: E aí a gente, eu acho que isso acaba também afetando, né? Porque quando vem bêbado você consegue trancar uma porta decente. **Se eu não pode ter segurança,** que uma parede vai ti, vai ti, ti ajudar, né? E aí eu lembro que eu não consegui entender como que ele ainda estava de pé. E eu e eu lembro que quando a gente foi a primeira coisa que eu olhei pro "J", quando eu voltei, eu falei e já tinha pedido, né? **Da comunidade e a gente tentou é dar um jeito de arrumar ali o Lago Grande, né?** Agora que eu acho que tá um pouquinho melhorzinho em relação a isso, óbvio, não é o ideal, né? Ainda. Mas eu acho que isso também dá uma sensação pouquinho mais de segurança se você tem uma casa mais segura, um lugar mais confortável, eu acho que isso não só no Lago Grande, mas em outras comunidades, assim que acontecem esse tipo de coisa. É, é, eu acho que a própria estrutura ela dá um conforto ou não profissional pra Ele, que às vezes parece que não tem ligação, né? Mas eu acho que uma estrutura, algo que que faça o profissional se sentir mais seguro. De trabalhar, de se proteger, de ter um lugar para se trocar e tudo mais. Que evite esses olhares. E também. Em relação à parte de ação, eu penso em fazer é estratégias, né? A gente quer sempre para estratégia, só que. Como foi reforçado, é institucional, com várias organizações.

A gente sabe que é uma área de Fronteira. Isso vai até leva para, sei lá, exército alguma coisa assim, porque é uma sensível que eu sei que não adianta você só intervir lá dentro da comunidade, sendo que ao redor também existe e toda a Fronteira a gente vê que é esse a esse trânsito. Eu vi do caderninho da M. vários nomes de indígenas e contas absurdas de que é o envolvem um ciclo vicioso que a gente sabe que existe nos comerciantes. Porque eles gostam de ter controle, né? Porque ele sabe que tem o benefício que ele sabe que eles têm. Então eles acabam indo crescendo com isso e tornando os próprios indígenas, meio que um trabalho análogo à escravidão, porque é uma parte lá de que eles nunca vão conseguir lidar, acaba viciando os indígenas, porque isso acaba gerando renda para ela, né? Ela sabe. Vários outros comerciantes sabe que alguns momentos que eles têm dinheiro, eles distribuindo álcool tornando isso vicioso. Então, planos de intervenção com várias instituições, a melhor forma possível, obviamente, porque é tudo muito sensível, porque quando a gente relata coisas bem a parte cultural lá não é cultural, então tudo isso é muito sensível até pra gente conseguir intervir dentro da cultura. Até com até que ponto é cultura que é o "**caiçuma**" e até que ponto não é cultura? Quando eles já colocam para azedar ou quando eles colocam o álcool dentro, então todas essas causas, tem que ser desde níveis mais baixos. Vamos colocar, assim como somos nossa própria equipe de saúde. Até chama a Marinha, chama o Exército ee parar, né? E ser o quanto antes, né? Não só sensibilizar, mas ser imediato para não só fica reclamando, e não, ninguém fazia nada!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então assim, gente, a gente. A gente tá 1 hora é alguém mais, tem mais alguma coisa que eu posso encerrar?

GD: Acenaram com a cabeça confirmando o encerramento!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Assim, eu tava mais como observadora participante como pesquisador, mas eu também teria vários comentários para fazer, né? Só que hoje não cabe, mas assim, aa nossa pesquisa, ela pretende é justamente olhar todas essas situações, esses caminhos, pensar cientificamente de qual forma. Né? Porque aa é a minha pesquisa, ela está muito atrelada a questão da psicologia pela expertise do meu orientador, né? Nessa questão do materialismo dialético, ela vai muito nessa vibe também. Mas assim eu quero agradecer cada um de vocês. A contribuição. Eu não consigo nem descrever assim. Vários elementos que vocês trouxeram. E assim eu tenho certeza que a partir desse momento, né, da da eu acho que desde o momento, quando eu pensei nessa temática e na contribuição de vocês a gente vai ter elementos para propor pro estado, né? Pra pensar diferente, pra gente, pra nós profissionais de saúde e para os indígenas também, né? Então assim eu agradeço para vocês. Futuramente a gente vai ter um outro encontro para ver, está disponibilizando, é essa nossa conversa, tá? E aí eu vou estar devolvendo para vocês os termos assinado e obrigado de coração, obrigado em nome da Universidade do Estado do Amazonas a UEA o Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos**.** Em nome do meu professor, orientador, também Fábio Alves Gomes, que em breve vocês vão estar conhecendo ele, e tenham essa expectativa que vai sair coisa boa da pesquisa, tá? Vai melhorar para todos nós!

Profissional 5: Obrigado a você também pelo espaço e tudo, e desculpa, porque, antes, eu não gosto de tocar nesse assunto, aí quando toca a gente fica meio fragilizada.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas saiba que...

Profissional 5: Eu não sou chorona não!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Foi importantíssimo. Você não sabe quanto foi importante ser citado essa situação aqui. Muito importante mesmo.

Profissional 9: Eu olhava com olhão pra Profissional 5 e ela nada!

Profissional 5: Eu não gosto de toca nesse assunto!

Profissional 9: Eu sinceramente gosto muito de falar, não sei se vocês percebem, mas aí. Mas aí é uma questão que os colegas contribuíram muito, porque até eu soube de coisas aqui que a gente mesmo trabalhando, né? Não consegue ver tudo.

Profissional 5: Mas esse daqui (Profissional 4) viveu a maioria dos apertados que eu passei lá, né, Profissional 4? Ele era nosso, ô meu guarda lá, ele e os meninos!

Profissional 2: Braço direito o homem!

Profissional 5: Meu braço direito! A gente trabalhou muito tempo juntos! Mas é isso!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então, gente, eu vou encerrar o áudio, tá?!

APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA HISTÓRIA DA ALDEIA LAGO GRANDE

TRANSCIRÇÃO DA ENTREVISTA DA HISTÓRIA DA ALDEIA LAGO GRANDE
Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí, nesse minuto eu tô começando a gravação, vou pedir ajuda do **tradutor 1** e do **Líder Indígena**, a primeira pergunta é um seguinte, **Cacique**, a gente vai falar sobre, deixa só eu botar mudo aqui, a gente vai falar aqui qual a história da aldeia Lago Grande? Tá? Então eu preciso que o senhor me diga como que surgiu a aldeia? De onde vieram as pessoas da aldeia? Como se formou? É, quem são os vizinhos? As outras aldeias por pergunto? Um exemplo, tem outros países também, qual é a relação com eles? Aí o senhor pode responder na língua que o **tradutor 1** e o **tradutor 2** vão ajudar na tradução, tá? Pode ficar à vontade, pode... Qual a história da Aldeia Lago Grande? **Tradutor 1:** Tradução na língua Matsés (...) Como é, oh? **Pesquisador responsável (Francisco Takmony):** Qual a história da aldeia? Como surgiu? **Tradutor 1:** Tradução na língua Matsés (...). **Tradutor 1/ Cacique: Neste momento, o Tradutor 1 e o Cacique conversaram na língua Matsés (...).** **Cacique:** Respondendo na língua Matsés. **Tradutor 1:** É o Cacique está falando que é "eu morava, eu cheguei é, fazer na roça, lá no Lameirão, que FUNAI que me deixou né? Que conflito com próprios meus parentes da Aldeia Lobo, mas eu cheguei no, no... **Cacique:** Lameirão! **Tradutor 1:** "Lameirão! Mas não tinha bebida de "alcolismo", mas tinha nossa bebida própria "caiçuma", só "caiçuma", outro mingau de banana, mas não indígena branco, chegou nosso comunidade, chegou, é porque eles me falavam assim, aqui não é terra de vocês, aqui não é demarcação da terra de vocês é por isso perto, chegou na comunidade Lameirão entrou o não indígena branco e trouxe bebida, lá que começou pra tomar "alcolismo", jovens, velho e o branco fazia dentro da comunidade Lameirão mesmo que festa, isso começava para tomar os jovens, mas até eu, ele também (Cacique) bebia, mas aconteceu lá no Lameirão, nós subimos Lago Grande, né? Mas no Lago Grande aconteceu de novo, né, e nós próprio comprou cachaça, algum

comerciante traz nós comunidade, lá começou problema, problema. É, quando, pra ficar bêbado toma cachaça, meus parentes começa "reforcar" outros pra matar, né? As meninas para "reforcar", mas também meu próprio pai mesmo que ficou bêbado ele mesmo enforcou porque ele queria dois mulher, né? Meu próprio pai velho mesmo enforcou, isso aconteceu em meu comunidade, história, assim, sério mesmo em meu comunidade, assim surgiu a bebida "alcolismo", né?"

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Mas como foi criada a Aldeia Lago Grande? Quem criou a aldeia? Como é que foi isso? As pessoas vieram de qual lugar? Um exemplo, o Cacique morava em Lameirão, certo? Já existia Lago Grande ou foi depois?

Tradutor 1: Não, não existia!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quem foi que fundou Lago Grande?

Tradutor 1: Tradução na língua Matsés (...).

Tradutor 1/ Cacique: Neste momento, o Tradutor 1 e o Cacique conversaram na língua Matsés (...).

Cacique: FUNAI!!!

Tradutor 1: "FUNAI!!! FUNAI que nós moramos Aldeia Lameirão!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Lameirão era aldeia?

Tradutor 1: Aldeia! Aqui lá de primeira aldeia, os Mayuruna.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Dos Mayuruna?

Tradutor 1: "Sim. Aí fez, o não indígena branco veio para a comunidade, essa não é demarcação das terras indígenas e o branco nos expulsou, nós fomos pra Lago Grande!"

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ah, vocês foram expulsos de Lameirão?

Tradutor 1: Sim. Sim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Lembra quando foi? Qual foi o ano?

Tradutor 1: Tradução na língua Matsés (...).

Tradutor 1/ Líder Indígena / Cacique: Neste momento, o Tradutor 1 e o Cacique conversaram na língua Matsés (...).

Líder Indígena: Surgiu assim, vou tentar explicar!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Tá!

Líder Indígena: Surgiu**,** primeiro foi, que fez demarcação foi papai, né?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Uhum!

Líder Indígena: Foi fazer demarcação!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Fala o nome do seu pai? Pra.

Líder Indígena: M.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): M.

Líder Indígena: Aí foi, inclusive foi o C. que tava no meio também, né? Aí vieram, termino de fazer limpeza de demarcação e voltou porque na verdade a gente morava na São Raimundo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): São Raimundo?

Líder Indígena: São Raimundo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Todos os Matsés de Lago Grande?

Líder Indígena: Isso. Aí, acho que foi em 1999, se não me engano. O Seu C. chegou lá falando que não era terra indígena, aí todo mundo saiu, inclusive quem chegou primeiro na aldeia Kanamari, no Irari, foi papai, né?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum!

Líder Indígena: O primeiro cara que chegou lá, conversar com o cacique para se podia morar perto, porque ele não queria morar lá para o Curuçá.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Anham!

Líder Indígena: É muito longe, preferiu morar aqui no Javari mesmo. Aí o cacique Kanamari falou, o M. até hoje existe lá ele. Não fica lá no Lago Grande, cuida do lago, porque está entrando muito pescador!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum!

Líder Indígena: Aí chegamos lá diretamente lá fora, aí não tinha nenhuma pessoa que chegou de fora, quem era quem chegou foi do Fruta Pão, o J.G, só ele que chegou de fora. Aí fizeram abrir comunidade, ficou todo mundo lá, passou parece dois anos, quatro anos por aí assim, enchia muita água, porque na cheia é perigoso de cair criança, já caiu criança, "perdimos" criança, morreu dentro d'água afogado dessa situação a gente fomos pra dentro.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Pra dentro?

Líder Indígena: Pra dentro já. Aí abandoamos comunidade lá fora.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Uhum!

Líder Indígena: Inclusive tinha uma Kanamari também que até hoje dá problemas em Caxias, aí quando eu cheguei não empatou nada, Kanamari casado com brasileiro aí ele saiu também, até agora estamos lá. Assim que surgiu que abriu comunidade lá.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Que surgiu né?

Líder Indígena: Unhum!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Lameirão ficava no Brasil?

Líder Indígena: No Brasil!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): No Brasil. É perto de qual comunidade? Lameirão?

Líder Indígena: Não!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Perto de Estirão do Equador?

Líder Indígena: Não, aqui em baixo!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ah, mais aqui para baixo. Então as pessoas vieram da comunidade São Raimundo, né?

Líder Indígena: Anham!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): De Lameirão?

Líder Indígena: Lameirão, parece que teve briga, não sei.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Entendi!

Líder Indígena: Mudaram de São Raimundo aí foram para Lago Grande!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Para Lago Grande!

Líder Indígena: Primeiro nome era Três José!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ah, o primeiro nome de Lago Grande era Três José?

Líder Indígena: Lá fora quando a gente morava lá!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ah, lá fora! Na beira do Javari?

Líder Indígena: Na beira do Javari!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ah, entendi!

Líder Indígena: Três José! Aí quando entramos no lago colocamos Lago Grande!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Lago Grande!

Líder Indígena: Unhum!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Quem são os vizinhos da Aldeia Lago Grande? Quais são as comunidades? Quem está no outro lado? Quais são os vizinhos?

Líder Indígena: No outro lado só tem Israelita, né?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): no lado do Peru?

Líder Indígena: No lado do Peru!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Aí tem comércio?

Líder Indígena: Anham! Aí tem uma comunidade Kanamari também.

Cacique: Vizinho!

Líder Indígena: Vizinho também que mora perto!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Os Kanamari? Qual o nome das comunidades?

Líder Indígena: Tambaqui!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): E tem outras também?

Líder Indígena: Irari!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): E acima? São Luís?

Líder Indígena: Caxias!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Ah, Caxias! Entendi! A relação com os vizinhos é boa? Com os indígenas? Peruanos? A Relação com eles e a comunidade é boa? Ou tem alguma problema? Por causa dos invasores?

Líder Indígena: Acontece mais por causa dos invasores, né?

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Unhum!

Líder Indígena: Eles mesmo vem, não pedem a gente, pescam.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Pescam no lago?

Líder Indígena: Isso!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Entendi! Então a comunidade surgiu por volta de 1999, é isso né?

Líder Indígena: Com certeza foi assim!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): E o primeiro cacique quem foi?

Líder Indígena: Já foi o F.M, depois dele nosso Cacique aqui até agora.

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Até agora é o Cacique aqui?

Líder Indígena: Unhum!

Pesquisador responsável (Francisco Takmony): Então tá bom concluímos está parte, Cacique!

APÊNDICE I - PROTOCOLO DE SEGURANÇA SANITÁRIA

Assim, estabelece-se a obrigatoriedade das seguintes orientações protocolares para a realização da pesquisa científica.

Vacinação

1. Todos os participantes da pesquisa, incluindo pesquisadores, facilitadores e equipe de apoio, devem apresentar a carteira de vacinação atualizada com vacina contra a COVID-19.
2. Não será permitido a permanência de pessoas não vacinadas.

Distanciamento social

1. O local para a realização da pesquisa deve ser amplo e ventilado;
2. A saída do local do evento deve ser realizada de modo escalonado por fileira de assentos, a fim de evitar aglomerações;
3. As mesas e cadeiras do local da pesquisa devem ser organizadas de modo que seja garantido o distanciamento mínimo de 1,0 metro entre elas;
4. O processo de distribuição de materiais deve ser realizado em local amplo e aberto, a fim de garantir o distanciamento mínimo de 1,0 metro entre os participantes;
5. Proibida a circulação pelo local do evento sem uso da máscara, sendo permitida sua retirada apenas no momento da alimentação, desde que garantido distanciamento mínimo de 1,0 metro entre os participantes do evento;
6. Recomenda-se a realização de qualquer outra atividade do evento que não esteja na programação ao ar livre.

Higiene

1. Todos os participantes, incluindo os pesquisadores, facilitadores e equipe de apoio deverão fazer uso obrigatório da máscara durante todo o evento;
2. A limpeza e a desinfecção das superfícies mais tocadas (mesas, maçanetas, cadeiras, etc.) e deve ser intensificada;
3. Deve ser disponibilizado a todos os participantes, em pontos estratégicos, álcool gel 70%, bem como dispor de estoque de máscara para entrega;
4. Microfones e outros materiais utilizados pelos palestrantes e facilitadores deverão ser higienizados antes de serem utilizados por outras pessoas.

Comunicação e monitoramento

1. A equipe responsável pelo evento deve dar ciência a todos os participantes do evento, incluindo os pesquisadores, facilitadores e equipe de apoio, sobre as normas e protocolos de segurança vigentes, sendo obrigatoriamente traduzidas para a língua materna dos participantes;
2. Deve ser reforçado entre todos os intervalos das atividades as medidas preventivas e orientações desse protocolo;
3. Cabe a equipe responsável pela pesquisa as responsabilidades cabíveis em caso de descumprimento das determinações vigentes.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARTICIPANTE INDÍGENA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARTICIPANTE INDÍGENA

O (A) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari – Amazonas,** cujo pesquisador responsável é **Francisco Takmony Fernandes Dantas**, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da **Universidade do Estado do Amazonas (UEA)**, sob orientação do professor pesquisador **Dr. Fábio Alves Gomes** da **Universidade do Estado do Amazonas (UEA).**

I. A justificativa, os objetivos e os procedimentos da pesquisa:

O(A) Sr(a) está sendo convidado por que o motivo que nos leva a estudar nesta região são os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre populações indígenas de fronteira do Vale do Javari. Portanto, o uso prejudicial do álcool é considerado uma doença que leva problemas em todos os segmentos sociais, independente, do segmento da sociedade. Os objetivos do projeto é **investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari Atalaia do Norte Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.**

Os objetivos específicos do projeto são: (1) Identificar as causas e as consequências do uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da aldeia indígena Lago Grande, Terra Indígena (TI) Vale do Javari, no Amazonas; (2) Analisar como a equipe multiprofissional de saúde indígena corroborar e/ou pode corroborar para o monitoramento e enfrentamento do uso abusivo de álcool entre a população indígena da Aldeia Lago Grande, no Vale do Javari – Amazonas.

Caso aceite participar sua participação consiste em produzir informações através de entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão, sendo aplicados as organizações locais e grupos sociais.

O pesquisador, responsável pelo projeto, pede autorização para coletar informações por meio de entrevista semiestruturada e grupo de discussão que será gravada e, posteriormente transcrita, e por meio do levantamento de dados resultantes da observação participante durante os referidos procedimentos de produção de informações. No momento da entrevista também será utilizada máquina fotográfica para as fotos e gravador de áudio e vídeo para o grupo de discussão.

II . Desconfortos e riscos e benefícios:

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos e desconfortos para o(a) Sr.(a) devem ser considerados diante da sensibilidade relacionados ao caráter moral, intelectual, social ou cultural pelos quais passaram os sujeitos que serão entrevistados, mesmo que sejam mínimos, pois toda a coleta de dados se dará de maneira voluntária e anônima. Respeitando a visão de mundo dos Mayuruna/Matsés sobre o uso prejudicial de álcool, de como se bebe, e considerando os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política, conforme a Resolução CNS 304/2000. Os agentes participantes receberão uma carta convite descrevendo os esclarecimentos descritos no TCLE com tradução oral pelo presidente da Associação Geral dos Mayuruna (OGM) para cada participante Mayuruna/Matsés. Existe um

desconforto e risco mínimo para submeter a responder as entrevistas, pelo fato de se trabalhar com memórias de conflitos e violências vivenciadas, o qual poderá ocasionar um risco mínimo de origem psicológica e/ou emocional.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Participando da pesquisa, será possível investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os Mayuruna/Matsés, assim, a partir dos resultados, será possível estabelecer-se maneiras de auxiliá-los(as), que serão definidos ao término da pesquisa como inserção dos agentes participantes na tomada de decisão frente às políticas públicas referentes ao uso prejudicial de álcool que visem atender às necessidades de indivíduos ou grupos da etnia Mayuruna/Matsés, levando-se em consideração a promoção e manutenção do bem estar, a conservação e proteção da diversidade biológica, cultural, a saúde individual e coletiva e a contribuição ao desenvolvimento do conhecimento e tecnologia próprias como prevê a Resolução CNS 304/2000.

III . Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo:

O(A) Sr(a). tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço. (Item IV.3.d, da Res. CNS nº. 466 de 2012).

IV . A garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes:

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. (Item IV.3.e, da Resolução CNS nº. 466 de 2012).

O (A) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhum recurso financeiro com as informações cedidas. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. E como será realizado, prevendo procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros. (item II.2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

V . Forma de acompanhamento e assistência

Caso você apresente algum problema emocional referente a entrevista realizada, você será acompanhado(a) para tratamento psicológico pela equipe de saúde da cidade de Atalaia do Norte e da Universidade do Estado do Amazonas.

VI - Garantia aos participantes do acesso aos resultados da pesquisa:

Dessa forma, os resultados desta pesquisa serão analisados e publicados cientificamente, e o (a) Sr.(a) terá sua privacidade respeitada e será garantida a confidencialidade das informações pessoais prestadas nas entrevistas, caso o (a) Sr.(a) não quiser ter seu nome divulgado, o pesquisador usará as iniciais do seu nome completo, e/ou recorrerá ao uso pseudônimos em vez do nome próprio do(a) senhor(a). Se decidir pela divulgação dessas informações, estas serão feitas por meio de manifestação por escrito em todas as fases da pesquisa. Esclarecemos que também terá acesso aos resultados da pesquisa que serão publicados nos meios de divulgação científica.

VII - explicitação da garantia ao participante de ressarcimento e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver:

Garantimos ao(à) Sr(a), e seu acompanhante quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente. Primamos pela sua liberdade de contribuir ou não com o estudo em questão. Entretanto, asseguramos seu direito à indenização e à cobertura material para reparação a dano na forma da lei se, por ventura, vierem a ocorrer em qualquer fase desta pesquisa. Também, se houver alguma despesa da sua parte e/ou da instituição que representa com esta pesquisa, despesas em termos de transporte, alimentação ou de outros materiais necessários ao estudo, garantimos o devido ressarcimento. Neste caso, eu, me comprometo em receber notas ou recibos das despesas para fazer o devido ressarcimento. (Item IV.3.g, da Res. CNS nº. 466 de 2012).

Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa. (Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7)

Asseguramos ao(á) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo, pelo tempo que for necessário. (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº. 466 de 2012).

VIII - A informação do endereço, e-mail e contato telefônico, dos responsáveis pela pesquisa:

O(A) Sr(a). pode entrar com contato com o pesquisador responsável **Francisco Takmony Fernandes Dantas** no endereço institucional **Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Avenida Castelo Branco, 504 – 69.065-010 – Cachoeirinha – Manaus/AM e telefone** (97) 99149-4314/98417-6464 e/ou e-**mail:** ftfd.msp22@uea.edu.br e/ou o professor pesquisador **Dr. Fábio Alves Gomes** no **Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Avenida Castelo Branco, 504 – 69.065 010 – Cachoeirinha – Manaus/AM e telefone** (92) 99434-6781 e/ou **e-mail:** fbgomes@uea.edu.br, e também com a coordenação do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), no endereço **Avenida Castelo Branco, 504 – 69.065-010 – Cachoeirinha – Manaus/AM**, **telefone** (92) 98278-5353 e/ou **e-mail:** ppgsp@uea.edu.br.

IX - Breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP:

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos **da Universidade do Estado do Amazonas (CEP/UEA), Av. Carvalho Leal, nº. 1777, Cachoeirinha, 69-065-001, Manaus - AM. Telefone**: (92) 3878-4368 ou **e-mail** cep.uea@gmail.com, para tratar de possíveis problemas decorrentes da realização da pesquisa. Viabiliza-se também ao interessados pela presente pesquisa o endereço de contato da **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP): Esplanada dos Ministérios, Bloco G, Anexo B, 1° Andar, Brasília (DF) CEP: 70058-900, TEL.:** (61) 3315-2150/ 3821, **e-mail:** conep@saude.gov.br. Esclarece ao Pesquisado que de acordo com a Resolução CNS n° 510 de 2016 considera que a pesquisa em ciências humana e social exige respeito e garante o pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes.

X - A informação de que o participante terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado:

Em qualquer momento o(a) participante poderá solicitar novas informações do registro do consentimento sempre que desejar.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., pesquisador responsável e pesquisador orientador, ficando uma via com cada um.

Consentimento Pós-Informação

Eu _____, Li e concordo em participar da pesquisa.

Nome	Assinatura do Participante	Data

Impressão Datiloscópica

Rubricas _____ (Participante)

_____ (Pesquisador)

_____ (Pesquisador orientador)

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

Nome	Assinatura do Orientador	Data

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – PARTICIPANTE PROFISSIONAL DE SÁÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARTICIPANTE PROFISSIONAL DE SAÚDE

O (A) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari – Amazonas,** cujo pesquisador responsável é **Francisco Takmony Fernandes Dantas**, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da **Universidade do Estado do Amazonas (UEA)**, sob orientação do professor pesquisador **Dr. Fábio Alves Gomes** da **Universidade do Estado do Amazonas (UEA).**

I. A justificativa, os objetivos e os procedimentos da pesquisa:

O(A) Sr(a) está sendo convidado por que o motivo que nos leva a estudar nesta região são os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre populações indígenas de fronteira do Vale do Javari. Portanto, o uso prejudicial do álcool é considerado uma doença que leva problemas em todos os segmentos sociais, independente, do segmento da sociedade. Os objetivos do projeto é **investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.**

Os objetivos específicos do projeto são: **(1)** Identificar as causas e as consequências do uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da aldeia indígena Lago Grande, Terra Indígena (TI) Vale do Javari, no Amazonas; **(2)** Analisar como a equipe multiprofissional de saúde indígena corroborar e/ou pode corroborar para o monitoramento e enfrentamento do uso abusivo de álcool entre a população indígena da Aldeia Lago Grande, no Vale do Javari – Amazonas.

Caso aceite participar sua participação consiste em produzir informações através de entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão, sendo aplicados as organizações locais e grupos sociais.

O pesquisador, responsável pelo projeto, pede autorização para coletar informações por meio de entrevista semiestruturada e grupo de discussão que será gravada e, posteriormente transcrita, e por meio do levantamento de dados resultantes da observação participante durante os referidos procedimentos de produção de informações. No momento da entrevista também será utilizada máquina fotográfica para as fotos e gravador de áudio e vídeo para o grupo de discussão.

II . Desconfortos e riscos e benefícios:

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos e desconfortos para o(a) Sr.(a) devem ser considerados diante da sensibilidade relacionados ao caráter moral, intelectual, social ou cultural pelos quais passaram os sujeitos que serão entrevistados, mesmo que sejam mínimos, pois toda a coleta de dados se dará de maneira voluntária e anônima. Os agentes participantes profissionais de saúde receberão uma carta convite descrevendo os esclarecimentos descritos no TCLE. Existe um desconforto e risco mínimo para submeter a responder as entrevistas, pelo fato de se trabalhar com memórias de conflitos e violências vivenciadas, o qual poderá ocasionar um risco mínimo de origem psicológica e/ou emocional.

Também são esperados os seguintes benefícios com esta pesquisa: Participando da pesquisa, será possível investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os Mayuruna/Matsés, assim, a partir dos resultados, será possível estabelecer-se maneiras de auxiliá-los(as), que serão definidos ao término da pesquisa como inserção dos agentes participantes na tomada de decisão frente às políticas públicas referentes ao uso prejudicial de álcool que visem atender às necessidades de indivíduos ou grupos da etnia Mayuruna/Matsés, levando-se em consideração a promoção e manutenção do bem estar, a conservação e proteção da diversidade biológica, cultural, a saúde individual e coletiva e a contribuição ao desenvolvimento do conhecimento e tecnologia próprias como prevê a Resolução CNS 304/2000.

III . Garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo:

O(A) Sr(a). tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço. (Item IV.3.d, da Res. CNS nº. 466 de 2012).

IV . A garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes:

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. (Item IV.3.e, da Resolução CNS nº. 466 de 2012).

O (A) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhum recurso financeiro com as informações cedidas. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. E como será realizado, prevendo procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros. (item II.2.i, Res 466/2012/CNS e Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 5º, incisos V, X e XXVIII).

V . Forma de acompanhamento e assistência

Caso você apresente algum problema emocional referente a entrevista realizada, você será acompanhado(a) para tratamento psicológico pela equipe de saúde da cidade de Atalaia do Norte e da Universidade do Estado do Amazonas.

VI - Garantia aos participantes do acesso aos resultados da pesquisa:

Dessa forma, os resultados desta pesquisa serão analisados e publicados cientificamente, e o (a) Sr.(a) terá sua privacidade respeitada e será garantida a confidencialidade das informações pessoais prestadas nas entrevistas, caso o (a) Sr.(a) não quiser ter seu nome divulgado, o pesquisador usará as iniciais do seu nome completo, e/ou recorrerá ao uso pseudônimos em vez do nome próprio do(a) senhor(a). Se decidir pela divulgação dessas informações, estas serão feitas por meio de manifestação por escrito em todas as fases da pesquisa. Esclarecemos que também terá acesso aos resultados da pesquisa que serão publicados nos meios de divulgação científica.

VII - explicitação da garantia ao participante de ressarcimento e a descrição das formas de cobertura das despesas realizadas pelo participante decorrentes da pesquisa, quando houver:

Garantimos ao(à) Sr(a), e seu acompanhante quando necessário, o ressarcimento das despesas devido sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente. Primamos pela sua liberdade de contribuir ou não com o estudo em questão. Entretanto, asseguramos seu direito à indenização e à cobertura material para reparação a dano na forma da lei se, por ventura, vierem a ocorrer em qualquer fase desta pesquisa. Também, se houver alguma despesa da sua parte e/ou da instituição que representa com esta pesquisa, despesas em termos de transporte, alimentação ou de outros materiais necessários ao estudo, garantimos o devido ressarcimento. Neste caso, eu, me comprometo em receber notas ou recibos das despesas para fazer o devido ressarcimento. (Item IV.3.g, da Res. CNS nº. 466 de 2012).

Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa. (Resolução CNS nº 466 de 2012, IV.3.h, IV.4.c e V.7)

Asseguramos ao(à) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo, pelo tempo que for necessário. (Itens II.3.1 e II.3.2, da Resolução CNS nº. 466 de 2012).

VIII - A informação do endereço, e-mail e contato telefônico, dos responsáveis pela pesquisa:

O(A) Sr(a). pode entrar com contato com o pesquisador responsável **Francisco Takmony Fernandes Dantas** no endereço institucional **Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Avenida Castelo Branco, 504 – 69.065-010 – Cachoeirinha – Manaus/AM** e **telefone** (97) 99149-4314/98417-6464 e/ou **e-mail:** ftfd.msp22@uea.edu.br e/ou o professor pesquisador **Dr. Fábio Alves Gomes** no **Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Avenida Castelo Branco, 504 – 69.065-010 – Cachoeirinha – Manaus/AM** e **telefone** (92) 99434-6781 e/ou **e-mail:** fbgomes@uea.edu.br, e também com a coordenação do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), no endereço **Avenida Castelo Branco, 504 – 69.065-010 – Cachoeirinha – Manaus/AM**, **telefone** (92) 98278-5353 e/ou **e-mail:** ppgsp@uea.edu.br.

IX - Breve explicação sobre o que é o CEP, bem como endereço, e-mail e contato telefônico do CEP local e, quando for o caso, da CONEP:

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos **da Universidade do Estado do Amazonas (CEP/UEA), Av. Carvalho Leal, nº. 1777, Cachoeirinha, 69-065-001, Manaus - AM. Telefone**: (92) 3878-4368 ou **e-mail** cep.uea@gmail.com, para tratar de possíveis problemas decorrentes da realização da pesquisa. Viabiliza-se também ao interessados pela presente pesquisa o endereço de contato da **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP): Esplanada dos Ministérios, Bloco G, Anexo B, 1º Andar, Brasília (DF) CEP: 70058-900, TEL.:** (61) 3315-2150/ 3821, **e-mail:** conep@saude.gov.br. Esclarece ao Pesquisado que de acordo com a Resolução CNS nº 510 de 2016 considera que a pesquisa em ciências humana e social exige respeito e garante o pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes.

X - A informação de que o participante terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado:

Em qualquer momento o(a) participante poderá solicitar novas informações do registro do consentimento sempre que desejar.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., pesquisador responsável e pesquisador orientador, ficando uma via com cada um.

Consentimento Pós–Informação

Eu _____, Li e concordo em participar da pesquisa.

Nome	Assinatura do Participante	Data

Impressão Datiloscópica

Rubricas _____ (Participante)

_____ (Pesquisador)

_____ (Pesquisador orientador)

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

Nome	Assinatura do Orientador	Data

ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ

Eu, _____, autorizo livre e voluntariamente, o pesquisador **Francisco Takmony Fernandes Dantas** a obter fotografias, filmagens e/ou gravações de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional, de acordo com o "Art. 5 - Direito de imagem indígena constitui direitos morais e patrimoniais do indivíduo ou da coletividade retratados em fotos, filmes, estampas, pinturas, desenhos, esculturas e outras formas de reprodução de imagens que retratam aspectos e peculiaridades culturais indígenas" (PORTARIA n. 177/ PRES, de 16 de fevereiro de 2006). E o que trata o "Art. 11 – As atividades de pesquisa de caráter científico, que utilizem imagens, sons, grafismos ou outras criações e obras indígenas devem seguir os procedimentos de solicitação de autorização desta Portaria visando o respeito aos direitos autoral e de imagem indígenas" (PORTARIA n. 177/ PRES, de 16 de fevereiro de 2006). Nesse sentido, conheço a pesquisa intitulada "**Uso prejudicial de álcool: significações produzidas por indígenas Mayuruna/Matsés do Vale do Javarí no Amazonas"** e concordo livremente em participar dela. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras, dissertações, teses e/ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do pesquisador.

Atalaia do Norte – Amazonas, ____/____/____

_____

Assinatura ou impressão datiloscópica do/da participante da pesquisa

ANEXO D – TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR (A)

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, **Francisco Takmony Fernandes Dantas**, portador do CPF: 019.504.142-99, sou pesquisador responsável do projeto de pesquisa intitulado, "**Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari – Amazonas**" comprometo-me a utilizar todos os dados coletados, unicamente, para o projeto acima mencionado, bem como:

- Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes em especial a 466/12 e a 510/16, do Conselho Nacional de Saúde;
- Apresentar dados para o CEP da UEA ou para a CONEP a qualquer momento, inclusive uma cópia dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelos participantes, caso sejam solicitados;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
- Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
- Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- Justificar fundamentadamente, perante o CEP da UEA ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- Elaborar e apresentar o Relatórios parciais e o Relatório final ao o CEP da UEA;
- Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 05 (cinco) anos após o término da pesquisa.
- Responsabilizo-me civil e criminalmente pela veracidade das informações declaradas acima.

Atalaia do Norte, Amazonas, 28 de julho de 2022

Francisco Takmony F. Dantas

Francisco Takmony Fernandes Dantas
Pesquisador responsável

ANEXO E – ANUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO INDÍGENA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Eu, **EZEQUIEL PISANGO MAIURUNA**, Presidente da Organização Geral dos Mayuruna – OMG, declaro que **FRANCISCO TAKMONY FERNANDES DANTAS**, portador do RG 2821184-7 e CPF nº. 019.504.142-99, mestrando do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), está autorizado a realizar na Aldeia Lago Grande, o projeto de pesquisa intitulado "**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE OS INDÍGENAS DE FRONTEIRA NO VALE DO JAVARI – AMAZONAS**", sob orientação do prof. Dr. Fábio Alves Gomes.

Os custos financeiros para o desenvolvimento da pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador.

Ressalto que estou ciente de que serão garantidos os direitos, dentre outros assegurados pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde de: garantia da confidencialidade, do anonimato e da não utilização das informações em prejuízo dos outros, que não haverá riscos para os sujeitos, emprego dos dados somente para fins previstos nesta pesquisa e retorno dos benefícios obtidos através deste estudo para as pessoas e a comunidade onde o mesmo foi realizado.

Informo-lhe ainda que a pesquisa somente será iniciada após a aprovação do Comitê de Ética/Comissão Nacional de Ética na pesquisa CEP/CONEP e da Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

Atalaia do Norte, 25 de julho de 2022.

Atenciosamente,

Ezequiel Pisango Maiuruna

EZEQUIEL PISANGO MAIURUNA
Presidente da Organização Geral dos Mayuruna – OMG

ANEXO B – TERMO DE ANUÊNCIA DO LÍDER COMUNITÁRIO/CACIQUE

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, **GILMAR SALES MAYURUNA**, Cacique da Aldeia Lago Grande, declaro que **FRANCISCO TAKMONY FERNANDES DANTAS**, mestrando do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), está autorizado a realizar na Aldeia Lago Grande, o projeto de pesquisa intitulado "**ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE OS INDÍGENAS DE FRONTEIRA NO VALE DO JAVARI – AMAZONAS**", sob orientação do prof. Dr. Fábio Alves Gomes.

Os custos financeiros para o desenvolvimento da pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador.

Ressalto que estou ciente de que serão garantidos os direitos, dentre outros assegurados pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde de: garantia da confidencialidade, do anonimato e da não utilização das informações em prejuízo dos outros, que não haverá riscos para os sujeitos, emprego dos dados somente para fins previstos nesta pesquisa e retorno dos benefícios obtidos através deste estudo para as pessoas e a comunidade onde o mesmo foi realizado.

Informo-lhe ainda que a pesquisa somente será iniciada após a aprovação do Comitê de Ética/Comissão Nacional de Ética na pesquisa CEP/CONEP e da Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

Atalaia do Norte, 27 de julho de 2022.

Atenciosamente,

Gilmar Sales Mayuruna

GILMAR SALES MAYURUNA
Cacique da Aldeia Lago Grande

ANEXO F – ATA DE REUNIÃO DO CONSELHO DISTRITAL DE SAÚDE INDÍGENA VALE DO JAVARI

MINISTÉRIO DA SAÚDE
SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA
CONSELHO DISTRITAL DE SAÚDE INDÍGENA
DSEI VALE DO JAVARI

ATA ANUÊNCIA DE PROJETO DE PESQUISA DO CONDISI VALE DO JAVARI

Ao dia oito de agosto de dois mil e vinte dois, às nove horas e quinze minutos, reuniram-se na sala do CONIDISI situada na sede do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Vale do Javari, assim os presentes são: Sr. Ewerton Oliveira Reis, vice-presidente do CONDISI, Sra. Bruna Janayna Rodrigues Moraes, secretária executiva do CONDISI, Sr. Gilmar Sales Mayuruna, conselheiro distrital e local da aldeia Lago Grande, Sr. Ezequiel Pisango Maiuruna, Presidente da Organização Geral dos Mayuruna – OMG e o Sr. Francisco Takmony Fernandes Dantas, assistente social da Divisão de Atenção à Saúde Indígena (DIASI) do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Vale do Javari, mas na condição de pesquisador. O Sr. Ewerton Oliveira Reis, vice-presidente do CONDISI deu as boas-vindas a todos e destacou que a reunião é para tratar de pesquisa sobre alcoolização no Vale do Javari, a reunião foi solicitado pelo Sr. Francisco Takmony, e em seguida passou a palavra ao Sr. Francisco Takmony. O Sr. Francisco Takmony agradeceu a todos pela acolhida e informou que está regularmente matriculado no Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, da Universidade Estadual do Amazonas, e apresentou ao CONDISI o projeto de pesquisa intitulado "ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE OS INDÍGENAS DE FRONTEIRA NO VALE DO JAVARI – AMAZONAS", sob orientação do prof. Dr. Fábio Alves Gomes. O Sr. Francisco Takmony esclareceu que a pesquisa tem o objetivo geral investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região. Também destacou que a pesquisa será submetida à análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde – CEP/CONEP. O estudo será realizado com os indígenas da Aldeia Lago Grande e profissionais de saúde indígena que atuam nessa microárea. Para sua realização, a produção de informações serão realizadas através de entrevista semiestruturada e 02 (dois) grupos de discussões, sendo um de indígenas e um de profissionais de saúde. A pesquisa será desenvolvida no segundo semestre de 2022 e no primeiro de 2023. Ainda, destacamos que serão observadas rigorosamente as medidas para a segurança sanitária dos participantes e pesquisadores. A participação na pesquisa será voluntária e se dará por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. No que se refere aos riscos da participação na pesquisa, não há previsíveis. Em caso de ocorrência, tais como à incitação de conflitos intrapsíquicos, causados pela mobilização emocional durante a entrevista, comprometemo-nos em minimizá-los, caso ocorra. Ressaltamos que a participação não apresenta riscos ou danos à sua integridade física, ideológica e profissional. Assumiremos o compromisso de manter o sigilo e a resguardar a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa. O pesquisador também esclareceu que serão trabalhados duas questões norteadoras, sendo a primeira 1) Como se dá e quais as consequências do uso prejudicial de álcool por indígenas que moram em zona de fronteira da aldeia indígena Lago Grande, Terra Indígena (TI) Vale do Javari, no Amazonas? E a 2) Como a equipe multiprofissional de saúde indígena corroborar e/ou pode corroborar para o monitoramento e enfrentamento do uso abusivo de álcool entre a população indígena da aldeia Lago Grande, no Vale do Javari - Amazonas? O Sr. Francisco Takmony informou que será produzido produto como cartilha ou nota técnica como forma de contribuição da pesquisa para o Vale do Javari, concluindo solicitou anuência e apoio deste CONDISI para realização da pesquisa e passou a palavra ao vice-presidente do CONDISI. O Sr. Ewerton Oliveira Reis, vice-presidente do CONDISI que destacou a importância da pesquisa para a região e que após a apresentação e discussão do projeto, em concordância com a Sra. Bruna Janayna, secretária executiva do CONDISI, Sr. Ezequiel Pisango Maiuruna, Presidente da Organização Geral dos Mayuruna – OMG e o Sr. Gilmar Sales Mayuruna, conselheiro distrital e local da aldeia Lago

MINISTÉRIO DA SAÚDE
SECRETARIA ESPECIAL DE SAÚDE INDÍGENA
CONSELHO DISTRITAL DE SAÚDE INDÍGENA
DSEI VALE DO JAVARI

Grande, declaram ANUÊNCIA da realização da pesquisa, todavia destacou que a pesquisa só poderá ser realizada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde – CEP/CONEP. Nada mais a declarar, o vice-presidente do CONDISI, Sr, Ewerton Oliveira Reis, encerrou as dez horas e trinta minutos do dia oito do agosto de dois mil e vinte dois. Eu, **Bruna Janayna Rodrigues Moraes** – Secretário Executivo do CONDISI lavrei a ATA de Reunião do CONDISI e assinado por todos presentes

Atalaia do Norte - AM, 08 de Agosto de 2022.

Todos os presentes assinam abaixo:

Sr. Francisco Takmony Fernandes Dantas
Assistente social e pesquisador

Sr. Ezequiel Pisango Maiuruna,
Presidente da Organização Geral dos Mayuruna – OMG

Sr. Gilmar Sales Mayuruna
Conselheiro distrital e local da aldeia Lago Grande

Bruna Janayna R. Moraes
Sec. Executivo do Condisi/Vaj

Bruna Janayna Rodrigues Moraes
Secretária executiva do CONDISI

Sr. Ewerton Oliveira Reis
Vice-presidente do CONDISI

ANEXO G – TERMO DE ANUÊNCIA DO COORDENADOR DO DSEI

Ministério da Saúde
Secretaria Especial de Saúde Indígena
Distrito Sanitário Especial Indígena - Vale do Javari

OFÍCIO Nº 767/2022/VAJ/DSEI/SESAI/MS

Atalaia do Norte, 08 de novembro de 2022.

Ao Exmo. Sr. Prof. Dr.,
Dorli João Carlos Marques
Coordenador do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos.
Av. Djalma Batista, 3578-Flores
CEP: 69050-010/Manaus-AM

Assunto: Resposta: **Solicitação de Permissão de Pesquisa.**

Referência: OFÍCIO Nº 003/2022-PPG SP/UEA

Sr. Coordenador,

1. Trata-se de solicitação de permissão de realização de pesquisa acadêmica, intitulada como "Aspectos Psicossociais do Uso Prejudicial de Álcool Entre os Indígenas de Fronteira no Vale do Javari-Amazonas", do Discente **Francisco Takmony Fernandes Dantas,** Matriculado regularmente no Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, da Universidade Estadual do Amazonas, sob orientação do Prof. Dr. Fábio Alves Gomes, cuja pesquisa objetiva investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na Fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena do Vale do Javari, em Atalaia do Norte-AM), para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.

2. Ante o exposto, encaminho o Termo de anuência de pesquisa devidamente **assinado**, para que seja dado prosseguimento ao estudo, com a autorização desta coordenação, assim que tiver aprovação do Comitê de Ética/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa CEP/CONEP, no que tange à participação voluntária de profissionais deste Distrito, que atuam na microárea acima citada.

Atenciosamente,

Jorge Oliveira Duarte
Coordenador Distrital do DSEI Vale do Javari
Portaria nº 625 DOU 11/04/2016
SIAPE nº 2306604

Documento assinado eletronicamente por **Jorge Oliveira Duarte**, **Coordenador(a) Distrital de Saúde Indígena**, em 09/11/2022, às 13:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º, do art. 4º, do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020; e art. 8º, da Portaria nº 900 de 31 de Março de 2017.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.saude.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0030201493** e o código CRC **7EE37400**.

Referência: Processo nº 25041.000001/2022-12 SEI nº 0030201493

Distrito Sanitário Especial Indígena - Vale do Javari - DSEI/VAJ
Rua Raimundo Gimaque do Nascimento, nº 770 - Bairro Santa Luzia, Atalaia do Norte/AM, CEP 69650-000
Site - www.saude.gov.br

TERMO DE ANUÊNCIA DO COORDENADOR DO DSEI

O Sr. **Jorge Oliveira Duarte** do **Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Vale do Javari** está de acordo com a realização desta pesquisa intitulada "**Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari – Amazonas**", de responsabilidade do(a) pesquisador(a) **Francisco Takmony Fernandes Dantas**, a pesquisa tem o objetivo de **investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região**, após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.

O estudo envolve (marque com um x):

X	Realização de entrevista / aplicação de questionário
	Procedimentos clínicos ou cirúrgicos
	Pesquisa em prontuário
	Acesso a dados nominais
	Administração de medicamentos
	Realização de exames laboratoriais ou de imagem
	Utilização de qualquer material biológico humano
X	Outro: Grupo de discussão

O pesquisador informa que a pesquisa será analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da instituição proponente, bem como será submetida à aprovação da CONEP, e está ciente de que as etapas do estudo envolvendo visita ou coleta de dados com a população indígena somente poderão ser iniciadas após a apresentação da aprovação pelo Sistema CEP/CONEP ao DSEI e ao Conselho Distrital de Saúde Indígena – CONDISI e/ou comunidades onde serão realizadas as atividades.

Atalaia do Norte – Amazonas, 17 de outubro de 2022.

Francisco Takmony F. Dantas

Pesquisador Responsável
Francisco Takmony Fernandes Dantas
Matrícula nº 2293920008

Jorge O Duarte

Coordenador do DSEI Vale do Javari
Jorge Oliveira Duarte Nome
Portaria nº 625 DOU - 11/04/2006
SIAPE nº 2306604

Jorge Oliveira Duarte
Coordenador Distrital de Saúde Indígena
DSEI - VALE DO JAVARI
Port. nº 625 D O U de 11/04/2016

ANEXO H – TERMO DE RESPONSABILIDADE PARA PESQUISAS - ÁREA TEMÁTICA ESPECIAL - ESTUDOS COM POPULAÇÕES INDÍGENAS

Termo de Responsabilidade para pesquisas
Área Temática Especial - Estudos com populações indígenas

Eu, **Francisco Takmony Fernandes Dantas** discente do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da **Universidade Estadual do Amazonas (UEA)**, portador(a) da Carteira de Identidade nº 2821184-7 e CPF 019.504.142-99 responsável pela realização da pesquisa "**Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari – Amazonas**", a ser realizada com o **Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Vale do Javari, na aldeia Lago Grande, etnia Mayuruna (Matsés)**, no período de **08/02/2023 a 10/02/2023**, declaro entender que é minha responsabilidade éticarespeitar os direitos dos povos indígenas no que se refere ao desenvolvimento teórico e prático de pesquisa em seres humanos que envolvam a vida, os territórios, as culturas e os recursos naturais dos povos indígenas do Brasil, reconhecendo ainda o direito de participação dos Povos Indígenas nas decisões que os afetem.

Reconheço que é minha responsabilidade garantir a integridade das informações geradas pela pesquisa, a confidencialidade dos dados e o respeito à privacidade dos indígenas participantes da pesquisa. Também é minha a responsabilidade por não repassar os dados coletados em sua íntegra ou em parte a pessoas não envolvidas na equipe da ação/investigação/projeto.

É ainda minha responsabilidade reconhecer que as informações divulgadas podem gerar visões preconceituosas e estereotipadas, bem como podem estimular ódio e intolerância contra a população indígena. Portanto, realizarei a análise e/ou apresentação dos dados com cautela e compromisso ético de modo a não promover situações que atentem contra a dignidade individual ou coletiva dos Povos Indígenas.

Neste sentido comprometo-me a:

I. não utilizar informações obtidas a partir dos participantes da pesquisa para outros fins além dos previstos no protocolo da pesquisa e/ou no consentimento livre e esclarecido;
II. não divulgar informações produzidas para qualquer fim que não sejam aqueles relacionados aos objetivos da pesquisa proposta;
III. não veicular registros fotográficos, sonoros e audiovisuais para fins que não estejam estritamente relacionados aos objetivos da pesquisa;
IV. garantir a guarda e o acesso às informações apenas pela equipe de pesquisadores envolvidos no projeto;
V. não adotar procedimentos ou protocolos de pesquisa que atentem contra a dignidade individual ou coletiva dos povos indígenas envolvidos;

VI. garantir que o desenvolvimento da pesquisa, seus resultados ou informações produzidas não gerem conflitos e/ou qualquer mal-estar dentro das comunidades;

VII. não realizar pesquisa com comunidades indígenas isoladas sem apresentação de justificativa detalhada;

VIII. não patentear produtos de qualquer natureza a partir da pesquisa realizada;

IX. não guardar nenhum material biológico sem a expressa concordância da comunidade e dos indivíduos, e sem a apresentação de proposta detalhada e aprovação formal pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP;

X. observar e respeitar as normativas que regulamentam a Ética em Pesquisa no Brasil para caso de desenvolvimento de projetos de pesquisa e investigações de cunho científico e acadêmico – Resolução CNS nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (que substitui a Resolução nº 196/1996); Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016; e Resolução CNS nº 304, de 09 de agosto de 2000).

Estou ciente de que qualquer atividade além do objeto da pesquisa já aprovada deverá ser submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa por meio de emenda, adendo ou nova submissão, e não deverá ser iniciada sem anuência junto aos indígenas e junto ao DSEI, e aprovação pela CONEP.

A divulgação, na forma de artigos técnicos, relatórios ou publicações sobre os resultados da pesquisa realizada, ocorrerá conforme prevê o meu Protocolo de Pesquisa submetido e aprovado pela CONEP.

Declaro entender que o não cumprimento de qualquer um dos itens do presente Termo de Responsabilidade acarretará na suspensão da pesquisa.

Atalaia do Norte – Amazonas, 28 de julho de 2022.

Francisco Takmony F. Dantas

Francisco Takmony Fernandes Dantas

ANEXO I – SOLICITAÇÃO DE PERMISSÃO DE PESQUISA: CONTROLE SOCIAL DE SAÚDE INDÍGENA

Recebido
Em 25/07/22
Bruna Rhaes Condisi

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS

OFÍCIO Nº 004/2022-PPG SP/UEA

Manaus, 25/07/2022

De: Prof. Dr. Dorli João Carlos Marques
Coordenador do Mestrado Profissional em Segurança, Cidadania e Direitos Humanos

Para: Aldair José Pereira Reis
Presidente do CONSIDI DSEI Vale do Javari
Atalaia do Norte - AM

ASSUNTO: Solicitação de permissão de pesquisa

Excelentíssimo Senhor Aldair José Pereira Reis,

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa do discente FRANCISCO TAKMONY FERNANDES DANTAS, regularmente matriculado no Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, da Universidade Estadual do Amazonas, intitulado "ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE OS INDÍGENAS DE FRONTEIRA NO VALE DO JAVARI – AMAZONAS", sob orientação do prof. Dr. Fábio Alves Gomes.

A pesquisa tem o objetivo geral investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.

A pesquisa será submetida à análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde – CEP/CONEP. O estudo será realizado com os indígenas da Aldeia Lago Grande e profissionais de saúde indígena que atuam nessa microárea. Para sua realização, a produção de informações serão realizadas através de entrevista semi estruturada e 02 (dois) grupos de discussões, sendo um de indígenas e um de profissionais de saúde. A pesquisa será desenvolvida no segundo semestre de 2022 e no primeiro de 2023. Ainda, destacamos que serão observadas rigorosamente as medidas para a segurança sanitária dos participantes e pesquisadores.

A participação na pesquisa será voluntária e se dará por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. No que se refere aos riscos da participação na pesquisa, não há previsíveis. Em caso de ocorrência, tais como à incitação de conflitos intrapsíquicos, causados pela mobilização emocional durante a entrevista, comprometemo-nos em minimizá-los, caso ocorra. Ressaltamos que a participação não apresenta riscos ou danos à

Documento SEI/UEA - 0013... - DORLI JOÃO CARLOS MARQUES:66535511634 em 25/07/2022 às 11:36 utilizando assinatura por login/senha.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

sua integridade física, ideológica e profissional. Assumiremos o compromisso de manter o sigilo e a resguardar a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), no endereço Avenida Presidente Castelo Branco, 504, Cachoeirinha – Manaus – Amazonas, CEP 69.020-050, e-mail: ppgsp@uea.edu.br, telefone (92) 98278-5353 e/ou com Francisco Takmony Fernandes Dantas, e-mail: ftfd.msp22@uea.edu.br, telefone (97) 99149-4314/98417-6464, e/ou Fábio Alves Gomes, e-mail: fbgomes@uea.edu.br , telefone (92) 99434-6781.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Dorli João Carlos Marques
Coordenador do Mestrado Profissional em Segurança Pública,
Cidadania e Direitos Humanos
(Assinado digitalmente)

Documento UEA | 25/07/2022 11:30 ART | assinado por DORLI JOÃO CARLOS MARQUES:56535511634 em 25/07/2022 às 11:36 utilizando assinatura por login/senha.

ANEXO J – SOLICITAÇÃO DE PERMISSÃO DE PESQUISA: DSEI VALE DO JAVARI

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS

OFÍCIO Nº 003/2022-PPG SP/UEA

Manaus, 25/07/2022

De: Prof. Dr. Dorli João Carlos Marques
Coordenador do Mestrado Profissional em Segurança, Cidadania e Direitos Humanos

Para: **Jorge Oliveira Duarte**
Coordenador Distrital do DSEI Vale do Javari
Atalaia do Norte - AM

ASSUNTO: Solicitação de permissão de pesquisa

Excelentíssimo Senhor Jorge Oliveira Duarte,

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa do discente FRANCISCO TAKMONY FERNANDES DANTAS, regularmente matriculado no Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, da Universidade Estadual do Amazonas, intitulado "ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE OS INDÍGENAS DE FRONTEIRA NO VALE DO JAVARI – AMAZONAS", sob orientação do prof. Dr. Fábio Alves Gomes.

A pesquisa tem o objetivo geral investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.

A pesquisa será submetida à análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde – CEP/CONEP. O estudo será realizado com os indígenas da Aldeia Lago Grande e profissionais de saúde indígena que atuam nessa microárea. Para sua realização, a produção de informações serão realizadas através de entrevista semi estruturada e 02 (dois) grupos de discussões, sendo um de indígenas e um de profissionais de saúde. A pesquisa será desenvolvida no segundo semestre de 2022 e no primeiro de 2023. Ainda, destacamos que serão observadas rigorosamente as medidas para a segurança sanitária dos participantes e pesquisadores.

A participação na pesquisa será voluntária e se dará por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. No que se refere aos riscos da participação na pesquisa, não há previsíveis. Em caso de ocorrência, tais como à incitação de conflitos intrapsíquicos, causados pela mobilização emocional durante a entrevista, comprometemo-nos em minimizá-los, caso ocorra. Ressaltamos que a participação não apresenta riscos ou danos à

Documento 4181 (FOLHA 1 DE 1) 84M assinado por DORLI JOÃO CARLOS MARQUES:56356511634 em 25/07/2022 às 11:36 utilizando assinatura por login/senha.

sua integridade física, ideológica e profissional. Assumiremos o compromisso de manter o sigilo e a resguardar a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), no endereço Avenida Presidente Castelo Branco, 504, Cachoeirinha – Manaus – Amazonas, CEP 69.020-050, e-mail: ppgsp@uea.edu.br, telefone (92) 98278-5353 e/ou com Francisco Takmony Fernandes Dantas, e-mail: ftfd.msp22@uea.edu.br, telefone (97) 99149-4314/98417-6464, e/ou Fábio Alves Gomes, e-mail: fbgomes@uea.edu.br , telefone (92) 99434-6781.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Dorli João Carlos Marques
Coordenador do Mestrado Profissional em Segurança Pública,
Cidadania e Direitos Humanos
(Assinado digitalmente)

Documento 41B1.EF8D.8CE1.B488 assinado por DORLI JOÃO CARLOS MARQUES:56535511634 em 25/07/2022 às 11:36 utilizando assinatura por login/senha.

ANEXO L – SOLICITAÇÃO DE PERMISSÃO DE PESQUISA: COORDENAÇÃO REGIONAL DA FUNAI VALE DO JAVARI

Ofício N. 05/2022 PPG SP
De: Coordenação do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos.
Para: **Mislene Metchacuna Martins Mendes**
Coordenadora Regional da FUNAI – Vale do Javari
Atalaia do Norte – Amazonas

Manaus, 12 de setembro de 2022

ASSUNTO: Solicitação de permissão de pesquisa.

Excelentíssimo(a) Senhor(a)

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa do discente FRANCISCO TAKMONY FERNANDES DANTAS, regularmente matriculado no Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, da Universidade do Estado do Amazonas, intitulado "ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE OS INDÍGENAS DE FRONTEIRA NO VALE DO JAVARI – AMAZONAS", sob orientação do prof. Dr. Fábio Alves Gomes.

A pesquisa tem o objetivo geral investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da Aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.

A pesquisa será submetida à análise e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde – CEP/CONEP. O estudo será realizado com os indígenas da Aldeia Lago Grande e profissionais de saúde indígena que atuam nessa microárea. Para sua realização, a produção de informações serão realizadas através de entrevista semi estruturada e 02 (dois) grupos de discussões, sendo um de indígenas e um de profissionais de saúde. A pesquisa será desenvolvida no segundo semestre de 2022 e no primeiro de 2023, sendo que a entrada em Terra Indígena está prevista para fevereiro de 2023 com data a ser marcada. Ainda, destacamos que serão observadas rigorosamente as medidas para a segurança sanitária dos participantes e pesquisadores.

A participação na pesquisa será voluntária e se dará por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. No que se refere aos riscos da participação na

Folha: 1

Documento E974 DE63 C0CA 85AF assinado por DORLI JOÃO CARLOS MARQUES 56535511634 em 12/09/2022 às 12:24 utilizando assinatura por login/senha

pesquisa, não há previsíveis. Em caso de ocorrência, tais como à incitação de conflitos intrapsíquicos, causados pela mobilização emocional durante a entrevista, comprometemo-nos em minimizá-los, caso ocorra. Ressaltamos que a participação não apresenta riscos ou danos à sua integridade física, ideológica e profissional. Assumiremos o compromisso de manter o sigilo e a resguardar a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Amazonas (UEA), no endereço Avenida Presidente Castelo Branco, 504, Cachoeirinha – Manaus – Amazonas, CEP 69.020-050, e-mail: ppgsp@uea.edu.br, telefone (92) 98278-5353 e/ou com Francisco Takmony Fernandes Dantas, e-mail: ftfd.msp22@uea.edu.br, telefone (97) 99149-4314/98417-6464, e/ou Fábio Alves Gomes, e-mail: fbgomes@uea.edu.br , telefone (92) 99434-6781.

Nesse sentido, enviamos também nos anexos algumas informações pessoais do pesquisador.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Prof. Dr. Dorli João Carlos Marques
Coordenador do PPGSP
(Assinatura digital)

Documento E974.DE63.C9CA.85AF assinado por: DORLI JOÃO CARLOS MARQUES:56535511634 em 12/09/2022 às 12:24 utilizando assinatura por login/senha.

ANEXO M – RESPOSTA DE ANDAMENTO DA SOLICITAÇÃO DE PERMISSÃO DE PESQUISA: COORDENAÇÃO REGIONAL DA FUNAI VALE DO JAVARI

08/11/2022 E-mail de Universidade do Estado do Amazonas - UEA - Solicitação de permissão de pesquisa.

UEA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Francisco Takmony Fernandes Dantas <ftfd.msp22@uea.edu.br>

Solicitação de permissão de pesquisa.

Coordenação Regional do Vale do Javari <cr.valedojavari@funai.gov.br> 30 de setembro de 2022 14:34
Para: Francisco Takmony Fernandes Dantas <ftfd.msp22@uea.edu.br>

Prezado Francisco,

Confirmamos o recebimento de vossa solicitação por meio do Ofício n. 05/2022 PPG SP, bem como, aproveitamos para informar o número do seu processo 08744.000700/2022-26, que encontra-se tramitando junto a Assessoria de Acompanhamento de Estudos e Pesquisas-AAEP/PRES-FUNAI para emissão de autorização de pesquisa e ingresso.

Atenciosamente,

MISLENE METCHACUNA MARTINS MENDES
Coordenadora Regional Substituta
Coordenação Regional Vale do Javari
Fundação Nacional do Índio-FUNAI
Ministério da Justiça e Segurança Pública-MJSP

Endereço:
Rua Manoel Leão, 172 - Bairro: Centro - Atalaia do Norte/AM - CEP 69650-000
Contato: (97) 3417-1185 - E-mail: cr.valedojavari@funai.gov.br

De: Francisco Takmony Fernandes Dantas [ftfd.msp22@uea.edu.br]
Enviado: sexta-feira, 16 de setembro de 2022 11:49
Para: Coordenação Regional do Vale do Javari
Assunto: Solicitação de permissão de pesquisa.

[Texto das mensagens anteriores oculto]

ANEXO J – FOLHA DE ROSTO PLATAFORMA BRASIL

MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa:
ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE OS INDÍGENAS DE FRONTEIRA NO VALE DO JAVARI- AMAZONAS

2. Número de Participantes da Pesquisa: 16

3. Área Temática:
Estudos com populações indígenas;

4. Área do Conhecimento:
Grande Área 6. Ciências Sociais Aplicadas, Grande Área 7. Ciências Humanas

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

5. Nome:
FRANCISCO TAKMONY FERNANDES DANTAS

6. CPF:	7. Endereço (Rua, n.º):		
019.504.142-99	RUA ÁLVARO MAIA, S/N CENTRO ATALAIA DO NORTE AMAZONAS 69650000		
8. Nacionalidade:	9. Telefone:	10. Outro Telefone:	11. Email:
BRASILEIRO	97991494314		takmony_fernandes@hotmail.com

Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.

Data: 14 / 09 / 2022

Francisco Takmony F. Dantas
Assinatura

INSTITUIÇÃO PROPONENTE

12. Nome:	13. CNPJ:	14. Unidade/Órgão:
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS		Escola Superior de Ciências Sociais
15. Telefone:	16. Outro Telefone:	
(92) 3878-7801		

Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Responsável: Prof. Dr. Roberto Sanches Mubarac Sobrinho CPF: 383.697.452-53

Cargo/Função: Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação - UEA

Data: 14 / 09 / 2022

ROBERTO SANCHES MUBARAC SOBRINHO:38369745253

Assinado de forma digital por ROBERTO SANCHES MUBARAC SOBRINHO:38369745253 Dados: 2022.09.14 08:53:05 -04'00'

Assinatura

PATROCINADOR PRINCIPAL

Não se aplica.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
PORTARIA Nº 537/2022 - GR/UEA

O REITOR DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, no uso de suas atribuições legais e estatutárias e, **CONSIDERANDO** o disposto no inciso VII do Art. 17 do Estatuto da Universidade do Estado do Amazonas, aprovado pelo Decreto n° 21.963, de 27 de junho de 2011. **CONSIDERANDO** a necessidade de assinatura nos Termos de Outorga e Aceitação de Auxilio dos Programas de Apoio e Pesquisa e Pós-Graduação; **RESOLVE: I - DESIGNAR**, o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP/UEA, **Prof. Dr. ROBERTO SANCHES MUBARAC SOBRINHO**, como representante legal junto a FAPEAM, CNPq, CAPES, FINEP, MCTI, BNDES e outras Agências de Fomento ou Intervenientes, para assinar os Termos relacionados à Pesquisa e Pós-Graduação. **II - TORNAR SEM EFEITO** a Portaria Nº 703/2018 - GR/UEA, sem prejuízo dos atos praticados até a data de publicação desta portaria. **REITORA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**, em Manaus, 19 de abril de 2022.

ANDRÉ LUIZ NUNES ZOGAHIB
Reitor da Universidade do Estado do Amazonas

Assinado por ANDRE LUIZ NUNES ZOGAHIB
Date: 4/19/22 4:49:36 PM -04:00

ANEXO N – CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR AO DSEI VALE DO JAVARI

20 ANOS UEA Universidade do Estado do Amazonas

AMAZONAS GOVERNO DO ESTADO

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR

Manaus, 06 de setembro de 2022

Prezado Senhor Jorge Oliveira Duarte, coordenador do Distrito Sanitário Especial Indígena Vale do Javari, por meio desta apresento o acadêmico **Francisco Takmony Fernandes Dantas**, do Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas, devidamente matriculado nesta Instituição de Ensino, que está realizando a pesquisa intitulada "*Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari – Amazonas*" para realização da sua dissertação de mestrado.

Para realização da supracitada pesquisa faz-se necessária a observação participante em campo, entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão, objetivando investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.

Informo que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade dos participantes, que os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins científicos e, ainda, que o resultado da pesquisa de mestrado, por meio de seu relatório final, será encaminhado para seu conhecimento.

Agradecemos sua compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste futuro profissional e do incentivo à pesquisa científica em nossa região. Em caso de dúvida pedimos a gentileza de contatar a Secretaria do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas. Endereço: Avenida Castelo Branco, 670, Cachoeirinha, Manaus - Amazonas - Brasil CEP: 69065-010 - Telefone/Fax: 55 92 3878-5450 - mestradosegpub@uea.edu.br

Atenciosamente,

Fábio Alves Gomes.

Prof. Dr. Fábio Alves Gomes
Professor orientador

ANEXO O – CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR A COORDENAÇÃO REGIONAL DA FUNAI VALE DO JAVARI

20 ANOS UEA Universidade do Estado do Amazonas | AMAZONAS GOVERNO DO ESTADO

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR

Manaus, 06 de setembro de 2022

Prezada Senhora Mislene Metchacuna Martins Mendes, Coordenadora Regional da FUNAI – Vale do Javari, por meio desta apresento o acadêmico **Francisco Takmony Fernandes Dantas**, do Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas, devidamente matriculado nesta Instituição de Ensino, que está realizando a pesquisa intitulada "*Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari – Amazonas*" para realização da sua dissertação de mestrado.

Para realização da supracitada pesquisa faz-se necessária a observação participante em campo, entrevistas semiestruturadas e grupos de discussão, objetivando investigar os aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas Mayuruna (Matsés), na fronteira da aldeia Lago Grande (Terra Indígena Vale do Javari-Atalaia do Norte-Amazonas) para elaboração de ações intrassetoriais de promoção da saúde e segurança pública da região.

Informo que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade dos participantes, que os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins científicos e, ainda, que o resultado da pesquisa de mestrado, por meio de seu relatório final, será encaminhado para seu conhecimento.

Agradecemos sua compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste futuro profissional e do incentivo à pesquisa científica em nossa região. Em caso de dúvida pedimos a gentileza de contatar a Secretaria do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Amazonas. Endereço: Avenida Castelo Branco, 670, Cachoeirinha, Manaus - Amazonas - Brasil CEP: 69065-010 - Telefone/Fax: 55 92 3878-5450 - mestradosegpub@uea.edu.br

Atenciosamente,

Fábio Alves Gomes.

Prof. Dr. Fábio Alves Gomes
Professor orientador

Reitoria
Av. Djalma Batista, 3578 - Flores
Cep: 69050-010 / Manaus-AM

UEA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ANEXO M – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE VÍNCULO DO PESQUISADOR AO PRESIDENTE DA FUNAI

MESTRADO PROFISSIONAL EM SEGURANÇA PÚBLICA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS
Curso Reconhecido pelo MEC/CAPES: Portaria nº 609/2019, publicada no D.O.U. de 14/03/2019.

Carta de Apresentação da Instituição de Vínculo do Pesquisador

Manaus, 22 de dezembro de 2022.

Prezado Senhor Presidente da FUNAI,

Por meio desta apresentamos o acadêmico **Francisco Takmony Fernandes Dantas**, do 3º semestre do Curso de Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, devidamente matriculado nesse Programa de Pós-graduação, que está realizando a pesquisa intitulada "Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari - Amazonas". A pesquisa, com a Vossa anuência, será realizada na sede da aldeia Lago Grande, Terra Indígena (TI) Vale do Javari, município de Atalaia do Norte, Amazonas.

Vimos através deste solicitar sua autorização para execução e produção de informações, que consiste em entrevista semiestruturada e grupo de discussão que será gravada e, posteriormente transcrita, e por meio do levantamento de informações resultantes da observação participante durante os referidos.

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações produzidas e garante, também, a preservação da identidade e da privacidade da instituição e dos sujeitos entrevistados.

Ainda queremos dizer-lhe que uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento deste pesquisador em possibilitar, aos entrevistados, um retorno dos resultados da pesquisa.

Por outro lado, solicitamos-lhes, aqui, permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa preservando sigilo e ética. Esclarecemos que tal autorização está em consonância com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste futuro profissional e da pesquisa científica em nossa região. Colocamo-nos à vossa disposição no PPGSP/UEA ou outros contatos, conforme segue: (92) 98278-5353, e-mail: ppgsp@uea.edu.br.

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente.

(Assinatura digital)
Prof. Dr. Dorli João Carlos Marques
Coordenador do Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos

Reitoria
Av. Djalma Batista, 3578 - Flores
Cep: 69050-010 / Manaus-AM
www.uea.edu.br

Folha: 1

Documento ECE9 4CF4 F04C 0894 assinado por DORLI JOÃO CARLOS MARQUES: 56355511634 em 22/12/2022 às 11:00 utilizando assinatura por login/senha

ANEXO P– CARTA DO ORIENTADOR DE APRESENTAÇÃO DO ACADÊMICO PESQUISADOR AO PRESIDENTE DA FUNAI

Carta de Apresentação do Acadêmico Pesquisador

Tabatinga, 19 de dezembro de 2022.

Prezado Senhor Presidente da FUNAI,

Por meio desta apresentamos o acadêmico **Francisco Takmony Fernandes Dantas**, do 3º semestre do Curso de Mestrado Profissional em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos, devidamente matriculado nesse Programa de Pós-graduação, que está realizando a pesquisa intitulada "Aspectos psicossociais do uso prejudicial de álcool entre os indígenas de fronteira no Vale do Javari - Amazonas". A pesquisa, com a Vossa anuência, será realizada na sede da aldeia Lago Grande, Terra Indígena (TI) Vale do Javari, município de Atalaia do Norte, Amazonas.

Vimos através deste solicitar sua autorização para execução e produção de informações, que consiste em entrevista semiestruturada e grupo de discussão que será gravada e, posteriormente transcrita, e por meio do levantamento de informações resultantes da observação participante durante os referidos.

Queremos informar que o caráter ético desta pesquisa assegura o sigilo das informações produzidas e garante, também, a preservação da identidade e da privacidade da instituição e dos sujeitos entrevistados.

Ainda queremos dizer-lhe que uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento deste pesquisador em possibilitar, aos entrevistados, um retorno dos resultados da pesquisa. Por outro lado, solicitamos-lhes, aqui, permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa preservando sigilo e ética. Esclarecemos que tal autorização está em consonância com a resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento deste futuro profissional e da pesquisa científica em nossa região. Colocamo-nos à vossa disposição no PPGSP/UEA ou outros contatos, conforme segue: (92) 99434-6781, e-mail: fbgomes@uea.edu.br

Sendo o que tínhamos para o momento, agradecemos antecipadamente.

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIO ALVES GOMES
Data: 20/12/2022 09:34:25 -0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Dr. **Fábio Alves Gomes** (*Professor Orientador*)

ANEXO O – AUTORIZAÇÃO DE INGRESSO EM TERRA INDÍGENA Nº 20/AAEP/2023

4999128 08744.000700/2022-26

MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS

ASSESSORIA DE ACOMPANHAMENTO AOS ESTUDOS E PESQUISA

Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 20/AAEP/2023

IDENTIFICAÇÃO			
NOME:	Francisco Takmony Fernandes Dantas	PROCESSO Nº:	08744.000700/2022-26
NACIONALIDADE:	Brasileira	IDENTIDADE:	RG nº 2821184-7 SESP/AM
INSTITUIÇÃO/ENTIDADE:	Universidade do Estado do Amazonas.		
PATROCINADOR:	Financiamento Próprio		

OBJETIVO DO INGRESSO
REALIZAR PROJETO DE PESQUISA CIENTÍFICA **"ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO USO PREJUDICIAL DE ÁLCOOL ENTRE OS INDÍGENAS DE FRONTEIRA NO VALE DO JAVARI – AMAZONAS".**

EQUIPE DE TRABALHO		
NOME	NACIONALIDADE	DOCUMENTO
*******	*******	*******

LOCALIZAÇÃO			
TERRA INDÍGENA:	Vale do Javari/Aldeia Lago Grande	POVO INDÍGENA:	Mayuruna
COORDENAÇÃO REGIONAL:	Vale do Javari	CTL:	

VIGÊNCIA DA AUTORIZAÇÃO			
INÍCIO:	15 de março de 2023	TÉRMINO:	31 de dezembro de 2023.

Autorizo.

RESSALVAS:

- Esta autorização inclui licença para uso de imagem, som e som de voz dos indígenas, para além do objeto desta autorização;
- Esta autorização não inclui acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade;
- Esta autorização não inclui acesso ao patrimônio genético;

- Remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas – AAEP/Presidência/Funai, mídia digital contendo: relatórios, artigos, livros, gravações audiovisuais, imagens, sons, outras produções oriundas do trabalho realizado e informações sobre o acesso na internet.

Documento assinado eletronicamente por **Joenia Wapichana resgistrado(a) civilmente como Joenia Batista de Carvalho, Presidente**, em 14/03/2023, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site: http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4999128** e o código CRC **E262A74A**.

Referência: Processo nº 08744.000700/2022-26 SEI nº 4999128